

MARIA GABRIELA ARDISSON PEREIRA DE MATOS

**CONSTRUÇÕES DE ELIPSE DO PREDICADO
EM PORTUGUÊS**

SV Nulo e Despojamento

LISBOA
1992

Reprodução e Encadernação

COLIBRI

Sociedade de Artes Gráficas, Lda.

Alameda da Universidade
1699 LISBOA CODEX T. 76 40 38

Maria Gabriela Ardisson Pereira de Matos

**CONSTRUÇÕES DE ELIPSE DO PREDICADO
EM PORTUGUÊS**

SV Nulo e Despojamento

Dissertação de Doutoramento em
Linguística Portuguesa
apresentada à
Universidade de Lisboa,
Faculdade de Letras

Lisboa, Abril de 1992

MATOS, Maria Gabriela Ardisson Pereira de (1992) *Construções de Elipse do Predicado em Português— SV Nulo e Despojamento*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, apresentada à Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Lisboa.)

ERRATA

Página 94, nota 12, parágrafo 1º, linha 1

Onde se lê:

Repare-se que essa Reconstrução

Leia-se:

Repare-se que, se admitirmos que em exemplos como (a.i.) a interpretação do predicado da oração do segundo membro coordenado implica a sua prévia reconstrução (o que não é absolutamente óbvio), essa reconstrução

Página 369, parágrafo 3º, linha 3

Onde se lê:

verbo (em (87), v_j). Todavia

Leia-se:

verbo (em (87), v_j): Como reconstruir lexicalmente o verbo, se admitirmos que este se encontra em Comp°, i.e., numa posição exterior ao ST reconstruído?; (ii) Como estabelecer a cadeia X° entre [Σ af] e o núcleo do ST reconstruído? Todavia

Página 369, parágrafo 3º, linha 4

Onde se lê:

A solução deste problema pode

Leia-se:

A solução do primeiro problema (i.e., (i)) não é fácil, pois é dificilmente conciliável com análises recentes das interrogativas directas com inversão Sujeito-Verbo em línguas como o Português (cf. AMBAR 1988); porém, a resposta à segunda questão (i.e., (ii)) pode

Nesta breve nota quero agradecer a todos quantos me auxiliaram durante a elaboração deste trabalho - sem o seu apoio esta Dissertação não teria sido possível:

Ao Professor João Malaca Casteleiro, meu orientador, o estímulo, o apoio e a confiança demonstrados, indispensáveis a quem se dedica a um trabalho de investigação.

Ao Professor Eduardo Paiva Raposo, meu co-orientador, os conhecimentos que me facultou, através da discussão sistemática do presente trabalho, da sugestão de hipóteses de pesquisa e da indicação de referências bibliográficas fundamentais. E ainda, a hospitalidade e a atenção dispensadas durante a minha estadia em Santa Bárbara, na Califórnia, da qual resultou a versão final desta Dissertação.

A Professora Maria Helena Mira Mateus e à Professora Isabel Hub Faria, a amizade e o entusiasmo que sempre me souberam transmitir.

A Professora Maria Inês da Silva Duarte, a discussão exaustiva de aspectos fulcrais deste trabalho e as sugestões fecundas que me forneceu. A sua contribuição empenhada e generosa constituiu um desafio intelectual que nunca me deixou indiferente.

A Professora Ana Maria Brito, à Alina Villalva, e muito em especial, ao André Eliseu, a leitura atenta e os comentários valiosos que me fizeram em várias fases da elaboração deste trabalho.

A Professora Maria Manuela Ambar, as importantes informações

bibliográficas que me facultou e o acesso a obras que de outro modo não poderia ter consultado.

Aos participantes do "Workshop sobre Gramática Generativa", realizado em Óbidos, 1989, e à audiência do "Seminaire de Syntaxe Avancée", em particular aos Professores Richard Kayne, Eduardo Paiva Raposo, Jacqueline Guéron, Alain Rouveret, Jean-Yves Pollock e Anne Zribi-Hertz, os comentários e críticas que fizeram a trabalhos que constituíram o ponto de partida desta Dissertação.

Ao Instituto Nacional de Investigação Científica e à Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, os apoios financeiros que me permitiram deslocar a França e aos Estados Unidos da América, em viagens de estudo imprescindíveis para a concretização deste trabalho.

Finalmente, ao Luís, à Rita e à Vanda, a compreensão e o carinho com que me rodearam, bem como a força que sempre me deram.

Nota Prévia

INTRODUÇÃO	9
1. O objecto de estudo	9
2. A perspectiva de análise adoptada	13
3. A estrutura do trabalho	13
NOTAS (Introdução)	15
CAPÍTULO 1: O QUADRO TEÓRICO	19
1. As Componentes da Gramática e os Níveis de Representação ...	19
2. Os Sistemas de Princípios da Gramática	24
NOTAS (Capítulo 1)	55
CAPÍTULO 2: ELIPSE, SV NULO e DESPOJAMENTO	69
1. A noção de Elipse	69
2. Supressão, Interpretação e Reconstrução	73
3. Reconstrução e Circularidade	82
4. A Gramática da Frase e a Gramática do Discurso	84
NOTAS (Capítulo 2)	89
CAPÍTULO 3: CARACTERIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE	
SV NULO E DESPOJAMENTO	99
1. Delimitação das construções de SV Nulo, Despojamento,	
Objecto Nulo e Contraste Sintagmático	99

1.1. As construções de SV Nulo e de Objecto Nulo em Português	99
1.2. SV Nulo e Despojamento	104
1.3. Despojamento e Contraste Sintagmático	115
2. A Distribuição de SV Nulo em Português	131
2.1. A construção de SV Nulo - os domínios de ocorrência do SV Nulo e do seu antecedente	131
2.2. O contexto local do SV Nulo	136
2.2.1. Os legitimadores verbais e os advérbios de denotação predicativa	136
2.2.2. A legitimação por verbos auxiliares	143
2.2.2.1. A identidade das sequências verbais na frase antecedente e na frase elíptica	144
2.2.2.2. A ausência de identidade em Modo e Tempo Gramatical	151
2.2.2.3. A legitimação do SV Nulo por sequências verbais	155
3. A distribuição de Despojamento	160
3.1. A construção de Despojamento em Português - os domínios de ocorrência do constituinte elíptico e do seu antecedente	160
3.1.1. Despojamento em frases coordenadas e subordinadas	160
3.1.2. Despojamento e Respostas Fragmentárias	162
3.2. A distribuição de Despojamento em Português, Espanhol, Francês e Inglês	172
NOTAS (Capítulo 3)	181
CAPÍTULO 4: A CONSTRUÇÃO DE SV NULO EM PORTUGUÊS E EM INGLÊS.	203
1. O âmbito do SV Nulo	204

1.1. A inclusão dos adjuntos no SV Nulo	204
1.2. A inclusão dos auxiliares no SV Nulo	207
1.2.1. A distribuição dos auxiliares	208
1.2.1.1. A repartição dos auxiliares por FLEX e por SV em Inglêss	208
1.2.1.2. A integração dos auxiliares no SV em Português	209
1.2.2. A hierarquização dos auxiliares	211
1.2.2.1. O sistema auxiliar em Inglêss	211
1.2.2.2. O sistema auxiliar em Português	213
1.2.3. SV Nulo em frases com sequências verbais	218
2. Legitimação e Identificação do SV Nulo em Inglêss e em Português	223
2.1. A legitimação do SV Nulo em Inglêss	223
2.1.1. A motivação para o SV Nulo obedecer ao Princípio da Categoria Vazia	224
2.1.2. A Regência Estrita e o Parâmetro do SV Nulo	226
2.1.2.1. Regência Lexical	226
2.1.2.2. Regência por Especificador	227
2.1.2.3. Regência- θ e Regência por Tempo Gramatical	232
2.1.2.4. Regência por Núcleo	239
2. 2. A legitimação do SV Nulo em Português e em Inglêss	242
2.2.1. Caracterização dos legitimadores do SV Nulo em Português e em Inglêss	242
2.2.2. As configurações estruturais de legitimação do SV Nulo e o valor dos legitimadores do constituinte nulo	246
2.2.3. O Sistema Legitimador do SV Nulo	253
2.2.4. Legitimação e identificação do SV Nulo	

em sequências Verbais	262
2.2.4.1. Os contrastes de gramaticalidade	262
2.2.4.2. O Sistema Legitimador do SV Nulo e a distribuição do SV Nulo em sequências verbais em Português	265
2.2.5. A Legitimação do SV Nulo e o Parâmetro do SV Nulo	290
NOTAS (Capítulo 4)	301

CAPÍTULO 5: A CONSTRUÇÃO DE DESPOJAMENTO EM PORTUGUÊS E

EM INGLÊS	327
1. Os tratamentos propostos para o Inglês	327
1.1. Despojamento como uma construção de constituintes sintagmáticos descontínuos	327
1.1.1. Extraposição ou geração básica de constituintes descontínuos	328
1.1.2. Despojamento em Inglês e Constraste Sintagmático em Português	331
1.2. Despojamento como uma construção de elipse frásica	338
1.2.1. Despojamento como uma construção de constituintes em posição-A'	338
1.2.2. Despojamento e Topicalização	345
2. A estrutura de Despojamento em Português	351
2.1. A construção de Despojamento e a Projecção SΣ	351
2.2. A posição de especificador de SΣ e Despojamento em contextos de Extracção Simultânea e de Extracção Paralela	359
2.3. Despojamento e Respostas Fragmentárias como construções de foco estruturalmente diversas	368

3. A distribuição de Despojamento e as suas condições de Legitimação e de Identificação	375
3.1. Distribuição de Despojamento e Movimento de Operador	375
3.1.1. T° como o operador movido	375
3.1.2. Movimento de T° na frase antecedente	380
3.1.3. O local de poiso de T°	382
3.1.4. O Movimento de T° como movimento cíclico sucessivo	384
3.1.5. Cadeias-Temporais e distribuição de Despojamento	387
3.2. Condições de Legitimação e Identificação do ST Nulo em Despojamento	402
3.2.1. Antecedentes remotos e locais e movimento de T°	402
3.2.2. Movimento de T° e Identificação do ST Nulo	402
3.3. Condições de Legitimação e de Identificação da categoria elíptica em Despojamento	406
NOTAS (Capítulo 5)	413
CAPÍTULO 6: CONCLUSÕES	435
BIBILOGRAFIA	447

INTRODUÇÃO

1. O Objecto de Estudo

O tema central desta dissertação são as estruturas de elipse do predicado em Português, que frases como as seguintes exemplificam:

- (1) a. O Luís tem comprado muitos livros aos filhos ultimamente e a Maria também tem [-]
b. A Maria está muito cansada e a Ana também está [-]
- (2) a. O Luís tem comprado muitos livros aos filhos ultimamente e a Maria também [-]
b. A Maria está muito cansada e a Ana também [-]

Apesar das semelhanças aparentes, as frases (1) e (2) ilustram duas construções de elipse distintas: enquanto as frases em (1) são manifestações de **SV Nulo**, as frases em (2) instanciam uma outra construção, que designarei por **Despojamento** (ing. "stripping").

A distribuição que cada uma destas construções apresenta argumentOS a favor desta distinção - veja-se, a título de exemplo, o seu diferente comportamento em contextos de subordinação adverbial:

- (3) a. A Maria está feliz quando o Paulo também está [-]
b. * A Maria está feliz quando o Paulo também [-]

O fulcro desta dissertação incidirá, pois, na diferenciação e caracterização de cada uma destas construções.

O estudo comparativo destas duas construções não esgota, porém, o seu interesse. Isoladamente, cada uma delas apresenta particularidades que a tornam digna de atenção.

Assim, como foi frequentemente salientado, a elipse do SV é um fenómeno característico do Inglês⁽¹⁾, sendo aparentemente o Português a única língua românica a exibi-lo - contraste-se a gramaticalidade de (1), com a agramaticalidade dos exemplos (4) e (5), respectivamente do Francês e do Espanhol⁽²⁾:

(4) a. * On a demandé s'ils ont déjà mangé et ils ont [-]

(LOBECK 1987, (114), p.52)

b. * Claudine est une bonne étudiante et Marie est [-] aussi

(LOBECK 1987, (113), p.52)

(5) a. * Juan ha leído ese capítulo, y Marta ha [-] también⁽³⁾

(ZAGONA 1988b, (69), p.121)

b. * Juan está leyendo y Marta está [-] también

(ZAGONA 1988b, (69), p.121)

A existência de SV Nulo em Português e Inglês sugere, pois, que estas línguas partilham alguma propriedade de que as restantes línguas acima citadas carecem. A determinação dessa propriedade constitui indubitavelmente um aspecto relevante para a caracterização da construção de SV Nulo.

Contudo, outras propriedades distinguem as manifestações de elipse do SV em Português e em Inglês. Elas dizem fundamentalmente respeito à natureza dos elementos verbais que legitimam a referida construção: enquanto no Inglês apenas verbos auxiliares podem ocorrer em configurações de SV Nulo (veja-se o

contraste de gramaticalidade entre as frases (6a) e (7a)), em Português tanto verbos auxiliares como verbos principais são admitidos (cf. (1a), repetido em (6b), a par de (7b)):

(6) a. John loves Mary and Peter does [-] too

(cf. SAG 1980, (1.1.1.(a)))

b. O Luís tem comprado muitos livros aos filhos ultimamente e a Maria também tem [-]

(7) a. * John lets Mary use the computer when he's in a good mood and Bill lets [-] too, even when he's upset

(cf. LOBECK 1987, (47), p.36)

b. O João deixa a Maria usar o computador quando está bem disposto e o Guilherme também deixa [-], mesmo quando está aborrecido

Quanto à construção de Despojamento, ela apresenta à primeira vista um âmbito mais vasto. Como os exemplos seguintes mostram, ocorre aparentemente tanto em Inglês, como em Português, Espanhol ou Francês⁽⁴⁾:

(8) a. John has read Shame and Mary too

(cf. KEMPSON 1990, (1), cap.5)

b. John has read Shame; but not Mary (idem, (2))

(9) a. O Luís tem comprado muitos livros aos filhos ultimamente e a Maria também [-]

b. O Luís tem comprado muitos livros aos filhos ultimamente mas a Maria não [-]

- (10) a. Juan salió y Marta [-] también
 (ZAGONA 1988b, cap.6, nt.1)
 b. Juan salió pero Marta no [-] (idem)
- (11) a. Marion boit du rhum et Raquel aussi
 (CHAD 1987, (2), cap. 5, p.180)
 b. John était critiqué, mais Mary non
 (ZRIBI-HERTZ 1986, (1f), cap.XI, p.466)

Porém, Despojamento em Inglês e nas referidas línguas românicas tem uma distribuição diversa. Com efeito, repare-se que, em Inglês, frases como (8) não podem ocorrer em contextos de subordinação:

- (12) * I have read Shame and Susan says Bill too
 (KEMPSON 1990, (14) cap.5)

O mesmo não acontece em Português, Espanhol e Francês:

- (13) O João disse que ia ao cinema e a Maria replicou imediatamente que ela também [-]

- (14) Marta no sabe bailar el "rock" y Luis dice que tampoco
 (BRUCART 1987, (156), cap.2, p. 135)

- (15) Jean va au cinéma ce soir mais je crois que Marie, non

Esta divergência de comportamento sugere que o termo Despojamento recobre duas construções diferentes em Inglês e nas línguas românicas.

A determinação das propriedades de Despojamento em Português é um dos objectivos visados nesta dissertação.

2. A Perspectiva de Análise Adoptada

O estudo a desenvolver neste trabalho será feito no âmbito da Teoria da Regência e da Ligação, com as alterações que lhe foram introduzidas a partir da obra de CHOMSKY 1986, Barriers (cf. capítulo 1 deste trabalho).

Da adopção deste quadro de referência, e, sobretudo, do meu próprio percurso de formação, decorre a perspectiva eminentemente sintáctica presente neste trabalho.

Assim, embora reconhecendo que a "elipse do predicado" é um dos domínios em que com mais acuidade se fez sentir a necessidade de uma análise semântica, o presente estudo limita-se a apresentar as condições sintácticas que a regulam.

3. A Estrutura do Trabalho

Esta dissertação está organizada em 6 capítulos. No **Capítulo 1** (O Quadro Teórico) será apresentado o modelo gramatical adoptado; no **Capítulo 2** (Elipse, SV Nulo e Despojamento), será analisado o conceito de elipse presente neste trabalho e procuradas soluções para alguns problemas que os fenómenos de elipse, em geral, e os fenómenos de elipse do predicado, em particular, colocam ao modelo gramatical utilizado; no **Capítulo 3** (Caracterização das Construções de SV Nulo e Despojamento) serão delimitadas as construções de elipse do predicado em estudo e descritas as suas propriedades no Português; no **Capítulo 4** (A Construção de SV Nulo em Português e em Inglês) procurar-se-á essencialmente determinar as condições

sintáticas que legitimam SV Nulo em Português e em Inglês, e determinam a sua inexistência noutras línguas românicas; no **Capítulo 5** (A Construção de Despojamento em Português e em Inglês) tentar-se-á estabelecer as configurações estruturais que dão conta da diferente distribuição de Despojamento em Português e em Inglês, e determinar as condições sintáticas que explicam os seus contextos de ocorrência em Português; finalmente, no **Capítulo 6** (Conclusões) analisar-se-ão os resultados atingidos nos capítulos anteriores.

1. A construção de SV Nulo parece igualmente estar ausente de línguas germânicas como o Alemão e o Holandês Confronte-se, assim, a gramaticalidade de (i), em Inglês, com a agramaticalidade dos seus equivalentes em Alemão e Holandês:

(i) Bill likes red wine, and Harry does [-] too (DIRSOUW 1987, (119), p.37)

(ii) * Bill mag Rotwein, und Harry macht [-] auch (idem, (123), p.38)

(iii) * Bill houdt van rood wijn, en Harry doet [-] ook (idem, (124)).

Neste trabalho não me ocuparei, porém, destas línguas.

2. Ao longo deste trabalho basear-me-ei fundamentalmente nos dados do Português e do Inglês, que confrontarei sempre que for possível com os do Francês e do Espanhol.

3. Note-se que os exemplos correspondentes em Português são igualmente mal-formados:

(i) * O João tem lido esse livro e a Maria tem [-] também

(ii) * O João está a ler e a Maria está [-] também

De facto, na construção de SV Nulo em Português, "também" tem de ter escopo sobre todo o sintagma predicado. Como os exemplos acima mostram, isso não acontece quando "também" não precede o elemento verbal - contraste-se a má-formação de (ii)

com a gramaticalidade de (iii):

(iii) O Jožo tem lido esse livro e a Maria também tem [-]

Repare-se, contudo, que, em Inglês, na construção de SV Nulo, o advérbio "too" ocorre sistematicamente em posição pós-verbal (cf. (iv)):

(iv) John loves Mary and Peter does [-] too

(SAG 1980. (1.1.1.(a))

Deste modo, o posicionamento pré ou pós-verbal de advérbios que afectam o predicado, como "também" e seus correspondentes noutras línguas, deve ser estabelecido no interior de cada língua particular.

4. Os seguintes exemplos retirados de OIRSOUW 1987 parecem atestar a existência de Despojamento em Holandês (cf. (i) e (iia)) e em Alemão (cf. (iib)):

(i) Ik drink wijn, maar Jan niet (OIRSOUW 1987, (180), p.62)

(eu bebo vinho, mas Jožo não)

(ii) a. John kust Marie, en Peter ook (idem, (183), p.157)

(Jožo beijou Maria, e Pedro também)

b. John küsst Marie, und Peter auch (idem)

(Jožo beijou Maria, e Pedro também).

Não me debruçarei, contudo, sobre estas línguas.

Capítulo 1

O QUADRO TEÓRICO

A Teoria da Regência e da Ligação, com as modificações introduzidas em CHOMSKY 1986a e 1986b, constitui o ponto de partida da investigação actual no seio da Gramática Generativa Transformacional.

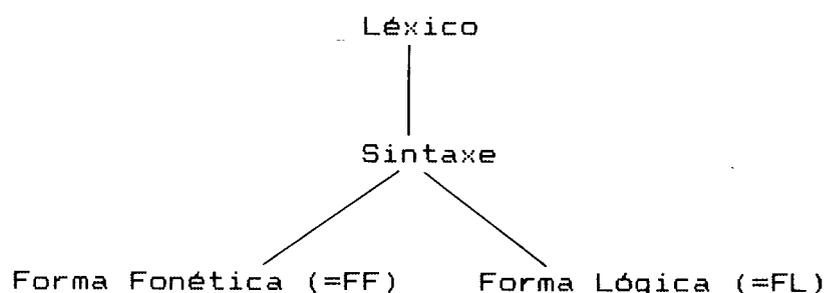
O objectivo deste capítulo é apresentar sucintamente o modelo gramatical decorrente destas obras e dos seus desenvolvimentos recentes. Essa apresentação incidirá especialmente sobre os **conceitos relevantes para as análises das construções de SV Nulo e de Despojamento**, a desenvolver nos próximos capítulos.

1. As Componentes da Gramática e os Níveis de Representação

Caracterizada como um **modelo da Língua-I**, ou seja da língua interiorizada pelo sujeito falante⁽¹⁾, a **Gramática**⁽²⁾ é concebida como um sistema modular de Componentes e Princípios interactuantes.

A Gramática tem por **componentes** o Léxico, a Sintaxe, a Forma Fonética e Forma Lógica, que se organizam entre si do seguinte modo:

(1)



O **Léxico** é concebido essencialmente como um dicionário que comporta o conjunto dos itens lexicais de uma língua particular, repartidos por duas classes fundamentais: as **categorias lexicais**, (Nome, Verbo, Adjectivo, Preposição), e as **categorias não lexicais ou funcionais** (entre as quais, Complementador (COMP) e Flexão verbal (FLEX)).

Cada item lexical é caracterizado através de um conjunto de traços morfofonológicos, sintácticos (categoriais e contextuais) e semânticos.

A **natureza categorial** de um item particular é representada pela combinação de um número restrito de **traços distintivos primitivos**, no caso das categorias lexicais $[\pm N, \pm V]$. As categorias Nome, Verbo, Adjectivo e Preposição (abreviadamente N, V, A e P) são, respectivamente, caracterizadas como $[+N, -V]$, $[-N, +V]$, $[+N, +V]$, $[-N, -V]$.

Os **traços sintácticos contextuais** captam, para cada item lexical, o número e a natureza categorial dos complementos que seleccionam - traços de **selecção categorial (c-selecção)**.

De entre os traços semânticos, assumem particular relevo, os traços contextuais de **selecção semântica (s-selecção)** - eles explicitam para cada predicador a estrutura temática (ou argumental) que lhe está associada (cf. CHOMSKY 1986a, p. 86).

Exemplificando, um verbo como "pôr" será caracterizado pelos seguintes traços categoriais e contextuais:

- (2) $\left[\begin{array}{l} \text{pôr} \\ \langle -N, +V \rangle \\ +\langle _ \text{ SN SP} \rangle \\ +\langle \text{Ag, Obj, Loc} \rangle \end{array} \right]$

A **Sintaxe** tem por objecto as configurações estruturais dos constituintes na frase. É constituída pela regra **Afectar α** , nas suas diversas manifestações (**Mover α** , **Suprimir α** e **Inserir α**)⁽³⁾, entre as quais **Mover α** parece assumir um relevo particular⁽⁴⁾.

A regra **Mover α** é concebida como uma instrução genérica para deslocar constituintes na frase. É a sua aplicação na Sintaxe que está na base das deslocações dos constituintes presentes nos exemplos (3) e (4) para as posições que ocupam em (3a) e (4a):

- (3) a. **O João** chegou
 b. Chegou **o João**

- (4) a. **Onde** vais?
 b. Vais **onde**?

No local inicialmente ocupado por um constituinte deslocado fica uma categoria vazia, chamada **vestígio (v)**. A unidade formada pelo constituinte movido e o seu vestígio é designada **Cadeia**.

Assim, a (3a), um exemplo comportando um verbo inacusativo, corresponderá a representação (5):

- (5) $[[_{\text{eN}} \text{ O João}]_i \text{ } [_{\text{eV}} \text{ chegou } v_i]]$

A **Forma Lógica** é a componente que capta o significado estrutural das expressões linguísticas, ou seja, o significado decorrente dos elementos linguísticos que as compõem e das

configurações estruturais em que se integram. é considerada um nível ainda sintáctico (e não semântico), uma vez que não capta a relação que as expressões linguísticas estabelecem com os objectos extra-linguísticos que designam.

A Forma Lógica incorpora, além de **Afectar α** , nas suas manifestações de Movimento e de Supressão, mecanismos de **Reconstrução** e de **Reanálise**.

Em FL, a regra de **Elevação de Quantificador** (ing. "quantifier raising") é uma das instâncias de Mover α . Esta regra permite dar conta configuracionalmente do escopo das expressões quantificadas. Considere-se, a título de exemplo, uma frase ambígua como (6a), em que o sintagma "um herói de banda desenhada" pode ter quer uma leitura de unicidade, quer uma leitura distributiva, como ilustrado em (6b) e em (6c):

- (6) a. Todas as crianças admiram um herói de banda desenhada
b. Todas as crianças admiram um herói de banda desenhada: o Super-homem
c. Todas as crianças admiram um herói de banda desenhada: o João o Super-homem, a Maria a Sereiazinha e o António o Tintin

Ao aplicar-se em FL, a regra de Elevação de Quantificador desloca as expressões quantificadas para o início do domínio frásico, permitindo a qualquer dos sintagmas quantificados ter escopo sobre ambas as variáveis (os vestígios dos sintagmas movidos):

- (6) d. [um herói de banda desenhada_i [todas as crianças_j [v_j

admiram v₁]]]('e)

A **Reconstrução**, por seu turno, desempenha um papel fulcral na análise das estruturas elípticas⁽⁶⁾. Assim, a propósito da elipse do SV, MAY 1985 caracteriza a reconstrução como uma operação que, respeitando certas condições de identidade, copia o SV antecedente para o lugar da categoria elíptica (nos termos de May, para o lugar da proforma nula). Exemplificando, numa frase como (7a), a Reconstrução opera em FL produzindo a representação apresentada em (7b):

- (7) a. O João tem [_{SV} visitado muitos doentes] e a Maria também tem [_{SV} -]
b. O João tem [_{SV} visitado muitos doentes] e a Maria também tem [_{SV} visitado muitos doentes]

Informalmente, a **Reanálise**, por vezes designada como Reestruturação (cf. STOWELL 1987), é o mecanismo presente na formação de predicados complexos. Admite-se que, consoante as línguas, a Reanálise opera em Estrutura-S ou em FL. Assim, na frase seguinte, pelo menos no nível de FL, os predicados "considerar" e "inteligente", constituem um predicado complexo:

- (8) a. O João **considera** a Maria **inteligente**

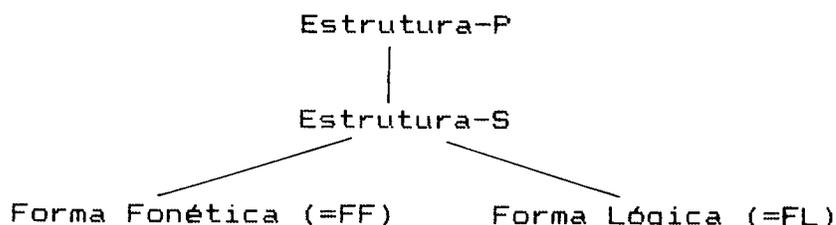
De acordo com STOWELL 1987, na sequência do trabalho de BAKER 1985, 1988, a Reanálise deve ser concebida como um caso de **Incorporação**, ou seja, de movimento de um núcleo para o núcleo que subcategoriza a sua projecção máxima, formando com ele uma unidade. Exemplificando:

(8) b. O João [e_v [v[v considera] [a_iinteligente]] [e_a a Maria v]]

Finalmente, a **Forma Fonética** contém regras morfológicas e fonológicas que permitem derivar as representações fonológicas das frases.

Em interacção com os **Princípios da Gramática**, as diferentes **componentes** produzem **níveis de representação** que se articulam entre si do seguinte modo:

(9)



A **Estrutura-P**, o primeiro nível de representação sintáctica, capta configuracionalmente a **estrutura temática** dos itens lexicais e organiza os constituintes de acordo com a **ordem canónica** de uma dada língua particular.

O segundo nível de representação sintáctica, a **Estrutura-S**, é obtido pela aplicação (reiterada) de "Mover α " (ou Afectar α) às representações de Estrutura-P.

Como o esquema indica, a **Forma Fonética** e a **Forma Lógica** são níveis de representação autónomos que derivam das representações de Estrutura-S pela actuação de Afectar α .

2. Os Sistemas de Princípios da Gramática

A Gramática comporta **dois tipos de princípios**: (i) **princípios gerais**, orientadores das representações nos diversos

níveis de análise, como o Princípio da Interpretação Plena, o Princípio da Economia das Derivações e o Princípio de Projecção; (ii) sistemas de **princípios específicos** que actuam como condições de boa-formação nos diferentes níveis de representação - é o caso da Teoria X-barra, da Teoria Temática, da Teoria do Caso, da Teoria da Regência, da Teoria do Movimento, da Teoria do Controlo e da Teoria da Ligação.

O Princípio da Interpretação Plena e o Princípio da Economia das Derivações têm uma propriedade comum - ambos legislam contra a presença de elementos supérfluos nos objectos linguísticos.

O **Princípio da Interpretação Plena** requer que só sejam legitimados os elementos de **Forma Fonética** e de **Forma Lógica** susceptíveis de receber uma **interpretação apropriada** (cf. CHOMSKY 1986a, pp. 98-101).

De acordo com CHOMSKY 1989, no nível de Forma Lógica, são considerados relevantes apenas os seguintes elementos, ocupando as posições especificadas:

- (10) i. Argumentos: cada argumento está numa posição argumental (=posição-A), e é marcado casual e tematicamente.
- ii. Adjuntos: cada elemento está numa posição não argumental (=posição-A').
- iii. Elementos lexicais: cada elemento está numa posição de núcleo (=X⁰).
- iv. Predicados.
- v. Construções operador-variável: constituídas por cadeias em que o operador está numa posição-A' e a variável numa

posição-A.

(cf. CHOMSKY 1989, p. 63)

Este princípio prediz que todos elementos sem relevância para a interpretação em Forma Fonética e em Forma Lógica sejam suprimidos, ainda que eles tenham sido requeridos nas representações sintácticas de Estrutura-P e de Estrutura-S.

O **Princípio da Economia das Derivações** requer que as **derivações mais curtas** sejam as preferidas excepto se não forem conformes com os princípios da Faculdade de Língua (cf. CHOMSKY 1989). O Princípio da Economia das Derivações assume, pois, que as derivações compatíveis com os princípios da Gramática Universal são sempre mais económicas face a estratégias linguísticas específicas de uma língua particular.

O **Princípio de Projecção** estabelece a articulação entre o Léxico e as restantes componentes sintácticas (incluindo FL) e estipula o seguinte:

(11) Princípio de Projecção

As propriedades de marcação temática devem estar representadas categorialmente em cada nível de representação sintáctica: em FL, em Estrutura-S, e em Estrutura-P.

(CHOMSKY 1982, p. 8)

Ao nível de **Estrutura-P**, o **Princípio de Projecção** é trivialmente respeitado: este nível é directamente obtido a partir do Léxico, sendo as configurações sintácticas provenientes da projecção dos núcleos lexicais regulada pela Teoria X-Barra (ver adiante).

Nos restantes níveis de representação sintáctica, ou seja em **Estrutura-S** e em **FL**, o **Princípio de Projecção** é igualmente satisfeito. Como se disse, em qualquer destes níveis, **Mover- α** aplica-se, deslocando constituintes da sua posição inicial. É a presença dos vestígios que permite que o Princípio da Projecção seja respeitado em **Estrutura-S** e em **FL**.

Consideremos, seguidamente, os sistemas de princípios específicos da Gramática:

De acordo com a **Teoria X-Barra**, as representações de **Estrutura-P** devem obedecer a esquema seguinte, em que a ordem dos elementos é irrelevante:

(12) Esquema X-barra

a. $X' = X^{\circ} X''^{*}$

b. $X'' = X'' X'$

Em que * = zero ou mais ocorrências de uma projecção

(cf. CHOMSKY 1986b, p. 3)

Segundo o esquema X-Barra, cada categoria Núcleo, X° , projecta-se numa categoria X' que inclui X° e os seus complementos; por sua vez, X' é projectado numa categoria X'' (usualmente identificada como a projecção máxima de uma categoria) que comporta o X' e o seu especificador.

A ordem dos elementos é parcialmente determinada por parâmetros que fixam, para cada língua, a posição canónica dos núcleos. No Português, por exemplo, os núcleos ocorrem tipicamente à esquerda dos seus complementos.

Deste modo, da projecção em **Estrutura-P** de um verbo como "pôr" (cf.(2)), decorrerá a seguinte configuração sintáctica:

(13) [_V [_V pâr_V^o [_N...] [_P...]]]

Note-se que para as projecções X' é corrente usar-se a notação mais tradicional SX (Sintagma X).

Inicialmente pensada para as categorias lexicais, a Teoria X-barra foi alargada às categorias funcionais, sobretudo a partir de CHOMSKY 1986a e 1986b, obras em que F' e F, foram repensadas em termos das categorias COMP'' (ou SCOMP) e FLEX'' (ou SFLEX), ou seja, caracterizadas como as projecções máximas de COMP^o e FLEX^o:

(14) a. COMP' = COMP^o FLEX''

COMP'' = Espec COMP'

b. FLEX' = FLEX^o SV

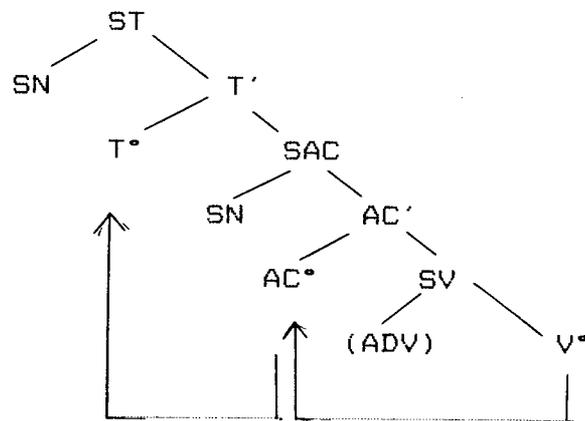
FLEX'' = Espec FLEX'

Repare-se que, embora o esquema (12) contemple a possibilidade de uma categoria ter mais de um complemento, as categorias funcionais apresentam tipicamente um só complemento.

Em CHOMSKY 1986a e 1986b, FLEX^o é, como classicamente, caracterizada em termos dos traços distintivos [\pm AC, \pm T], em que AC (=ACORDO) está por traços de concordância em pessoa, número e género, e T (=TEMPO GRAMATICAL) está por traços de tempo gramatical.

Porém, desde POLLOCK 1989, assume-se que AC e T são constituintes autónomos, núcleos de projecções máximas funcionais independentes. Assim, simplifadamente, em POLLOCK 1989, é proposto o seguinte esquema de estrutura frásica:

(15)



(cf. POLLOCK 1989, (77), p.397)

De acordo com Pollock, não só ST, como SAC e SV apresentam uma posição de especificador (cf. SN) - omitida, no esquema (15), para a projecção SV (cf. POLLOCK 1989, p. 384).

Com efeito, vários linguistas têm sugerido (cf., por exemplo, SPORTICHE 1988, 1989), que os SNs sujeito são basicamente gerados no SV (mais precisamente, na posição de especificador de SV), podendo, posteriormente, elevar-se para as posições de especificador das projecções funcionais da frase, em (15), SAC e ST.

Com CHOMSKY 1986b, Pollock admite que a estratégia menos marcada para o Verbo se associar a Tempo Gramatical e a ACORDO é o Movimento do Verbo (ou a Subida do Verbo) (ing. "Verb Movement" ou "Verb Raising") para T° e AC°, e não o Movimento dos Afixos (ou Descida dos Afixos) de Tempo e de Acordo para V°. No esquema (15), o movimento do verbo está assinalado pelas setas.

As configurações estruturais resultantes da actuação da Teoria X-barra permitem determinar as diferentes **funções gramaticais: sujeito, complementos** (objecto directo, objecto indirecto e complementos preposicionados) e **adjuntos**(?).

Assim, são **complementos** de X^* as projecções máximas que são simultaneamente irmãs desse núcleo e filhas de X' .

É **sujeito** de uma categoria lexical a projecção máxima nominal que ocupa a posição de especificador dessa categoria, i.e., é dominada pela projecção máxima de uma categoria X e tem por nó irmão X^{max-1} (cf. (16)):

(16) [$x_{max} \alpha [x_{max-1} \dots]$]

Por seu turno, é **adjunto** qualquer categoria que se encontre numa configuração de adjunção, i.e. numa configuração em que tanto o nó irmão da categoria em questão, como o nó que os engloba são categorialmente idênticos e do mesmo nível X -barra. Exemplificando, em (17), α está colocado em adjunção a X'' , e as duas instâncias de X'' são consideradas como dois segmentos de uma única categoria:

(17) [$x \dots \alpha [x \dots \dots]$]

Consideremos seguidamente a **Teoria Temática**:

Dado o Princípio de Projecção, as relações temáticas que os predicadores lexicais atribuem aos seus argumentos, têm em **Estrutura-P**, uma correspondência com as posições sintácticas dos constituintes: a atribuição de relações temáticas, ou **θ -marcação**, é feita **configuracionalmente**, entre nós irmãos.

Assumindo que a θ -marcação opera exclusivamente entre nós irmãos, Koopman e Sportiche defendem que o constituinte sujeito é θ -marcado pelo SV, e que em Estrutura-P se encontra em SV na posição de especificador de V^{max} (cf. KOOPMAN e SPORTICHE 1988, SPORTICHE 1988 e 1989).

Assim, os complementos subcategorizados são **directamente θ -marcados** pelo núcleo que os selecciona, mas o sujeito, porque não é irmão do regente lexical, é **indirectamente θ -marcado** por este, e composicionalmente θ -marcado pelo SV.

As posições sintácticas de Estrutura-P que são tipicamente ocupadas por argumentos são chamadas Posições-A(rgumentais) ou posições- θ (=posições temáticas) - é o caso das posições de complemento e de sujeito⁽⁹⁾. As restantes posições são designadas posições-A' (=posições não argumentais) ou posições- θ' - é o caso das posições de adjunto e de especificador de COMP^o.

A Teoria Temática aplica-se igualmente em FL. Neste nível de representação, a relação entre predicador e argumentos é verificada pelo **Critério temático** (=Critério- θ), que, informalmente, estipula o seguinte:

(18) Critério- θ

A cada argumento deve ser atribuído uma e apenas uma relação temática; cada relação temática é atribuída a um e apenas um argumento⁽⁹⁾ (cf. CHOMSKY 1986a, p. 97).

Um dos requisitos para o sancionamento das relações temáticas dos argumentos, por parte do Critério- θ é a marcação casual dos mesmos - assume-se que só os argumentos casualmente marcados são **visíveis** em FL⁽¹⁰⁾. Compete à **Teoria do Caso**, que se aplica em Estrutura-S, regular a atribuição de Caso⁽¹¹⁾. O seu princípio central é o **Filtro do Caso**:

(19) Filtro do Caso

A todos os SNs foneticamente realizados deve ser atribuído

Caso abstracto.

(CHOMSKY 1986a, cap. 3, p. 74)

A noção de "Caso abstracto" visa captar o facto de nas línguas poder não haver uma exteriorização do Caso através de marcas morfológicas⁽¹²⁾.

A necessidade de os constituintes nominais terem Caso tem sido considerada como um factor desencadeador da actuação de Mover α . Assim, o contraste de gramaticalidade entre os exemplos seguintes deve-se ao facto de só em (20a) o SN sujeito da oração subordinada se ter elevado para uma posição onde pode aceder ao Caso. Com efeito, em (20a) como em (20b), na frase subordinada não há realização de AC(ORDO), o constituinte que capta as informações de pessoa e número e que determina a existência de Caso nominativo.

- (20) a. As crianças parecem imitar o Super-homem
b. * Parece as crianças imitar o Super-homem

Consideremos seguidamente a **Teoria da Regência**. Esta teoria tem uma função central na Gramática, na medida em que os conceitos de regência e de barreira, bem como o Princípio da Categoria Vazia (ing. "Empty Category Principle") são relevantes para outros sistemas de princípios - a Teoria do Caso, a Teoria do Movimento, e a Teoria da Ligação.

Na gramática tradicional, a noção de regência restringe-se à relação que uma categoria lexical núcleo estabelece com os seus complementos - é nesta acepção que se fala de regência verbal.

Na Teoria da Regência e da Ligação, porém, o **conceito de**

regência ultrapassa o âmbito da regência lexical. Ele é definido genericamente como uma relação que se estabelece entre quaisquer constituintes em determinadas configurações estruturais. Assim, nos seguintes exemplos de representação simplificada, α rege β :

- (21) a. [SFLEX [EN - e O João] FLEX - α sorriu]]
 b. O João tem [sv [ν^0 - α comprado] [EN - e esses livros]]
 c. [SFLEX [EN - α esses livros]₁ [SFLEX o João tem comprado [EN - e ν_1]]]

O conceito de Regência é definido nos seguintes termos:

(22) Regência

α rege β sse α m-comanda β e não houver nenhum τ , τ uma barreira para β tal que τ exclua α .

(CHOMSKY 1986b, (18), p.9).

A Regência é definida a partir dos conceitos de m-comando, de exclusão e de barreira.

O conceito de **m-comando** define as configurações estruturais em que a regência se aplica - entre nós que não se dominam, no interior das mesmas projecções máximas (em (21), respectivamente, SV (cf. (21b)) e SFLEX (cf. (21a) e (21b))).

Este conceito difere do de c-comando, definido em (23), pelo facto de τ se restringir a projecções máximas (cf. CHOMSKY 1986b, p. 8):

(23) C-comando

α c-comanda β sse α não dominar β e qualquer projecção τ que

dominar α domina β .

(CHOMSKY 1986b, (13), p. 8).

Admite-se que um nó domina outros apenas nas seguintes circunstâncias:

(24) **Dominância:**

α é dominado por β só se for dominado por todos os segmentos de β

(CHOMSKY 1986b, (12), p. 8).

Deste modo, no exemplo (21c) o SN "esses livros" não é dominado por SFLEX, pois só é dominado por um dos segmentos desta categoria.

Consideremos seguidamente o conceito de **barreira**. De acordo com CHOMSKY 1986b, uma projecção pode funcionar como barreira por dois motivos diferentes: (i) por ter **propriedades bloqueadoras** - cf. o conceito de barreira propriamente dito; (ii) por funcionar como um regente mais próximo - **barreira por minimalidade** (cf. o conceito de Minimalidade, em (35)).

O conceito de **barreira**, definido em termos do conceito de categoria bloqueadora, estipula que todas as projecções máximas são potencialmente barreiras (categorias bloqueadoras) (cf. (25b)) e mesmo quando o não são intrinsecamente, podem tornar-se se dominarem uma categoria bloqueadora (cf. (25a)):

(25) **Barreira** (ing. "barrier")

τ é uma barreira para β sse (a) ou (b):

a. τ domina imediatamente δ , δ uma categoria bloqueadora para β .

b. τ é uma categoria bloqueadora para β ⁽¹³⁾

(CHOMSKY 1986b, (26), p.14)

Crucialmente, uma **categoria é bloqueadora**, se for uma projecção máxima não regida por uma categoria lexical (núcleo) que lhe atribua uma relação temática. Com efeito, o conceito de Categoria Bloqueadora faz apelo ao de L-marcação, que por sua vez apela para o de Regência- θ :

(26) Categoria Bloqueadora (ing. "blocking category")

τ é uma categoria bloqueadora se τ não for L-marcado e τ dominar β .

(CHOMSKY 1986b, (25), p.14)

(27) L-marcação (ing. "L-marking")

α L-marca β sse α for uma categoria lexical que θ -rege β ⁽¹⁴⁾.

(CHOMSKY 1986b, (28), P.15)

(28) Regência- θ (ing. " θ -government")

α θ -rege β sse α for uma categoria de nível-zero que θ -marca β , e α e β forem irmãos.

(idem, (27), p.15)

Decorre desta caracterização de barreira que as categorias SV e SFLEX, porque não são L-marcadas, são potencialmente barreiras⁽¹⁵⁾.

Finalmente, o conceito de **exclusão**, presente no de Regência, faz apelo a configurações de adjunção como as ilustradas em (21c) e esquematicamente representadas em (29):

(29) ...[τ β ...[τ ... α ...]]

(30) Exclusão

α exclui β se nenhum segmento de α dominar β .

(idem, (17), p.9)

No exemplo (21c), SFLEX (= α , em (29)) não exclui "esses livros" (= β , em (29)), porque um dos seus segmentos domina o referido constituinte (ou seja, em (21c), SFLEX= τ em (29)).

Deste modo, uma categoria que é potencialmente uma barreira só o é efectivamente quando todos os seus segmentos são simultaneamente atravessados.

Assim, embora no quadro de referência de CHOMSKY 1986b, a categoria SV seja uma barreira potencial, em (21c), não o é, pois a adjunção a SV, permite evitar esta propriedade:

(31) [_{SFLEX} [_{SN} - α esses livros]₁] [_{SFLEX} o João tem [_{SV} V'₁
[_{SV} comprado [_{SN} - β V₁]]]

A **relevância da L-marcação** para remover o estatuto de barreira de uma projecção máxima foi alvo de críticas que deram origem à redefinição do conceito de barreira.

BAKER 1988 e CINQUE 1991 admitem que a L-marcação deve ser substituída pelo conceito mais básico de **selecção directa**, na qual deve ser incluída tanto a θ -marcação directa (s-selecção dos complementos por um predicador) como a subcategorização (c-selecção). Deste modo é possível sustentar que SFLEX e SV, porque são **subcategorizados** pelos núcleos funcionais COMP^o e

FLEX°, não são barreiras.

De acordo com esta proposta, num exemplo como (21c), no interior de SFLEX, nenhuma barreira é atravessada pelo constituinte topicalizado na sua deslocação para adjunção a SFLEX. Assim, a adjunção a SV não é requerida:

(32) [_{SFLEX} [_{SN} - α esses livros]_i [_{SFLEX} o João [_{FLEX}tem]
[_{SV} comprado [_{SN} - β v_i]]]

Vários linguistas salientaram ainda (cf. KAYNE 1981b e 1983 e CINQUE 1991), que os **complementos dos Nomes** (e das preposições) ainda que **L-marcados**, funcionam como **barreiras**. Veja-se o contraste de gramaticalidade dos exemplos (33a) e (33b):

(33) a. Ouvimos a notícia de que o governo estudaria
cuidadosamente esse problema
b. * **Como** ouvimos a [_N notícia] (de)[_{SCOMP} que o governo
estudaria v esse problema] ?

No exemplo, (33b), a impossibilidade de extrair o adverbial de modo "como" da oração subordinada advém do facto de o Nome (notícia), que L-marca a frase completiva, não retirar o estatuto de barreira ao SCOMP. Consequentemente, "como" em (33b) não pode reger o seu vestígio.

A definição de barreira de CINQUE 1991 contempla estas propriedades:

(34) Definição de barreira para regência⁽¹⁴⁾:

Toda a projecção máxima que não seja directamente seleccionada por uma categoria não-distinta de [+V] é uma

barreira para a regência

(CINQUE 1991, (113), cap.1, p.42)

Repare-se que, de acordo com Cinque, COMP e FLEX, uma vez que podem albergar elementos verbais, contam como categorias não-distintas de [+V]('17').

É este o conceito de barreira (categoria bloqueadora) que adoptarei no presente estudo.

Vimos que um outro tipo de barreira pode interferir entre regentes e regidos potenciais - é o caso de uma projecção que ela própria possa funcionar como um regente mais próximo (**barreira por minimalidade**):

(35) Condição de Minimalidade:

α não rege β em (i) se τ for uma projecção de δ que exclua

α : (i) ... α ...[+ ... δ ... β ...]

(cf. CHOMSKY 1986b, (90), p. 42)

Esta condição dá conta do facto de, num exemplo como o seguinte, ser o nome e não o verbo o regente do SN "o Luís":

(36) O João [v° viu] [$_{EN}$ um [$_{N^{\circ}}$ retrato] de [$_{EN}$ o Luís]]

Dissemos que na Teoria da Ligação os regentes não se restringem aos núcleos lexicais. Assim, por exemplo, em (37), o adverbial "como", em especificador de SCOMP, rege por antecedente o seu vestígio:

(37) [$_{SCOMP}$ Como [pensas organizar esse capítulo v]]?

Esta dualidade de regentes levou à reformulação do conceito

de **barreira por Minimalidade** em termos do conceito de **Minimalidade Relativizada**, proposto em RIZZI 1990.

A ideia central da Minimalidade Relativizada é que a noção de regente mais próximo tem de ser definida em conformidade com o tipo de regência que está em causa (cf. (38)) – regência por um núcleo (cf. (39)) ou por um antecedente-A, -A' ou -X⁰ (cf. (40)).

(38) Minimalidade Relativizada

X α -rege Y se não houver nenhum Z tal que

(i) Z é um α -regente potencial para Y e

(ii) Z c-comanda Y e não c-comanda X.

em que α =núcleo/antecedente.

(cf. RIZZI 1990, (15), cap.1, p.7)

(39) Z é um Núcleo Regente potencial para Y se Z for um núcleo que m-comanda Y.

(cf. RIZZI 1990, (16), cap.1, p.7)

(40) a. Z é um Regente por Antecedente potencial para Y, se Y estiver numa cadeia-A, e Z for um A especificador que c-comanda Y.

b. Z é um Regente por Antecedente potencial para Y, se Y estiver numa cadeia-A', e Z for um especificador-A' que c-comanda Y.

c. Z é um Regente por Antecedente potencial para Y, se Y estiver numa cadeia-X⁰, e Z for um núcleo que c-comanda Y.

(cf. RIZZI 1990, (17), cap.1, p.7)

O conceito de Minimalidade Relativizada permite dar conta

do contraste de gramaticalidade das seguintes frases:

- (41) a. **Como** pensas que a Maria organizou esse capítulo v ?
b. * **Como** não sabes [**que capítulo** [organizar v v] ?

O exemplo (41b), exhibe uma configuração de Ilha-Q. Diferentemente do que acontece em (41a) a posição de especificador do SCOMP da frase subordinada encontra-se preenchida por um sintagma interrogado (cf. (42)):

- (42) [_{SCOMP} **COMO** [_{COMP}·não sabes [_{SCOMP} **que estante**
[_{COMP}·arrumar v v]]]]

Como (42) mostra, o que se passa em (41b) é que o SN "que capítulo", na posição-A' de especificador de SCOMP constitui um antecedente potencial para o vestígio de "como", que o impede de ser estritamente regido pelo seu antecedente.

O mesmo não acontece em (41a), em que "que", um núcleo, não conta como antecedente potencial para o vestígio de uma projecção máxima (cf. (43)):

- (43) [_{SCOMP} **COMO** [_{COMP}·pensas [_{SCOMP} v [_{COMP}·[_{COMP}° que] a Maria
arrumou essa estante v]]]]

O princípio fundamental da Teoria da Regência é o **Princípio da Categoria Vazia (=PCV)** (ing. "Empty Category Principle (=ECP)), que se aplica em Estrutura-S e em Forma Lógica. Este Princípio, que estabelece a articulação entre a Teoria da Regência e a Teoria do Movimento, uma vez que o seu principal alvo são os vestígios, estipula o seguinte:

(44) Princípio da Categoria Vazia (PCV)

As categorias vazias não pronominais devem ser estritamente regidas (ing. "properly governed").

A Regência Estrita é um sub-caso da regência. De acordo com CHOMSKY 1986b, os regentes estritos apresentam uma das seguintes propriedades: ou são núcleos atribuidores de uma relação temática (Regência- θ), ou são categorias que funcionam como antecedentes da categoria vazia (Regência por Antecedente) (cf. (45)):

(45) Regência Estrita (ing. "proper government")

α rege estritamente β se

(i) α θ -rege β ; ou

(ii) α rege por antecedente β

(cf. CHOMSKY 1986b, p. 88)

Um constituinte rege por antecedente outro, se, apesar de não o seleccionar directamente, entre eles se verificar uma relação de regência, no sentido lato presente em (22). Exemplificando:

(46) [_{FLex} [_{SN} - α esses livros]₁ [_{FLex} o João tem comprado
[_{SN} - β V₁]]

Neste exemplo, a categoria vazia na posição de objecto directo é estritamente regida: ela é θ -regida pelo verbo "comprar", e regida por antecedente pelo SN topicalizado.

A existência de contrastes de gramaticalidade como os seguintes sugere que a Regência- θ é uma alternativa à Regência por Antecedente:

- (47) a. (?) **Que capítulo_i** não sabes [como organizar v_i v] ?
 b. * **Como** não sabes [que capítulo_i organizar v_i v] ?

Nestes exemplos a Regência por Antecedente não se verifica pois, como vimos, embora a projecção máxima da frase interrogativa seja directamente seleccionada por uma categoria [+V], a Minimalidade Relativizada impede que essa relação se efective - o sintagma interrogativo em especificador de SCOMP conta como um antecedente potencial para o vestígio do constituinte em especificador do SCOMP matriz.

Porém, a hipótese de que a **Regência- θ** conta como **Regência Estrita** é posta em causa por exemplos como o seguinte:

- (48) (?) **Que estudante_i** não sabes [scomp que livros de linguística_j [flex tem] [sv v_i lido v_j]]?

Em (48), o vestígio do SN sujeito interrogado (em especificador de SV) não é regido por antecedente, devido à Minimalidade Relativizada; o referido vestígio não é também θ -regido - com efeito, FLEX*, embora reja o sujeito, não lhe atribui qualquer relação temática e o verbo principal só θ -rege os seus complementos (cf. (28)). Todavia, (48) é gramatical.

A aceitabilidade de (48) contrasta com a dos exemplos correspondentes em Inglês - veja-se (49):

- (49) * Which student_i do you wonder [how [v_i could solve the problem v]]

(cf. RIZZI 1990, (1a), cap.3, p.73)

O contraste de gramaticalidade dos exemplos (48) e (49) deve

ser associado ao facto de o Português, diferentemente do Inglês, permitir a extracção dos SNs sujeito a partir de uma posição pós-verbal - a posição de especificador de SV (cf. v₁ em (48) vs (49)).

A gramaticalidade de (48) mostra assim que a **Regência Estrita** obedece a um requisito mais básico de que a Regência- θ , a **Regência por Núcleo**: em (48), o vestígio do sujeito deslocado é estritamente regido por FLEX°.

Note-se, porém, que, em (49), FLEX° não rege estritamente o vestígio do sujeito movido. Como RIZZI 1990 salienta, este facto mostra que um núcleo só rege estritamente os constituintes que estão no seu domínio de c-comando. Assim, o conceito de Regência Estrita pode ser (pelo menos parcialmente) redefinido como em (50):

(50) Regência Estrita por Núcleo

Um núcleo X° rege estritamente uma categoria α , se X° reger α no interior de X'.

(cf. RIZZI 1990, cap.2, p. 31)

RIZZI 1990 defende que a Regência Estrita por Núcleo é o único requisito a ser satisfeito pelo Princípio da Categoria Vazia, que define nos seguintes termos:

(51) Princípio da Categoria Vazia (reformulação):

Uma categoria vazia não pronominal deve ser estritamente regida por núcleo.

(RIZZI 1990, (30), cap.3, p. 87)

Para Rizzi, o Princípio da Categoria Vazia deve ser entendido como um **princípio de legitimação formal** das categorias vazias não pronominais. A Regência por Antecedente, conjuntamente com a Ligação (ver abaixo a Teoria da Ligação) constituem **condições para a identificação do conteúdo das categorias vazias.**

A identificação dos vestígios por Regência por Antecedente ou por Ligação verifica-se em situações estruturalmente diversas - diferentemente do que acontece para a Ligação, para que a Regência por Antecedente se verifique, nenhuma barreira se pode interpor entre o constituinte movido e o seu antecedente. Veja-se, o contraste de gramaticalidade entre os exemplos (47), aqui repetidos:

- (52) a. (?) **Que capítulo_i não sabes [como organizar v_i v] ?**
b. * **Como não sabes [que capítulo_i organizar v_i v] ?**

Nos exemplos (52), como vimos, o SCOMP da oração subordinada, devido à Minimalidade Relativizada, funciona como uma barreira. Tanto em (52a) como em (52b) a legitimação formal dos vestígios é levada a cabo pela Regência Estrita do núcleo verbal. Em (52a), um exemplo bem-formado, a identificação dos vestígios processa-se adequadamente: o vestígio do adjunto é localmente identificado por Regência por Antecedente; o vestígio do objecto directo é identificado por Ligação. O mesmo não acontece, porém em (52b). A agramaticalidade de (52b), mostra que o vestígio do adjunto de modo não pode ser identificado por Ligação, mas apenas por Regência por Antecedente.

De facto, como RIZZI 1990 evidencia, só podem ser identificados por Ligação constituintes que tenham uma relação

temática referencial, e que, conseqüentemente, possam ser afectados por índices referenciais⁽¹⁸⁾. Não é o caso dos adjuntos de modo.

Consideremos seguidamente a **Teoria do Movimento**.

Dado o caracter irrestrito da regra Mover- α , a boa formação das representações de Estrutura-S que apresentam constituintes movidos deve-se a **condições sobre o movimento**. Estas condições dizem respeito tanto às propriedades do elemento movido e do seu local de poiso (**Condições Gerais sobre Movimento**), como à distância entre o constituinte movido e o seu vestígio (**Condição de Subjacência**).

As Condições gerais sobre movimento distinguem dois tipos de movimento - por **substituição**, ou seja movimento para posições-A ou A' expandidas em conformidade com a Convenção X-barras (cf. (53)), e por **adjunção**, movimento para a posição-A' de adjunto de uma categoria (cf. (54)):

(53) a. [_{BFLEX} [_{EN} Esses livros₁] foram pedidos v₁]

b. O João perguntou [_{SCOMP} que livros₁ [_{COMP}·[_{BFLEX} o Luís pediu v₁]]]

(54) [_{BFLEX} [_{EN} esses livros]₁ [_{BFLEX} o João tem comprado [_{EN} v₁]]]

Em CHOMSKY 1986b, são enunciadas as seguintes condições gerais sobre movimento:

(55) Condições sobre Movimento por Substituição⁽¹⁹⁾

a. Só há movimento para posições não θ -marcadas.

b. Só categorias X⁰ se podem mover para a posição do núcleo.

c. Só uma projecção máxima se pode mover para a posição de especificador.

d. Só projecções mínimas e máximas (X^0 e X'') são visíveis para a regra de Mover- α .

(CHOMSKY 1968b, (4), p. 4)

(56) Condição sobre Movimento por Adjunção:

Só é permitida adjunção a projecções máximas que não sejam argumentos.

(CHOMSKY 1968b, (6), p. 6)

Considere-se a Condição sobre o Movimento dos Núcleos em (55b). Embora esta condição se aplique apenas a Movimento por Substituição, admite-se usualmente que o movimento de um núcleo, independentemente de operar por Substituição ou por Adjunção, é sempre para outra posição de núcleo (cf. BAKER 1988)⁽²⁰⁾.

TRAVIS 1984 capta as restrições do Movimento do Núcleo para Núcleo através da seguinte generalização:

(57) Condição do Movimento do Núcleo (ing. "Head Movement Constraint")

O movimento de uma categoria X^0 restringe-se à posição de um núcleo Y^0 que rege a projecção máxima τ de X^0 , em que Y^0 L-marca τ se Y^0 for diferente de $Comp^0$ ⁽²¹⁾.

(cf. CHOMSKY 1986b, (160), p.71)

Como BAKER 1988 e CHOMSKY 1986b fazem notar, esta generalização pode ser interpretada como uma consequência do Princípio da Categoria Vazia. Com efeito, nos casos em que há Movimento do Núcleo, a interposição de um outro núcleo entre um

núcleo e o seu vestígio provoca uma infracção do Princípio da Categoria Vazia por Minimalidade (Relativizada) - esse outro núcleo funciona como um antecedente potencial do vestígio. Veja-se, com efeito, o contraste de gramaticalidade entre os exemplos (58a) e (59a), cujas representações de Estrutura-S estão explicitadas em (58b) e (59b):

(58) a. Que livros tem a Maria estado a ler?

b. [_{COMP} Que livros₁ [_{COMP}· [_{COMP}° tem] [_{EFLEX} a Maria
[_{FLEX}· [_{FLEX} V'] [_{SV} V'' [_{SV} estado a ler v₁]]]]]]

(59) a. * Que livros estado a Maria tem a ler?

b. * [_{COMP} Que livros₁ [_{COMP}· [_{COMP}° estado₂] [_{EFLEX} a Maria
[_{FLEX}· [_{FLEX}° tem₁] [_{SV} v₁ [_{SV} v₂ a ler]]]]]]

A **Condição de Subjacência**, por seu turno, estipula que, ao ser movido, um constituinte deve atravessar o menor número possível de barreiras, de preferência nenhuma. Formulada em termos configuracionais, a Subjacência aplica-se aos elos das **cadeias formadas por antecedente e vestígio**, nos seguintes termos:

(60) Subjacência

Se (α_1, α_{1+1}) é um elo de uma cadeia, então α_{1+1} é n-subjacente a α_1 (CHOMSKY 1986b, (58), p. 30).

Em que $n = 0$ ou 1

(61) N-Subjacente

β é n-subjacente a α sse houver menos do que $n+1$ barreiras para β que excluam α (cf. CHOMSKY 1986b, (59), p. 30).

A Condição de Subjacência permite dar conta do contraste de gramaticalidade entre os exemplos (62) e (63):

- (62) a. Que estante_i pensas que a Maria disse que ia arrumar v_i?
b. A estante op_i que a Maria disse que ia arrumar v_i é esta

(63)_a* Que livro tem o João visto a rapariga a quem dei?

(cf. O João tem visto a rapariga a quem dei esse livro)

- b. * Que estante arrumar é difícil?

(cf. Arrumar esta estante é difícil)

Em (62) o movimento do sintagma interrogado pode processar-se de modo cíclico sucessivo de especificador de SCOMP para especificador de SCOMP. Com efeito, como a representação (64) mostra nenhuma barreira é atravessada:

- (64) [_{SCOMP} Que estante_i [_{COMP} pensas] [_{SFLEX} pro v
[_{SCOMP} v_i [_{COMP}° que] [_{SFLEX} a Maria disse
[_{SCOMP} v_i [_{COMP}° que] [_{SFLEX} ia arrumar v_i]]]]]]] (cf.62a)

As projecções máximas SCOMP das frases subordinadas não contam como barreiras porque são directamente seleccionadas pelos verbos "pensar" e "dizer". As projecções SFLEX (e SV) não contam como barreiras porque são directamente seleccionadas pelos COMP° e FLEX°, categorias não-distintas de [+V] (cf. o conceito de barreira em (34))⁽²²⁾.

Pelo contrário, em (63) estamos perante instâncias de Movimento Longo do sintagma interrogado (**Movimento-Q Longo**), em contextos que infringem a **Condição de Subjacência**. Com efeito,

nestas frases o sintagma interrogado foi extraído, respectivamente, de uma oração relativa (63a), e de um sujeito frásico (63b), ou seja, de contextos "ilha", de acordo com a designação de ROSS 1967.

Repare-se que a agramaticalidade das frases em (63) não pode ser atribuída a uma infracção do Princípio da Categoria Vazia: por um lado, os vestígios dos sintagmas interrogados são estritamente regidos por núcleo; por outro, os constituintes movidos recebem uma relação temática referencial do verbo que os selecciona - assim sendo, os seus vestígios podem ser identificados por Ligação.

A análise das representações de Estrutura-S das frases em (64), permite-nos compreender a sua marginalidade:

- (64) a. * [sCOMP Que livro_i [COMP tem o João visto [EN a rapariga [sCOMP a quem_j [COMP dei v_i v_j]]]]]?
- b. * [sCOMP Que estante_i [COMP [REFLEX [sCOMP v_i [COMP arrumar v_i]]] é difícil]]?

Em (64a), a posição de especificador de COMP^{*} da oração relativa (sCOMP) está ocupada ^{pelo} pronome relativo. O constituinte interrogado tem, pois, de se mover directamente para o especificador de COMP^{*} da oração principal. Ao fazê-lo, atravessa a barreira constituída pelo sCOMP da oração relativa, uma projecção máxima que não é seleccionada como complemento por nenhum núcleo⁽²³⁾.

Em (64b), o constituinte interrogado pode ir para especificador de COMP^{*} da frase subordinada. Porém, não pode

mover-se para especificador de COMP da oração principal sem atravessar esse SCOMP (e o SN que o domina, no caso de admitirmos que as completivas sujeito são dominadas por SN). Dado que o SCOMP em posição de especificador de SFLEX não é directamente seleccionado por FLEX, conta como uma barreira⁽²⁴⁾.

Repare-se que na sequência dos trabalhos de BAKER 1988 e CINQUE 1991 basta a presença de uma barreira para se verificar uma infracção da Subjacência⁽²⁵⁾.

A Condição de Subjacência, como o Princípio da Categoria Vazia, aplica-se a categorias vazias não pronominais (i.e., a vestígios). Diferentemente de PCV, porém, actua em Estrutura-S. Estas duas propriedades parecem ser atestadas pelo facto de tanto as línguas que utilizam pronomes resumptivos, como as línguas em que Mover α só opera na Forma Lógica, não apresentarem efeitos de ilha⁽²⁶⁾.

Consideremos, por último as **Teorias do Controlo e da Ligação**. Qualquer destas teorias visa captar as propriedades referenciais dos constituintes nominais tendo em conta os domínios sintácticos em que ocorrem.

De acordo com a tipologia das expressões nominais estabelecida em CHOMSKY 1982 a partir dos traços [\pm pronominal, \pm anafórico], as categorias nominais, lexicalmente realizadas ou nulas, podem ser caracterizadas como **pronomes** ([+pron, -anaf]), **anáforas** ([-pron, +anaf]), **expressões-R** ([-pron, -anaf]) e **PRO**, categoria mista, simultaneamente anafórica e pronominal, sem realização lexical, ([+pron, +anaf]).

A **Teoria da Ligação** tem por objecto os três primeiros tipos de expressões nominais, as quais estão sujeitas aos

seguintes princípios:

(65) Teoria da Ligação

Princípio A: Uma anáfora é ligada na sua categoria de regência (ing. "governing category").

Princípio B: Um pronominal é livre na sua categoria de regência.

Princípio C: Uma expressão-R é livre (no domínio da cabeça da cadeia a que pertence).

(cf. CHOMSKY 1986a, pp. 171-172)

A categoria de regência relevante para uma anáfora e um pronominal é caracterizado nos seguintes termos:

(66) Categoria de Regência (ing. "governing category")

A categoria de regência de uma expressão α é o menor Complexo Funcional Completo contendo um regente de α e um antecedente com o qual α possa ser coindexado.

(cf. CHOMSKY 1986a, pp. 171)

Um Complexo Funcional Completo é caracterizado como o domínio que comporta todas as funções gramaticais compatíveis com o núcleo, entre as quais, o sujeito.

Os seguintes exemplos ilustram o princípio A da Teoria da Ligação para **anáforas lexicalmente realizadas** (reflexos (cf. (67)) e para **anáforas nulas** (vestígios de SN (cf. (68))):

(67) a. **A Maria_i lavou-se_i**

b. * **A Maria_i pensa que eu lavei-se_i** (27)

(69) a. O **Jožo**₁ é [considerado [**v**₁ inteligente]]

(cf. A Maria considera o Jožo inteligente)

b. * O **Jožo**₁ é considerado [**sCOMP** que **v**₁ é inteligente]

(cf. A Maria considera que o Jožo é inteligente)

A diferença entre as frases (69a) e (69b) reside no facto de, em (69a), por reanálise, haver um único Complexo Funcional Completo (abarcando oração principal e oração pequena)⁽²⁸⁾ e em (69b) haver dois Complexos Funcionais Completos distintos (o da oração principal e o da oração subordinada, neste caso um SCOMP). Deste modo, em (69a), mas não em (69b), o vestígio de SN é ligado no seu domínio de regência.

O princípio B é exemplificado para os **pronominais lexicalmente realizados** e para **pro**, o pronominal nulo, em frases como as seguintes:

(70) a. * A **Maria**₁ lavou-**a**₁

b. A **Maria**₁ pensa que eu **a**₁ lavei

(71) O **Jožo**₁ considera [que **pro**_{1/3} é inteligente]

Por último, o princípio C manifesta-se nos exemplos seguintes, respectivamente para **nomes** (cf. (72)) e para **variáveis**, neste caso vestígios de Movimento-Q (cf. (73)):

(72) a. * A **Maria**₁ lavou **a rapariga**₁

b. * A **Maria**₁ diz que **a rapariga**₁ é simpática

(73) a. **Quem**₁ é que a Maria lavou **v**₁?

b. * **Quem**₁ é que **a Maria**₁ lavou **v**₁?

O contraste de gramaticalidade entre (73a) e (73b) deve-se ao facto de em (73b) o vestígio do constituinte interrogado ser A-ligado pelo SN sujeito no domínio do operador (quem) que A'-liga o referido vestígio.

A Teoria da Ligação aplica-se em Estrutura-S e em FL

Por último, a **Teoria do Controlo** estabelece a **distribuição de PRO**, o pronominal anafórico, ou seja, caracterizado pelos traços [+pron, +anaf].

A condição central desta Teoria é o **Teorema de PRO** que estipula que "PRO não é regido", uma vez que, se o fosse, teria de obedecer simultaneamente aos Princípios A e B da Teoria da Ligação.

Este teorema capta assim o facto de PRO ocorrer tipicamente na posição de sujeito de frases no infinitivo invariável, uma posição não regida (cf. (75)):

(58) As crianças_i decidiram PRO_i ir ao cinema

Em traços gerais, é este o quadro teórico subjacente à análise a ser desenvolvida nos próximos capítulos.

1. Repare-se que Língua-I é a tradução do termo Inglês I-language, que admite como correspondentes em Português Língua-I e Linguagem-I. Assim, utilizo o termo Língua-I de uma forma ambígua, ou seja, reportando-me tanto ao sistema linguístico de uma língua particular, como à Faculdade de Linguagem. Neste último caso, a língua-I corresponderá ao equipamento inato que permite ao falante vir a adquirir qualquer língua humana natural.

2. O termo Gramática, como o termo de língua-I (cf. nota 1) é utilizado aqui ambigualmente. Ele designa indistintamente um modelo de um sistema linguístico particular (uma Gramática Particular), ou um modelo da Faculdade de Linguagem (Gramática Universal).

Este procedimento é legítimo se assumirmos que nas Gramáticas das línguas particulares estão em acção tanto os Princípios como os Parâmetros de variação da Gramática Universal. Com efeito, de acordo com a Teoria da Regência e da Ligação actual, as Gramáticas Particulares resultam fundamentalmente da fixação (positiva ou negativa) dos Parâmetros da Gramática Universal.

3. Decorrendo do trabalho de LASNIK e SAITO 1984, tem sido ventilada a possibilidade de o mecanismo transformacional da gramática incorporar a par de uma regra de movimento, uma regra de supressão. Assim, em CHOMSKY 1986a e 1986b sugere-se a existência de uma regra Afectar α que designa genericamente Mover α e Suprimir α . Em CHOMSKY 1989, Afectar α recobre ainda Inserir

α (cf. op. cit., p.45).

4. Nas línguas não configuracionais Mover α não se manifesta na Sintaxe, mas apenas em FL.

5. Repare-se que estou a assumir que qualquer das leituras apresentadas em (6b) e (6c) é captada pela representação explicitada em (6d). Com efeito, de acordo com MAY 1985, numa representação de FL exibindo quantificação múltipla, os quantificadores podem livremente ter escopo relativo uns sobre os outros desde que se m-comandem, ou rejam, mutuamente. May designa esta condição como Princípio do Escopo (cf. op. cit., cap. 2, pp. 33-35).

6. A ideia de Reconstrução é particularmente importante para as abordagens que consideram que as categorias elípticas não apresentam até Estrutura-S qualquer estrutura interna – é o caso de MAY 1985 e FIENGO e MAY 1990. No entanto, mesmo para os defensores de uma caracterização das elipses como categorias com estrutura interna, a reconstrução desempenha um papel relevante na reconstrução do material lexical – veja-se, WILLIAMS 1977.

7. A distinção entre complemento e adjunto repousa na correlação entre a estrutura categorial e a estrutura argumental do item lexical – os adjuntos não são argumentos do predicador lexical.

8. Repare-se que, se aceitarmos que os sujeitos são basicamente gerados em especificador de SV (cf. SPORTICHE 1988, 1989), é difícil sustentar que as posições de especificador das projecções funcionais de frase são posições-A. Com efeito, nenhuma relação

temática é atribuída a estas posições. FUKUI e SPEAS 1986, por exemplo, assumem que a posição de especificador de SFLEX é uma posição-A'. Pelo contrário, Sportiche (cf. SPORTICHE 1989), para poder continuar a manter que a posição de especificador de SFLEX é uma posição-A, redefine esta noção nos seguintes termos:

(i) Posição-A

Uma posição de SN é uma posição-A se for o especificador ou o complemento de uma categoria capaz de θ -marcação.

(SPORTICHE 1989, (13), p. 40)

Repare-se que esta definição pressupõe que FLEX atribui uma relação- θ ao seu complemento, o SV, posição controversa, embora frequentemente assumida na literatura (cf., CHOMSKY 1986b, ZAGONA 1988b).

9. Em CHOMSKY 1986a, o Critério- θ é definido em termos de cadeias, em que cada cadeia comporta pelo menos um elemento: "Cada argumento α aparece numa cadeia contendo uma única posição- θ P visível, e cada posição- θ P é visível numa cadeia contendo um único argumento" (op. cit. , p. 97).

10. A excepção de PRO, categoria vazia caracterizada como desprovida de caso nos tratamentos clássicos.

11. A atribuição de Caso às categorias nominais pode efectuar-se ou inerentemente (quando a atribuição de caso está directamente associada a uma atribuição de relação temática), ou sob regência no caso da atribuição de caso estrutural (i.e., atribuição de caso por uma categoria distinta, ou não, do atribuidor de relação

temática).

A atribuição de Caso inerente pode ser exemplificada pela atribuição de genitivo, Caso associado à atribuição de relações temáticas como "possuidor", "agente" ou "objecto" por parte de uma categoria nominal:

(i) [EN O seu retrato]

O exemplo (ii) é uma instância de caso estrutural: o atribuidor de caso é a FLEX da frase matriz, mas o atribuidor da relação temática (de Agente) ao SN sujeito é o SV da oração subordinada.

(ii) As crianças_i parecem [_{EFLEX} v_i ter lido esses livros]

12. Em Português, a manifestação de caso morfológico ocorre quase exclusivamente nos pronomes pessoais.

13. Na definição de CHOMSKY 1986b, SFLEX é caracterizada como uma categoria intrinsecamente não bloqueadora, só adquirindo essas propriedades por herança. Vários linguistas admitiram que SFLEX é uma barreira, podendo concorrer vários factores para a perda desse estatuto (cf. por exemplo, AMBAR 1986, 1988, FUKUI e SPEAS 1986).

14. Tendo em vista exemplos de Marcação Excepcional de Caso (cf. (i), para o Português), CHOMSKY 1986b, redefine L-marcação como explicitado em (ii):

(i) a. O João considera [[a Maria] [inteligente]]

b. O João considera—a inteligente

(ii) L-Marcação:

Se α for uma categoria lexical, α L-marca β sse β concordar com o Núcleo de τ que é θ -regido por α

(CHOMSKY 1986b, (47), p.24)

Em (i), para captar o caso contemplado pela formulação de L-marcação, admite-se que qualquer categoria concorda consigo própria e com o seu núcleo.

15. No sistema elaborado por FUKUI e SPEAS 1986 as projecções das categorias lexicais (i.e., N, V, A, P) nunca são consideradas barreiras. Estas restringem-se às projecções das categorias funcionais, entre as quais COMP e FLEX. De facto para estes linguístas, só as categorias funcionais são projecções X'' (as categorias lexicais são projecções X') e só as projecções X'' podem ser categorias bloqueadoras, i.e., barreiras.

A adopção deste conceito de barreira, restringido às categorias funcionais, tem a vantagem de retirar o estatuto de barreira ao SV, permitindo dar facilmente conta de frases como (i) e (ii), que envolvem elevação do argumento interno do verbo para a posição do sujeito:

(i) Os bilhetes₁ foram [_{SV} comprados v_1]

(ii) Os livros₁ vão [_{SV} chegar v_1]

Com efeito, dado que o movimento-SN, por oposição ao movimento-A', não admite a adjunção a SV, SV funciona como uma barreira. Para dar conta da gramaticalidade de frases como (i) e (ii), CHOMSKY 1986b recorre ao conceito de cadeia (verbal): o

sujeito em Estrutura-S concorda com a Flexão verbal, cujos traços são partilhados por toda a cadeia verbal (FLEX-Vaux-V). Deste modo o verbo principal, no SV, pode funcionar como um regente estrito do vestígio.

Como veremos, na definição de barreira decorrente dos trabalhos de BAKER 1988 e CINQUE 1991 os mesmos efeitos de remoção do estatuto de barreira de SFLEX e de SV são alcançados.

Para uma adopção das propostas de FUKUI e SPEAS 1986 e sua compatibilização com as posições correntemente aceites na Teoria da Regência e da Ligação, veja-se RAPOSO 1992.

16. Em CINQUE 1991 são propostas duas definições de barreira: uma para a Teoria da Regência, outra para a Teoria do Movimento (cf.(i)):

(i) Definição de barreira para fronteira (ing. bounding)/ligação (ing. binding)

Qualquer projecção máxima que não é (directa ou indirectamente) seleccionada na direcção canónica por uma categoria não-distinta de [+V] é uma barreira para a Ligação.

(CINQUE 1991, (114), cap.1, p. 55)

Não me debruçarei sobre esta distinção, uma vez que as construções analisadas neste trabalho apresentam tipicamente movimento cíclico sucessivo e, conseqüentemente, Regência por Antecedente. Para a Regência por Antecedente o conceito de barreira relevante é o apresentado no texto.

17. Assumindo que SFLEX não é uma barreira para um COMP* que a seleccione, coloca-se o problema de saber como é que PRO, pode ocorrer na posição de sujeito frásico das frases infinitivas (cf. (i):

(i) O João disse [_SCOMP [_SCOMP⁰] [_SFLEx PRO ter lido esse livro]]

Com efeito, como veremos adiante, quando considerarmos a Teoria do Controlo, esta categoria nominal só pode surgir em posições não regidas. Repare-se, porém, que as frases infinitivas ocorrem tipicamente com complementadores nulos, elementos usualmente considerados como inertes para a regência (cf. BAKER 1988, RIZZI 1990, CINQUE 1991). Assim, este problema pode ser facilmente solucionado.

18. Segundo RIZZI 1990 os índices referenciais só podem aplicar-se a constituintes que detêm uma relação temática referencial (cf. op. cit., cap.3, p. 86). Em RIZZI 1990 são consideradas relações temáticas referenciais as relações temáticas que usualmente os predicadores atribuem aos seus argumentos. Porém, os advérbios de modo seleccionados por verbos como "comportar-se", ou os sintagmas de medida de verbos como "pesar" ou "medir" não são referenciais uma vez que não admitem extracção por Movimento-Q Longo (cf. sobre este assunto KOOPMAN e SPORTICHE 1988). Pelo contrário, alguns SPs adverbiais (locativos, instrumentais e, por vezes, temporais) ainda que não seleccionados pelo verbo parecem igualmente poder incluir-se na classe dos constituintes com relações temáticas referenciais. Com efeito, estes constituintes podem ser alvo de Movimento-Q longo (cf. op. cit. pp. 90-91).

19. Estas condições decorrem de vários princípios da Gramática. Assim, por exemplo, a impossibilidade de o Movimento-A se efectuar para posições θ -marcadas decorre do Critério- θ : se um argumento se deslocasse para estas posições receberia duas relações temáticas: a que inicialmente lhe fora atribuída e a que adquiriria pela posição que iria ocupar. Sobre a correlação entre estas condições e os diferentes princípios da gramática, veja-se CHOMSKY 1986b, pp. 4 e 6-7.

20. Em CHOMSKY 1986b, a possibilidade de o movimento de núcleo ser um caso de movimento por adjunção é excluída pela caracterização deste movimento como movimento-A, ou seja movimento exclusivamente regulado pelas condições de substituição. BAKER 1988 admite, contudo, que o movimento do núcleo possa operar tanto por substituição, como por adjunção, mas assume que o movimento X^0 por adjunção obedece a uma condição de preservação da estrutura análoga à do movimento por substituição, que restringe o seu local de poiso às posições X^0 .

No entanto, vários linguístas admitem que o movimento de X^0 se pode dar para outras projecções. Veja-se, por exemplo, KAYNE 1991, que admite que o movimento do V^0 se possa dar para adjunção a FLEX'. Com efeito, esta posição permite-lhe dar conta da ordem dos clíticos em frases infinitivas em certas línguas românicas.

21. Em CHOMSKY 1986b sugere-se que FLEX 0 θ -marca o SV - deste modo, o movimento do verbo para FLEX 0 recai sob o caso geral contemplado por esta generalização. Para os problemas que esta posição põe quando se adopta a separação de FLEX 0 nos

constituintes autónomos T° e AC°, veja-se o capítulo 4 deste trabalho (secção 2.2.).

22. FUKUI e SPEAS 1986 consideram que as projecções máximas de todas as categorias funcionais, incluindo SCOMP e SDET (classicamente SN) são barreiras sempre que não são L-marcadas. Aditem, contudo, que a posição de SFLEX nunca é uma barreira para um constituinte que ocupe a posição de especificador do SCOMP que domina essa SFLEX.

23. Esta é a explicação avançada em CINQUE 1991, para estes casos (cf. op. cit., p. 25). SPORTICHE 1989, todavia, admite que nestes exemplos dois nós barreira são atravessados: o SCOMP da oração, e o COMP' a partir do qual se processa a extracção, uma vez que a posição de especificador de COMP não está preenchida (cf. SPORTICHE 1989, p. 56). Na verdade, de acordo com Sportiche qualquer projecção, mesmo que não-máxima, pode constituir uma barreira, desde que não seja θ -marcada.

24. Um problema se coloca: porque é que o movimento do constituinte interrogado não pára no especificador do SCOMP da frase completiva sujeito? Por outras palavras, porque é que frases como (i), não^{são} aceitáveis na representação proposta em (ii)?

(i) * Que estante arrumar é difícil?

(cf. Que estante é difícil arrumar?)

(ii) [SFLEX [SCOMP que estante_i [SFLEX SN arrumar v_i]] é difícil]

25. Este tratamento não permite explicar o diferente grau de gramaticalidade dos vários casos de infracção de Subjacência. Com efeito, a infracção da Subjacência produz frases mais mal-formadas em contextos de SN Complexo com frases relativas do que em contextos de Ilha-Q (cf. (i)) ou de Ilha da Frase-Adjunto (cf. (ii)):

(i) ? Que livros_i não sabes quem leu v_i

(ii) ? Que livro_i leu a Maria sem comprar v_i

26. Admite-se usualmente que a estratégia dos pronomes resumptivos é um meio utilizado por certas línguas para evitar efeitos de ilha (cf., por exemplo, CHOMSKY 1982 e referências aí feitas).

A não aplicação de Subjacência em FL parece ser confirmada por línguas como o Chinês que, não tendo Mover α na Sintaxe, admitem extracções de ilha-Q. Veja-se, assim o exemplo (i) de HUANG 1982, citado em RAPOSO 1992, que pode ser parafraseado como em (ii):

(i) [ni xiang-zhidao [shei mai-le sheme]]?

(ii) ?? O que é que tu te perguntas quem comprou?

Note-se, porém que outros linguístas, como, por exemplo, PESETSKY 1987, sugerem a possibilidade de a Subjacência se aplicar em FL.

27. Exemplos como este mostram que o Português não possui uma estratégia de anáforas a longa distância como o Chinês, o Japonês ou o Coreano. COLE, HERMON e SUNG 1990 apresentam exemplos como

(52b), que são gramaticais em Chinês.

(i) Zhangsan renwei [Lisi zhidao [Wangwu xihuan ziji]]

Zhangsan pensa [Lisi sabe [Wangwu gosta se]]

(COLE, HERMON e SUNG 1990, (1), p.1)

A frase (i) é triplamente ambígua, pois qualquer dos constituintes sublinhados é um antecedente possível para o reflexivo.

28. Sobre a Reanálise ou Reestruturação em orações pequenas veja-se STOWELL 1987, e para o Português, RAPOSO e URIAGUERKA 1990.

Capítulo 2

**ELIPSE,
SV NULO
E DESPOJAMENTO**



As construções de SV Nulo e de Despojamento são usualmente consideradas como manifestações de um fenómeno mais vasto que é a **elipse**. O objectivo central deste capítulo é precisar a noção de elipse presente neste estudo. Na secção 1, distinguir-se-ão as noções de elipse e de categoria vazia. Na secção 2, determinar-se-ão os mecanismos gramaticais presentes na derivação das estruturas elípticas. Na secção 3, explicitar-se-á uma Condição que restringe configuracionalmente os antecedentes potenciais de uma categoria elíptica. Na secção 4, argumentar-se-á a favor da inclusão das construções de SV Nulo e de Despojamento na Gramática da Frase.

1. A Noção de Elipse

Na **gramática tradicional**, a elipse é caracterizada como um processo linguístico que se manifesta pela **omissão de uma expressão linguística que o contexto ou a situação permitem recuperar** (cf. CHEVALIER et alii 1964, edição de 1987, p.99; CUNHA e CINTRA 1984, 3ª ed. 1986, p. 613).

O termo elipse abarca os mais variados fenómenos⁽¹⁾ — desde omissões presentes na derivação imprópria (cf. A (cidade) capital) a omissões de constituintes sintácticos como, por exemplo, a não realização do sujeito em línguas de Sujeito Nulo (cf. [EN-] leste esse livro) (veja-se CUNHA e CINTRA 1984⁽²⁾).

No âmbito da **Gramática Generativa Transformacional**, partindo de um conceito de elipse próximo do tradicional, tem-se vindo

progressivamente a assistir a uma restrição do leque de fenómenos considerados sob o escopo da elipse. Em especial, o trabalho sobre as categorias vazias nominais (cf., nomeadamente, CHOMSKY 1981 e 1982) permitiu isolar questões que previamente caíam sob a alçada da elipse – é o caso da "elipse do sujeito" actualmente caracterizada em termos das categorias vazias nominais **pro** (cf. (1a)) e **PRO** (cf. (1b))⁽³⁾.

(1) a. **pro** telefonou à Maria

b. O Luís deseja **PRO** comprar uma televisão digital

O alargamento da tipologia das categorias vazias previstas na Teoria da Regência e da Ligação a categorias não-nominais tem sido frequentemente considerado, em particular, a propósito da construção de SV Nulo (Veja-se LOBECK 1987 e de ZAGONA 1982, 1988a e 1988b⁽⁴⁾).

Porém, neste mesmo quadro de referência, é usual admitir-se, explícita ou implicitamente, que entre **as categorias vazias nominais e as elípticas** há diferenças importantes, entre as quais:

- (2) (i) a possibilidade de as elipses, contrariamente às categorias vazias nominais, terem **estrutura interna** ;
(ii) e o facto de, nalguns casos, a elipse envolver **material aparentemente não-analisável em termos de um constituinte.**

Os seguintes exemplos ilustram estas propriedades:

(3) Esses argumentos foram analisados e aqueles também foram [-]

(4) A lista A nomeou o João presidente e a lista B [-] o Pedro [-]

A frase (3) é uma frase passiva representativa de SV Nulo. Na tradição da Gramática Generativa Transformacional, as frases passivas envolvem a aplicação de Mover α : o SN basicamente gerado na posição de objecto directo é deslocado para a posição de sujeito frásico e um vestígio ocupa a posição inicial do constituinte deslocado. Assim sendo, o SV Nulo em (3), pode, numa primeira aproximação, ser analisado como um constituinte nulo com a estrutura interna ilustrada em (5) (a negrito):

(5) SN₁ ... [**sv** [v-] [**sn** v₁]]'⁽⁵⁾

Por seu turno, na frase (4), representativa de Elipse Lacunar (ing. "Gapping"), "nomear" e "presidente" não constituem, aparentemente, um constituinte – de permeio entre estas unidades encontra-se lexicalmente realizado o SN "o Pedro". Porém, é sobre esse "não-constituinte" que a elipse incide. Repare-se, contudo, que é possível defender que, em FL, os referidos elementos integram um único constituinte – o predicado complexo "nomear presidente", formado por Reanálise.

Tendo em vista estas propriedades, são actualmente reconhecidos como **principais manifestações de elipse** os seguintes fenómenos: SV Nulo (ing. "VP deletion", "Null VP"), Despojamento (ing. "Stripping"), Elipse Lacunar (ing. "Gapping"), Redução de Coordenada (ing. "Conjunction Reduction") e Escoamento (ing. "Sluicing")⁽⁶⁾. Exemplificando:

(6) a. **SV Nulo:**

O Luís tem comprado muitos livros aos filhos ultimamente e a Maria também tem [—]

b. **Despojamento:**

O Luís tem comprado muitos livros aos filhos ultimamente e a Maria também [—]

c. **Elipse Lacunar:**

O Luís tem comprado muitos livros aos filhos ultimamente e a Maria [—] muitos discos

d. **Redução de Coordenada:**

O Luís tem comprado muitos livros aos filhos e [—] oferecido muitos discos à mulher

e. **Escoamento**

O Luís tem comprado muitas coisas aos filhos, mas eu não sei quais [—]

Informalmente, cada uma destas construções, pode ser caracterizada do seguinte modo: em **SV Nulo**, o alvo da elipse é o SV; em **Despojamento**, é nula toda a expressão predicado à excepção de um advérbio; em **Elipse Lacunar**, a elipse afecta o núcleo verbal deixando lexicalmente realizados dois constituintes, entre os quais usualmente o sujeito; na **Redução de Coordenada**, os constituintes afectados pela elipse são o sujeito e eventualmente um elemento verbal; na construção de **Escoamento** permanece lexicalmente realizado, como único representante de uma oração, um constituinte interrogativo.

2. Supressão, Interpretação e Reconstrução

O problema fundamental que as construções elípticas colocam é o da **recuperação do material omitido**. Considera-se que o requisito fundamental para a recuperação das elipses é a sua identidade com um fragmento frásico ou discursivo concreto.

Tendo por pano de fundo este problema, a **natureza dos mecanismos gramaticais** envolvidos na elipse constitui uma das questões centrais classicamente colocadas.

Os primeiros trabalhos sobre elipse em Gramática Generativa debateram-se com o problema do **tipo de regras** que poderia dar adequadamente conta das construções elípticas. A partir do final dos anos 60, afirmaram-se duas perspectivas de tratamento – a transformacionalista e a interpretativista⁽⁷⁾.

Para os **transformacionalistas** a elipse resulta da operação de **regras de supressão** (ing. "deletion") que actuam, por **identidade**, sobre material lexicalmente realizado.

O tratamento que **SAG 1976** (publicado em 1980) propõe para a construção de Elipse do SV permite ilustrar a **concepção transformacionalista da elipse**.

Tendo em conta a distribuição do constituinte elíptico relativamente ao seu antecedente, Sag propõe a seguinte **regra transformacional**:

(7) Supressão de Sintagma Verbal – opcional (SAG 1980)

	X	–	AUX	–	SV	–	Y
D.E.	1		2		3		4
M.E.	1		2		0		4

(SAG 1980, (2.1.46), cap.2, p.115)

Nesta regra, o único contexto especificado para a aplicação da supressão do SV é o elemento AUX. Porém, não é qualquer SV que pode ser suprimido. Com efeito, o poder da Regra de Supressão do SV é restringido em FL por uma **condição de recuperação** que estabelece que só pode ser suprimido o SV de uma frase que seja **"idêntico"** ao SV de outra⁽⁸⁾.

De acordo com os **interpretativistas**, pelo contrário, a derivação de uma estrutura elíptica implica a presença, logo na base, de categorias linguísticas sem realização lexical. A atribuição de conteúdo a estas categorias decorre da actuação de **regras de interpretação**, que não diferem substancialmente das regras de interpretação dos **pronomes anafóricos**⁽⁹⁾ – em ambos os casos a interpretação de um elemento é fixada por um outro, designado **antecedente**.

Exemplificando, tal como em (8a) o SN "o Luís" contribui para a determinação do referente do pronome pessoal, também em (8b) é o SV "ler esse livro" que fixa a denotação do SV Nulo.

- (8) a. O Luís passou na rua e o João disse que o viu
b. O Luís não vai ler esse livro, mas o João vai [sv –]

Sobretudo com os interpretativistas, desenvolveu-se a ideia de que a **elipse é um subdomínio da anáfora**. Assim, por exemplo, em JACKENDOFF 1972 é apresentada a seguinte regra de interpretação do SV Nulo:

- (9) Anáfora do SV

Associe a SV² a representação semântica de SV¹ se

- (a) SV² for nulo; e
 - (b) SV² não preceder e comandar simultaneamente SV¹.
- (cf. JACKENDOFF 1972, (6.169), p. 268)

Partindo de um paralelismo com as "proformas" lexicalmente realizadas (cf. (10a)), tidas como sintacticamente inanalísáveis⁽¹⁰⁾, os primeiros tratamentos interpretativos caracterizavam as **elipses como unidades sem estrutura interna**.

- (10)a. O Luís não vai ler esse livro, mas o João vai [_{ev} fazê-lo]
- b. O Luís não vai ler esse livro, mas o João vai [_{ev} -]

Contra este tratamento, os **transformacionalistas** avançaram vários argumentos a favor da existência de **estrutura sintáctica nos constituintes elípticos**, e, na sua óptica, a favor da existência de estruturas com realização lexical numa etapa anterior à aplicação das operações de supressão (cf., entre outros, ROSS 1969 e GRINDER e POSTAL 1971).

Grande parte desses argumentos prendia-se com o facto de a elipse se poder verificar em estruturas previamente sujeitas a transformações. É, como vimos, o caso do exemplo (3), aqui repetido, em que a elipse afecta um constituinte, o SV, que foi anteriormente alvo de transformações – o SN objecto directo foi deslocado para a posição de sujeito.

- (11) Esses argumentos foram analisados e [_{ev} aqueles] [também foram [_{ev} ...]

A adopção da **hipótese transformacionalista** no quadro da Teoria da Regência e da Ligação suscita, contudo, muitos

problemas.

De facto, pretendendo restringir ao máximo o poder dos mecanismos transformacionais, admite-se actualmente que **só podem ser suprimidos constituintes que não desempenhem uma função nas representações de Forma Lógica**. Não é, todavia, este o estatuto das elipses, que podem incluir predicadores e argumentos.

Por este motivo, a hipótese interpretativa afirmou-se como preferencial.

A **Hipótese das Estruturas Vazias** (ing. "Empty Structures Hypothesis") de **WASOW 1972** permitiu, aparentemente, à perspectiva interpretativa ultrapassar a deficiência assinalada. De acordo com esta hipótese, a **Sintaxe produz estruturas categoriais plenamente expandidas independentemente de estas serem ou não preenchidas por itens foneticamente realizados**. Essas estruturas, nulas ou lexicamente realizadas, podem ser alvo de transformações. O significado das estruturas vazias, por seu turno, é determinado por **regras interpretativas** que associam as estruturas vazias aos seus antecedentes (cf. **WASOW 1979**, p.110).

De acordo com esta hipótese, uma frase como (12a) será representada logo em Estrutura-P como ilustrado em (12b):

- (12) a. O Luís tem comprado muitos livros e a Maria também tem
b. [[**SN** [**DET** O] [**N** Luís]] tem [**SV** [**V** comprado] [**SN** [**sa** muitos] [**N** livros]]] e [[**SN** [**DET** a] [**N** Maria] também tem [**SV** [**V** -] [**SN** [**sa** -] [**N** -]]]]

A partir de **WILLIAMS 1977** a associação da interpretação do SV antecedente ao SV Nulo é atribuída a uma regra de **Reconstrução**

que copia o material lexical do SV antecedente para o SV Nulo (cf. em WILLIAMS 1977, a Regra do SV). Exemplificando, a (11), corresponderá, simplificada, a seguinte representação de FL:

(13) Esses argumentos foram [_{SV} analisados v] e aqueles [também foram [_{SV} analisados v]]

Embora esta tenha sido a análise que melhor acolhimento encontrou nos estudos actuais sobre elipse no âmbito da Teoria da Regência e da Ligação (cf., por exemplo, ZAGONA 1982, 1988a e 1988b, LOBECK 1987), a Hipótese das Estruturas Vazias não está isenta de **problemas**.

Ilustrando esses problemas, continuemos a explorar o caso das frases passivas exibindo SV Nulo:

Aceitando a hipótese clássica de que numa estrutura passiva o objecto directo do verbo é transformacionalmente deslocado para a posição de sujeito, põe-se o problema de saber como e quando é que o referido constituinte adquire o seu estatuto de constituinte lexicalmente realizado – com efeito, dada a Hipótese das Estruturas Vazias, o SV Nulo é gerado em Estrutura-P sem qualquer material lexical, como exemplificado em (14b):

(14) a. Esses livros foram lidos e esses artigos também foram
b. [[_{SN} –] foram [_{SV} [v lidos] [_{SN} esses livros]]] e
[[_{SN} –] também foram [_{SV} [v –] [_{SN} –]]]

Todavia, a partir de uma representação como (14b), o único resultado que podemos obter é a sequência agramatical seguinte, em que os SNs sujeito das frases coordenadas são opcionalmente interpretados como co-referentes:

(15) * Esses livros foram lidos e [EN -]₁ também foram [EV [V -]
[EN V]₁]

Ou seja, tal como está formulada, esta hipótese é incapaz de dar conta de toda e qualquer frase em que a **elipse do SV co-ocorra com um constituinte lexicalmente realizado extraído a partir do SV Nulo.**

Contudo, este problema não é inultrapassável. Ele desaparece se assumirmos uma **perspectiva configuracional, em vez de derivacional, das representações sintácticas.** Ou seja, se admitirmos que os constituintes são à partida gerados nos lugares que ocupam superficialmente, sendo as relações que estabelecem com o predicador que os selecciona assinaladas por categorias vazias presentes nas representações estruturais. Deste modo, uma frase como (14a) seria à partida gerada como em (16):

(16) [[EN esses livros]₁ foram [EV [V lidos] [EN V]₁ e
[[EN esses artigos]₁ também foram [EV [V -] [EN V]₁]]

Como tem sido referido na literatura, esta tomada de posição implica, contudo, assumir que **as representações de Estrutura-P são de algum modo mais abstractas do que as de Estrutura-S.**

A Hipótese das Estruturas Vazias defronta-se com um segundo problema: de acordo com a concepção actual da Gramática, a **Sintaxe** não comporta regras categoriais; é antes concebida como o resultado da actuação concertada da Teoria-X' e do Princípio de Projecção. A Sintaxe é considerada como uma **projecção do Léxico:** ou seja, as representações sintácticas decorrem das propriedades

dos itens lexicais seleccionados. Porém, para a **Hipótese das Estruturas Vazias**, as construções elípticas caracterizam-se por **não apresentarem qualquer material lexical**. Assim, o quadro actual impõe que se reconsidere esta hipótese, e se sustente, no mínimo, que essas estruturas são preenchidas por **itens lexicais (ou funcionais) nulos**.

Finalmente, um problema mais sério se coloca: a existência de frases como a seguinte comprometem a plausibilidade da Hipótese das Estruturas Vazias na sua formulação inicial:

(17) Estes livros foram lidos e aqueles também o foram

Em (17), o facto de **a passiva co-ocorrer com uma proforma lexicalmente realizada**, o pronominal "o", põe em questão que a presença de transformações seja uma condição suficiente para os constituintes terem necessariamente de exibir uma estrutura interna idêntica à do seu antecedente no nível de Estrutura-S.

A co-ocorrência de frases passivas com proformas de SV é ainda reveladora de uma outra propriedade: **nas cadeias por "movimento"**, pelo menos em alguns casos, **os SNs "movidados" não estão associados aos seu vestígio em Estrutura-S**. Veja-se, com efeito, a representação de Estrutura-S de (17):

(18) [[_{EN} **Estes livros**] foram [_{EV} lidos v]] e [_{EN} **aqueles**] também [_{OE1} foram [-]]].

Em (18), o constituinte nulo presente no predicado elíptico corresponde à categoria vazia associada ao clítico (cf. "_{OE1} foram [-]"). Consequentemente, o SN sujeito da passiva não pode ser coindexado com o seu vestígio, uma vez que este não está

presente.

A associação entre o SN "movido" e o seu vestígio, parece, pois, ser diferida para Forma Lógica, nível onde é requerida tanto pelo Critério- θ como pelo Princípio da Interpretação Plena.

De facto, de acordo com o Critério- θ — que estipula que todos os argumentos têm de ter uma relação- θ —, a legitimação do argumento "aqueles" depende da sua possibilidade de receber relação- θ . Contudo, o SN sujeito da passiva ocupa uma posição a que não é atribuída qualquer relação temática. Deste modo, se a estrutura é bem formada, é porque esse sujeito participa numa cadeia θ -marcada, formada pelo SN e o seu vestígio.

Para o Princípio da Interpretação Plena, por seu turno, só podem ser sancionados em Forma Lógica elementos susceptíveis de aí receberem uma interpretação. No caso dos argumentos (cf. "aqueles"), essa legitimação decorre do seu vínculo com uma posição-A⁽¹¹⁾. Para os sujeitos da passiva, como vimos, esse vínculo é estabelecido através do seu vestígio.

Deste modo, frases como (17), apesar da presença do pronominal, exigem aparentemente **Reconstrução sintáctica e lexical** em Forma Lógica⁽¹²⁾.

A análise destas **frases com proformas lexicalmente realizadas** é elucidativa para o estudo das elipses: (i) por um lado, ela mostra que **até Forma Lógica** as **elipses** podem ser analisadas como **categorias nulas com uma estrutura interna diversa da dos seus antecedentes**; (ii) por outro lado, sugere que a **Reconstrução** em Forma Lógica deve ser repensada como um mecanismo que copia, não apenas o **material lexical** da expressão

linguística antecedente, mas também a sua **estrutura sintáctica**, como, aliás, proposto em FIENGO E MAY 1990.

Assim, independentemente de até Estrutura-S as **elipses** apresentarem ou não estrutura interna, em FL elas são representadas como **estruturalmente idênticas aos seus antecedentes**.

De facto, até Estrutura-S a única estrutura interna que as elipses têm de exibir é: de acordo com a Teoria-X', o seu núcleo; de acordo com o Princípio de Projecção, a estrutura categorial e temática requerida por esse núcleo.

Deste modo, em (14), um exemplo de SV Nulo, a estrutura sintáctica da categoria vazia decorre exclusivamente da estrutura de subcategorização do verbo que lhe serve de Núcleo, o auxiliar da passiva. Na verdade, como veremos no capítulo 4 deste trabalho, em Português, todos os verbos, incluindo os auxiliares, são "basicamente" gerados no SV. Em Estrutura-S, porém, esses verbos encontram-se em FLEX, de onde regem o seu vestígio. A representação a atribuir a uma frase como (14), aqui repetida, será, pois, nos aspectos relevantes, a explicitada em (19b):

- (19) a. Esses livros foram lidos e esses artigos também foram
b. [[_{EN} Estes livros]_i foram [_{ev} v lidos v_i]] e
[_{EN} esses artigos] também foram [_{ev} v [_{ex}-]]].

Em (19b), o SV Nulo comporta uma estrutura sintáctica diversa da do seu antecedente. O auxiliar da passiva, em Estrutura-S em FLEX, selecciona um complemento cuja natureza categorial (em (19b) não especificada) tem de ser compatível com a estrutura de subcategorização de "ser".

Em suma, a estrutura interna a atribuir às construções elípticas até Estrutura-S deve ser a mínima exigida pelos núcleos das projecções máximas envolvidas.

Assim, com as rectificações feitas, a Hipótese Interpretativa é a perspectiva que estará presente neste trabalho.

3. Reconstrução e Circularidade

Uma das questões que se coloca a uma tratamento interpretativo da elipse é o da determinação do antecedente da categoria elíptica.

Tem sido salientado na literatura que uma das condições que regula essa determinação é a **Não-Circularidade** (cf. MAY 1985, HAIK 1987, 1989). Informalmente, a Não-Circularidade estipula que uma categoria elíptica não pode estar contida dentro do seu antecedente no nível em que a Reconstrução opera, i.e., em Forma Lógica⁽¹³⁾.

Do ponto de vista estrutural, a Não-Circularidade manifesta-se crucialmente pelo requisito de Não-c-comando entre o constituinte elíptico e o seu antecedente (cf. MAY 1985, p. 11).

Assim, os seguintes exemplos são mal-formados, porque não respeitam a Não-Circularidade – a expressão antecedente contém o constituinte elíptico:

(20) a.* O João tinha [dito à Maria [que a Ana também tinha
[**sv-**]] (SV Nulo)

[**sv-**] = dito à Maria que a Ana também tinha [**sv-**]

b. * John [wanted to [**sv-**]] (cf. HAIK 1987, (2), p.503)

[_{sv-}] = want to [_{sv-}]

(21) * [A Ana pensa que a Maria não [-]] (Despojamento)

[-] = pensa que a Maria não [-]

Como MAY 1985 salienta, ao aplicar-se a esta configuração estrutural, a Reconstrução produz uma regressão infinita – o SV reconstruído contém sempre um SV Nulo.

O requisito de Não-Circularidade tem essencialmente de se verificar no nível de Forma Lógica (cf. MAY 1985 e Haik 1987, 1989). Assim, exemplos como os seguintes, inicialmente apresentados em SAG 1976, são bem-formados, apesar de aparentemente serem casos de SV Nulo contido no antecedente:

(22) a. I [spoke with everyone who Tom did [-]]

(cf. SAG 1980, (1.3.36.a), cap.1, p.71)

b. O João tem [falado a todas as pessoas a quem o Pedro tem [_{sv -}]]

Na realidade, essa circularidade só se manifesta até Estrutura-S. Em FL, o sintagma quantificado em que o SV Nulo está integrado é extraído do antecedente por Elevação de Quantificador, e a estrutura resultante não é circular, como ilustrado em (23) para (22b):

(23) [_{FL}LEX [_{sv} A todas as pessoas a quem o Pedro tem [_{sv-}]]₁

[_{FL}LEX o João tem falado v₁]]

Nesta configuração, a Reconstrução pode operar produzindo representações bem-formadas:

(24) [eFLEX [eN A todas as pessoas a quem o Pedro tem [evfalado
v₁]₁ [eFLEX o João tem falado v₁]]

A Não-Circularidade é, assim, um dos factores determinantes da distribuição das construções elípticas, nomeadamente, das construções de SV Nulo e de Despojamento.

4. A Gramática da Frase e a Gramática do Discurso

Um dos problemas classicamente debatidos no estudo dos fenómenos de elipse é o da sua inclusão na Gramática da Frase ou na Gramática do Discurso.

No caso das "elipses frásicas", admite-se que os mecanismos de legitimação e de interpretação envolvidos são essencialmente de natureza estrutural; no caso das "elipses pragmáticas", considera-se que esses mecanismos são fundamentalmente de natureza pragmática.

Vários critérios têm sido propostos para determinar se uma construção elíptica deve ser incluída na Gramática da Frase ou do Discurso. Nesta secção, passarei em revista alguns desses critérios, procurando demonstrar a legitimidade de uma abordagem das construções de SV Nulo e de Despojamento no âmbito da Gramática da Frase.

A não uniformidade de comportamento dos fenómenos de elipse face às Condições de Ilha estabelecidas por ROSS 1967, foi desde cedo evidenciada (cf. por exemplo, WASOW 1979).

A **obediência às Condições de Ilha** foi tida por alguns linguistas como uma propriedade característica das **regras da Gramática da Frase**, por oposição às regras da Gramática do

Discurso. Assim, tendo em vista o seu comportamento face à Condição do SN Complexo, incluiríamos **SV Nulo na Gramática do Discurso e Despojamento na Gramática da Frase.**

- (25) a. O João tem falado Japonês ultimamente e eu tenho [**SN** um aluno que também tem [**SV-**]] (SV Nulo)
b. * O João fala Japonês e eu tenho [**SN** um aluno que também [-]] (Despojamento)

Partindo deste critério, WILLIAMS 1977 procura fundamentar a hipótese de SV Nulo ser um fenómeno da Gramática do Discurso⁽¹⁴⁾. Baseia-se para isso em contrastes de gramaticalidade como os seguintes, ilustrativos da possibilidade de SV Nulo, ao contrário de Elipse Lacunar, ter um **antecedente discursivo e não apenas frásico:**

(26) A: A Maria está a pôr os livros na estante?

B: a. Sim, está [-] (SV Nulo)

b. Não, não está [-]

(27) A: A Maria pôs os livros na estante?

B: a. * Não, a Ana [-] na mesa (Elipse Lacunar)

b. * Sim, a Ana [-] na mesa

Repare-se que Despojamento tem um comportamento semelhante a Elipse Lacunar:

(28) A: A Maria pôs os livros na estante?

B: a. * Não, a Ana sim [-] (Despojamento)

b. * Sim, a Ana não [-]

Na verdade, a possibilidade de Despojamento e de Elipse Lacunar ocorrerem em seqüências discursivas diferentes é muito mais limitada do que a de SV Nulo. Como os seguintes exemplos mostram, estas construções aparecem usualmente em fragmentos discursivos introduzidos por Conjunções Coordenadas:

(29) A: A Maria [põs os livros] na estante?

B: Sim, e a Ana [–] na mesa (Elipse Lacunar).

(30) A: A Maria está a pôr os livros na estante?

B: Não, mas a Ana sim [–] (Despojamento)

Pressupõem, pois, implicitamente, a presença de um primeiro termo coordenado, com o qual formam **uma unidade frásica**.

Assim, é plausível admitir, que independentemente de **Despojamento e de Elipse Lacunar** poderem ocorrer numa situação de diálogo, **não são construções da Gramática do Discurso**.

Nem todos os linguistas associaram a infracção das Condições de Ilha à pertença à Gramática do Discurso. Deste modo, HANKAMER e SAG 1976 e SAG 1980 (cf. cap. 4), ainda que reconheçam que **SV Nulo** não obedece às referidas condições, caracterizam-no, a par de **Despojamento**, como um **fenómeno linguisticamente controlado** e, como tal, do âmbito da **Gramática da Frase**. Baseiam-se para isso em contrastes de gramaticalidade como os ilustrados em (31a) e (31b).

(31) [Situação: A Maria está a pôr os livros na estante. A mãe entra na sala e diz:]

a. * – A Ana também está [sv–]

- b. Tu estás a pôr os livros na estante e a Ana também está
[ev-]

O enunciado "a Ana também está" em (31a) é discursivamente anómalo, por oposição ao mesmo enunciado em (31b), na medida em que o SV Nulo não pode ser apenas discursivamente controlado.

Os mesmos contrastes de gramaticalidade se obtêm com Despojamento, uma construção de elipse que, como vimos é sensível às condições de ilha:

(32) [Situação: A Maria está a pôr os livros na estante. A mãe entra na sala e diz:]

a. * – A Ana também [-]

b. Tu estás a pôr os livros na estante e a Ana também [-]

A propriedade de exigirem antecedentes linguísticos opõe, segundo Hankamer e Sag, construções como SV Nulo a outras como a de Anáfora do Complemento Nulo (ing. "Null Complement Anaphora"), em que o conteúdo do constituinte nulo pode ser inferido a partir do contexto⁽¹⁹⁾. Veja-se, com efeito, a boa formação de (33), por oposição à inaceitabilidade de (31a):

(33) [Situação: A Maria está a pôr os livros na estante. A mãe entra na sala e diz:]

– Aprovo [-]

Em suma: os argumentos apresentados em HANKAMER e SAG 1976 parecem convincentes. Assim, admito que SV Nulo e Despojamento, dado que requerem um antecedente linguístico, devem ser considerados como construções analisáveis no âmbito da Gramática

da Frase.

Recapitulando:

As posições assumidas ao longo deste capítulo levaram-me a delimitar um **conceito de elipse**, e a definir em traços gerais a **perspectiva de tratamento** adoptada neste trabalho.

Assim, são consideradas como elípticas as categorias não foneticamente realizadas que, pelo menos no nível de FL apresentam estrutura interna (cf. secção 1).

Essas categorias elípticas ocorrem directamente nas representações sintácticas e o seu conteúdo é determinado em FL por Reconstrução. Esta operação atribui às elipses a estrutura categorial e lexical dos seus antecedentes.

Em Sintaxe, Estrutura-S parece ser o nível relevante para a representação da estrutura em constituintes das expressões elípticas. Neste nível de representação, de acordo com o Princípio de Projecção, cada categoria elíptica deve ser concebida como a projecção de um núcleo (lexical ou funcional) sem realização fonética (cf. secção 2).

A configuração estrutural que comporta a categoria elíptica e o seu antecedente está sujeita a uma condição de boa-formação, a Não-Circularidade. Esta condição estipula que as categorias elípticas não podem estar contidas no seu antecedente no nível de Forma Lógica (cf. secção 3).

Tendo em vista uma classificação das construções elípticas em termos da Gramática da Frase e da Gramática do Discurso, SV Nulo e Despojamento devem ser caracterizados como "elipses frásicas", uma vez que a categoria elíptica nestas construções requer tipicamente antecedentes linguísticos.

1. Como ZRIBI-HERTZ 1986 comenta, "a etimologia do termo elipse (gr. "elleipsis", "falta") permite a priori incluir sob esta etiqueta todos os tipos de fenómenos linguísticos, desde os enunciados fragmentários ((...) Sim. Que Catástrofe! Primeira à direita), à pressuposição, passando pela gama, mais ou menos vasta segundo as teorias, das formas consideradas como reduzidas, truncadas ou lacunares (sinédoques, metonímias, "apagamentos" de todos os tipos)." (ZRIBI-HERTZ 1986, cap. VIII, p. 365).

2. Em CUNHA e CINTRA 1984, por exemplo, a elipse gramatical é ilustrada pelos seguintes casos:

(i) elipse do sujeito

Ex: Ternura sacudiu os ombros, no susto. Ergueu a cabeça, (...)
(Aníbal M. Machado in CUNHA e CINTRA 1984, pp. 614)

(ii) elipse do verbo

Ex: Vão os dois em diálogo peripatético, ele em passo largo, ela no voo (Carlos Drumond de Andrade, *idem*)

Um senhor. Até na miséria, um senhor (Fernando Namora, *ibidem*)

(iii) elipse da preposição

a. em adjuntos:

Ex: O Bento move-se no assento, **os braços bem apoiados na mesa, a cabeça baixa** (Fernanda Botelho, *ibidem*)

b. em construções integrantes introduzidas por de:

Ex: Bem me **lembro que** ainda eu mesmo alcancei a casa de Dona Rosinha (...) (Augusto Frederico Schmidt, CUNHA e CINTRA 1984, pp. 615)

(iv) elipse da conjunção integrante

Ex: Não cuideis seja a masmorra... (Cecília Meireles, *idem*).

3. Nos primeiros tratamentos em Gramática Generativa Transformacional, os casos de omissão dos sujeitos dos complementos oracionais, actualmente recobertos pela categoria vazia PRO, eram tidos como o resultado de uma regra de supressão conhecida sob a designação de "Equi NP Deletion". Para uma resenha de diferentes abordagens deste fenómeno veja-se WASOW 1979, cap.7.

4. Nestes trabalhos admite-se que o SV Nulo é uma categoria vazia não nominal que partilha com um subconjunto das categorias vazias nominais pelo menos uma propriedade – a obediência ao Princípio da Categoria Vazia.

5. Neste capítulo não me preocuparei com a estrutura "exacta" a atribuir às frases passivas em Português.

6. Um outro fenómeno, "Elevação do Nó Direito" (ing. "Right Node Raising", inicialmente concebido como um caso de extracção, é frequentemente analisado como um caso de elipse. Este fenómeno, que as frases seguintes exemplificam, manifesta-se pela omissão no primeiro membro de uma estrutura frásica de um argumento seleccionado pelo predicador verbal:

(i) O Luís comprou [-] e a Maria leu o jornal

(ii) O Luís comprou [-] [-] e a Maria leu os livros às
crianças

Repare-se que no exemplo (ii) "os livros" e "às crianças" são argumentos de ambos os verbos, "comprar" e "ler". McCAWLEY 1982 e 1987 fornece argumentos contra uma análise de extracção desta construção.

7. Adoptando posicionamentos diversos, defenderam em alturas diferentes uma abordagem interpretativa da elipse autores como AKMAJIAN 1968, JACKENDOFF 1971 e 1972, WASOW 1972, WILLIAMS 1977, ZAGONA 1982, 1988a e 1988b, NAPOLI 1985, ZRIBI-HERTZ 1986, MAY 1985, HAIK 1987 e 1989, LOBECK 1986.

São representativas de tratamentos transformacionalistas da elipse as seguintes obras: ROSS 1967 e 1969, TAI 1969, HANKAMER 1971 (publicado em 1979), HANKAMER e SAG 1976, SAG 1976 (publicado em 1980), NEIJT 1979.

8. Em SAG 1980, a condição de recuperação, que regula a legitimidade da supressão do SV, pressupõe a **caracterização prévia dos SVs** em termos de cálculo lambda (cf. (i)):

(i) "Relativamente a uma frase F_1 , a Supressão do SV pode suprimir qualquer SV em F_1 cuja representação no nível de Forma Lógica seja uma expressão lambda que é uma variante alfabética de outra expressão lambda presente na Forma Lógica de uma outra frase F_2 , que preceda F_1 no discurso" (cf. SAG 1980, (2.1..14), pp. 105-106.

Simplificadamente, duas expressões são variantes alfabéticas, se diferirem apenas nas letras das variáveis (cf. SAG 1980, (2.1..14), pp. 104).

A utilização deste formalismo pretende obviar aos problemas que se põem relativamente à própria noção de identidade.

Com efeito, desde ROSS 1967, foi salientado que essa **identidade** pode ser **estrita**, quando implica a identidade referencial dos argumentos presentes nos predicados envolvidos (cf. (i)), ou **frouxa** (ing. "sloppy"), quando assim não acontece (cf. (ii)):

(i) O Luís não tinha [**SV** visto essa fotografia da Maria] e a Ana também não tinha [**ev-**]

[**ev-**] = visto essa fotografia da Maria

(ii) O Luís tem [**SV** estado muito ocupado] e a Maria também tem [**ev-**]

[**ev-**] = a. estado muito ocupada

b. * estado muito ocupado

9. Nos estudos sobre elipse assistiu-se sistematicamente a tentativas de aplicação dos resultados atingidos nos trabalhos sobre os pronomes pessoais anafóricos (não-reflexivos) aos fenómenos elípticos. Este procedimento levou, por exemplo, WASOW 1972 a isolar, na elipse, os fenómenos que apresentam propriedades análogas aos pronomes pessoais (por exemplo, a não obediência às condições de ROSS 1967), dos que não as manifestam e a interpretar esta partição em termos de uma oposição entre fenómenos anafóricos vs fenómenos de supressão (cf. WASOW 1979,

cap.5).

10. Como ZRIBI-HERTZ 1986 faz notar, as proformas podem apresentar estrutura interna – é o caso de "do it" em Inglês, ou dos seus equivalentes em Português "fazê-lo", "fazer isso". Qualquer destas expressões é analisável como um SV que comporta um verbo e um SN objecto directo. Assim, o que caracteriza aparentemente as proformas é o facto de a sua estrutura interna ser independente da das unidades que lhes servem de antecedente.

11. Como vimos na Introdução, em CHOMSKY 1989 são apresentados como requeridos pelo Princípio da Interpretação Plena em Forma Lógica os seguintes elementos, todos eles concebidos como cadeias:

- i. Argumentos: cada argumento está numa posição argumental (=posição-A), e é marcado casual e tematicamente.
- ii. Adjuntos: cada elemento está numa posição não argumental (=posição-A').
- iii. Elementos lexicais: cada elemento está numa posição de núcleo (=X⁰).
- iv. Predicados.
- v. Construções operador-variável: constituídas por cadeias em que o operador está numa posição-A' e a variável numa posição-A.

(cf. CHOMSKY 1989, p. 63)

Repare-se que, numa frase como (17), o SN "aqueles", dado que não está numa posição-A', é uma projecção máxima, e

estabelece uma relação de predicação com "também o foram", só pode ser caracterizado como um argumento. Deste modo, tem de participar numa cadeia com caso e θ -marcada (cf. i).

12. Repare-se que essa Reconstrução no caso de uma língua que admita elevação dos verbos principais para FLEX (T^o/AC^o, em Pollock 1989) acarreta a cópia de todo o T'/AC' e não apenas do SV. De facto, como o seguinte exemplo mostra, a representação de FL adequada para (a.i) é (a.iii) e não (a.ii).

a. (i) O João [pôs [ev v o livro na estante]] e a Maria
[T'/AC' fez [ev v o mesmo]]

(ii) O João [T'/AC' pôs [ev v o livro na estante]] e a Maria
[T'/AC' fez [ev [v v] [en o livro] [ep na estante]]

(iii) O João [T'/AC' pôs [ev v o livro na estante]] e a Maria
[T'/AC' pôs [ev [v v] [en o livro] [ep na estante]]

Se a Reconstrução se processar como em (a.ii) "fazer", em T'/AC' não pode formar cadeia com o vestígio do verbo em SV: com efeito, a sua estrutura argumental de "fazer" é inconciliável com os argumentos expandidos (- SN SP). Porém se todo o T'/AC' for substituído, como em (a.iii), não há incompatibilidades.

Note-se que, num exemplo como (17), tanto a Reconstrução do SV como a Reconstrução do T'/AC' levariam a representações de FL em que o clítico seria eliminado, ou seja, a representações como (b.iii) e (b.iv).

b. (i) Esse lido foi lido e aquele também o foi

(ii) * [en Esse livro] [T'/AC' foi [ev v [ev lido v] e

- [_{SN} aquele] também [_{T' / AC} ₀] foi [_{sv} v [_{sv} lido v]
- (iii) [_{SN} Esse livro] [_{T' / AC} foi [_{sv} v [_{sv} lido v] e
 [_{SN} aquele] também [_{T' / AC} foi [_{sv} v [_{sv} lido v]
 (Reconstrução do SV)
- (iv) [_{SN} Esse livro] [_{T' / AC} foi [_{sv} v [_{sv} lido v] e
 [_{SN} aquele] também [_{T' / AC} ~~foi~~ [_{sv} v [_{sv} lido v]
 (Reconstrução de T' / AC')

Em (b.ii) o clítico não pode ser associado a nenhuma posição-A. Deste modo, tendo em vista o Princípio da Interpretação Plena, ou o clítico, deve ser suprimido em FL, ou a representação deve ser excluída como mal-formada, pois comporta elementos sem conteúdo em FL.

13. Na literatura diversas condições têm sido propostas para captar a impossibilidade de Circularidade denotativa das elipses e dos pronominais, veja-se, por exemplo, a Condição do i-sobre-i de CHOMSKY 1981 (cf. (i)), ou a Condição sobre Dependência Referencial de HIGGINBOTHAM 1983, adoptada em HAIK 1987 para casos de SV Nulo contido no antecedente (cf. (ii)).

(i) * [_τ..._δ...], em que τ e δ apresentam o mesmo índice
 (CHOMSKY 1981, cap.3, (73), p. 212)

(ii) Exclua uma estrutura em que um constituinte X é anotado como referencialmente dependente de si próprio
 (HAIK 1987, (7), p. 506)

14. WILLIAMS 1977 dá os seguintes exemplos para o Inglês, ilustrativos da infracção por parte de SV Nulo da Condição do SN

Complexo (cf. (i)) e da Condição da Estrutura Coordenada (cf. (ii)):

(i) The man who didn't leave knows the man who did

(WILLIAMS 1977, (1), p.101)

(ii) John didn't immediately open the door – first he shut the window, and then he did.

(WILLIAMS 1977, (2), p.101)

15. HANKAMER e SAG 1976 retiram deste contraste a seguinte generalização: SV Nulo, Elipse Lacunar, Despojamento e Escoamento pertencem à mesma classe de fenómenos elípticos, aqueles que relevam da Anáfora de Superfície (ou seja, que são gerados por operações de Supressão), por oposição, por exemplo, a Anáfora do Complemento Nulo (ing. Null Complement Anaphora) que é uma instância de Anáfora Profunda (i.e., um constituinte nulo logo em estrutura profunda como uma categoria vazia).

Poderíamos eventualmente repensar esta distinção em termos da oposição categoria elíptica vs categoria vazia.

Capítulo 3

**CARACTERIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE
SV NULO
E DESPOJAMENTO**



CARACTERIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE SV NULO E DESPOJAMENTO

O presente capítulo ocupar-se-á da caracterização das construções de SV Nulo e de Despojamento. Na secção 1, estas construções serão diferenciadas entre si e distinguidas de outras com as quais em certos contextos se confundem; nas secções 2 e 3, procedendo a uma análise comparativa com o Inglês, o Francês e o Espanhol, serão descritas as suas propriedades no Português.

1. Delimitação das construções de SV Nulo, Despojamento, Objecto Nulo e Contraste Sintagmático

1.1. As construções de SV Nulo e de Objecto Nulo em Português

O termo **SV Nulo** designa o fenómeno de elipse que afecta o SV, uma categoria sintáctica constituída pelo verbo, pelos seus complementos⁽¹⁾ e, opcionalmente, pelos seus adjuntos⁽²⁾.

O contraste de gramaticalidade entre as frases (1) e (2) mostra que, no Inglês, só verbos auxiliares podem ocorrer em adjacência estrita ao constituinte elíptico⁽³⁾; a presença de verbos principais nesta posição determina a agramaticalidade das frases (cf. (2)).

(1) a. Sandy goes to Boston and Betsy **should** [sv -] too.

(SAG 1980, (1.1.2.c.), p.11)

b. Those books may have been read, and these articles **may have been** [sv -] too

(ZAGONA 1988a, (64a), p.119)

- (2) * John lets Mary use the computer when he's in a good mood
and Bill **lets** too, even when he's upset
(cf. LOBECK 1987, (47), p.36)

Tendo por base o modelo Inglês, somos levados a atribuir representações estruturais distintas às seguintes frases em Português:

(4) O João **viu** [-]

(5) A Maria atribuiu as culpas do desastre ao motorista, e a Teresa também **atribuiu** [-]

[-] = as culpas do desastre ao motorista

(6) A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e a Teresa também **tinha** [-]

[-] = atribuído as culpas do desastre ao motorista

(7) A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e a Teresa também **tinha atribuído** [-]

[-] = as culpas do desastre ao motorista

Estes exemplos diferem entre si pelo número e o tipo de elementos verbais que ocorrem lexicalmente realizados: em (4) e (5) um verbo principal, em (6) apenas um verbo auxiliar, em (7) uma sequência formada por Verbo auxiliar + Verbo principal.

A primeira vista, nestes exemplos, apenas (6) apresenta a configuração típica de SV Nulo – o constituinte elíptico é um SV.

A frase (4) aparenta ser um caso de Objecto Nulo, e, de

facto, uma das representações a atribuir a (4) é (8), em que a categoria vazia é caracterizada como o SN objecto directo do Verbo.

(8) O João viu [SN -]

Por seu turno, (5) e (7) parecem ter um estatuto intermédio entre estas duas construções – como em Objecto Nulo, o verbo principal encontra-se realizado; como em SV Nulo, a categoria vazia tem por antecedente todos os complementos do verbo principal e não apenas o objecto directo.

O exemplo (4) pode, contudo, surgir como um elemento de uma frase como (9), estruturalmente semelhante a (5) e a (7):

(9) A Maria não viu o desastre mas o João viu [-]

A aproximação destas frases levanta, assim, o problema da sua caracterização como manifestações de Objecto Nulo ou de SV Nulo.

Baseando-me nos argumentos de RAPOSO 1986, procurarei demonstrar que as frases (5), (6) e (7) são efectivamente ilustrativas de SV Nulo enquanto que (4), isolada de um contexto linguístico ou situacional é uma frase estruturalmente ambigua – em contextos apropriados pode ser analisada quer como uma instância de Objecto Nulo, quer como uma instância de SV Nulo.

Afirmar que os exemplos (4), (5) e (7) podem ser considerados como casos de SV Nulo, equivale a dizer que, em Português, diferentemente do que acontece em Inglês, os verbos principais ocorrem nesta construção.

Segundo RAPOSO 1986, Objecto Nulo distingue-se de SV Nulo pelo seguinte conjunto de propriedades:

(10) SV Nulo vs Objecto Nulo

- (i) SV Nulo afecta todos os constituintes argumento e adjunto pertencentes ao SV. Objecto Nulo, pelo contrário só afecta o objecto directo do verbo.
- (ii) O conteúdo referencial de Objecto Nulo pode ser pragmaticamente fixado quer por um fragmento de discurso anterior, quer por um contexto situacional. Na generalidade dos casos, SV Nulo vê o seu conteúdo fixado por um antecedente linguístico⁽⁴⁾
- (iii) SV Nulo não é sensível a infracções da Subjacência, Objecto Nulo é.

As propriedades enunciadas em (10.i) são exemplificadas por (11) e (12):

(11) a. O João viu [_{EN} o desastre] [_{EP} na televisão] [_{SADV} ontem]
e a Maria também viu [-]
viu [-] = [_{EV} viu o desastre na televisão ontem]

b. A Maria atribuiu [_{EN} as culpas do desastre] [_{EN} ao motorista], e a Teresa também atribuiu [-]
atribuiu [-] = [_{EV} atribuiu as culpas do desastre ao motorista]

(12) A Joana viu [_{EN} -] na televisão ontem
(RAPOSO 1986, (1), p.373)

A propriedade (10.ii) é exemplificada, para Objecto Nulo,

pela possibilidade de, dado um contexto como (13), (13A), contrariamente a (13B), constituir um enunciado adequado:

(13) [Contexto: Alguém [sv procura [sn as chaves da casa] numa gaveta]. Outra pessoa entra na sala e, percebendo o que se passa, diz:]

A – A Maria pôs [sn –] na primeira prateleira da estante.

[sn –] = as chaves da casa

B – ??* A Maria também procurou [sv –]

[sv –] = [sv procurou [sn as chaves da casa] numa gaveta]‘e’

Enquanto em (13A) é possível recuperar o conteúdo do SN "as chaves de casa", em (13B) a categoria vazia não pode ser interpretada como denotando o SV "procurou as chaves da casa numa gaveta".

A terceira propriedade, ou seja, o comportamento de Objecto Nulo e de SV em contextos de Ilha, é ilustrada pelo contraste entre os exemplos (14) e (15):

(14) [Contexto: Alguém pensando nos bolos que estão em cima da mesa, diz:]

* – [sn O rapaz [scomp que trouxe [sn–] mesmo agora da pastelaria era o teu afilhado

(cf. RAPOSO 1986 (17b), p. 382)

(15) a. O Luís comprou pastéis de nata em Belém hoje e a Maria tem [sn uma colega [scomp que também comprou [sv–]]]

b. O Luís tem comprado pastéis de nata em Belém ultimamente

e a Maria tem [_{SN} uma colega [_{SCOMP} que também tem [_{SV}—]]]

Objecto Nulo está sujeito à Restrição do SN Complexo (cf. (14)), porém, SV Nulo, não (cf.(15)). Na literatura, esta condição é classicamente considerada como uma das manifestações de uma condição mais geral, a Subjacência. Podemos pois concluir que SV Nulo, diferentemente de Objecto Nulo, não obedece à Subjacência⁽⁶⁾.

Em suma, a análise efectuada nesta secção mostra que os constituintes nulos presentes nas construções de SV Nulo e de Objecto Nulo, apresentam propriedades diferentes – natureza categorial, modo de fixação do conteúdo do constituinte nulo e comportamento face à Condição de Subjacência.

As representações estruturais a atribuir a estas construções devem, pois, também ser diferentes: se a construção de Objecto Nulo em Português Europeu pode ser tratada como uma estrutura de Tópico Marcado (cf. RAPOSO 1986 e DUARTE 1987), o mesmo não se passa com a construção de SV Nulo (cf. secções 2.1. e 2.2.3. deste capítulo)⁽⁷⁾.

1.2. SV Nulo e Despojamento

Consideremos, seguidamente, os enunciados (16) e (17):

(16) A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e a Teresa também tinha [–] (= (6))

[–] = atribuído as culpas do desastre ao motorista

(17) A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e

a Teresa também [-]

[-] = tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista

As frases (16) e (17) apresentam **elipse do predicado**. Porém, embora esse predicado inclua o próprio SV, não é possível considerar ambas as frases como manifestações de SV Nulo, pois, como veremos, apresentam uma estrutura e uma distribuição diversas.

A construção presente em (17) é Despojamento (ing. Stripping), caracterizada em HANKAMER e SAG 1976, como uma construção elíptica em que são omitidos, por identidade com as partes correspondentes de uma oração antecedente, todos os constituintes à exceção de um único, e, por vezes, de um advérbio (cf. HANKAMER e SAG 1976, op. cit., p. 409) (e).

No Português, ocorrem na construção de Despojamento as expressões adverbiais "não", "sim", "também" e "também não" (cf. (18)):

- (18) a. A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e a Teresa **também**
- b. A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **mas** a Teresa (aliás, contra o esperado) **também**
- c. A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **e/mas** a Teresa **não**
- d. A Maria **não** tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **mas** a Teresa **sim**
- e. A Maria **não** tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista e a Teresa **também não**

- f. A Maria **não** tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **mas** a Teresa (aliás, contra o esperado) **também não**

Em Despojamento, a presença destes adverbiais é obrigatória e têm uma função específica – **permitir a recuperação do constituinte que funciona como predicado da oração elíptica.** Veja-se, assim, a agramaticalidade das frases seguintes:

- (19) a. * A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **e/mas** a Teresa
b. * A Maria não tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **e/mas** a Teresa

Essa recuperação efectua-se devido ao valor que assumem os adverbiais em questão: "**também**" e "**também não**" funcionam como operadores^(*) de denotação predicativa idêntica; "**não**" e "**sim**", advérbios de polaridade negativa e positiva, funcionam como operadores de denotação predicativa disjunta.

O contraste entre os exemplos (18) e (20) mostra que a escolha do adverbial tem a ver directamente com a natureza afirmativa ou negativa da frase coordenada antecedente, e só indirectamente com a selecção da partícula de coordenação:

- (20) a. * A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **e/mas** a Teresa **também não**
b. * A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **e/mas** a Teresa **sim**
c. * A Maria **não** tinha atribuído as culpas do desastre ao

motorista **e/mas** a Teresa **também**.

d. * A Maria **não** tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **e/mas** a Teresa **não**

A coordenação adversativa ou contrajuntiva (cf. MATEUS et alii 1989)⁽¹⁰⁾, embora facilite a ocorrência de operadores de denotação disjunta em Despojamento, não a determina. Com efeito **qualquer adverbial de denotação predicativa pode ocorrer em contextos de coordenação conjuntiva** (cf. "e") ou **adversativa** (cf. "mas") – veja-se a boa formação dos exemplos (18a)–(18b), (18c) e (18e)–(18f).

Pelo contrário, **a escolha do operador de denotação predicativa decorre da polaridade da frase não elíptica:**

Se o adverbial na frase elíptica for um **operador de denotação predicativa idêntica**, então as frases têm de ter a **mesma polaridade**, afirmativa ou negativa – veja-se a boa formação das frases (18a)–(18b), por oposição à agramaticalidade de (20a) e (20c).

Se o adverbial na frase elíptica for um **operador de denotação predicativa disjunta**, então, as frases têm de ter **polaridade oposta** – confronte-se a gramaticalidade de (18c) e de (18d) com a agramaticalidade de (20b) e de (20d)⁽¹¹⁾.

Em Português, a construção de **Despojamento**, apresenta **propriedades que a aproximam de SV Nulo:**

(21) Despojamento e SV Nulo – propriedades comuns:

- (i) Ambas as construções exigem um **antecedente linguístico**, e não apenas situacional.

ausência dos advérbios "também" ou "não", não é explicitada nenhuma relação de denotação idêntica ou disjunta entre os predicados das orações presentes.

A agramaticalidade de (23a) e (23b) pode ser explicada, pelo menos parcialmente, nos mesmos termos. Com efeito, tanto em SV Nulo como em Despojamento, o conteúdo do predicado elíptico é fixado pelo predicado da oração antecedente. A função primordial dos advérbios de denotação predicativa é, pois, de novo, permitir o **confronto entre duas predicacões distintas mas de conteúdo denotativo parcialmente idêntico.**

A par destas características comuns, **Despojamento e SV Nulo** apresentam **propriedades distintivas:**

(24) Despojamento vs SV Nulo

(i) Em Despojamento não só o Sujeito, mas qualquer projecção máxima detendo uma relação temática ou funcionando como um predicado pode ocorrer lexicalmente realizada.

(ii) Despojamento é sensível a contextos-ilha imputáveis a infracções da Condição de Subjacência ou do Princípio da Categoria Vazia.

As frases em (25), (26) e (27) exemplificam a propriedade (24.i), para os constituintes detentores de uma relação temática:

(25) A Maria atribuiu as culpas do desastre ao motorista

a. e [S_{NULO} a Teresa] também [-] (Sujeito)

[-] = [S_{NULO}-] atribuiu as culpas do desastre ao

(ii) Despojamento, como SV Nulo (em determinados contextos),
requer a presença de **advérbios de denotação predicativa**.

Assim, o grau de marginalidade de (22), um exemplo de Despojamento, é idêntico ao de (13), um caso de SV Nulo:

(22) [Contexto: Alguém [_{SV} procura [_{EN} as chaves da casa] numa gaveta]. Outra pessoa entra na sala e, percebendo o que se passa, diz:]
- * A Maria também

Do mesmo modo, (23a), representativo de SV Nulo, é tão agramatical como (23b), ilustrativo de Despojamento:

(23) a. * A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **e/mas** a Teresa tinha (atribuído) [-]
b. * A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **e/mas** a Teresa [-] (cf. (19))

Repare-se que a ausência dos advérbios de denotação predicativa também produz resultados inaceitáveis em frases coordenadas não elípticas, como (23c):

(23c) * A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista **e/mas** a Teresa tinha-o feito

A inaceitabilidade de (23c) parece decorrer fundamentalmente da impossibilidade de estabelecer um confronto entre os predicados da orações coordenadas. Esses predicados apresentam a mesma denotação, uma vez que o conteúdo de "fazê-lo" é estabelecido pelo predicado da oração antecedente. Porém, dada a

motorista

b. e [**ENod a fuga dos assaltantes**] também [-] (Objecto Directo)

[-] = a Maria atribuiu [**ENod-**] ao motorista

c. e [**ENo1 ao mau tempo**] também [-] (Objecto Indirecto)

[-] = a Maria atribuiu as culpas do desastre [**ENo1-**]

(26) A Maria ouve sempre o noticiário à hora do almoço

e [**EP à hora do jantar**] também [-] (Adjunto temporal)

[-] = a Maria ouve sempre o noticiário [**EP-**]

(27) A Maria culpabilizou-se para ilibar o António e [**EPpara**

ilibar a Teresa] também [-] (Adjunto final)

[-] = a Maria se culpabilizou [**EP-**]

As frases (28) e (29) mostram a possibilidade de sintagmas predicativos verbais e adjectivais aparecerem em Despojamento:

(28) a. A Maria tem guardado os livros na estante mas [**EV**
arrumado os cadernos na pasta], não [-]

[-] = a Maria não tem [**EV-**]

b. A Maria tem lido muitos livros, e [**EV escrito muitos**
artigos], também [-]

[-] = a Maria tem [**EV-**]

(29) A Maria não considera o Pedro inteligente e [**EAAdj simpático**],
também não [-]

[-] = a Maria não considera o Pedro [**EAAdj-**]

As frases seguintes, por seu turno, mostram que estão excluídos de Despojamento constituintes Núcleo (cf. (30)) e sintagmas sem relação temática ou sem valor predicativo (cf.

(31)):

(30) * A Maria pôs os livros na estante e [_T⁰ **arrumou / arrumar**],
também [-]

(31) a. * Possivelmente a Maria vai ao cinema hoje mas
[**adv** necessariamente], não [-]

b. ?? * A Ana não leu rapidamente o livro e
[**adv** cuidadosamente], também não [-]

O facto de, em Despojamento, a projecção máxima foneticamente realizada não se restringir ao SN Sujeito indica que a categoria elíptica nesta construção não se reduz ao SV. Assim, Despojamento e SV Nulo apresentam uma estrutura diversa.

Considerem-se seguidamente, as propriedades (24.ii), ou seja, a **sensibilidade de Despojamento a contextos de ilha**.

Repare-se, em primeiro lugar, que, em Português, Despojamento pode ocorrer em domínios de subordinação⁽¹²⁾:

(32) O João viu a Maria no cinema ontem e a Ana julga **que** [o Pedro também [-]]

(33) João disse que não ia ao cinema hoje e a Maria replicou imediatamente **que** [ela também não [-]]

O comportamento de **Despojamento em frases subordinadas** é semelhante ao das **extracções-Q a longa distância**. Assim, **Despojamento** manifesta **efeitos de Ilha**, classicamente explicados na literatura sobre Movimento-Q longo, em termos de **infracções de Subjacência**. Porém, como vimos no capítulo 2, estes efeitos de

ilha são actualmente interpretados ora como **infracções da Subjacência**, ora como **infracções do Princípio da Categoria Vazia**, consoante o tipo de Movimento-Q envolvido – Movimento-Q longo ou Movimento ciclico sucessivo (cf. RIZZI 1990 e CINQUE 1991). Assim, a sensibilidade de **Despojamento** aos contextos de ilha, mostra que esta construção **obedece pelo menos a um destes princípios**.

Despojamento, é sensível à **Restrição do Sujeito Frásico**⁽¹³⁾:

- (34) a. ?? * Que o João vá ao cinema é bom, mas [que a Maria não
[-]] é péssimo
b. * A Maria sabe Inglês, mas [que o Pedro não [-]] é
possível⁽¹⁴⁾

Do mesmo modo, Despojamento tem de respeitar a **Restrição do SN Complexo em SNs em orações relativas**⁽¹⁵⁾:

- (35) a. * O João fala Japonês e eu tenho [SN um aluno que também
[-]]
b. * O João não sabe falar Japonês e conheço [SN muitas
pessoas que também não [-]]
c. ??* Eu nunca compro essa revista mas tenho [SN amigos que
sim [-]]
d. ??* A Maria lê regularmente os jornais mas sei de
[SN muitas pessoas que não [-]]⁽¹⁶⁾

Despojamento não pode infringir a **Restrição do SN Complexo em orações completivas de nome**⁽¹⁷⁾:

- (36) a. * O João está doente mas a Maria não admite [SN a

hipótese de (que) ela também [-]

- b. * O João decidiu que passava as férias em casa e a Maria tomou logo [**EN** a decisão de que ela também / não [-]]
- c. * O João foi ao cinema com a Ana hoje e a Maria espalhou [**EN** o boato de que ao teatro também [-]]

Despojamento está sujeito à **Restrição da Ilha-Q⁽¹⁸⁾**:

- (37) a. * O João não vai ao cinema hoje e a Maria perguntou [**SCOMP** quem mais também não [-]]
- b. * O João não vai ao cinema hoje e a Maria perguntou [**SCOMP** quem sim [-]]
- c. * O João foi a esse cinema hoje e a Maria pergunta-se [**SCOMP** a que outro cinema também [-]]

Finalmente, Despojamento está sujeito à **Restrição da Ilha da Frase Adjunto⁽¹⁹⁾** :

- (38) a. * O João está contente se a Maria também [-]
- b. * O João tem posto os livros na estante sempre que a Maria não [-]
- c. * O João vai ao cinema sem que ao teatro também [-]

Diferentemente de Despojamento, **SV Nulo não é sensível a estes contextos de Ilha**. Veja-se a gramaticalidade dos exemplos seguintes:

(39) **Ilha do Sujeito Frásico:**

Que o João tenha ido ao cinema hoje é bom mas [**SCOMP** que a Maria não tenha [**SV**-] é péssimo⁽²⁰⁾

(40) **Ilha do SN Complexo em frases relativas:**

- a. O João tem falado Japonês ultimamente e eu tenho [**SN** um aluno que também tem [**SV-**]]
- b. Eu não tenho comprado essa revista mas conheço [**SN** várias pessoas que têm [**SV-**]]

(41) **Ilha do SN Complexo em frases completivas de nome:**

- a. O João está doente mas a Maria não admite [**SN** a hipótese de que ela também esteja [**SV-**]]
- b. O João decidiu que passava as férias em casa e a Maria tomou logo [**SN** a decisão de que ela também / não passava [**SV-**]]

(42) **Ilha-Q:**

O João não tem ido ao cinema ultimamente e a Maria perguntou [**SCOMP** quem mais também não tem [**SV-**]]

(43) **Ilha da Frase Adjunto:**

- a. O João está contente [**SCOMP** se a Maria também estiver [-]]
- b. O João tem posto os livros na estante [**SAOV** sempre que a Maria não tem (posto)[**SV-**]]
- c. O João tem ido ao cinema [**SP** sem que a Maria tenha [**SV-**]]

Em síntese, Despojamento e SV Nulo são construções distintas pois apresentam uma **estrutura** e uma **distribuição** diversas: (i) em Despojamento, diferentemente do que acontece em SV Nulo, a projecção máxima que precede o constituinte elíptico não é necessariamente o SN sujeito e o constituinte elíptico não engloba apenas o SV — a estrutura das duas construções não é, pois, idêntica; (ii) o comportamento de SV Nulo e de Despojamento

face aos contextos de Ilha mostra também que a sua distribuição não é coincidente.

1.3. Despojamento e Contraste Sintagmático

Como vimos na secção anterior, em Despojamento, a presença de um advérbio de denotação predicativa é crucial para reconstituir o domínio oracional do segundo membro coordenado (cf. o contraste de gramaticalidade entre (44) e (45)):

(44) O João ofereceu um disco à Maria ontem e

- a. o Pedro **também**
- b. uma caneta **também**
- c. ao Pedro **também**
- d. hoje **também**

(45) O João ofereceu um disco à Maria ontem e

- a. * o Pedro
- b. ??* uma caneta
- c. ??* ao Pedro
- d. ??* hoje

Nos seguintes exemplos, porém, a presença do adverbial "sim" é facultativa:

(46) O João **não** ofereceu um disco à Maria ontem

- a. ?? mas (sim) o Pedro
- b. mas (sim) uma caneta
- c. mas (sim) ao Pedro
- d. mas (sim) hoje

A esta propriedade, adiciona-se uma outra: os constituintes sujeito parecem ser marginalmente aceites – com efeito, em (46a) o SN "o Pedro" é preferencialmente interpretado como o correlato do objecto directo, e daí a estranheza da frase.

Os contrastes de gramaticalidade entre os exemplos (45)–(46) e (46a) – (46b,c e d) permitem levantar a hipótese de, em (46), não estarmos perante casos de Despojamento, mas de uma outra construção que designarei por **Contraste Sintagmático**.

Entre estas duas construções há, com efeito, diferenças sintácticas e semânticas importantes:

(47) Despojamento vs Contraste Sintagmático:

(i) Em Despojamento são sempre confrontadas duas expressões predicado, pertencentes a proposições distintas; em Contraste Sintagmático, são confrontados sintagmas, com uma função temática ou predicativa, a incluir numa única proposição.

(ii) Despojamento apresenta uma estrutura oracional elíptica; Contraste Sintagmático envolve constituintes sintagmáticos não-elípticos.

(iii) Em Contraste Sintagmático, os constituintes confrontados são focos **contrastivos** marcados; em Despojamento, não⁽²¹⁾.

A propriedade (47.i) está patente na **distribuição dos adverbiais** "não", "sim", "também" e "também não" em cada uma destas construções: enquanto em Despojamento estes elementos precedem o predicado elíptico (cf. (48), (50) e (52)), em

Contraste Sintagmático, precedem o sintagma contrastado (cf. (49), (51) e (53)):

(48) O João ofereceu um disco à Maria no Natal

- a. e/mas o Pedro **não** [–]
- b. e/mas uma caneta **não** [–]
- c. e/mas na Páscoa **não** [–]

(49) O João ofereceu um disco à Maria no Natal

- a. (?) e/mas **não** [o Pedro]
- b. e/mas **não** [uma caneta]
- c. e/mas **não** [na Páscoa]

(50) O João não ofereceu um disco à Maria no Natal

- a. mas o Pedro **sim** [–]
- b. mas uma caneta **sim** [–]
- c. mas na Páscoa **sim** [–]

(51) O João não ofereceu um disco à Maria no Natal

- a. (?) mas **sim** [o Pedro]
- b. mas **sim** [uma caneta]
- c. mas **sim** [na Páscoa]

(52) O João ofereceu um disco à Maria no Natal

- a. e o Pedro **também** [–]
- b. e uma caneta **também** [–]
- c. e na Páscoa **também** [–]

(53) O João ofereceu um disco à Maria no Natal

- a. ? e **também** o Pedro
- b. e **também** uma caneta

c. e **também** na Páscoa

Assim, a **colocação** destes elementos indica o constituinte **sobre o qual têm escopo**.

Nas frases acima, à diferente colocação do adverbial estão associadas **diferenças de sentido** – enquanto em (48), (50) e (52) são **confrontadas expressões predicado**, em (49), (51) e (53) são **confrontados argumentos ou adjuntos** que participam numa mesma predicação.

Tanto em **Despojamento** como na construção de **Contraste Sintagmático**, esse **confronto** pode assumir a forma de uma **denotação disjuntiva** ou de uma **co-denotação**:

Nos exemplos (48) e (50), representativos de Despojamento, são confrontadas duas predicacões pelo seu valor denotativo disjunto; em (51) e (53), manifestações de Contraste Sintagmático, são confrontados dois constituintes (argumentos ou adjuntos) tendo em vista a sua inclusão ou não numa única predicação.

Em (52), são identificadas duas predicacões distintas por terem o mesmo valor denotativo; em (53), são identificados dois constituintes diferentes pela sua possibilidade de participarem numa mesma predicação.

Corroborando a distinção entre Despojamento e Contraste Sintagmático, as frases seguintes mostram que **os adverbiais que ocorrem em cada uma destas construções não coincidem integralmente**:

(54) O João não ofereceu um disco à Maria no Natal

- a. e o Pedro **também não**
- b. e uma caneta **também não**
- c. e na Páscoa **também não**

(55) O João não ofereceu um disco à Maria no Natal

- a. * e **também não** o Pedro
- b. * e **também não** uma caneta
- c. * e **também não** na Páscoa

A expressão adverbial "**também não**", que só pode funcionar como um **operador de denotação predicativa**, ocorre em Despojamento (cf. (54)), mas está excluída de Contraste Sintagmático (cf. (55)).

Por sua vez advérbios como "**mais**", "**ainda**", "**só**" e "**apenas**", podem aparecer na construção de **Contraste Sintagmático** (cf. (56) e (57)) mas não em Despojamento (cf. (58) e (59)):

(56) O João ofereceu um disco à Maria no Natal

- (a) e **ainda/mais** uma caneta
- (b) e **ainda/mais** ao Pedro

(57) O João **não** ofereceu um disco à Maria no Natal

- (a) mas **só/apenas** uma caneta
- (b) mas **só/apenas** ao Pedro

(58) O João ofereceu um disco à Maria no Natal

- (a) * e uma caneta **ainda/mais**
- (b) * e ao Pedro **ainda/mais**

(59) O João **não** ofereceu um disco à Maria no Natal

- (a) * e uma caneta **só/apenas**

(b) * e ao Pedro **só/apenas**

A construção de **Contraste Sintagmático** não tem exclusivamente por alvo constituintes com uma relação temática atribuída, i. e., **argumentos e adjuntos**. Como as frases seguintes mostram, esta construção pode envolver **SVs** (cf. (60)), **sintagmas predicativos adjectivais** (cf. (61)), ou até "**sintagmas oracionais**" (cf. (62)):

(60) a. O João tem lido livros à Maria ultimamente e [**não**
[SV jogado ténis com o Pedro]]

b. O João **não** tem lido livros à Maria ultimamente mas
[**sim/apenas/só** [SV jogado ténis com o Pedro]]⁽²²⁾

c. O João tem lido livros à Maria ultimamente e [**também**
/ainda [SV jogado ténis com o Pedro]]

(61) a. A Maria é [**sadj** inteligente], sem dúvida, mas [**não**
[**sadj** simpática]

b. A Maria **não** está [**sadj** doente] hoje mas [**sim/só/apenas**
[**sadj** cansada]

c. O João considera a Maria [**sadj** simpática] e [**também**
/ainda [**sadj** muito prestável]

(62) a. O João disse [**scomp** que a Maria tinha comprado esse
livro] e **não** [**scomp** que ela o tinha lido]

b. O João **não** disse [**scomp** que a Maria tinha comprado esse
livro] mas **sim** [**scomp** que ela o tinha lido]

A comparação entre os exemplos (60a) vs (63) e (61) vs (64) evidencia que, quando os constituintes confrontados por **Contraste**

Sintagmático são sintagmas predicativos, as fronteiras entre esta construção e Despojamento tornam-se ténues do ponto de vista semântico:

(63) O João tem lido livros à Maria ultimamente mas/e [SV jogado
ténis com o Pedro] não / também [-]

[-] = o João não/também tem [SV-] ultimamente

(64) A Maria é inteligente, sem dúvida, mas/e [simpática
simpática] não / também [-]

[-] = a Maria não/também é [simpática-]

Porém, nos exemplos de Despojamento, i. e., em (63) e (64), esses sintagmas predicativos são interpretados como expressões sobre as quais vai ser formulada uma predicação pertencente a uma proposição distinta da da oração antecedente. Pelo contrário, em Contraste Sintagmático (cf. (60) e (61)), os sintagmas predicativos são confrontados entre si tendo por base uma única proposição: é equacionada a possibilidade de serem ou não incluídos nessa proposição.

Este último aspecto remete-nos para a propriedade distintiva formulada em (47.ii) – **Despojamento apresenta uma estrutura oracional elíptica, Contraste Sintagmático envolve constituintes sintagmáticos não-elípticos**⁽²³⁾.

Consequentemente, **apenas Despojamento pode surgir em domínios de subordinação** – veja-se o contraste de gramaticalidade entre os exemplos (a) e (b) seguintes:

(65) a. O João ofereceu um disco à Maria mas a Teresa disse

- [**scomp** que o Pedro **não**]
- b. * O João ofereceu um disco à Maria mas a Teresa disse
[**scomp** que **não** o Pedro]
- (66) a. O João não ofereceu um disco à Maria mas a Teresa disse
[**scomp**que ao Pedro **sim**]
- b.* O João não ofereceu um disco à Maria mas a Teresa disse
[**scomp**que **sim** ao Pedro]
- (67) a. O João ofereceu um disco à Maria e a Teresa disse
[**scomp**que uma caneta **também**]
- b. ??* O João ofereceu um disco à Maria e a Teresa disse
[**scomp**que **também** uma caneta]
- (68) a. O João tem lido livros à Maria ultimamente mas julgo
[**scomp**que [SV jogado ténis com o Pedro] **não**]
- b. * O João tem lido livros à Maria ultimamente mas julgo
[**scomp**que [**não** [SV jogado ténis com o Pedro]]]
- (69) a. A Maria está [**sadj** cansada, mas julgo [**scomp**que
[**sadj** doente] **não**]
- b. * A Maria está [**sadj** cansada mas julgo [**scomp**que [**não**
[**sadj** doente]]]

A natureza sintagmática de **Contraste Sintagmático**, face ao carácter intrinsecamente oracional de Despojamento, é corroborada pelo facto de só a primeira destas construções ter **paráfrases em que os sintagmas contrastados são contíguos**, formando um único constituinte – compare-se a gramaticalidade dos exemplos (70), representativos de **Contraste Sintagmático**, com a marginalidade

dos exemplos (71) ilustrativos de Despojamento⁽²⁴⁾:

- (70) a. [~~em~~ O João, mas **não** o Pedro], ofereceu um disco à Maria ontem
- b. O João ofereceu [um disco, e (**também**) uma caneta], à Maria ontem
- c. O João **não** ofereceu [um disco, mas (**sim**) uma caneta], à Maria ontem
- d. O João vai [jogar ténis com o Pedro, mas **não** ler livros à Maria] , **se tiver tempo disponível**
- (cf. O João vai jogar ténis com o Pedro se tiver tempo disponível, mas não ler livros à Maria)

- (71) a. * ?? [O João, mas o Pedro **não**], ofereceu um disco à Maria ontem
- b. ?? O João ofereceu [um disco, e uma caneta **também**], à Maria ontem
- c. * O João **não** ofereceu [um disco, mas uma caneta **sim**], à Maria ontem
- d. ??* O João vai [jogar ténis com o Pedro, mas ler livros à Maria **não**], **se tiver tempo disponível**
- (cf. O João vai jogar ténis com o Pedro se tiver tempo disponível, mas ler livros à Maria, não).

O contraste entre os exemplos (70d) e (71d) é elucidativo pois mostra que, em Despojamento, se a oração condicional estiver separada da oração não elíptica pelo suposto sintagma contrastado, não pode ter escopo sobre ela (cf. (71d)) – na verdade, nesta construção esse sintagma está integrado num

domínio oracional autónomo. A ocorrência da oração condicional nesse domínio oracional, determina que é sobre ele que o seu escopo se verifica.

O mesmo não se passa em **Contraste Sintagmático** (cf. (70d)) – com efeito, nesta construção, **os sintagmas contrastados formam um único constituinte, contínuo ou descontínuo**, e a oração condicional tem escopo sobre o único domínio oracional existente.

Finalmente, uma última propriedade distingue Despojamento de Contraste Sintagmático: em Contraste Sintagmático, os constituintes confrontados são focos contrastivos marcados, em Despojamento, não (cf. propriedade (47.iii)).

Em termos da **estrutura informacional das frases**, o foco é a unidade que detém o conteúdo cognitivo novo, i.e., ainda não partilhado pelo interlocutor, por oposição ao **tópico**, que frequentemente coincide com a informação que o locutor supõe ser comum a si e ao seu interlocutor.

O Português dispõe de **estratégias de focalização prosódicas e sintácticas**, por vezes utilizadas em simultaneidade.

A marcação prosódica de foco manifesta-se pela incidência de um **acento de intensidade** sobre o constituinte a focar. Por sua vez, são processos sintácticos de focalização de um constituinte a sua colocação sob o escopo de um **marcador de foco** (por, ex.: "até", "mesmo") ou a sua ocorrência em **posição pós-verbal** (cf. MATEUS et alii 1983: 7.3, pp. 214–216; 10.1.4.2., pp. 356–359).

Os dois primeiros processos encontram-se representados nas construções de Contraste Sintagmático em exemplos como os seguintes, em que o constituinte afectado pelo acento de

intensidade é representado em maiúsculas, e o marcador de foco se encontra a negrito:

- (72) a. O JOÃO, e [**não** o Pedro], ofereceu um disco à Maria ontem
b. O JOÃO ofereceu um disco à Maria e [**não** o Pedro]

(73) O JOÃO não atribuiu as culpas do desastre ao motorista, mas
[**sim** a Maria]

A focalização de um constituinte por ocorrência em posição pós-verbal está igualmente presente na construção de Contraste Sintagmático, como mostra a diferente aceitabilidade dos exemplos (a) e (b) seguintes:

(74) O João não ofereceu um disco à Maria ontem

- a. ?? mas (**sim**) o Pedro
b. mas (**sim**) uma caneta

(75) O João pôs o livro na mesa

- a. ?? mas **não** o Pedro
b. mas **não** uma caneta

(76) O João encontrou a Maria no restaurante

- a. e **também** o Pedro
b. ? e **também** uma caneta

Nas frases (74a), (75a) e (76a), o SN "o Pedro" dificilmente é interpretado como entrando em Contraste Sintagmático com o sujeito frásico. Com efeito, em nenhuma das frases dadas, o SN sujeito ("o João") é focalizado por um acento de intensidade. Deste modo, o constituinte sob o escopo do marcador de foco

("não", "sim", "também") não o pode escolher como correlato, e vai antes tentar encontrar um outro SN focalizado com o qual possa ser confrontado – nas frases dadas, encontra-se nestas circunstâncias o SN objecto directo uma vez que ocupa uma posição pós-verbal.

O contraste de gramaticalidade entre as frases (74a)-(75a)-(76a)e(77) confirma esta análise:

(77) a. A – Quem ofereceu um presente à Maria hoje?

B – Ofereceu **o João, mas não / e também** o Pedro

b. Só **o João** oferece presentes à Maria e não o Pedro

Em (77), Contraste Sintagmático pode envolver o sujeito frásico. Com efeito, em qualquer destes exemplos o sujeito é focalizado: em (77a.B) ocorre em posição pós-verbal; em (77b) está sob o escopo de um marcador de foco ("Só").

Estes dados mostram que **Contraste Sintagmático** é uma construção de **focos contrastivos** – os sintagmas confrontados são **ambos focalizados**.

Todavia, quando a focalização se efectua através do acento de intensidade, nem sempre os resultados são igualmente "audíveis":

Assim, em (78a) e em (78b), o acento de intensidade sobre o sujeito preverbal não precisa de se materializar de uma forma tão explícita como em (78c):

(78) a. [Os alunos] faltaram às aulas mas [**não** os professores]

b. [Os livros] chegaram hoje mas [**não** as revistas]

c. O JOÃO ofereceu um disco à Maria e [**não** o Pedro]

Com efeito, em (78.a) e em (78.b), mas não em (78.c), o único SN que pode entrar em Contraste Sintagmático com o constituinte sob o escopo do marcador de foco é o sujeito frásico. Assim, o acento de intensidade em (78a) e em (78b) pode realizar-se de forma menos explícita do que em (78.c).

Do mesmo modo, quando a focalização se faz através de um marcador de foco, se esse marcador for "sim", ele pode ser omitido em coordenadas adversativas⁽²⁵⁾:

- (79) A Maria não foi ao cinema com a Ana hoje,
a. mas ao teatro
b. mas [sim] ao teatro

Porém, quando o operador de foco não ocorre no sintagma contrastado, Contraste Sintagmático não pode afectar o constituinte na posição de sujeito frásico, ainda que sobre ele incida explicitamente um acento de intensidade:

- (80) a. ?? * A MARIA não foi ao cinema com a Ana hoje, mas a Luisa
b. ?? * A MARIA não pôs o livro na mesa, mas o João

Em (80), é o escopo do marcador de negação frásica que delimita os constituintes que podem entrar em confronto com o sintagma contrastado. Ora, como os seguintes exemplos parecem indicar, em Português, a posição de sujeito frásico está, em Estrutura-S, fora do escopo da negação:

- (81) a. Uma única pessoa não viu a Maria
b. A Maria não viu uma única pessoa

c. A Maria viu uma única pessoa

Em (81b), o SN "uma única pessoa", pode ser interpretado como uma expressão de polaridade, sinónima de "ninguém". É impossível atribuir esta interpretação ao SN sujeito em (81a), como ao SN objecto directo em (81c). O factor determinante da divergência de interpretações entre (81a) e (81b) é posição, em Estrutura-S, do referido SN face ao marcador de negação frásica. Devemos, pois, concluir que na posição de sujeito frásico um SN está fora do escopo da negação.

Assim, quando os sujeitos ocupam uma posição pós-verbal e, conseqüentemente se encontram no escopo do marcador de negação, a construção de **Contraste Sintagmático** sem marcador de foco explícito no sintagma contrastado pode incidir sobre os referidos constituintes produzindo frases bem formadas:

- (82) a. ?? Os livros **não** chegaram hoje, mas as revistas
b. **Não** chegaram os livros hoje, mas as revistas

- (83) a. ?? Nesse dia os alunos **não** faltaram às aulas, mas os
professores
b. Nesse dia **não** faltaram os alunos às aulas, mas os
professores

Estes exemplos confirmam que em **Contraste Sintagmático** os sintagmas confrontados têm de ser ambos focalizados: não sendo afectado por nenhum marcador de foco explícito, o sintagma contrastado vê o seu domínio de contraste delimitado pelo único marcador de foco realizado, a negação frásica.

Porém, **Contraste Sintagmático** não é apenas uma construção de

focos contrastivos. é também uma construção de **focos contrastivos marcados** na medida em que sistematicamente requer que um dos focos contrastados se encontre numa **posição periférica**, i.e., numa posição exterior ao domínio oracional. Esse foco é o sintagma afectado pelos adverbiais marcadores de foco (veja-se o sintagma assinalado a negrito em (84)).

(84) [[OS ALUNOS faltaram às aulas], mas **não o professor**]

Note-se que, quando os sintagmas contrastados se encontram em contiguidade, formando um único constituinte, o constituinte afectado pelos marcadores de foco continua a assumir uma posição periférica – a de um constituinte adjunto:

(85) [[Os alunos], mas **não o professor**,] faltaram às aulas

A forma como se processa a concordância sujeito verbo nestas estruturas, confirma a exterioridade destes contituientes sob o escopo do marcador de foco relativamente ao domínio oracional.

Com efeito, nas estruturas coordenadas não contrastivas, a concordância verbal é determinada pelo sintagma coordenado na sua globalidade:

(86) a. [[O professor e / ou os alunos] faltaram à aula

b. * [[O professor] e / ou os alunos] faltou à aula

Pelo contrário, como mostra a agramaticalidade dos exemplos (87b) e (88b), quando a coordenação é contrastiva, ainda que os constituintes coordenados sejam contíguos, apenas um membro coordenado pode determinar a concordância verbal – o constituinte

que não se encontra em posição periférica:

- (87) a. [[Os alunos], mas **não o professor**,] faltaram à aula
b.* [[O professor], mas **não os alunos**,] faltaram à aula
c. [[O professor], mas **não os alunos**,] faltou à aula

- (88) a. (?) [[O João], e **também o professor**,] faltou à aula
b. * [[O João], e **também o professor**,] faltaram à aula

Diferentemente do que acontece em Contraste Sintagmático, em **Despojamento**, as expressões predicativas confrontadas não podem ser caracterizadas como focos contrastivos.

Consideremos, exemplificativamente, casos de Despojamento em frases coordenadas:

- (89) [João [ofereceu um disco à Maria ontem]]
a. e o Pedro **também** [-]
b. mas uma caneta **não** [-]

Nessas expressões predicativas em (89), apenas o adverbial de denotação predicativa é lexicalmente realizado. Dado que a expressão predicado é nula, o seu conteúdo é estabelecido por um antecedente linguístico anterior. Não veícula, assim, uma informação nova e, conseqüentemente, não pode ser caracterizada como um foco.

Em suma, Contraste Sintagmático e Despojamento são construções autónomas, uma vez que apresentam estrutura e uma distribuição diferentes.

2. A Distribuição de SV Nulo

O confronto entre as diferentes manifestações de SV Nulo em Português e em Inglês mostra que a sua distribuição não é inteiramente coincidente: embora os domínios de ocorrência desta construção sejam idênticos (cf. a secção 2.1.), os contextos de legitimação local do SV Nulo (o constituinte elíptico) são parcialmente diversos (cf. a secção (2.2.)).

2.1. A construção de SV Nulo – os domínios de ocorrência do SV Nulo e do seu antecedente

Tendo em consideração o tipo de estruturas frásicas em que ocorre, a construção de SV Nulo apresenta a mesma distribuição em Português e em Inglês.

Assim, SV Nulo pode surgir em **estruturas coordenadas**, como em (90): '24'

- (90) a. [O João tem saído] **mas** [a Maria não tem [sv-]]
b. [O João disse [que tinha lido esses livros ao filho]] **e**
[tinha [sv -]]
c. [O João tinha lido esses livros ao filho] **e** [a Maria
disse [que também tinha [sv -]]]
d. [O João disse [que tinha lido esses livros ao filho]] **e**
[a Maria disse [que também tinha [sv -]]]

Nos exemplos (90), a frase antecedente e a frase elíptica encontram-se sistematicamente em membros coordenados distintos (assinalados a negrito). Contudo, como as frases (90b), (90c) e (90d) mostram, tanto o antecedente do SV Nulo como o próprio SV

Nulo podem encontrar-se incluídos em frases subordinadas subcategorizadas pelo verbo principal da oração coordenada. A construção de SV Nulo pode, pois, ocorrer em **orações subordinadas**.

Nestes contextos, contudo, a **frase antecedente não pode subcategorizar a oração elíptica** (cf. (91)):

- (91) a.* O João tinha dito à Maria [que a Ana também tinha [sv-]]
b.*?? O João disse à Maria [que a Ana também dissera [sv-]]

As frases (91) estão excluídas, por **circularidade**: em todos os níveis de representação sintáctica (ou seja, de Estrutura-P a FL), o antecedente do SV Nulo (i.e., [sv tinha dito/disse [sv- à Maria] [scomp que a Ana ...]) inclui o próprio SV Nulo⁽²⁷⁾ (cf. cap. 2, deste trabalho).

Desde que o requisito de não-circularidade seja respeitado, a construção de SV Nulo pode aparecer em qualquer **domínio de subordinação**.

Assim, SV Nulo pode surgir em **orações subcategorizadas** como (92), em **orações adverbiais** como (93), ou em **orações relativas** como (94)⁽²⁸⁾:

- (92) [[O facto de a Maria dizer que não tem tirado livros da estante] [leva-me [a querer [saber [quem tem [sv-]]]]]]

- (93) O João só tem ido ao cinema [quando tu (também) tens [sv-]]

- (94) O João não come chocolates depois de lavar os dentes, mas tem [um amigo [que come [sv-]]]⁽²⁹⁾

Quando a construção de SV Nulo envolve uma oração principal

e uma oração adverbial, há grande liberdade de colocação do SV Nulo relativamente ao seu antecedente. Deste modo, o SV Nulo pode preceder ou seguir o antecedente (cf. (95) e (96)), o qual, por seu turno, pode ocorrer na frase principal ou na subordinada (cf. (97)):

(95) a. Antes que tu oferecesses [sv-], já eu tinha oferecido esse disco à Maria

b. Se tu ofereceres [sv-], eu não ofereço um disco à Maria

(96) a. Eu já tinha oferecido esse disco à Maria antes que tu oferecesses [sv-]

b. Eu não ofereço um disco à Maria se tu ofereceres [sv-]

(97) a. Sempre que tu tens ido ao cinema, o João também tem [sv-]

b. Se tu tivesses arrumado a secretária, ele não tinha [sv-]

O SV Nulo e o seu antecedente podem igualmente surgir em fragmentos discursivos diferentes, em **respostas a perguntas globais**⁽³⁰⁾, como em (98), ou em respostas a **perguntas parciais** quando o constituinte interrogado é o sujeito⁽³¹⁾, como em (99)⁽³²⁾:

(98) A – A Maria tem visitado os amigos ultimamente?

B – a. Não, não tem [sv-]

b. Sim, tem [sv-]

(99) a. A – Quem tem visitado os amigos ultimamente?

B – Tem a Maria [sv-]

b. A – Quem não tem visitado os amigos ultimamente?

B – A MARIA não tem [sv-]

Finalmente, a construção de SV Nulo em Português deve ser distinguida da construção de Anteposição do SV (ing. "VP Preposing"), ilustrada em (100).

(100) Visitado os amigos ultimamente, a Maria tem [sv-] (estudado é que não)

Com efeito, as propriedades distribucionais destas duas construções são diversas: Anteposição do SV é sensível a contextos de Ilha, mas SV Nulo não é — veja-se, pois, o contraste de gramaticalidade entre os exemplos em (101) e em (102)–(103):

(101) a. * Visitado os amigos ultimamente, a Maria conhece [um rapaz que tem [sv-]] (Restrição do SN Complexo em frases Relativas)

b. * Visitado os amigos ultimamente, a Maria lamenta [o facto de que só ela tenha [sv-]] (Restrição do SN Complexo em frases Completivas de Nome)

c. * Visitado os amigos ultimamente, [[que a Maria tem [sv-]] é evidente] (Restrição do Sujeito Frásico)

d. * Visitado os amigos ultimamente, [se a Maria tem [sv-]], fico mais tranquila (Restrição da Ilha Adjunta)

(102) a. O João não tem visitado os amigos ultimamente, mas a Maria conhece [um rapaz que tem [-]] (Restrição do SN Complexo em frases Relativas)

b. O João está a investigar esse caso, mas espalhou o

boato de que não está [ev-] (Restrição do SN Complexo em frases Completivas de Nome)

c. [[[Que o João tem visitado os amigos] é óbvio] e [[que a Maria não tem [ev-]] também o é]](Restrição do Sujeito Frásico)

d. O João só teria visitado os amigos [se a Maria também tivesse [ev-]] (Restrição da Ilha Adjunta)

(103) A: Alguém tem visitado os amigos ultimamente?

B: a. Sim. Conheço [um rapaz que tem [ev-]] (Restrição do SN Complexo em frases Relativas)

b. Claro! Recuso mesmo [a ideia de que ninguém tenha [ev-]] (Restrição do SN Complexo em frases Completivas de Nome)

c. [[Que a Maria tem [ev-]] é por demais evidente (Restrição do Sujeito Frásico)

d. Se alguém tem [ev-], esse alguém não sou eu (Restrição da Ilha Adjunta)

A sensibilidade às Condições de Ilha, mostra que a construção de **Anteposição do SV** apresenta as características da **Construção de Topicalização** em Português — exhibe um constituinte em posição-A' que é associado a uma categoria vazia proveniente de movimento (cf. DUARTE 1987 e 1989).

Assim, enquanto a categoria vazia na Construção de Anteposição do SV deve ser caracterizada como um vestígio, a categoria vazia presente na construção de SV Nulo apresenta as propriedades de um constituinte nulo basicamente gerado⁽³³⁾.

Efectivamente, a sua distribuição não difere substancialmente da dos pronominais, elementos que, desde a hipótese interpretativista, representam paradigmaticamente as categorias basicamente geradas que tipicamente possuem antecedentes não locais.

Note-se, porém, que não estou a sugerir que a categoria elíptica em SV Nulo deve ser caracterizada como um pronominal. Com efeito, enquanto projecção de um núcleo verbal, o SV Nulo não pode ser incluído no elenco das categorias nominais.

2. 2. O contexto local do SV Nulo

2.2.1. Os legitimadores verbais e os advérbios de denotação predicativa

No interior do seu domínio oracional, o **SV Nulo** em Português é sempre **legitimado por um verbo** (cf. (104)), ou por **uma sequência de verbos** (cf. (105)), tanto em frases finitas (cf. (104) e (105)), como em frases infinitivas (cf. (106))⁽³⁴⁾:

(104) a. O João já tinha lido esses livros ao filho] mas a Maria ainda não **tinha** [sv -]

b. A Maria já guardou os livros na pasta, mas a Ana ainda não **guardou** [sv -]

(105) a. O João já tinha lido esses livros ao filho] mas a Maria ainda não **tinha lido** [sv -]

b. O João deve ter estado a ler esses livros aos filhos e a Maria também **deve ter estado** [sv -]

(106) Elas lamentaram não encontrar esses livros na papelaria] e

os meninos lamentaram também não encontrar [ev -]

Contudo, em determinados contextos, é requerida a presença adicional de **advérbios de denotação predicativa** como "não", "também" e "também não":

(107) a. [O João tinha lido esses livros ao filho] e/mas [a Maria **também / não** tinha [ev -]]

b. * [O João tinha lido esses livros ao filho] e/mas [a Maria tinha [ev -]]

(108) a. O João tem passeado muito ultimamente, e há [um amigo nosso [que **também** tem [ev -]]

b. * O João tem passeado muito ultimamente, e há [um amigo nosso [que tem [ev-]]]

Na construção de SV Nulo em Português, a **colocação destes advérbios** obedece a um padrão de ordem preferencial – **antes do primeiro elemento da sequência verbal que legitima o SV Nulo**:

(109) a. [O João tinha posto os livros na mesa] e [a Maria **também** tinha (posto)]

b. ??[O João tinha posto os livros na mesa] e [a Maria tinha **também**]

c. ??* [O João tinha posto os livros na mesa] e [a Maria tinha **também** posto]

d. ?? [O João tinha posto os livros na mesa] e [a Maria tinha posto **também**]

(110) a. [O João tem estado a descansar] e [a Maria **também** tem

(estado)]

b.?? [O João tem estado a descansar] e [a Maria tem **também**]

c. ??* [O João tem estado a descansar] e [a Maria tem **também estado**]

d.?? [O João tem estado a descansar] e [a Maria tem estado **também**]

Nos exemplos dados, quando o advérbio segue o verbo, é difícil interpretar o SV Nulo como denotativamente idêntico ao SV da frase antecedente.

Estes dados mostram que os **advérbios de denotação predicativa**, na construção de SV Nulo, têm de ocupar uma posição em que tenham **escopo, não só sobre o SV Nulo, como sobre a sequência verbal que o legitima**. Aparentemente, isso não acontece quando seguem o verbo flexionado.

Todavia, independentemente da sua relevância para a boa-formação de algumas frases exibindo Elipse do SV, **estes advérbios não podem ser considerados como os legitimadores do SV Nulo**. Com efeito, em muitos contextos a sua presença não é requerida.

É, por exemplo, o que acontece quando o SV Nulo ou o seu antecedente ocorrem em certas **orações subordinadas**:

(111) a. O João tem ido ao cinema [**quando tu (também) tens [sv--]**]

b. O João só teria arrumado os livros na pasta [**se tu (também) tivesses [sv -]**]

(112) a. O facto de a Maria dizer que alguém tirou os livros da estante leva-me [a querer [saber [quem tirou [sv -]]

b. * O facto de a Maria dizer que alguém tirou os livros

da estante leva-me [a querer [saber [quem também
tirou [sv -]]]

- (113) a. [O João disse [que tinha lido esses livros ao filho]] e
[tinha [sv -]]
b. * [O João disse [que tinha lido esses livros ao filho]]
e [também tinha [sv -]]

Em (111) a presença de "também" é facultativa; em (112) e em (113), é impossível.

Do mesmo modo, quando o SV Nulo surge em **respostas a perguntas** globais (cf. (114)) ou parciais (cf. (115)) apenas o elemento verbal o legitima:

(114) A – A Maria tem visitado os amigos ultimamente?

- B – a. (Sim,) **tem**
b. (Não,) **não tem**
c. ?? Também tem

(115) A – Quem tem visitado os amigos ultimamente?

- B – a. **Tem** a Maria
b. * Não tem a Maria
c. * Também tem a Maria

Repare-se que nos pares pergunta-resposta envolvendo interrogativas globais as frases podem apresentar a mesma polaridade (cf. (114.B.a)) e que, nos pares pergunta-resposta com interrogativas parciais, a identidade de polaridade é mesmo exigida – cf. o contraste de gramaticalidade entre (115.B.a) e (115.B.b). Contudo, ainda que ambas as frases apresentem

polaridade positiva, a ocorrência do advérbio "também" na frase elíptica produz pares desadequados.

Assim, em (114.B.c), a presença deste advérbio, introduz uma pressuposição inexistente na pergunta: "A Maria tem visitado muitas pessoas ultimamente". Só essa pressuposição torna a resposta interpretável – (A Maria tem visitado muitas pessoas ultimamente e) também tem (visitado os amigos).

Por sua vez, em (115.B.c), a ocorrência de "também" é impossível: pela posição que ocupa, "também" tem, neste exemplo, escopo sobre o sujeito focalizado. Introduce, assim, na resposta uma pressuposição desadequada à pergunta: "Alguém tem visitado os amigos ultimamente" (e a Maria também tem).

Estes dados permitem-nos concluir que os advérbios de denotação predicativa não ocorrem tipicamente em frases-resposta exibindo a construção de SV Nulo.

Note-se que exemplos como (114.B.b) e (116.B) não são contra-exemplos a esta afirmação. Com efeito, nestas frases, o marcador de negação frásica não funciona como um operador de denotação predicativa – não denota uma predicação disjunta da da frase interrogativa antecedente⁽³⁹⁾:

(116) A – Quem **não** tem visitado os amigos ultimamente?

B – **Não** tem a Maria

Em suma, a possibilidade de SV Nulo ocorrer em contextos em que não estão presentes **adverbiais de denotação predicativa** ("também", "não" e "também não"), mostra que estes elementos **não são os legitimadores do SV Nulo**.

A questão que seguidamente se coloca é a de saber porque é

que a sua presença é requerida em certos casos.

Considerem-se os seguintes exemplos:

- (117) a. * [O João tinha lido esses livros ao filho] e [tinha
[_{ev-}]]
- b. * [O João tinha lido esses livros ao filho] e [**não**
tinha [_{ev-}]]
- c. * [O João tinha lido esses livros ao filho] e [**também**
tinha [_{ev -}]]

Em (117) a presença dos advérbios de denotação predicativa não melhora a gramaticalidade das frases. Com efeito, como (117a) mostra, ambos os membros coordenados apresentam o mesmo conteúdo proposicional – uma mesma propriedade é atribuída a um mesmo indivíduo. Assim, (117a) é informacionalmente irrelevante. Em (117b), a presença da negação atribui aos predicados um conteúdo denotativo disjunto – as proposições são, pois, contraditórias. Em (117c), "também" atribui aos predicados um valor denotativamente idêntico e a sequência proposicional resultante é absurda.

A comparação entre os exemplos em (117) e em (118), indica que a presença dos advérbios de denotação predicativa só é possível em frases com conteúdo proposicional distinto, ainda que com conteúdos predicativos parcialmente idênticos:

- (118) a. [O João tinha lido esses livros ao filho] e/mas [a
Maria **também** /**não** tinha [_{ev -}]]
- b. [O João **não** tinha lido esses livros ao filho] e/mas [a
Maria tinha [_{ev -}]]

O contraste de gramaticalidade entre os exemplos em (119) e em (120) mostra que a **função** dos referidos adverbiais é permitir um **confronto entre predicados com conteúdo denotativo parcialmente idêntico**:

(119) a. [O João tinha lido esses livros ao filho] e [a Maria **também** tinha [sv-]]

b. * [O João tinha lido esses livros ao filho] e [a Maria tinha [sv -]]

(120) a. O João tem passeado muito ultimamente, e há [um amigo nosso [que **também** tem [sv-]]]

a. * O João tem passeado muito ultimamente, e há [um amigo nosso [que tem [sv-]]]

Note-se, com efeito, que o conteúdo predicativo do SV Nulo é estabelecido pelo seu antecedente, e que só a presença dos advérbios de denotação predicativa acrescenta uma nova informação – a de que o predicado elíptico apresenta uma denotação idêntica ou disjunta da do seu antecedente.

A **função** desempenhada por estes advérbios na construção de SV Nulo, permite-nos explicar a sua **colocação**: se, como vimos em (109) e (110), eles têm de ter escopo sobre o SV Nulo e sobre o seu legitimador, é porque são estes elementos que, no seu conjunto, constituem o predicado a ser confrontado. Recorde-se o exemplo (109), aqui repetido:

(121) a. [O João tinha posto os livros na mesa] e [a Maria **também** tinha (posto)]

b.??[O João tinha posto os livros na mesa] e [a Maria tinha **também**]

c.??* [O João tinha posto os livros na mesa] e [a Maria tinha **também** posto]

d. ?? [O João tinha posto os livros na mesa] e [a Maria tinha posto **também**]

Em suma, os advérbios de denotação predicativa na construção de SV Nulo têm essencialmente uma função: permitir o confronto entre predicados de conteúdo denotativo parcialmente idêntico.

A sua relevância para o problema da legitimação do SV Nulo é, pois, indirecta. Deste modo, uma análise que se debruce sobre as condições de legitimação formal e de identificação do conteúdo do SV Nulo, não tem de ter em consideração estes elementos. Ainda que implicitamente, tem sido este, aliás, o procedimento adoptado pela maioria dos linguistas que estudaram esta construção⁽³⁶⁾.

2.2.2. A legitimação por verbos auxiliares

Vimos que SV Nulo em Português pode ser legitimado tanto por verbos auxiliares como por verbos principais. A presente secção debruçar-se-á sobre as propriedades desta construção quando o legitimador local do constituinte elíptico é um auxiliar ou uma sequência de auxiliares.

Assumirei, como ponto de partida, que, do sistema auxiliar do Português, constam, pelo menos, os seguintes elementos: o verbo "ter", utilizado na formação dos tempos compostos; os verbos modais "dever" e "poder"; a perífrase aspectual "estar a"; o verbo "ser", auxiliar da passiva⁽³⁷⁾. Contudo, no decorrer do

próximo capítulo, ao precisar a noção de "verbo auxiliar", esta posição será revista. Na verdade, a descrição apresentada nas próximas subsecções sugere ela própria esta revisão.

2.2.2.1. A identidade das sequências verbais na frase antecedente e na frase elíptica

Em Português, a legitimação de SV Nulo exclusivamente por verbos auxiliares é mais restritiva do que em Inglês. Assim, se o SV antecedente só contiver um verbo principal, a legitimação de SV Nulo por um verbo auxiliar produz frases mal-formadas. Esta propriedade verifica-se tanto em frases coordenadas (cf. (122)), como em frases subordinadas (cf. (123)):

(122) a. * O João não **compreendera** ainda a situação mas o Pedro já **tinha** [sv-] há muito tempo.

[sv-] = compreendido a situação

b. * O João não **compreendia** a situação mas o Pedro **estava** [sv-] desde o começo

[sv-] = a compreender a situação

(123) a. * O João não **compreendeu** a situação mas o Pedro disse **que tinha** [sv-] (subordinada completiva)

[sv-] = compreendido a situação

b. * O João **compreendeu** a situação antes que todos os outros **tivessem** [sv-] (subordinada temporal)

[sv-] = compreendido a situação

c. * Ultimamente o João **guarda** o carro na garagem porque a Maria também **tem** [sv-] (subordinada causal)

[sv-] = guardado o carro na garagem

- d. * O João **guardaria** o carro na garagem se a Maria também **estivesse** [av-] (subordinada condicional)
[av-] = a guardar o carro na garagem

Nos exemplos dados, a agramaticalidade resulta da impossibilidade de interpretar os verbos na frase elíptica como auxiliares. Com efeito, os verbos principais seus homónimos ("ter" e "estar" predicativo) seleccionam obrigatoriamente complementos que não são explicitados na frase elíptica e não podem ser recuperados a partir da frase antecedente.

A marginalidade dos exemplos (122) e (123) contrasta com a gramaticalidade dos exemplos (124), do Inglês:

- (124) a. John **understands** the situation and surely Peter **should** [av-] (SAG 1980, (1), (1.2.2.), p. 16)
b. His friends already **belong** to the club and he **will** [av-] soon (SAG 1980, idem)
c. Peter **saw** your parents last week, but he **hasn't** [av-] since (SAG 1980, (6), (1.2.2.), p. 17)
d. Paul **apologized**, but Bob **won't have** [av-] (SAG 1980, idem)

Estes dados decorrem presumivelmente do facto de, em Inglês, os verbos auxiliares apresentarem uma distribuição muito diversa da dos verbos principais, sendo, assim, facilmente identificáveis⁽³⁸⁾. Como uma consequência deste facto, os auxiliares em Inglês permitem que, na construção de SV Nulo, a recuperação do SV se processe com maior liberdade do que em Português.

Na verdade, em Português, a **legitimação de SV Nulo por verbos auxiliares** requer **paralelismo estrutural** entre a frase antecedente e da frase elíptica (cf. (125) e (126)):

(125) a. O João não **tinha** compreendido ainda a situação mas o Pedro já **tinha** há muito tempo.

b. O João não **estava a compreender** a situação mas o Pedro **estava** desde o começo.

(126) a. O João não **tinha compreendido** a situação mas o Pedro **disse que tinha**

b. O João **tinha compreendido** a situação antes que todos os outros **tivessem**

c. Ultimamente o João **tem guardado** o carro na garagem porque a Maria também **tem**

d. O João **estaria a guardar** o carro na garagem se a Maria também **estivesse**

Na verdade, em Português, esse requisito de paralelismo assume a forma de uma **condição de identidade entre o auxiliar legitimador do SV Nulo e o seu antecedente** – veja-se o contraste de gramaticalidade entre os exemplos (125)–(126) e os exemplos (127)–(128):

(127) a. * O João não **tinha** compreendido ainda a situação mas o Pedro já **estava** [_{SV}–] há muito tempo.

[_{SV}–] = a compreender a situação

b. * O João não **estava a compreender** a situação mas o Pedro

tinha [ev-] desde o começo.

[ev-] = compreendido a situação

(128) a. * O Jožo não **tinha compreendido** a situação mas disse **que estava** [ev-]

[ev-] = a compreender a situação

b. * O Jožo **estaria a guardar** o carro na garagem se a Maria também já **tivesse** [ev-]

[ev-] = guardado o carro na garagem

Como (129) mostra, em Inglês, os legitimadores do SV Nulo não estão sujeitos a essa condição de identidade:

(129) a. John **hasn't met** my brother yet, but (he) **will** [ev-] soon
(SAG 1980, (4), (1.2.2.), p. 17)

b. John **may be questioning** our motives, but Peter **hasn't** [ev-] (SAG 1980, (5), (1.2.2.), p. 17)

c. Peter **is complaining** about the noise, but John **won't** [ev-]
(SAG 1980, (3), (1.2.2.), p. 17)

Porém, em Português, quando a **legitimação do SV Nulo** é feita por um **verbo principal**, ou por **uma sequência verbal que comporte o verbo principal**, o requisito de paralelismo estrutural e a condição de identidade entre os auxiliares da frase antecedente e frase elíptica não se faz sentir. Tanto em domínios de coordenação (cf. (130) e (131)), como em domínios de subordinação (cf. (132)), **a frase antecedente pode apresentar qualquer tipo de sequência verbal**:

(130) a. O João não **compreendera** ainda a situação mas o Pedro já

tinha compreendido [-] há muito tempo.

b. O João não **compreendia** a situação mas o Pedro **estava a compreender** [-] desde o começo.

(131) a. Nesse dia o João não **tinha deixado** o carro na garagem, mas o Pedro **deixara** [-] como de costume⁽³⁹⁾.

b. O João não **estava a compreender** a situação mas o Pedro já **tinha compreendido** [-]

(132) a. O João **compreendeu** a situação antes que todos os outros **tivessem compreendido** [-]

b. O João **tinha compreendido** a situação antes que todos os outros **compreendessem** [-]

c. O João agora **guarda** o carro na garagem **porque** a Maria ultimamente também **tem guardado** [-]

Com efeito, quando o SV Nulo é legitimado por verbos principais, o requisito de paralelismo assume a forma de uma **condição de identidade sobre o verbo principal**: a frase elíptica e a frase antecedente têm de exibir o mesmo verbo principal⁽⁴⁰⁾.

Deste modo, ainda que tenham a mesma estrutura de subcategorização e temática, dois verbos lexicalmente diferentes não podem participar na construção de SV Nulo:

(133) a. * O João **colocou** os livros na estante e a Maria não **pôs**

b. * A — O João **pôs** os livros na estante?

B — Sim, **colocou**

c. * **Colocar** os livros na estante, o João **pôs**

Assim, a partir dos dados analisados podemos inferir a

seguinte generalização: quando SV Nulo é exclusivamente legitimado por verbos auxiliares, há uma condição de identidade estrutural e lexical entre a frase elíptica e a frase antecedente – têm de comportar o mesmo auxiliar.

Esta generalização parece, porém, ser contrariada por frases como as seguintes que mostram que, com os modais "poder" e "dever", esse requisito de paralelismo é muito atenuado, ou mesmo, para alguns falantes, inexistente.

Assim, ainda que na frase antecedente ocorra um verbo principal, a presença de um modal pode legitimar uma categoria vazia:

- (134) a. (?) O João não **compreende** a situação, mas **devia**
b. (?) O João faz ginástica todos os dias e a Maria também **devia**
c. O João **faz** ginástica todos os dias mas a Maria não **pode**
d. O João **guarda** o carro na garagem porque /sempre que **pode**
e. O João **guarda** o carro na garagem **embora** não **deva**
f. O João só **guarda** o carro na garagem se a Maria também **puder**

Do mesmo modo, qualquer que seja o verbo auxiliar presente na frase antecedente, os modais "poder" e "dever" legitimam um constituinte nulo:

- (135) a. O João não **tem** guardado os livros na estante, mas **podia**
[-] se quisesse
b. O João **está a** guardar os livros na estante, e a Maria,

se quisesse, também **podia** [-]

Dado o seu grau de autonomia face à sequência verbal da frase antecedente, os verbos modais em Português exibem um comportamento distinto dos restantes auxiliares e dos verbos principais quando estes legitimam um SV Nulo.

Note-se, porém, que alguns verbos principais parecem ter uma distribuição idêntica à dos modais. É nomeadamente o caso dos verbos "querer", "saber" e "precisar", como os seguintes exemplos ilustram:

(136) a. O João **colocou** os livros na estante mas a Maria não **pôde** / não **quis** / não **precisou** / não **sabe** [-]

b. A – O João **pôs** os livros na estante?

B – Não, não **pôde** / não **quis** / não **precisou** / não **sabe** [-]

c. O João coloca os livros na estante se **puder** / se **quiser** / se **souber** / se **precisar** [-]

Todavia, uma vez que todos os verbos em questão seleccionam frases por complementos, uma hipótese que se põe é nestes casos estarmos perante uma **construção distinta de SV Nulo** – a construção de **Anáfora do Complemento Nulo** (ing. Null Complement Anaphora). Na construção de Anáfora do Complemento Nulo, o constituinte nulo não é um SV, mas um complemento ^{oracional ou nominal} do verbo principal.

Deste modo, em Inglês, diferentemente do que acontece em SV Nulo, em Anáfora do Complemento Nulo, a categoria vazia pode ser legitimada por um verbo principal. Como os seguintes exemplos

ilustram, esse verbo principal não precisa ele próprio de qualquer antecedente⁽⁴¹⁾:

(137) a. I asked Bill to leave, but he refused [-]

b. Sue was attempting to kiss a gorilla, and Harry didn't approve [-]

(HANKAMER e SAG 1976, (56a,b), p. 411)

Admito, pois, a hipótese de os verbos **modais em Português** poderem figurar tanto na **construção de SV Nulo** como na **construção de Anáfora do Complemento Nulo**. Nos casos em que não existe identidade estrutural e lexical entre as sequências verbais da frase antecedente e da frase elíptica, considero, porém, que a construção presente é a Anáfora do Complemento Nulo e não SV Nulo.

2.2.2.2. A ausência de identidade em Modo e Tempo Gramatical

Como os seguintes exemplos mostram, em **frases subordinadas finitas** a legitimação do SV Nulo por verbos auxiliares, não parece estar sujeita a quaisquer condições especiais.

(138) a. [O João tinha lido esses livros ao filho] e [a Maria disse [**que também tinha** [ev-]]] (completiva)

b. O João tem guardado o carro na garagem **porque/visto que** a Maria também **tem** [ev-] (adjunta causal)

c. O João tem guardado o carro na garagem **quando / sempre que / todas as vezes que / mal** a Maria (também) **tem** [ev-] (adjunta temporal)

d. O João tem guardado o carro na garagem **embora / ainda**

- que** a Maria ainda não **tenha** [ev-] (adjunta concessiva)
- e. O João teria guardado o carro na garagem **desde que**
/ **caso /se** a Maria (também) **tivesse** [ev-] (adjunta
condicional)

A gramaticalidade dos exemplos (138d) e (138e) mostra que o auxiliar na frase elíptica se pode encontrar num **modo diferente** (o conjuntivo), do auxiliar presente na frase antecedente (no indicativo).

Do mesmo modo, **as variações de tempo gramatical nos auxiliares**, se permitidas pela **coesão temporal** entre a frase antecedente e a subordinada, são igualmente admissíveis. Assim, as frases em (138) são bem formadas, mas as frases em (139) não o são:

- (138) a. [O João **tem** lido esses livros ao filho] e [a Maria disse [**que** também **tinha** [ev-]]]
- b. Este ano o João **tem** guardado o carro na garagem **porque** no ano passado também **tinha** [ev-]
- c. O João **terá** lido esses livros **antes que** a Maria **tenha** [ev-]
- (139) a. * O João **tem** guardado o carro na garagem **quando** a Maria **tinha / tiver** [ev-]
(cf. O João tem guardado o carro na garagem quando a Maria tem)
- b. * O João **terá** lido esses livros **antes que** a Maria **tiver** [ev-]

A frase (139a) é mal formada porque o valor temporal de

simultaneidade veiculado por "quando"⁽⁴²⁾ não é conciliável com a disparidade de tempos gramaticais entre a oração principal e a oração adjunta. Por seu turno, (139b) é agramatical porque o valor de anterioridade requerido pela expressão "antes que" não está presente no tempo gramatical da oração adverbial.

Do mesmo modo, se nos debruçarmos sobre os casos de SV Nulo legitimadas por auxiliares em **frases coordenadas**, constatamos que a liberdade de ocorrência dos modos e tempos gramaticais é apenas restringida pelas propriedades de coesão inerentes às estruturas de coordenação.

Assim, os exemplos (140) são bem formados independentemente de, entre os auxiliares haver variações de tempo gramatical (cf. (140a) e de modo (cf. (140b) e (140c)):

- (140) a. Hoje, o João **está** a arrumar os livros na secretária e ontem, também **esteve** [sv-]
- b. O João **tem** visto a Maria no café e a Ana também **teria** [sv-] se saísse de casa.
- c. O João não **tem** lido esses livros mas a Maria talvez **tenha** [sv-]

Se exemplos como (141a) e (141b) são mal-formados, a sua marginalidade deve-se a factores alheios à legitimação do SV Nulo. Na verdade, as frases (141c) e (141d), que não exibem SV Nulo são igualmente mal formadas:

- (141) a. ?? O João **tinha** saído e a Ana também **tem** [sv-]
- b. ?? O João **tem** saído e a Ana também **tinha** [sv-]
- d. ?? O João **tinha** saído e a Ana também **o tem feito**

e. ?? O João **tem** saído e a Ana também o **tinha feito**

Em suma, nas **frases finitas**, a legitimação do SV Nulo por um **verbo auxiliar não obedece a qualquer requisito de paralelismo de modo ou de tempo gramatical**.

A legitimação de SV Nulo exclusivamente por auxiliares em **frases infinitivas** revela-se, contudo, mais restritiva. Consideremos, ilustrativamente, as frases seguintes:

- (142) a. O João **comprou** um carro depois de a Maria **ter comprado**
[sv-]
b. * O João **comprou** um carro depois de a Maria **ter** [sv-]

Como é visível em (142a), nas orações infinitivas, as variações de tempo são dadas pelos tempos compostos. Assim, à variação de tempo entre as frases principal e subordinada está associada uma ausência de paralelismo lexical e estrutural entre a frase antecedente e a frase elíptica. Deste modo, a legitimação do SV Nulo pelo auxiliar é impossível (cf. (142b)).

Quando o **paralelismo lexical e estrutural** é conciliável com as **condições de coesão temporal e aspectual** impostas pela estrutura de subordinação, nas frases infinitivas, a legitimação do **SV Nulo** exclusivamente pelo auxiliar é possível (cf. (143)):

- (143) a. Elas lamentaram **ter** encontrado esses livros na
papeleria] e os meninos lamentaram não **ter** [sv-]
b. O João tinha guardado o carro na garagem **a pesar de** a
Maria não **ter** [sv-]
c. O inspector perguntou se o João tinha guardado o carro

- na garagem muito **depois de** a Maria **ter** [ev-]
- d. (?) O João não tem guardado o carro na garagem só **por** a Maria **ter** [ev-], mas porque quer.

Repare-se que (143d) é ligeiramente marginal. Admito, porém, que essa marginalidade assenta num conflito aspectual entre frase antecedente e frase elíptica – o aspecto frequentativo dado pelo "presente" que afecta o verbo auxiliar da oração principal, não é conciliável com o valor pontual que assume o mesmo auxiliar na oração adverbial⁽⁴³⁾.

2.2.2.3. A legitimação do SV Nulo por sequências verbais

SV Nulo em Português, como em Inglês, pode ser legitimado por sequências verbais:

(144) a. A: A Ana tem lido esses livros às crianças?

B: – Sim, **tem lido** [ev-]

[ev-] = [vV] esses livros às crianças

b. A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também **deve ter estado** [ev-]

[ev-] = [vV] a ler esses livros às crianças

c. Estes livros podiam ter sido requisitados pelos alunos e aquelas revistas também **podiam ter sido** [ev-]

[ev-] = [vV] [evV] requisitadas pelos alunos

Contudo, como em Inglês, **nem todas as sequências verbais são permitidas**. Veja-se o contraste de gramaticalidade entre os seguintes exemplos:

(145) A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças

a. e a Maria também **deve** [eV-]

[eV-] = ter estado a ler esses livros às crianças

b. ?? * A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também **deve ter** [eV-]

[eV-] = ?? * estado a ler esses livros às crianças

c. e a Maria também **deve ter estado** [eV-]

[eV-] = a ler esses livros às crianças

d. * e a Maria também **deve ter estado a ler** [eV-]

[eV-] = * [v-] esses livros às crianças

(146) Estes livros têm estado a ser requisitados pelos alunos e

a. aquelas revistas também **têm** [eV-]

[eV-] = estado a ser requisitadas pelos alunos

b. (?) aquelas revistas também **tem estado** [eV-]

[eV-] = a ser requisitadas pelos alunos

c. ??* aquelas revistas também **tem estado a ser** [eV-]

[eV-] = ?? * requisitadas pelos alunos

d. ??* aquelas revistas também **tem estado a ser requisitadas** [eV-]

[eV-] = ?? * [v-] pelos alunos

Para um falante do Português, a legitimação do SV Nulo por um único elemento verbal, quando possível, é a estratégia preferida. Assim, exemplos como (145a) e (146a) são sempre considerados como mais aceitáveis, no sentido de menos redundantes, do que os restantes.

Porém, a redundância não é o único factor que explica a

agramaticalidade das sequências verbais em (145) e em (146), nem talvez o mais relevante.

Assim, a sequência verbal em (145c) é gramatical, apesar de apresentar mais elementos do que a sequência verbal agramatical do exemplo (145b).

Do mesmo modo, a agramaticalidade de (145d) e (146d) não pode ser inteiramente atribuída à presença do verbo principal, embora este constitua uma informação redundante dado o paralelismo das sequências verbais na frase antecedente e na frase elíptica. Na verdade, o mesmo factor de redundância ocorre em (144a), e, todavia, esta frase é bem-formada.

Comparemos seguidamente os dados do Português com os do Inglês:

(147) Pavarotti might have been touring Europe and Domingo

a. * might [e_v-] too

[e_v-] = * have been touring Europe

b. might have [e_v-] too⁽⁴⁴⁾

[e_v-] = been touring Europe

c. might have been [e_v-] too

[e_v-] = touring Europe

(cf. LOBECK 1987 (78), p. 89)

(148) Fred was watched and

a. Martha was [e_v-] too

b. * Martha was being [e_v-] too

(ZAGONA 1988b, (27), p. 102)

O confronto entre os exemplos em (145) e (147) mostra que,

quando os verbos envolvidos são os modais e os auxiliares "ter" vs "have", não há coincidência entre as sequências verbais permitidas em Português e em Inglês.

Pelo contrário, a comparação de (146c) com (148b) sugere que essa coincidência existe, no caso de as sequências verbais serem constituídas pelo aspectual "progressivo" e o auxiliar da passiva.

Os contrastes verificados parecem apontar, antes de mais, para as propriedades dos **verbos auxiliares** de cada uma das línguas em questão, que, como veremos, são, na maioria dos casos, diversas (cf. cap. 4, secção 1.2.2.).

Do mesmo modo, no seio de uma mesma língua, o grau de legitimidade das sequências verbais na construção de SV Nulo pode parcialmente ser atribuído às propriedades dos verbos presentes. Assim, no próximo capítulo (cf. secção 2.2.4), procurarei demonstrar que, no Português, a possibilidade de ocorrência das diferentes sequências verbais é explicável pela interacção dessas propriedades com a estratégia de legitimação do SV Nulo.

Recapitulando:

Nesta secção vimos que a distribuição de SV Nulo em Português e em Inglês é parcialmente diferente.

Tal como em Inglês, a construção de SV Nulo em Português exhibe as seguintes propriedades:

- (i) O SV Nulo e o seu antecedente podem surgir nos mesmos domínios frásicos e discursivos – em frases coordenadas, em frases subordinadas e em pares

pergunta-resposta.

- (ii) Em consequência desta distribuição, concluímos que constituinte elíptico na construção de SV Nulo deve ser caracterizado como uma categoria basicamente gerada.
- (iii) O constituinte elíptico é localmente legitimado por um verbo ou por uma sequência verbal.
- (iv) Os elementos verbais na frase antecedente e na frase elíptica podem encontrar-se em tempos gramaticais (e modos) diferentes.

Todavia, a construção de SV Nulo em Português apresenta as seguintes propriedades distintivas:

- (i) A categoria elíptica pode ser legitimada tanto por um verbo auxiliar, como por um verbo principal.
- (ii) Quando o SV Nulo é exclusivamente legitimado por um verbo auxiliar, tem de haver identidade entre os verbos da frase antecedente e da frase elíptica.
- (iii) Quando a legitimação de SV Nulo é feita por um verbo principal, ou por uma sequência verbal que comporte o verbo principal, apenas este está sujeito à condição de identidade sobre as sequências verbais da frase antecedente e da frase elíptica.

3. A distribuição de Despojamento

Nas secções 1.2. e 1.3. deste capítulo, caracterizámos **Despojamento em Português** através de um conjunto de propriedades estruturais e distribucionais que permitiram distinguir esta construção de SV Nulo e de Contraste Sintagmático. Resumidamente, salientámos as seguintes propriedades:

(i) **Do ponto de vista estrutural**, Despojamento é uma elipse frásica, fundamentalmente constituída por uma projecção máxima, de qualquer natureza categorial, e por um constituinte elíptico. Entre a projecção máxima e o constituinte elíptico estabelece-se uma relação de predicação. Nas estruturas coordenadas, o constituinte elíptico está sob o escopo de advérbios de denotação predicativa, que permitem o confronto entre o predicado elíptico e a expressão que lhe serve de antecedente.

(ii) **Do ponto de vista distribucional**, Despojamento caracteriza-se por ser sensível a contextos de Ilha.

Na presente secção procurar-se-á completar a caracterização desta construção, descrevendo os seus domínios de ocorrência (cf. 3.1.) e comparando as suas propriedades em Português, com as que manifesta em Francês, Espanhol e Inglês (3.2.).

3.1. A construção de Despojamento em Português – os domínios de ocorrência do constituinte elíptico e do seu antecedente

3.1.1. Despojamento em frases coordenadas e subordinadas

Despojamento em Português, pode ocorrer em **frases coordenadas** ou em **frases subordinadas**. Recordem-se os exemplos

apresentados na secção 1.2. deste capítulo:

(148) [A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista] e [a Teresa também [-]]

(149) a. O João viu a Maria no cinema ontem e a Ana julga [que ela também]

b. João disse que ia ao cinema hoje e a Maria replicou imediatamente [que ela também]

Porém, diferentemente do que acontece com a construção de SV Nulo (cf. secção 2.1.), a presença de **Despojamento em domínios de subordinação é extremamente limitada.**

A sensibilidade desta construção aos contextos de Ilha (cf. secção 1.2.), restringe a sua ocorrência aos **domínios de subcategorização verbal** – Despojamento não pode surgir em Completivas Sujeito (cf. (150a), em Completivas de Nome (cf. (150b)), em Frases Relativas (cf. (150c)) ou em Frases Adjunto (cf. (150d)):

(150) a. ?? * Que o João vá ao cinema é bom, mas [que a Maria não [-]] é péssimo

b. * O João está doente mas a Maria não admite [**SN** a hipótese de (que) ela também [-]]

c. * O João fala Japonês e eu tenho [**SN** um aluno que também [-]]

d. * O João está contente [**SCOMP** se a Maria também [-]]

Do mesmo modo, quando Despojamento surge em **frases completivas subcategorizadas por um verbo**, estas têm de se

encontrar **integradas em estruturas de coordenação frásica**
-veja-se o contraste de gramaticalidade entre os exemplos (149) e
(151)-(152):

- (151) a. * [_{SN} O facto de [_{COMP} eles terem ido ao cinema ontem]]
indica que [ao teatro não [-]]
b. * [_{COMP} Que a Maria tenha trabalhado muito] não prova
que [os seus alunos também [-]]
c. * [_{COMP} Se a Maria tivesse visto esse programa], eu
também [-]
d. * O João está contente [_{COMP} se a Maria também [-]]
(= (150))

(152) * O João tem dito à Ana que à Teresa também [-]

A observação dos exemplos (151) e (152) permite explicar os motivos desta distribuição. A má formação (151) deve-se ao facto de o constituinte elíptico (cf. (151d) ou o seu antecedente (cf. (151a), (151b) e (151c)) se encontrarem incluídos em contextos de Ilha. Por seu turno, a agramaticalidade de (152) decorre da circularidade que a estrutura manifesta em todos os níveis de representação - (152) é um caso de elipse contida no antecedente (cf. (cap.2))⁽⁴⁵⁾.

3.1.2. Despojamento e Respostas Fragmentárias

Se aceitarmos a caracterização inicial de Despojamento, proposta em HANKAMER 1971 (publicado em 1979), a ocorrência desta construção não se restringe aos contextos de coordenação e de subcategorização verbal, e pode igualmente aparecer em

fragmentos discursivos diferentes, como em (153):

(153) a. A – Quem pôs os livros na estante?

B – A Maria

b. A – Que pôs a Maria na estante?

B – Os livros

c. A – Onde pôs a Maria os livros?

B – Na estante

Segundo HANKAMER 1979, Despojamento é o fenómeno de elipse presente nas respostas a perguntas com constituintes interrogados em que à excepção de um único, todos os constituintes da frase-resposta são suprimidos por identidade com os da frase antecedente (cf. op. cit. p. 393)⁽⁴⁶⁾.

Se procedermos a uma análise destas **Respostas Fragmentárias** em Português, somos efectivamente levados a concluir que elas **partilham propriedades distribucionais com Despojamento**. Assim, podem ocorrer em domínios de **subordinação completiva**⁽⁴⁷⁾:

(154) a. A – Quem pôs os livros na estante?

B – Julgo [que a Maria]

b. A – Que pôs a Maria na estante?

B – Penso [que os livros]

c. A – Onde pôs a Maria os livros?

B – Acho [que na estante]

E, como os casos típicos de Despojamento, estes enunciados apresentam **efeitos de ilha**. Nomeadamente, são sensíveis à **Restrição do Sujeito Frásico**:

(155) a. A – Quem pôs os livros na estante?

B – * [que a Maria é possível]

b. A – Que pôs a Maria na estante?

B – * [Que os livros é óbvio]

c. A – Onde pôs a Maria os livros?

B – *[Que na estante é claro]

Obedecem à **Restrição do SN Complexo** em SNs com **orações relativas** (cf. (156)) e com **orações completivas de nome** (cf. (157)):

(156) a. A – Quem pôs os livros na estante?

B – * Acho que a Maria conhece [quem / a pessoa que]

b. A – Que pôs a Maria na estante?

B – * Acho que o Luís viu [o quê / os objectos que]

(157) a. A – Quem pôs os livros na estante?

B – * Admito [a hipótese de a Maria]

b. A – Que pôs a Maria na estante?

B – * Admito [a possibilidade de os livros]

Estes dados parecem assim sugerir que Despojamento ocorre tanto em estruturas de coordenação e de subordinação completiva, como em Respostas Fragmentárias.

Porém, **nas Respostas Fragmentárias**, diferentemente do que acontece nos casos de Despojamento em estruturas coordenadas e subordinadas, **a presença dos advérbios de denotação predicativa não é requerida** – veja-se o contraste de gramaticalidade entre os exemplos em (158) e (159):

- (158) a. * [A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista] e [a Teresa [-]] (cf. (148))
- b. * O João disse que ia ao cinema hoje e a Maria replicou imediatamente **[que ela]** (cf. (149b))

(159) A – Quem tem posto os livros na estante?

B – 1. * A Maria também [-]

2. A Maria não [-]

3. * ?? A Maria sim [-]

(160) A – Onde tem posto a Maria os livros?

B – 1. * Na estante também [-]

2. Na estante não [-]

3. * Na estante sim [-]

Nestes exemplos, apenas as Respostas Fragmentárias em (159. B.2) e em (160. B.2) são gramaticais. Contudo, mesmo nestes casos, a presença da negação, na qualidade de operador de denotação predicativa, não é motivada pela frase interrogativa antecedente. Tanto (159.B.2) como (160.B.2) só podem ser consideradas respostas plausíveis às interrogativas em (159. A) e (160. A), se se admitir que estão implícitas, as proposições explicitadas a negrito, em (161.a.B) e em (161.b.B):

(161) a. A – Quem pôs os livros na estante?

B – **(Alguém pôs os livros na estante)**, (mas) a Maria não

b. A – Onde pôs a Maria os livros?

B – **(A Maria pôs os livros em algum sítio)**, (mas) na estante não

Por outras palavras, os operadores de denotação predicativa só podem ocorrer em Respostas Fragmentárias quando é possível reconstruir uma configuração de coordenação frásica característica de Despojamento.

Contudo, o facto de nas Respostas Fragmentárias não ocorrerem tipicamente advérbios de denotação predicativa (cf. (153), (159) e (160)) não é motivo suficiente para excluir estas frases de Despojamento. Recorde-se, com efeito, que o mesmo comportamento se verificava na construção de SV Nulo em contextos pergunta-resposta (cf. secção 2.2.1. deste capítulo). Considere-se ilustrativamente (162.B.b), um exemplo paralelo a (161.a.B) exibindo SV Nulo:

(162) A – Quem tem posto os livros na estante?

B – a. **Tem** a Maria

b. A Maria não tem [SV-]

Como em (161.B), em (162.B.b), a frase elíptica só constitui uma resposta adequada a (162.A) se assumir, implícita, a seguinte proposição: "Alguém tem posto os livros na estante". De facto, como (162.B.a) mostra, na construção de SV Nulo em contextos-resposta, a presença dos advérbios de denotação predicativa não é pedida.

Estabelecendo um paralelismo com os exemplos em (153), é lícito supor que o mesmo acontece em Despojamento. Ou seja, é plausível assumir que, **em contextos pergunta-resposta, tanto em SV Nulo como em Despojamento, não ocorrem tipicamente operadores de denotação predicativa.**

De facto, como vimos na secção 2.2.1. deste capítulo, a presença dos operadores de denotação predicativa só é necessária em domínios em que se pretende estabelecer um confronto, por semelhança ou dissemelhança, entre predicacões de conteúdo idêntico. Não é o que usualmente acontece nas respostas a perguntas (sobre este assunto, veja-se a nota 35 deste capítulo).

Porém, uma outra propriedade aponta para a **irreduzibilidade das Respostas Fragmentárias à construção de Despojamento**: a **configuração estrutural** presente em Despojamento não coincide com a pressuposta nas Respostas Fragmentárias.

Com efeito, como os seguintes exemplos mostram, em **Despojamento**, os **constituintes sintagmáticos** que precedem os advérbios de denotação predicativa encontram-se numa **posição periférica** relativamente ao domínio oracional:

(163) a. O João deu chocolates à Maria e ao Pedro **também** [-]

b. O João deu chocolates à Maria mas flores **não** [-]

De facto, no Português, a posição básica desses constituintes, quando são complementos do verbo ou adjuntos do SV é à direita dos advérbios de denotação predicativa (cf. (164a) e (164b)):

(164) a. O João deu chocolates à Maria e **também** deu chocolates **ao Pedro**

b. O João deu chocolates à Maria mas **não** deu flores à Maria

Do mesmo modo, os **advérbios de denotação predicativa** que ocorrem em Despojamento **nem sempre podem aparecer no interior do**

domínio oracional, afectando o predicado frásico. É o caso do advérbio de polaridade afirmativa "sim" (cf.(165)):

- (165) a. O João não deu chocolates à Maria, mas ao Pedro **sim**
(Despojamento)
- b. * O João não deu chocolates à Maria mas **sim** deu chocolates ao Pedro

Estes dados mostram pois que, em **Despojamento**, tanto os **constituintes sintagmáticos**, como os **advérbios de denotação predicativa** ocupam **posições exteriores** ao domínio frásico. Ou seja, simplifadamente, Despojamento exhibe configurações estruturais como (166):

(166) [SX [também/não/sim [eFLex-]]]

Pelo contrário, nas **Respostas Fragmentárias** não há motivo para supôr que os sintagmas foneticamente realizados se encontram em posições periféricas, exteriores ao domínio frásico.

Com efeito, como AMBAR 1988 faz notar, é possível estabelecer um paralelismo estrutural entre a Resposta Fragmentária em (167a) e as respostas elípticas em (167b) e (167c):

(167) – Quem comeu o chocolate?

a. **A Joana**

b. – **Comeu a Joana**

c. **Foi a Joana**

(cf. AMBAR 1988, (79), cap.7, p. 600)

Nos exemplos (167b) e (167c) o sujeito ocorre em posição

pós-verbal. Ambar levanta a hipótese de o mesmo acontecer em (167a), embora o verbo seja elíptico.

Repare-se que as mesmas respostas podem ocorrer em frases completivas:

(168) – Quem comeu o chocolate?

a. Penso que **a Joana**

b. – Acho que comeu **a Joana**

c. Dizem que foi **a Joana**

Em (168a) e em (168b), o complementador "que" e o verbo que precede o SN sujeito co-ocorrem. Ora, como AMBAR 1990 mostra, nestas circunstâncias é legítimo supor que o verbo se encontra em FLEX° (mais precisamente, segundo AMBAR 1990, em T°) e o SN sujeito, gerado em Especificador de SV (como proposto, por exemplo, em SPORTICHE 1988a), ocupa uma posição interna ao domínio frásico.

De acordo com esta análise, as Respostas Fragmentárias em (167a) e em (168a) apresentam, simplificadaamente a seguinte representação de Estrutura-S:

(169) [_{EFLEX} [_{EN PRO}] [_{FLEX°} [v-]] [_{ENA} Joana] [_{SV-}]]

A representação estrutural em (169) tem de ser repensada para dar conta de Respostas Fragmentárias em que o constituinte lexicalizado é um complemento do verbo ou um adjunto (cf. (170a) e (171a)):

(170) A quem deu a Ana o chocolate ontem?

- a. 1. **A Joana**
- 2. Acho que **à Joana**
- b. 1. Deu **à Joana**
- 2. Dizem que deu **à Joana**
- c. 1. Foi **à Joana**
- 2. Penso que foi **à Joana**

(171) Quando deu a Ana o chocolate à Joana?

- a. 1. **Ontem**
- 2. Acho que **ontem**
- b. 1. Deu **ontem**
- 2. Dizem que deu **ontem**
- c. 1. Foi **ontem**
- 2. Penso que foi **ontem**

Contudo, o facto de as Respostas Fragmentárias nestes casos apresentarem paráfrases em o elemento verbal se encontra aparentemente em FLEX* sugere que os sintagmas foneticamente realizados ocupam uma posição interna ao domínio frásico, eventualmente, a sua posição básica.

Finalmente, as **Respostas Fragmentárias** diferem de Despojamento por **não apresentarem a configuração estrutural característica das frases predicativas.**

Com efeito, como vimos, Despojamento exhibe representações estruturais como (166), aqui repetido:

(172) [SX [também/não/sim [eFLEX-]]]

Em (172), SX, o sintagma lexicalmente realizado, estabelece

uma relação de predicaco com o constituinte elíptico sob o escopo do operador de denotao predicativa. Por outras palavras, **Despojamento** apresenta uma **configurao de predicaco** paralela à das frases declarativas com ordem cannica, i.e., com estrutura Sujeito-Predicado.

O contraste de gramaticalidade entre (167) e (170) e os seguintes exemplos mostra que as Respostas Fragmentárias não possuem tipicamente paráfrases que exibam uma estrutura predicativa:

(173)1. Quem comeu o chocolate?

a. **A Joana**

b. ?? **A Joana** comeu (cf. AMBAR 1988, (79), cap.7, p. 600)

c. * **A Joana** foi

2.A quem deu a Ana o chocolate ontem?

a. **A Joana**

b. * **A Joana** deu

c. * **A Joana** foi

3.A: Quem deu o chocolate à Joana ontem?

B: a. **A Ana**

b. ?? **A Ana**, deu o chocolate à Joana ontem

4.A: A quem deu a Ana o chocolate ontem?

B: a. **A Joana**

b. ?? **A Joana**, a Ana deu o chocolate ontem

Pelo contrário, como esperado, em **Despojamento**, paráfrases como estas são possíveis (cf. (174) e (175)):

- (174) a. O João não deu o chocolate à Joana, mas a Ana sim
b. O João não deu o chocolate à Joana, mas a Ana sim, deu
c. O João deu o chocolate à Joana, mas a Ana sim, deu-lho

- (175) a. O João deu o chocolate à Joana, mas a Ana não
b. O João deu o chocolate à Joana, mas a Ana não, não deu
c. O João deu o chocolate à Joana, mas a Ana, não lho deu

Em suma:

A construção de Despojamento deve ser distinguida das Respostas Fragmentárias. Apesar de ambas poderem ocorrer em estruturas subordinadas e estarem sujeitas a condições de ilha, não apresentam as mesmas configurações estruturais: (i) Em Despojamento, diferentemente do que parece acontecer nas Respostas Fragmentárias, os constituintes foneticamente realizados ocupam posições externas a SFLEX. (ii) Despojamento exibe uma estrutura ~~SX foneticamente realizado~~-PREDICADO, as Respostas Fragmentárias não apresentam esta configuração.

3.2. A distribuição de Despojamento em Português, Espanhol, Francês e Inglês

Nesta secção procurarei demonstrar que, como no Português, no Espanhol e no Francês, as construções de Despojamento e de Constraste Sintagmático apresentam propriedades distintivas; o mesmo não acontece, contudo, no Inglês, língua em que o fenómeno designado por "Stripping" ("Despojamento") parece ser adequadamente caracterizável como uma construção de Constraste Sintagmático.

Consideremos alguns exemplos de Despojamento em frases coordenadas nestas línguas:

- (176) a. Julia ha hecho los deberes y Miguel **no**
(cf. BRUCART 1987, (183a), cap.2, p. 146)
b. Marta vio a Pedro, pero a Franco **no**
(ZAGONA 1988b, nota 1, (iv), cap.6, p.196)
c. Juan trabaja hoy y mañana **también**
(ZAGONA 1988b, nota 1, (iii), cap.6, p.195)
- (177) a. John était critiqué, mais Mary **non**
(ZRIBI-HERTZ 1986, (1f), cap.XI, p.466)
b. Tout le monde y court, moi **pas**
(WAGNER e PINCHON (1962), p. 413)
c. Marion boit du rhum, et du whisky **aussi**
(CHAO 1987, (2a), cap. 5, p.180)
- (178) a. Alan likes to play volleyball, but **not** Sandy
(HANKAMER e SAG 1976, (44), p. 409).
b. Someone gave chocolates to Mary, but **not** to Jeff]
(CHAO 1987, (3c), cap.1, p.2)
c. John gave chocolates to Mary, and flowers **too**
(CHAO 1987, (3b), cap.1, p.2)

Como vimos na secção 1.3. deste capítulo, nas estruturas coordenadas, em Português, a posição dos adverbiais "não" e "também" determina qual o constituinte sobre que têm escopo. Assim, enquanto em exemplos como (179a) os adverbiais têm escopo sobre o sintagma predicativo elíptico, em (179b), têm escopo sobre o sintagma lexicalmente realizado que os segue.

- (179) a. O João deu um disco à Maria e à Teresa **não / também** [-]
b. O João deu um disco à Maria e **não / também** à Teresa

Como então salientámos, esta divergência de escopo dos adverbiais, está correlacionada com a distinção entre as construções de Despojamento e de Contraste Sintagmático. No que diz respeito ao Espanhol e ao Francês, este padrão de ordem é igualmente seguido.

Nestas línguas, os contrastes entre Despojamento e Contraste Sintagmático são particularmente evidentes nos casos de ocorrência da partícula de negação (frequentemente os únicos casos considerados na literatura⁽⁴⁸⁾). Deste modo, a par de exemplos como (176a)–(176b) e (177a)–(177b), ilustrativos de Despojamento, ocorrem exemplos como (180) e (181), representativos de Contraste Sintagmático:

- (180) JULIA ha hecho los deberes, y **no** Miguel

(cf. BRUCART 1987, (183b), cap.2, p. 146)

- (181) a. Lee s'engage dans la marine, mais **pas** moi

(ZRIBI-HERTZ 1986, (5b), cap.XI, p.468)

- b. Il est sévère, **non** injuste⁽⁴⁹⁾

(GREVISSE 1969, parágrafo 419, p.220)

No caso do Inglês, não há, contudo, possibilidade de uma colocação diversa dos adverbiais "not" e "too", como mostra o contraste de gramaticalidade entre as frases em (178) e em (182):

- (182) a. * Alan likes to play volleyball, but Sandy **not**^(oo)
 b. * Someone gave chocolates to Mary, but to Jeff **not**
 c. * John gave chocolates to Mary, and **too** flowers

Assim, "not" em (178a) e (178b) tem efectivamente escopo sobre o sintagma realizado que o segue, respectivamente "Sandy" e "to Jeff". O mesmo acontece, aliás com "too" relativamente ao sintagma que o precede, em (178c) "flowers".

Na verdade, como os seguintes exemplos mostram, "too" tem sistematicamente escopo sobre os sintagmas que lhe estão adjacentes à esquerda:

- (183) a. Mary/we **too** had gone to the movies
 b. Mary had gone to the movies (,) **too**

Em (183a), "too" só pode ser interpretado como um modificador do SN sujeito, estando assim incluído, por adjunção, neste sintagma. Pelo contrário, em (183b), "too", em final de frase, pode referir-se a um dos complementos do verbo, ao Sintagma Predicado "had gone to the movies", na sua globalidade, ou até ao SN sujeito, pressupondo-se, neste último caso, que "too" tem escopo sobre todo o domínio frásico.

Assim, em termos do escopo de "not" e "too", Despojamento em Inglês aproxima-se de Contraste Sintagmático numa língua como o Português — os referidos adverbiais não têm escopo sobre o sintagma predicativo nulo, mas sobre um constituinte sintagmático lexicalmente realizado.

Uma outra propriedade aproxima Despojamento em Inglês de Contraste Sintagmático em Português, Espanhol e Francês —

diferentemente do que acontece nestas línguas, Despojamento em Inglês não pode ocorrer em orações subordinadas. Veja-se, assim o contraste de gramaticalidade entre os exemplos em (184) e em (185):

- (184) a. O João leu esse livro à Maria mas a Ana diz [~~scmp~~ que aquele **não**]
b. Pedro sabe inglês, pero parece [~~scmp~~ que Luis **no**]
c. Jean va au cinéma ce soir mais je crois [~~scmp~~ que Marie, **non**]
- (185) a. * Alan likes to play volleyball but Mary says [~~scmp~~(that) **not** Sandy]
b. * I have read Shame and Susan says [~~scmp~~ Bill **too**]
(KEMPSON 1990)

Como as frases seguintes mostram, a exclusão dos domínios de subordinação é, com efeito, uma das propriedades caracterizadoras de Contraste Sintagmático nas línguas românicas analisadas:

- (186) a. * O João leu esse livro à Maria mas a Ana diz [~~scmp~~ que **não** aquele]
b. * Pedro sabe inglês, pero parece [~~scmp~~ que **no** Luis]
(BRUCART 1987, (197), cap.2, p. 150)
c. * Jean va au cinéma ce soir mais il croit [~~scmp~~ que **pas** Marie]

Em suma, no Inglês, a **distinção** entre **Despojamento** e **Contraste Sintagmático**, parece estar anulada. Consequentemente, Despojamento em Inglês deve ser tratado como uma construção de

constituintes sintagmáticos descontínuos e não como uma construção de elipse frásica – veja-se a sua exclusão dos contextos de subordinação.

Recapitulando, destacarei as posições principais que foram assumidas ao longo deste capítulo:

A **secção 1**, foi consagrada à delimitação das construções de SV Nulo e de Despojamento:

Em **1.1.**, a construção de SV Nulo foi distinguida da construção de Objecto Nulo. A necessidade de proceder a essa distinção decorre do facto de SV Nulo em Português poder ser legitimado por verbos principais. Seguindo a análise de RAPOSO 1986, demonstrou-se que o constituinte nulo presente em cada uma destas construções tem propriedades diversas – natureza categorial, modo de fixação do seu conteúdo (cf. antecedente linguístico vs antecedente discursivo), distribuição diversa face a contextos de Ilha.

Em **1.2.** as construções de SV Nulo e de Despojamento foram diferenciadas. Qualquer destas construções exhibe elipse de uma expressão predicado, e em certos contextos discursivos são sentidas intuitivamente como estratégias alternativas. Porém, estruturalmente, Despojamento difere de SV Nulo porque nem a expressão alvo de predicação se restringe ao SN sujeito, nem o constituinte elíptico coincide com o SV. Distribucionalmente, Despojamento distingue-se de SV Nulo pelo facto de ser sensível a Contextos de Ilha.

Em **1.3.**, Despojamento foi diferenciado de Contraste Sintagmático, uma construção usualmente ignorada na literatura, e

quando referida (cf. BRUCART 1987), restringida aos casos de negação contrastiva (em SNs Sujeito). Procurou demonstrar-se que são estruturalmente distintas: Despojamento é uma construção de elipse frásica; Contraste Sintagmático não apresenta elipse e envolve estruturas com constituintes sintagmáticos descontínuos. Consequentemente, a distribuição destas duas construções não é idêntica – apenas Despojamento pode ocorrer em domínios de subordinação.

Na **secção 2** descreveu-se a distribuição de SV Nulo em Português, confrontando-a com a do Inglês:

Em **2.1.** delimitaram-se os domínios de ocorrência do constituinte elíptico face ao seu antecedente. Dada a autonomia do constituinte nulo face ao seu antecedente, concluímos que ele deve ser basicamente gerado.

Em **2.2.** analisámos o contexto local do constituinte nulo: Em Português, os legitimadores do SV Nulo são exclusivamente elementos verbais (**2.2.1.**). Porém, diferentemente do que acontece em Inglês, podem legitimar SV Nulo tanto verbos principais como verbos auxiliares. Neste último caso, em Português (mas não em Inglês) o auxiliar que legitima o SV Nulo tem de ser idêntico ao auxiliar da frase antecedente. Em Português, como em Inglês, o legitimador do SV Nulo pode ser uma sequência verbal. Contudo, nem sempre as sequências legítimas em cada uma destas línguas coincidem (**2.2.2.**).

Na **secção 3** analisámos a distribuição de Despojamento e procedemos a um confronto entre as propriedades exibidas por esta construção em Português e noutras línguas – o Espanhol, o

Francês e o Inglês.

Em 3.1. foram descritos os domínios de ocorrência do constituinte elíptico e do seu antecedente: Sugeriu-se que o carácter limitado destes domínios se prendia com a sensibilidade de Despojamento aos Contextos de Ilha. Argumentou-se contra a inclusão nesta construção de Respostas Fragmentárias constituídas apenas por uma projecção máxima foneticamente realizada.

Em 3.2., Despojamento em Português, Espanhol e Francês foi caracterizado como uma construção de elipse frásica. Levantou-se a hipótese de o fenómeno designado por "Stripping"(/Despojamento) em Inglês ser uma construção de Contraste Sintagmático.

1. Como mencionado no capítulo 1, Koopman e Sportiche consideram que em Estrutura-P o sujeito se encontra integrado na Projecção máxima de V°. Esta posição é, contudo, compatível com os dados de SV Nulo. De facto, para os referidos autores a projecção V_{max} é distinta da projecção SV que é constituída por verbo e complementos (cf. SPORTICHE 1989).

2. Sobre a inclusão dos adjuntos no SV Nulo ver a secção 1.1. do capítulo 4 deste trabalho.

3. Na construção de SV Nulo em Inglês podem ainda ocorrer em adjacência imediata à categoria vazia o verbo de cópula ou "to" infinitivo:

(i) Stewball is a racehorse and Seabiscuit is too
(cf. LOBECK 1987, (viii.a).

(ii) Betsy wanted to go home, but Peter didn't want to [ev-]
(SAG 1980, (1.1.4.) p. 12)

4. CHAO 1987 apresenta alguns casos em que o conteúdo de SV Nulo é fixado por um contexto situacional e não linguístico:

- (i) a. Don't.
b. You wouldn't
c. I will if you do.
d. you can, but I won't

CHAO 1987, (31), cap. 4, p.134

Como vimos no capítulo 2, e aqui recordaremos, este não é o

caso normal na utilização da construção de SV Nulo.

5. Como o exemplo seguinte ilustra, os testes clássicos de determinação do SV mostram que o SP locativo é um complemento subcategorizado pelo verbo "procurar":

(i) ?? O João procurou as chaves de casa na gaveta e a Maria fez o mesmo na estante

A marginalidade da frase deve-se ao facto de o SP locativo estar excluído do antecedente da expressão "fazer o mesmo".

6. Em 1.2., veremos que SV Nulo é insensível a todas as Restrições de Ilha utilizadas para diagnosticar infracções de Subjacência e de PCV. Na presente secção optei, porém, por seguir o mais fielmente possível a argumentação de RAPOSO 1986.

7. Em RAPOSO 1986, a identificação da construção de Objecto Nulo com a Topicalização baseia-se no facto de a categoria vazia presente nesta construção manifestar as propriedades de uma variável sintáctica, i.e., de uma categoria vazia A' ligada em Estrutura-S por uma expressão com estatuto de operador. Essas propriedades são a sua obediência à Subjacência e a sua capacidade de legitimar vazios parasitas (cf.(i)).

(i) a. Arrumei [_{EN} -]_i na estante sem sequer ler [_{EN} v. par.]_i
(RAPOSO 1986, (23b), p. 384)

b. A Ana usou sempre [_{EN} -] sem nunca perder [_{EN} v. par.]

Com efeito, as variáveis resultantes da aplicação de movimento-A' em FL não parecem apresentar nenhuma destas

propriedades.

Os exemplos seguintes, em que o movimento-A' (neste caso Elevação de Quantificador) se processa em FL, demonstram a impossibilidade de variáveis de FL legitimarem vazios parasitas:

(ii) a. ??/* Arrumei alguns livros na estante sem sequer ler

[~~EN~~ v. par.]

b. ??/* A Ana usou sempre muitos anéis sem nunca perder

[~~EN~~ v. par.]

8. Despojamento é inicialmente caracterizado em HANKAMER 1971/79, como o fenómeno de eclipse presente nas respostas a perguntas com constituintes interrogados (cf. op. cit. p. 393). Na secção 3.1.2. deste capítulo, debruçar-me-ei sobre estas estruturas, e excluí-las-ei da construção Despojamento. Optei por adiar a distinção entre o Despojamento e as Respostas Fragmentárias até à referida secção, porque me parece importante o confronto entre as Respostas Fragmentárias e os casos de SV Nulo em frases-resposta, os quais só serão descritos na secção 2.2.1. deste capítulo.

9. A noção de operador na Teoria da Regência e da Ligação restringe-se predominantemente a constituintes que ligam variáveis. Porém, nada parece obrigar a uma noção tão restritiva deste termo.

Considere-se a definição de operador proposta em MAY 1985: é um operador "todo o sintagma em posição-A' em FL" (MAY 1985, cap.2, p.34).

Esta definição contempla a concepção restritiva: por definição as variáveis são A'-ligadas por operadores (veja-se,

por exemplo POLLOCK 1989, 5.2., p.392).

Mas é válida também para uma concepção mais lata de operador: podemos assumir que os adverbiais "também" e "não" ocupam uma posição-A' em FL.

Esta posição foi, aliás, desde longa data assumida para os elementos de negação – com efeito, nomeadamente o marcador de negação frásica interage crucialmente com os fenómenos de quantificação.

Note-se ainda que alguns lógicos admitem a possibilidade de considerar os advérbios como operadores de predicados, i.e., como operadores que formam predicados a partir de predicados" (cf. ALLWOOD, ANDERSSON & DAHL, (1971/1977), cap. 9, p. 148).

10. Repare-se que a coordenação tem de ter um valor contrajuntivo (adversativo) ou conjuntivo. De facto as conjunções disjuntivas estão excluídas destes contextos. Veja-se o contraste de gramaticalidade entre as frases (i) e (ii):

- (i) a.* A Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista ou a Teresa **não(/também)**
- b. * Quer a Maria tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista quer a Teresa **não(/também)**
- c. * A Maria não tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista, ou a Teresa **sim(/também não)**
- d. * Quer a Maria não tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista, quer a Teresa **sim(/também não)**
- (ii) A Maria não tinha atribuído as culpas do desastre ao motorista porém/todavia/contudo a Teresa **sim**

11. Esta mesma distribuição se verifica em Espanhol, como mostra BRUCART 1987, cap. 2, 2.2.1., pp. 134-135.

12. BRUCART 1987 apresenta exemplos idênticos para o Espanhol:

- (i) Marta no sabe bailar el "rock" y Luis dice que tampoco
(BRUCART 1987, (156a), cap.2, p. 135)

De acordo com este autor, porém, esta construção (por ele denominada Elipse do Predicado com partículas de polaridade) não apresenta efeitos de ilha, nomeadamente, não é sensível nem à Restrição do SN Complexo, nem à restrição do Sujeito Frásico. Discutirei esta posição, que é diversa da que aqui assumo para o Português nas notas 14, 16 e 17 deste capítulo.

13. Recorde-se a infracção da Restrição do Sujeito Frásico em frases interrogativas:

- (i) * A que cinema que o João vá é bom?

14. BRUCART 1987 apresenta o seguinte exemplo para demonstrar que Despojamento não obedece à Restrição do Sujeito Frásico:

- (i) Maria no sabe ruso, pero es possible que Luis sí
(BRUCART 1987, (159b), cap.2, p. 136)

Repare-se que as seguintes frases são igualmente gramaticais em Português:

- (ii) a. A Maria sabe Inglês, mas é possível que o Pedro não
b. é ótimo que o Pedro goste da escola e é péssimo que a
Maria não.

Nestas frases, porém, o argumento externo oracional do predicado complexo "é possível" não se encontra na posição de sujeito frásico. Consequentemente não se verifica o contexto característico da Restrição do Sujeito Frásico.

Repare-se que Movimento-Q longo também se pode processar em contextos de "Extraposição da Frase Sujeito" sem produzir frases mal-formadas:

(iii) a. Que língua é que é possível que o Pedro não saiba?

(cf. * Que língua é que que o Pedro não saiba é possível?)

b. De que é que é óptimo que o Pedro goste?

(cf. * De que é que que o Pedro goste é óptimo?)

Os exemplos iniciais de ROSS 1967 contemplam exactamente este contraste configuracional:

(iv) a. The teacher who the reporters expected that the principal would fire is a crusty old battleax

b. * The teacher who that the principal would fire was expected by the reporters is a crusty old battleax

c. The teacher who it was expected by the reporters that the principal would fire is a crusty old battleax

(ROSS 1967, (4.251) p. 133)

15. Recorde-se a infracção da Ilha do SN Complexo em frases relativas por Movimento-Q longo:

(i) * A que cinema é que o João conhece **um rapaz** que foi hoje?

16. BRUCART 1987 dá o seguinte exemplo bem formado para o

Espanhol:

- (i) Luis no sabe traducir ruso, pero conozco a una alumna que sí
(BRUCART 1987, (156b), cap.2, p. 135)

O seu equivalente em Português é, contudo, no mínimo, marginal:

- (ii) ?? O Luís não sabe traduzir Russo, mas conheço uma aluna que
sim

Repare-se, todavia, que nem todos os exemplos de infracção da Restrição do SN Complexo por parte de Despojamento produzem resultados igualmente agramaticais. De momento, não tenho explicação para este facto.

17. A frase seguinte exemplifica a infracção da Restrição do SN Complexo em frases completivas de nome por Movimento-Q longo:

- (i) ??* A que cinema admitiu o João a hipótese de que a Maria fosse v hoje?

Note-se, contudo, que nem todas as extracções de completivas de nome produzem resultados inaceitáveis. É o caso de frases como as seguintes:

- (ii) a. O João tem a certeza (de) que a Maria gosta de gelados
b. De que é que o João tem a certeza (de) que a Maria gosta?
- (iii) a. Esse clube tem hipóteses de ganhar o campeonato este ano
b. Que é que esse clube tem hipóteses de ganhar este ano?

Para dar conta da aceitabilidade destes exemplos há pelo menos duas alternativas de explicação: (i) ou o verbo e o SN que comporta a completiva são reanalisados como um complexo predicativo único, como sugere o facto de o verbo ter um conteúdo predicativo que é completado pelo do nome que selecciona; (ii) ou pelo contrário, o nome seleccionado pelo verbo só aparentemente requer uma frase por complemento – com efeito, com alguns destes exemplos é possível proceder só a extracções do nome deixando a completiva "in situ". Veja-se o contraste de gramaticalidade dos exemplos (iv) e (v):

- (iv) a. Que certeza tem o Luís de que a Maria gosta de gelados?
Nenhuma!
- b. Que hipótese(s) tem esse clube de ganhar o campeonato?
- (v) * Que hipótese admitiu o Luís de esse clube ganhar o campeonato?

Repare-se que o exemplo que Brucart fornece para demonstrar que Despojamento não obedece à Restrição do SN Complexo com frases completivas de nome utiliza um "complexo predicativo" como "tener la seguridad":

- (vi) Maria odia a Antonio y tengo la seguridad de que Pedro también (BRUCART 1987, (159a), cap.2, p. 136)

Não é, pois, um exemplo esclarecedor acerca da possibilidade de esta construção infringir a Restrição do SN Complexo.

18. O seguinte exemplo é ilustrativo da actuação da Restrição da Ilha-Q em frases interrogativas. Repare-se, no entanto, que

nestes contextos a marginalidade das frases é menor do que em Despojamento:

(i) ?? A que cinema perguntou a Maria quem vai?

19. Uma inventariação dos contextos de subordinação adjunta tradicionalmente considerados confirma a exclusão de Despojamento das orações condicionais, finais, temporais, causais, e de algumas concessivas.

(i) a. * O João não fica em casa se/caso/desde que/a menos que/a não ser que a Maria não/também não (Condicionais)

b. * O João executa essas tarefas para que/a fim de que a Maria não (Finais)

c. * O João não executa essas tarefas quando/sempre que/desde que a Maria também não (Temporais)

d. * O João não vai ao cinema hoje porque/pois/visto que/uma vez que a Maria também não (Causais)

e. * O João executa essas tarefas apesar de/nem que a Maria não (Concessivas)

Certas orações Concessivas permitem marginalmente a ocorrência de Despojamento:

(ii) ?? O João ouve sempre o noticiário de manhã, embora/ainda que/mesmo que à noite não

Finalmente, as orações introduzidas por "enquanto", produzem frases bem formadas:

(iii) O João oferece sempre presentes aos filhos no Natal,
enquanto a Maria não

é possível, talvez, alegar que frases como (iii) apresentam um estatuto ambíguo entre estruturas coordenadas e estruturas de adjunção.

20. Como mostra o contraste entre o exemplo (39) e os seguintes (cf. (i) e (ii)), mesmo em SV Nulo, a ocorrência de Despojamento em Sujeitos frásicos é restrita. Com efeito, (i) é mal formado porque não existe uma configuração estrutural paralela no primeiro membro coordenado (cf.(ii)).

(i) * [A Maria tem estudado Inglês], mas [que o Pedro não tenha] é possível]

(ii) [[Que a Maria tem estudado Inglês] é um facto] e [[que o Pedro não tem] é uma certeza]

21. Repare-se que a distinção entre Despojamento e Contraste Sintagmático se verifica igualmente em Espanhol, como mostra BRUCART 1987, que, todavia, restringe a construção de Contraste Sintagmático à Negação Contrastiva sobre SNs sujeito:

(i) a. Julia ha hecho los deberes y Miguel **no**

b. JULIA ha hecho los deberes, y **no** Miguel

(cf. BRUCART 1987, (183), cap.2, p. 146)

22. é o facto de a construção de Contraste Sintagmático poder ter por alvo SVs que cria contextos característicos de Redução de Coordenação (ing. Conjunction Reduction), tipicamente analisados como coordenações de SVs (cf., por exemplo, LARSON 1988).

Confronte-se o exemplo (ia), em que Contraste Sintagmático tem por alvo os SNs objecto directo, com os exemplos (ib) e (ic), em que os constituintes implicados são SVs, e assumem a forma de Reduções de Coordenação:

- (i) O João ofereceu um livro à Maria ontem
- (a) e também / não uma caneta
 - (b) e também / não uma caneta ao Pedro
 - (c) e também uma caneta hoje

Repare-se que em Despojamento, dado que o adverbial tem escopo sobre uma categoria elíptica que denota a predicacão frásica na sua globalidade, não é possível obter frases bem formadas quando se faz co-ocorrer o adverbial com argumentos ou adjuntos do verbo:

- (ii) O João ofereceu um livro à Maria hoje
- (a) * e o Pedro também / não uma caneta
 - (b) * e uma caneta também / não ao Pedro
 - (c) * e ao Pedro também / não hoje
 - (d) * e ontem também / não o Pedro

23. Repare-se que as mesmas intuições estão presentes na análise que BRUCART 1987 propõe para estas construções em Espanhol. Com efeito este linguista considera que, diferentemente da construção de Predicado Elíptico (i.e., Despojamento), as coordenações contrastivas com as partículas "no", "si" e "sino" (i.e., Contraste Sintagmático) são estruturas mono-oracionais envolvendo coordenação de constituintes sintagmáticos.

24. BRUCART 1987 analisa as coordenações contrastivas em Espanhol como constituintes sintagmáticos, que funcionam como complementos explicativos ou parentéticos. Esses constituintes seriam **basicamente gerados como adjuntos do complemento a que se contrapõem**, sendo deslocados para adjunção a SV na Sintaxe (op. cit. p. 148).

25. Veja-se, com efeito, o contraste de gramaticalidade entre os exemplos (ia) e (iia):

(i) A Maria não foi ao cinema com a Ana hoje,

a. mas [-] ao teatro

b. mas [**sim**] ao teatro

(ii) A Maria não foi ao cinema com a Ana hoje,

a. ??/* e [-] ao teatro

b. e [**sim**] ao teatro

26. Vejam-se os seguintes exemplos do Inglês:

(i) Gwendolyn **made the team** but Betsy didn't [**sv-**]

(cf. SAG 1980 (1.1.1.a), cap.1, p. 10)

(ii) John said there wouldn't be many people being examined by the doctor, but there were [**sv-**]

(cf. SAG 1980 (1.2.14.a), cap.1, p. 23)

(iii) Norma thinks she likes Ronald Reagan, and Lois thinks she does [**sv-**] too

(cf. SAG 1980 (2.3.72), cap.2, p. 168)

27. Confronte-se um exemplo análogo para o Inglês:

(i) * John [₁ wanted to [e]₁]

(HAIK 1987, (2), p.503)

28. Como os exemplos mostram, em Inglês, SV Nulo ocorre em contextos semelhantes:

(i) The fact that Peter didn't break the window made me wonder who did [sv-]

(cf. SAG 1980 (1.1.6.b), cap.1, p. 12)

(ii) Although Sandy said she didn't [sv-], Betsy actually did go to the store.

(cf. SAG 1980 (1.1.12.a), cap.1, p. 14)

(iii) John didn't hit a home run, but I know a woman who did [sv-]

(cf. SAG 1980 (1.1.8), cap.1, p. 13)

29. SV Nulo pode ocorrer em construções comparativas como em (i):

(i) O João tem **comprado mais livros** do [que tu tens [sv-]]

Neste trabalho não me debruçarei, contudo, sobre frases comparativas.

30. Confronte-se o seguinte exemplo do Inglês:

(i) A: Did you **finish that problem**?

B: No, I didn't [sv -]

(ZAGONA 1988a, (1), p. 95)

31. Quando o constituinte interrogado não é o sujeito, utiliza-se

uma construção elíptica diferente de SV Nulo, as Respostas Fragmentárias (cf. secção 3.1.2. deste capítulo):

(i) A – Quem tem a Maria visitado ultimamente?

B – a. Os amigos [–] (Respostas Fragmentárias)

b. ?? * Os amigos, tem [sv–] (SV Nulo)

c. * Tem os amigos [sv–] (SV Nulo)

(ii) A – Quem **não tem** a Maria visitado ultimamente?

B – a. Os amigos [–] (Respostas Fragmentárias)

b. ?? * Os amigos, não tem [sv–] (SV Nulo)

c. * Não tem os amigos [sv–] (SV Nulo)

32. SV Nulo pode também ocorrer em interrogativas "tag":

(i) a. A Maria tem **visitado os amigos ultimamente**, não tem [sv–]?

b. A Maria **guardou esses livros na pasta**, não guardou [sv–]?

Repare-se, porém, que as interrogativas "tag" associadas a frases negativas fazem uso de construções elípticas diferentes, como (ii.c, e) mostram:

(ii) A Maria não tem visitado os amigos ultimamente

a. * não tem?

b. * tem?

c. (pois) não?

d. *Pois não tem?

e. não é ? (cf. não é verdade?)

Para uma descrição das expressões que podem ocorrer nas interrogativas "tag", veja-se MATEUS et alii 1989, cap.10,

10.8.3, pp. 245-247).

33. A primeira vista, exemplos como o seguinte parecem casos de Anteposição do SV:

- (i) **Visitar os amigos ultimamente**, a Maria visitou [sv-]
(estudar é que não)

Porém, em (i), diferentemente do que acontece na construção de Anteposição do SV, o verbo "visitar" ocorre tanto no antecedente como na frase elíptica.

Além disso, estes exemplos, contrariamente aos casos de Anteposição do SV, não manifestam efeitos de ilha (cf. (ii)):

- (ii) a. Visitar os amigos, a Maria não conhece [ninguém que visite [sv-]] (Restrição do SN Complexo em frases Relativas)
- b. Visitar os amigos, a Maria lamenta [o facto de ninguém visitar [sv-]] (Restrição do SN Complexo com frases Completivas de Nome)
- c. Visitar os amigos, [[que a Maria visita [-]] é evidente] (Restrição do Sujeito Frásico)
- d. Visitar os amigos, [se a Maria visitar [-]], fico mais tranquila (Restrição da Ilha Adjunta)

Em (i), estamos pois perante um caso de SV Nulo em que o antecedente é **basicamente gerado em posição-A'**, possivelmente em adjunção a SFLEX ou a SCOMP. Repare-se, porém, que o constituinte adjunto não é presumivelmente um SV (como na construção de Anteposição do SV), mas antes um domínio oracional autónomo. Com

efeito (iii), parece ser a representação adequada a atribuir a uma frase como (i):

(iii) PRO visitar os amigos, a Maria visitou [ev-]

Em (iii) o antecedente do SV nulo encontra-se numa frase infinitiva, adjunta à oração principal.

Para uma caracterização das diferentes construções de Tópicos marcados em Português, veja-se DUARTE 1987, 1989.

34. No Inglês, nas frases infinitivas, é a partícula "to" que legitima SV Nulo (cf., por exemplo SAG 1980, cap.1, p. 12):

(i) Betsy wanted to go home, but Peter didn't want to [ev -]
(WASOW 1980, (1.1.4), p. 12)

35. Repare-se que esta análise é conforme com posições frequentemente assumidas face a este tipo de frases. Assim, LOPES 1972, tendo em mente as interrogativas parciais, afirma: " Uma interrogação não constitui globalmente, em regra, uma oração mas um molde proposicional com pelo menos uma variável livre". O mesmo autor salienta, a propósito das interrogativas globais, que "nelas o loquente dá ao interlocutor, já quantificadas ou vinculadas por elementos constantes, todas as variáveis de um molde proposicional, mas ainda não uma proposição, pois o carácter assertórico do enunciado só lhes poderá ser conferido pela resposta." (LOPES 1972, cap X, p. 249).

Dado que os pares pergunta-resposta não constituem duas proposições distintas, eles não comportam predicados susceptíveis de ser confrontados do ponto de vista do seu valor denotativo.

36. Os estudos sobre SV Nulo em Inglês têm geralmente ignorado a presença de "too" e "not" nesta construção. Vejam-se, por exemplo, os tratamentos de WILLIAMS 1977, SAG 1980, LOBECK 1987, CHAO 1987, ZAGONA 1988a, 1988b.

37. Para uma descrição de outros verbos e perífrases verbais usualmente considerados como auxiliares veja-se, por exemplo, CUNHA e CINTRA 1984, cap. 13, LOBATO 1985 e MATEUS et alii 1989, secções 5.4., 5.5. e 9.3.2. .

38. Como veremos no próximo capítulo, a propriedade formal que distingue crucialmente os verbos auxiliares dos verbos principais em Inglês é o Movimento do Verbo para os núcleos funcionais FLEX° e COMP°. No Inglês, apenas os auxiliares e os verbos de cópula podem elevar-se para estas posições.

39. Repare-se que "deixar" selecciona mais de um complemento obrigatório:

- (i) a. O João deixou o carro na garagem
- b. * O João deixou o carro
- c. * O João deixou na garagem

Este facto mostra que a construção presente nestas frases é SV Nulo e não Objecto Nulo.

40. De acordo com OTANI e WHITMAN (1991), esta condição não se faz sentir em Chinês, língua que, segundo os autores, apresenta SV Nulo legitimado por verbos principais distintos.

41. Segundo Hankamer e Sag, a construção de Anáfora do

Complemento Nulo apresenta características muito diversas de SV Nulo, não exigindo, nomeadamente, a identidade estrutural do constituinte recuperado relativamente ao seu antecedente. Assim, nos seguintes exemplos, o complemento nulo está na activa independentemente de o seu "antecedente" se encontrar na passiva:

(i) The oats had to be taken down to the bin,

a. * so Bill did

b. so Bill volunteered

Repare-se que, em Português, exemplos paralelos a estes com os verbos volitivos e modais são relativamente marginais:

(ii) a. ?? Embora a Maria pudesse [-], os resultados não foram divulgados

[-] = divulgar os resultados

b. ?? Embora quiséssemos [-], os resultados não foram divulgados por nós.

[-] = divulgar os resultados

Note-se porém, que na construção de SV Nulo estas discrepâncias estruturais produzem resultados muito piores:

(iii) * Os resultados não teriam sido divulgados tão tarde se

a Maria tivesse [-]

[-] = divulgado os resultados

42. Em MATEUS et alii 1989, "quando" é referido como um dos conectores temporais usados para exprimir estados de coisas simultâneos. De acordo com as autoras, dois estados de coisas são

simultâneos "...quando os dois têm lugar exactamente no mesmo intervalo de tempo (simultaneidade "pura"), ou quando um dos estados de coisas se realiza num intervalo de tempo que intersecta o intervalo de tempo do outro" (op. cit., p. 310).

43. Para uma caracterização dos valores aspectuais frequentativo e pontual veja-se, por exemplo, MATEUS et alii 1989, secção 5.4, pp. 96-98. De acordo com essa caracterização, o "frequentativo" é um dos valores que o aspecto "durativo" pode assumir.

44. Lobeck assinala que alguns falantes consideram esta sequência inaceitável. Porém, nem SAG 1980, nem Zagona 1988a põem em questão a sua gramaticalidade. Deste modo, optei por, no corpo do texto, não a indicar.

45. Como vimos na secção 2.1. deste capítulo, a circularidade é também o factor determinante da agramaticalidade de exemplos de SV nulo como (i):

(i) * O João tinha [dito que a Maria também tinha [ev-]]

46. Recordem-se alguns dos exemplos de HANKAMER 1979 para o Inglês (cf. HANKAMER 1979 (1), cap.3, p. 238)

(i) a. Who tried to persuade the anaconda to give Harry a chance to fight for his life?

b. Harvey

(ii) a. What did Harvey try to persuade to give Harry a chance to fight for his life?

b. The anaconda

47. HANKAMER 1979 apresenta exemplos, que mostram que em Inglês as respostas fragmentárias não podem ocorrer em configurações de subordinação. Veja-se o contraste de gramaticalidade entre os enunciados em (i.B) e em (ii.B):

(i) A – What's Hasan writing?

B – A letter

(ii) A – What's Hasan writing?

B – * I think that a letter.

* Ali says that a letter.

(cf. HANKAMER 1979 (63), cap.3, p. 238)

48. Veja-se BRUCART 1987, 2.2.5., pp. 144–151; vejam-se também considerações sobre o emprego das partículas de negação em Francês em CHEVALIER et Alii (1964), especialmente os parágrafos 622 a 624, pp. 427–428, e WAGNER et PINCHON (1962), parágrafos 484 a 486, pp. 408–410).

49. Segundo CHEVALIER et alii (1964), quando "non" apresenta negativamente uma construção com termos antitéticos, o francês moderno tende a substituí-lo por "pas". Porém, quando é o primeiro termo antitético que é negado, emprega-se usualmente "non" ou "non pas":

(i) Il pardonnerait à qui avait repoussé la force par la force ,
non pas, à la vérité, **au moment du premier crime**, mais
lorsque l'on tentait de le commettre de nouveau (STENDHAL).

(CHEVALLIER et alii (1964), p. 428)

50. Certos falantes do Inglês consideram os exemplos em que "not" segue o constituinte temático não são agramaticais mas apenas muito formais.

Capítulo 4

**A CONSTRUÇÃO DE SV NULO
EM PORTUGUÊS
E INGLÊS**

A CONSTRUÇÃO DE SV NULO EM PORTUGUÊS E EM INGLÊS

As investigações iniciais no seio de uma Gramática Generativa concebida exclusivamente como um Sistema de Regras, ao debruçarem-se sobre a formulação da Regra de Elipse do SV, procuraram dar resposta às seguintes questões: (i) a determinação do âmbito do SV Nulo; (ii) a caracterização dos contextos legitimadores do SV Nulo; (iii) as condições de recuperação do seu conteúdo; (iv) a natureza (transformacional ou interpretativa) do fenómeno⁽¹⁾.

Numa Gramática de Princípios e Parâmetros, estes problemas, subsistem. Em particular as questões (ii) e (iii), reperspectivadas, assumem particular relevo – o objectivo é agora determinar os princípios que permitem a legitimação do SV Nulo, e a recuperação do seu conteúdo.

Este último problema, central no tratamento em Forma Lógica da construção de SV Nulo, encontra-se na confluência entre a Sintaxe e a Semântica. Podemos, contudo, conceber como fundamentalmente sintáctico o estudo dos Princípios que, actuando no domínio frásico em que o SV Nulo se encontra, contribuem para a recuperação do seu conteúdo.

Este trabalho centrar-se-á no estudo das condições sintácticas de legitimação e de recuperação do conteúdo do SV Nulo (cf. secção 2 deste capítulo⁽²⁾). Porém, porque crucial para o estabelecimento das configurações sintácticas presentes nesta construção, será previamente analisado o problema do âmbito do SV Nulo (cf. secção 1).

A questão da **natureza do SV Nulo**, discutida no capítulo 2 deste trabalho, não será aqui abordada. Assumirei a posição interpretativista que então defendi, de acordo com a qual o SV Nulo em Estrutura-S é caracterizável como um constituinte que tem a estrutura interna mínima requerida pelo núcleo verbal a partir do qual foi projectado.

1. O âmbito do SV Nulo

A delimitação do âmbito do SV Nulo é uma questão prévia a qualquer abordagem da construção de SV Nulo. O problema consiste em determinar se a categoria elíptica coincide ou não em extensão com o constituinte SV.

1.1. A inclusão dos adjuntos no SV Nulo

Se definirmos o SV como o constituinte que domina exclusivamente o verbo e os elementos por ele seleccionados (i.e., subcategorizados e θ -marcados), a existência de frases como as seguintes põe em questão que o SV Nulo se restrinja ao SV:

(1) Ele não tem comprado livros na livraria, mas a Ana tem [-]

[-] = comprado livros na livraria

(2) Mary can't go to Princeton in the fall, but she can [-]₁
in the spring, although, if she does [-]₂, those who
expected her in the fall, will be very disappointed

[-]₁ = go to Princeton

[–]₂ = go to Princeton in the spring

(SAG 1980, (1.2.79), p.46)

Os exemplos em (1) e (2) mostram que constituintes não subcategorizados pelo verbo, classicamente considerados como constituintes imediatos de frase, podem estar incluídos no SV Nulo – é o caso de "nessa livraria" em (1), e de "in the spring" em (2).

Perante estes dados, SAG 1980 assume que o termo Elipse do SV é apenas uma etiqueta cómoda para designar um fenómeno que, no Inglês, afecta eventualmente todos os elementos subsequentes a um verbo auxiliar ou a "to" infinitivo, i.e. subsequentes a um elemento que ocupe a posição AUX (cf. SAG 1980, cap.1, p. 53).

Outros linguistas, porém, (cf., por exemplo, JACKENDOFF 1977 e LOBECK 1987) consideraram que, apesar de não subcategorizados, os constituintes locativos, temporais e de modo, entre outros, bem como certas orações adverbiais devem ser incluídos no SV, na qualidade de modificadores restritivos, ou adjuntos, do verbo (cf. JACKENDOFF 1977, cap.4, 4.3, p. 72 e LOBECK 1987, cap. 1, 1.8.1, pp.54–57 e cap.4, 4.2.1., pp. 142–1145).

LOBECK 1987 considera que o SV Nulo abarca obrigatoriamente o V' e opcionalmente outras projecções do SV. Assim, (3a), em que o SV Nulo não comporta o seu complemento obrigatório é agramatical, mas (3b), que exclui do SV Nulo o modificador restritivo é bem-formado:

(3) a. * A Maria não tem comprado livros na livraria, mas tem [–]
revistas

b. A Maria não tem comprado livros na livraria, mas tem [-]
na papelaria.

Como Lobeck mostra, a possibilidade de o SV Nulo incluir certos adjuntos, face à sua impossibilidade de integrar, por exemplo, constituintes parentéticos (cf. (4)), fornece um argumento para a inclusão desses adjuntos no SV:

(4) a. O João tem comprado livros na livraria, o que muito nos
agrada, e a Maria também tem [e_v-]

[e_v-] = i. tem comprado livros na livraria

ii. * tem comprado livros na livraria, o que
muito nos agrada

b. John went to Princeton, which really was a silly idea, and
Mary did [-] too

[e_v-] = i. went to Princeton

ii. * went to Princeton which really was a silly idea

(LOBECK 1986, (128), cap.1, p. 55)

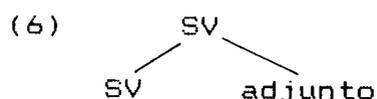
Do mesmo modo, a construção de Anteposição do SV, ilustrada em (5), argumenta a favor da integração de alguns constituintes adjuntos no SV:

(5) a. Comprado livros nessa livraria, a Maria não tem [-]
(porque lá os livros são péssimos)

b. John wanted to fix the fender with a crowbar, and fix
it that way, he did.

(CHOMSKY 1986b, p. 20).

Em suma, tendo em vista uma tipologia, como a que estabelecemos no capítulo 1 deste estudo, que reparte as funções sintácticas em Sujeito, Complementos e Adjuntos, diremos que a construção de SV Nulo integra obrigatoriamente o Verbo e os complementos, mas opcionalmente os adjuntos do SV. Se assumirmos que esses adjuntos são colocados em adjunção a SV, e não a V', concluiremos que a construção de SV Nulo afecta sempre uma projecção SV. Esquematizando:



1.2. A inclusão dos auxiliares no SV Nulo

Se admitirmos que na construção de SV Nulo a categoria elíptica coincide integralmente com o constituinte SV, exemplos como (7a) e (8a) sugerem que os auxiliares estão excluídos do SV. Pelo contrário, frases como (7b) e (8b) mostram a possibilidade de os auxiliares serem incluídos no SV Nulo.

(7) O João tem estado a ler esse livro, e a Maria

a. também tem estado [₁-]

b. também tem [₂-]

[₁-] = a ler esse livro

[₂-] = estado a ler esse livro

(8) Pavarotti might have been touring Europe and Domingo

a. might have been [₁-] too

b. might have [₂-]

[₁-] = touring Europe

[2-] = been touring Europe

(cf. LOBECK 1987, (78), cap.2, p. 89)

1.2.1. A distribuição dos auxiliares

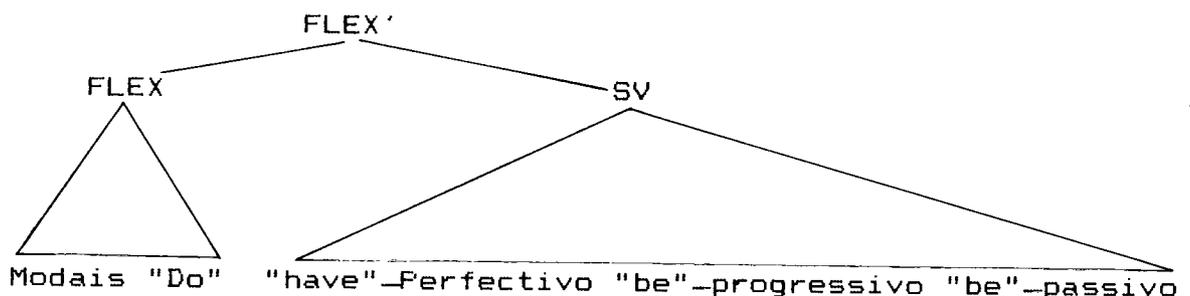
É usualmente aceite que os verbos auxiliares se distinguem dos verbos principais fundamentalmente pelo facto de não possuírem uma grelha temática (cf., por exemplo, POLLOCK 1989 e RAPOSO 1989). Partindo desta caracterização genérica, consideremos a distribuição dos verbos auxiliares em Inglês e em Português.

1.2.1.1. A repartição dos auxiliares por FLEX e por SV em Inglês

No Inglês, desde CHOMSKY 1957, a distribuição dos auxiliares foi alvo de pesquisas sucessivas, sendo comum adoptar-se uma repartição dos auxiliares pelos nós FLEX e SV.

As análises recentes de CHOMSKY 1986b, ZAGONA 1988b e POLLOCK 1989 aceitam a seguinte **ordenação dos auxiliares em Inglês**, nos seus traços gerais, já presente em JACKENDOFF 1972⁽³⁾:

(9)



No esquema em (9), os verbos modais e o auxiliar "do" são inseridos em FLEX: os modais, sob Tempo Gramatical, e "do" sob Acordo. Porém, auxiliares como "have" e "be" são basicamente

incluídos no nó SV⁽⁴⁾. Com efeito, admite-se que a sua **associação a Acordo e a Tempo Gramatical** se processa através de uma regra de movimento, que desloca os referidos auxiliares para FLEX (em POLLOCK 1989, para AC° e para T°). O facto de só um auxiliar se elevar pode ser explicado por só haver uma posição de Tempo Gramatical.

A motivação fundamental deste tratamento reside na sua capacidade de dar conta da **distribuição da negação frásica** e dos advérbios de SV, em Inglês, nas frases finitas e infinitivas comportando os referidos auxiliares. Considerem-se os seguintes exemplos, ilustrativos da colocação da negação em Inglês:

- (10) a. For John not to have left disturbs me
b. * For John to have not left disturbs me
(JACKENDOFF 1972, (3.130), p. 78)

- (11) a. John hasn't left
b. * John not has left

Nas frases infinitivas, a negação precede o primeiro verbo auxiliar porque, dada a ausência de uma flexão finita, o auxiliar permanece no SV (cf. (10)); pelo contrário, nas frases finitas, o verbo sobe para se associar a Tempo Gramatical e, conseqüentemente, a negação segue o primeiro verbo auxiliar (cf. (11))⁽⁵⁾.

1.2.1.2. A integração dos auxiliares no SV em Português

No Português, como, aliás, noutras línguas românicas (cf. KAYNE 1975, EMONDS 1978, para o Francês), o comportamento

sintáctico dos auxiliares não permite reparti-los por FLEX e SV. Esse comportamento sintáctico mostra ainda que há motivos para aproximar os verbos auxiliares dos verbos principais.

Assim, a **colocação da negação** em Português, não fornece um critério para distinguir os verbos auxiliares dos principais – tanto nas frases finitas como nas frases infinitivas, a negação precede tipicamente o primeiro elemento verbal:

(12) a. Esse livro **não** custa caro

b. Esses livros **não** têm custado caro

(13) a. O João lamenta **não** chegar a casa antes do jantar

b. O João lamenta **não** ter chegado a casa antes do jantar

O **movimento do verbo** em frases interrogativas directas (cf. AMBAR 1988) constitui um argumento adicional para a aproximação dos verbos auxiliares e principais em Português – ambos podem ser movidos para FLEX e, subsequentemente, deslocados para COMP*:

(14) a. Que **disse** a Maria ao João?

b. Que **tem** a Maria dito ao João?

c. Que **pode** a Maria ter dito ao João?

Do mesmo modo, a possibilidade de a **construção de SV Nulo** em Português ocorrer tanto com verbos auxiliares, como com verbos principais confirma que estes verbos podem aparecer nas mesmas configurações estruturais na frase.

(15) a. A Maria tem lido livros ao João e a Ana também **tem** [sv-]

b. A Maria lê livros ao João e a Ana também **lê** [sv-]

Em suma: no Português os auxiliares e os verbos principais apresentam um comportamento sintáctico idêntico num número significativo de construções.

Uma forma de captar essa homogeneidade de comportamento é integrá-los num constituinte único, o SV, e admitir que a associação de qualquer elemento verbal a Tempo Gramatical e a Acordo se processa tipicamente por Movimento do Verbo.

1.2.2. A hierarquização dos auxiliares

1.2.2.1. O sistema auxiliar em Inglês

Vimos que no Inglês o Movimento do Verbo ocorre tipicamente quando o elemento verbal se vai associar a Tempo Gramatical. No entanto, se considerarmos que o domínio do SV Nulo é exclusivamente o SV, frases como (7) e (8), aqui repetidas, permanecem problemáticas.

(16) O João tem estado a ler esse livro, e a Maria

a. também tem estado [1-]

b. também tem [2-]

[1-]= a ler esse livro

[2-]= estado a ler esse livro

(17) Pavarotti might have been touring Europe and Domingo

a. might have been [1-] too

b. might have [2-]

[1-] = touring Europe

[2-] = been touring Europe

(cf. LOBECK 1987, (78), cap.2, p. 89)

Nestes exemplos, não parece haver motivação para "estar" em (16), "have" e "be" em (17), se elevarem, uma vez que Tempo Gramatical se encontra já ocupado por um outro elemento verbal – "ter" em (16), e "might" em (17). Deste modo, uma análise da construção de SV Nulo em frases com sequências verbais que coloque todos os auxiliares em FLEX parece empiricamente difícil de motivar⁽⁶⁾.

Uma das propostas para ultrapassar este problema é analisar os auxiliares como verbos que subcategorizam complementos SV. A construção de SV Nulo pode, pois, afectar diferentes estratos de SV. Assim, às frases em (17), corresponderão as representação de Estrutura-S em (18):

- (18) Pavarotti might [_{sv3} have [_{sv2} been [_{sv1} touring Europe and Domingo
a. might [_{sv3} have [_{sv2} been [_{sv1} –]]] too
b. might [_{sv3} have [_{sv2} –]]

Nestas representações, tanto os verbos auxiliares como o verbo principal são núcleos de SVs autónomos. Os verbos auxiliares, porém, são núcleos que subcategorizam sistematicamente SVs por complemento. Esta posição adoptada, por exemplo, em SAG 1980, CHOMSKY 1986b e ZAGONA 1988a, 1988b é uma das variantes mais correntes da Hipótese dos Auxiliares como Verbos Principais, inicialmente proposta por ROSS 1967b⁽⁷⁾.

ZAGONA 1988b argumenta a favor desta hipótese, para o Inglês, mostrando que os verbos auxiliares, como os principais,

enquanto núcleos de projecções máximas independentes, podem ser afectados por adjuntos próprios. Assim, a ambiguidade do exemplo (19a), de HORNSTEIN 1977, decorre do facto de o adjunto temporal poder ser interpretado como um adjunto do verbo auxiliar (cf. (19b)) ou do verbo principal (cf. (19c))⁽⁹⁾:

- (19) a. The secretary had eaten at 3 p. m.
b. The secretary [_{FLex} had [_{sv} v [_{sv} eaten] at 3 p. m.]]
c. The secretary [_{FLex} had [_{sv} v [_{sv} eaten at 3 p. m.]]]

1.2.2.2. O sistema auxiliar em Português

Um tratamento estrutural uniforme para verbos principais e auxiliares, como o apresentado na secção anterior, é particularmente adequado para uma língua como o Português, em que o comportamento dos verbos auxiliares não difere radicalmente do dos verbos principais (cf. 1.2.1.2.).

Porém, esse tratamento deve ser repensado para dar conta do sistema auxiliar em Português. Com efeito, no Português, nem todos os verbos correspondentes aos auxiliares ingleses podem ser caracterizados como verbos auxiliares – é o caso dos verbos modais; do mesmo modo, nem todos os verbos classicamente considerados como auxiliares seleccionam complementos SV – é o caso do aspectual "estar" e do verbo "ser" na construção passiva⁽⁹⁾.

Consideremos os **verbos modais**. Exemplos como os seguintes ilustram a possibilidade de o marcador de negação frásica preceder ou seguir o verbo modal:

- (20) a. Esse livro **não deve** custar caro

b. O João lamenta não poder chegar a casa antes do jantar

(21) a. Esse livro deve não custar caro

b. O João pode não chegar a casa antes do jantar

A esta diferente **colocação da negação** correspondem diferenças de significado que tem a ver com o escopo da negação. Exemplificando: em (20b), "não" tem escopo sobre "poder chegar a casa antes do jantar"; pelo contrário, em (21b) "não" tem escopo apenas sobre "chegar a casa antes do jantar".

Se admitirmos que em cada domínio frásico só há um marcador de negação frásica, os exemplos em (21) sugerem que os modais seleccionam frases, i.e., SFLEX (ST, em POLLOCK 1989), por complemento (cf. ((22))):

(22) [sv V_{modal} [SFLEX]]

A possibilidade de **co-ocorrência de mais de um verbo modal**, como (23) e (24), fornece um argumento adicional para esta representação:

(23) a. O João **deve poder** resolver esse exercício com facilidade

b. O João **deve ter podido** resolver esse exercício com facilidade

(24) a. A Maria **pode ter de** ficar em casa

b. A Maria **pode ter tido de** ficar em casa

O facto de **modais** como "poder" e "ter de" poderem ser **afectados pelo auxiliar dos tempos compostos** (cf. (23b) e (24b)), mostra que cada uma das ocorrências dos verbos modais se verifica

num domínio SFLEX autónomo. Assim, uma frase como (23a) deve ser analisada como em (25):

(25) [SFLEX O João_i [FLEX^o deve] [sv V [SFLEX V'_i [sv poder [SFLEX V_i resolver esse exercício com facilidade]]]]]]

O facto de o verbo auxiliado em (23b) e em (24b) ser o verbo modal, sugere ainda que estes verbos em Português são mais adequadamente analisados como **verbos principais de elevação** do que como verbos auxiliares, ou seja, como verbos que embora não θ -marquem a posição de sujeito frásico, atribuem uma relação temática ao complemento oracional que subcategorizam.

Um argumento adicional favorece a inclusão dos modais em Português na classe dos verbos principais – sua **ocorrência em contextos de Anáfora do Complemento Nulo**, a par de verbos como "querer", "precisar", ou "saber" :

(26) a. O João **colocou** os livros na estante mas a Maria não
/ pôde / quis / precisou / sabe [–]

b. O João coloca os livros na estante se **puder** / se **quiser** /
se **souber** / se **precisar** [–]

De facto, como vimos no capítulo 3, secção 2.2.2.1. deste trabalho, a construção de Anáfora do Complemento Nulo, em Inglês como em Português, é legitimada por verbos principais.

Repare-se que o facto de incluirmos os modais "dever" e "poder" na classe dos verbos principais não põe em causa a sua ocorrência na construção de SV Nulo – como vimos, em Português, o SV Nulo pode ser legitimado por verbos principais.

Consideremos seguidamente o auxiliar "ter", presente na formação dos tempos compostos (cf. (27a)), e o aspectual "estar" (cf. (27b)):

- (27) a. Os meninos tinham visto esse filme
b. Os meninos estão a ver esse filme

Destes dois verbos, apenas "ter" selecciona um **complemento SV**. O complemento subcategorizado por este auxiliar tem por núcleo um participípio passado. Este participípio passado não é afectado por quaisquer marcas de concordância (nem com o sujeito, nem com o objecto directo (cf. (28))) e mantém intactas as propriedades de θ -marcação da forma básica do verbo (cf. DUARTE 1986)⁽¹⁰⁾. É, pois, uma categoria [+V, -N], núcleo de uma projecção máxima SV.

- (28) Os meninos tinham **visto** esses filmes

Pelo contrário, como RAPOSO 1989 demonstrou, "estar" nos contextos em que co-ocorre com a perífrase "a + V-infinitivo" selecciona por complemento uma **oração pequena preposicional** (cf. (29)):

- (29) Os meninos estão a estudar
(RAPOSO 1989, (70a), p.296)

O predicado destas orações pequenas é um SP, constituído por um núcleo preposicional e pelo seu complemento, a oração infinitiva:

- (30) [_{SP}FLEX [_{SN} OS meninos]_i [_{FLEX}·estão [_{SV} V [_{SP} [_{SNV'}i]_i][_{SP}[_{PA}

[_{SP}FLEX [_{SN} V₁] [_{FLEX} fumar]]]]]]]

(cf. RAPOSO 1989, (78), p. 298)

O aspectual "estar" não θ -marca a posição de sujeito – com efeito, como RAPOSO 1989 salienta (cf. p. 289), na qualidade de auxiliar, este verbo não tem grelha argumental. Consequentemente, o sujeito da frase infinitiva eleva-se sucessivamente da posição de sujeito θ -marcada pelo verbo principal para a posição de sujeito da oração pequena e daí para a posição de sujeito frásico.

A autonomia do constituinte preposicional face ao verbo "estar" pode ser verificada nos exemplos (31b) e (31c), em que o SP ocorre em construções de Topicalização e de Frases Clivadas:

- (31) a. O João estava a ler esse livro
b. A ler esse livro, o João estava [-] desde há algum tempo
c. Era a ler esse livro que o João estava

Com efeito, este comportamento contrasta com o apresentado por um verbo auxiliar como "haver", que forma uma unidade com a partícula preposicional "de":

- (32) a. O João há-de ler esse livro
b. * De ler esse livro, o João há [-].
c. * é de ler esse livro que o João há

Do mesmo modo, "ser-passivo", independentemente de ser ou não caracterizado como um verbo auxiliar, não subcategoriza um SV.

De facto, há motivos para admitir que, tanto em Inglês

em Português, o "auxiliar" da passiva subcategoriza uma projecção funcional e não um SV – cf. BAKER, JOHNSON e ROBERTS 1989, e GONÇALVES e COLAÇO 1990.

Em Português, a natureza funcional do complemento de "ser-passivo" é, em particular, atestada pela existência de concordância (em género e número) entre o sujeito de Estrutura-S e o participio passivo – veja-se o contraste de gramaticalidade entre os exemplos em (33), com o participio passado passivo, e os exemplos em (34), com o participio passado activo:

(33) a. **Essas revistas** foram lidas

b. *Essas revistas foram lido

(34) a. A Maria tem lido essas revistas

b. * A Maria tem lida essas revistas

É usualmente aceite que as relações de concordância entre sujeito e predicado se processam no interior de uma projecção máxima em configurações de Especificador – Núcleo. Assim, o complemento de "ser-passivo" deve ser caracterizado como uma projecção máxima de um núcleo funcional Acordo (cf. GONÇALVES e COLAÇO 1990) (11).

1.2.3. SV Nulo em frases com sequências verbais

A análise apresentada na secção anterior parece excluir a hipótese de, na construção de SV Nulo em Português, o constituinte elíptico poder ser sistematicamente um SV.

Consideremos as sequências verbais presentes na construção de SV Nulo, independentemente de os verbos que as integram

poderem ou não ser caracterizados como verbos auxiliares.

- (35) a. O João **tem estado a ler** esse livro e a Maria também **tem**
b. O João **pode ter estado a ler** o livro e a Maria também
pode
c. O João **tem estado a ler** esse livro e a Maria também **tem**
estado

Se atendermos apenas à estrutura de subcategorização dos verbos implicados, as frases em (35) devem ser representadas como em (36):

- (36) a. O João tem [**sv** estado [**sf** a ler esse livro]] e a Maria
também **tem** [**sv-**]
b. O João pode [**sflex** ter [**sv** estado [**sf** a ler o livro]]] e
a Maria também **pode** [**sflex-**]
c. O João tem [**sv** estado [**sf** a ler esse livro]] e a Maria
também **tem estado** [**sf-**]

Em (36a) o complemento do verbo é um SV. Porém, em (36b) é um SFLEX e em (36c) um SF.

Repare-se, contudo, que em cada um destes casos podemos continuar a manter que o constituinte elíptico é, em Estrutura-S, (e em FL) um SV. Recorde-se que dissemos em 1.2.1.2., que em Português, tanto verbos auxiliares como verbos principais se moviam para FLEX a fim de se associar com Tempo Gramatical e Acordo. os exemplos (35a) e (35b) apresentam, pois, as seguintes representações de Estrutura-S:

- (37) a. O João tem [**sv** estado [**sf** a ler esse livro]] e a Maria

- também [FLEX- tem [sv v [sv-]]]
- b. O João pode [EFLEX ter [sv estado [EP a ler o livro]]] e
a Maria também [FLEX' pode [sv v [EFLEX-]]]

Como (37) mostra, neste nível de representação, o constituinte elíptico é, efectivamente, um SV. Esse SV comporta o vestígio do verbo movido para FLEX e o seu complemento.

Do mesmo modo, numa frase como (35c), independentemente da natureza categorial do complemento do aspectual "estar", podemos manter que, em Estrutura-S, o constituinte nulo é um SV.

Com efeito, a colocação do advérbio "também" na construção de SV Nulo mostra que, em exemplos como (35c), o verbo "estar" se encontra incorporado no auxiliar "ter" — ou seja, se moveu para adjunção a este verbo, formando com ele uma unidade verbal complexa.

Considere-se a colocação de "também" em frases coordenadas não elípticas com o auxiliar "perfectivo":

- (38) O João tem lido o jornal e a Maria
- a. também [FLEX- tem lido o jornal]
 - b. ? tem também [sv lido o jornal]
 - c. tem lido também [sv v o jornal]
 - d. tem lido o jornal também

A gramaticalidade de (38a) e (38c) indica que este adverbial pode ocorrer em adjunção a FLEX' ou a SV⁽¹²⁾. De facto, a interpretação de (38c) mostra que "também" tem escopo sobre "lido o jornal" e não apenas sobre "o jornal". Em (38c), o particípio passado foi, pois, movido para fora do SV para se incorporar em

"ter-perfectivo". A ligeira marginalidade de (38b), relativamente a (38c), indica que a estrutura de incorporação é considerada preferencial.

Como (39) mostra, os mesmos contrastes de gramaticalidade se verificam se o auxiliar progressivo co-ocorrer com o perfectivo:

- (39) O João tem estado a ler esse livro e a Maria
- a. **também** tem estado a lê-lo
 - b. ?? tem **também** estado a lê-lo
 - c. tem estado **também** a lê-lo
 - d. tem estado a lê-lo **também**

Porém, se estas mesmas sequências verbais ocorrerem na construção de SV Nulo, a mobilidade de "também" é drasticamente reduzida:

- (40) O João tem lido esse livro e a Maria
- a. **também** tem lido
 - b. * tem **também** lido
 - c. ?? tem lido **também**

- (41) O João tem estado a ler um livro e a Maria
- a. **também** tem estado
 - b. * tem **também** estado
 - c. ?? tem estado **também**

Como a agramaticalidade de (40b) e de (41b) mostra, na construção SV Nulo, quando "ter-perfectivo" co-ocorre com outro elemento verbal, a incorporação é obrigatória⁽¹³⁾. O contraste de gramaticalidade entre os exemplos (40a)-(41a) e (40c)-(41c)

decorre do facto de "também" ter escopo apenas sobre o SV Nulo e não sobre toda a sequência verbal iniciada em FLEX' (cf. capítulo 3, secção 2.2.1.). Assim sendo, ainda que não impeça a incorporação, esta ordenação dos elementos é indesejável.

Dado que na construção de SV Nulo com sequências verbais, a presença de "ter", auxiliar dos tempos compostos, determina a incorporação do verbo subsequente⁽¹⁴⁾, as representações de Estrutura-S a atribuir a frases como (40a) e (41a = (35c)) são, pois, as seguintes:

(42) a. O João tem lido esse livro e a Maria

também [FLEX- tem_lido [sv v [sv v [EN -]]]]

b. O João tem [sv estado [sp a ler esse livro]] e a Maria

também [FLEX' [FLEX- tem_estado_k] [sv v [sv v [sp-]]]]

De novo em cada uma destas representações o constituinte não lexicalmente realizado é um SV.

Assim sendo, é possível manter que na construção de SV Nulo, o constituinte elíptico corresponde sistematicamente a um nó SV.

2. Legitimação e Identificação do SV Nulo em Inglês e em Português

O objectivo desta secção é apresentar **condições de legitimação e de identificação do SV Nulo** suficientemente gerais para se **sobreporem às particularidades** exibidas por esta construção nas línguas que a possuem (neste caso, o Inglês e o Português), e suficientemente restritivas para **isolarem as propriedades** que distinguem estas línguas das outras que a excluem (nomeadamente, o Francês e o Espanhol).

Deste modo, em 2.1., proceder-se-á à avaliação dos tratamentos propostos tendo por base o Inglês, e, em 2.2., apresentar-se-á uma proposta que procura integrar adequadamente os dados do Inglês e do Português.

2.1. A legitimação do SV Nulo em Inglês

As análises no quadro da Teoria da Regência e da Ligação (cf. ZAGONA 1982, 1988a e 1988b, LOBECK 1987 e CHAO 1987) têm considerado que o SV Nulo, apesar de ser uma **categoria basicamente gerada** obedece ao Princípio da Categoria Vazia (cf.(43)):

(43) Princípio da Categoria Vazia (PCV) (ing. Empty Category Principle (ECP))

As categorias vazias não pronominais devem ser estritamente regidas (ing. properly governed).

(cf. CHOMSKY 1986b, p.17) (15)

2.1.1. A motivação para o SV Nulo obedecer ao Princípio da Categoria Vazia

A hipótese de que SV Nulo está sujeito ao Princípio da Categoria Vazia é controversa. Com efeito, este princípio aplica-se tipicamente a categorias vazias geradas por movimento. Ora, como WASOW 1972 (publicado em 1979) e SAG 1976 (publicado em 1980) mostraram, tendo em vista o seu antecedente, o SV Nulo em Inglês não obedece a condições sobre movimento⁽⁴⁴⁾. Assim, por exemplo, não está sujeito à Condição do SN Complexo de Ross 1967:

(44) John didn't hit a home run, but I know a woman who did
(SAG 1980, (1.1.8), p.13)

Como vimos no capítulo 3 deste trabalho, o mesmo acontece em Português:

(45) A Maria entregou o dinheiro ao Manuel, mas eu sei de algumas
pessoas que nunca teriam entregue.
(RAPOSO 1986, (9), p.377)

Contudo, um dos argumentos mais fortes para que o SV Nulo em Inglês obedeça ao Princípio da Categoria Vazia não envolve o SV Nulo e o seu antecedente, mas sim o SV Nulo e o seu legitimador local. Esse argumento diz respeito à impossibilidade de SV Nulo em Inglês ocorrer em contextos de Redução de Auxiliar :

(46)(a) Pam's writing a movie review
(LOBECK, 1987, (13), p. 111)

(b) * Pam's writing a movie review and Tim's [-] too.
(idem, (10), p.111)

Para Zagona e para Lobeck a agramaticalidade de (46b) decorre do facto de as formas clíticas dos auxiliares, diferentemente das suas formas não clíticas, serem incapazes de reger estritamente o SV (cf. ZAGONA 1982, 1988a e 1988b e LOBECK 1987) (17).

Esta explicação é corroborada pela impossibilidade de outros fenómenos sujeitos ao Princípio da Categoria Vazia co-ocorrerem com Redução de Auxiliar (cf. ZAGONA 1988b, cap.4, pp.106 e 107). É, por exemplo, o caso do Movimento-Q:

- (46) a. * I wonder where the party's [-] tonight
b. * I wonder what John's [-]
c. * I wonder who that man's [-]

(cf. ZAGONA 1988b, (10b), cap.4, p. 106)

Nos exemplos em (46) o vestígio do sintagma interrogado não é estritamente regido pelo verbo cliticizado, originando uma infracção do PCV.

No Português não há fenómenos de Redução de Auxiliar que permitam verificar se o legitimador local do SV Nulo actua como seu regente estrito.

Todavia, tendo em vista o seu legitimador local, a hipótese de a Construção de SV Nulo em Português estar sujeita ao Princípio da Categoria Vazia não deve ser rejeitada.

Com efeito, como os dados do Inglês claramente evidenciam, na construção de SV Nulo é requerida a presença de um elemento verbal em FLEX – veja-se a exclusão de verbos principais tanto da

construção de SV Nulo como das frases interrogativas directas em Inglês:

- (47) a. * John was watching the movie and Fred started [-] too
(ZAGONA 1988a), (10), p. 98)
- b. * Left John?
(ZAGONA 1988b, (53a), cap. 3, p. 74)

Em Português, como referido na secção 1 deste capítulo, os verbos auxiliares e os principais são basicamente gerados no SV, e ambos se podem mover para FLEX. Assim, a **Construção de SV Nulo em Português** exhibe sistematicamente **configurações de Subida do Verbo**.

Deste modo, ainda que a categoria elíptica do SV Nulo na sua globalidade não tenha de ser estritamente regida, a construção de SV Nulo em Português está sujeita ao Princípio da Categoria Vazia: o vestígio do verbo movido tem de ser estritamente regido.

2.1.2. A Regência Estrita e o Parâmetro do SV Nulo

Nos estudos sobre a construção de SV Nulo, diferentes conceitos de Regência Estrita deram origem a diversas formulações do Parâmetro do SV Nulo.

2.1.2.1. Regência Lexical

Assim, baseando-se em CHOMSKY 1981, ZAGONA 1982, assume que **Regência Estrita em SV Nulo** se manifesta como **Regência Lexical**, ou seja, regência por um elemento pertencente ao elenco das categorias lexicais (por oposição, às funcionais).

Em ZAGONA 1982, o **Parâmetro do SV Nulo** diz essencialmente o

seguinte: em línguas que admitem SV Nulo, o traço Tempo de FLEX é categorialmente [+V]. FLEX actua como um regente lexical [+V] quando preenchida em Estrutura-S por um elemento lexicalmente realizado.

A principal crítica de que o trabalho de ZAGONA 1982 foi alvo foi a seguinte: se o que licencia Elipse do SV em Inglês é o facto de FLEX ser [+V], prediz-se que os verbos principais que nesta língua subcategorizem SV admitam elipse do SV. Os dados, contudo, não confirmam esta previsão:

(48)(a) * Although Mary continued [_{SV}-], John stopped listening to Reagan's speech after five minutes
(LOBECK 1987, (44), p.36)

(b) * John lets [_{SV} Mary use the computer] when he's in a good mood, and Bill lets [_{SV}-] too, even when he's upset
(idem, (47)).

Assim, esta versão do Parâmetro do SV Nulo não é adequada ao Inglês.

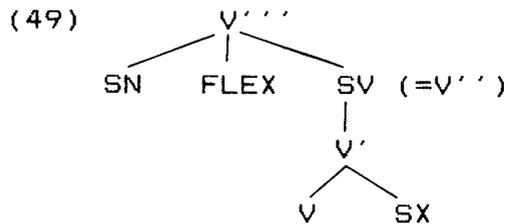
2.1.2.2. Regência por Especificador

Para LOBECK 1987 as propriedades de **regente estrito de FLEX** advêm do facto de esta categoria funcional ser um **núcleo**.

Lobeck caracteriza a Regência Estrita do SV Nulo como **Regência por Especificador**.

Na verdade, Lobeck argumenta que FLEX, não sendo uma categoria lexical, não pode subcategorizar nem atribuir relação temática ao SV. Assim, a Frase deve ser concebida como uma

projecção máxima de V (V'') e FLEX como o especificador do SV, como ilustrado em (49):



(LOBECK 1987, (135), cap. 1, p. 59)

Para que **Regência por Especificador** se verifique é preciso que uma das seguintes condições seja satisfeita:

(50) Regência por Especificador:

- (i) Em Estrutura-S, FLEX deve ser um núcleo preenchido;
- (ii) ou, se vazio, deve ser estritamente regido – Condição do Núcleo Vazio (cf. LOBECK 1987, (2), p. 133).

Segundo Lobeck, em Inglês, a presença de auxiliares, mas não de "to" infinitivo, conta como preenchimento de FLEX.

Assim, a condição (50.i) dá conta da distribuição de SV Nulo nas frases finitas e (50.ii) da sua ocorrência em frases infinitivas – só possível em domínios oracionais θ -marcados pelo verbo principal da oração subordinante (cf. o contraste de gramaticalidade entre (51a) e (51b))⁽¹⁸⁾.

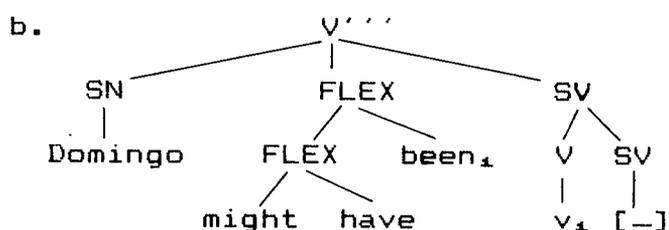
(51) (a) Ron likes wearing a pink carnation, and Caspar likes to
 [-] sometimes

(b)* Ron wore a pink carnation to impress the reporters, and
 Nancy put on an Adolpho gown to [-].

(LOBECK 1987, (5), p.134)

Nos casos em que o SV Nulo é legitimado por sequências verbais em Inglês, Lobeck assume que todos os elementos verbais se encontram em FLEX, de onde regem por especificador o SV Nulo. Exemplificando:

(52) a. Pavarotti might have been touring Europe and Domingo might have been too (LOBECK 1987, (78a), cap.2, p. 89)



(LOBECK 1987, (79), cap.2, p. 90)

Para Lobeck, "might" e "have" são directamente gerados em FLEX. "Be", apesar de basicamente gerado no SV, pode elevar-se para FLEX.

Repare-se que, em LOBECK 1987, a presença de "have" em FLEX e a Elevação de "be" não são justificadas pela existência de uma flexão finita. Este tratamento é, pois, incompatível com as análises clássicas sobre a colocação da negação frásica em Inglês: não explica por que é que a negação precede o primeiro elemento verbal nas frases infinitivas, mas segue o primeiro verbo flexionado nas frases finitas. Assim, só estipulativamente pode dar conta da posição relativa dos auxiliares e da negação em Inglês.

Consideremos a formulação do **Parâmetro do SV Nulo** proposta em LOBECK 1987. Segundo Lobeck, a inexistência de Elipse do SV numa língua como o Francês (veja-se a agramaticalidade de

(53a)) decorre da infracção do Princípio da Categoria Vazia, por não cumprimento da Regência por Especificador.

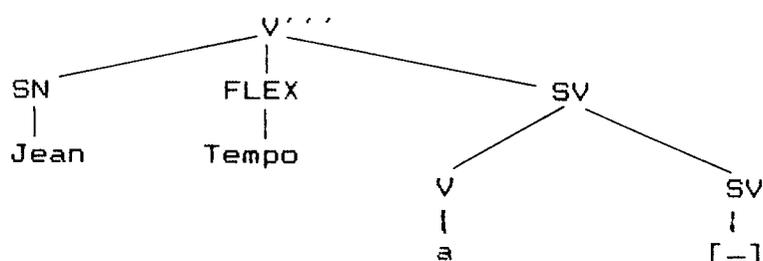
(53) a. Marie m'a dit que quelqu'un a volé son livre.

* Peut-être Jean a [-].

(LOBECK 1987, (101), cap. 2, p.97)

Para Lobeck a ausência de SV Nulo em Francês advém do facto de **FLEX não se encontrar preenchida em Estrutura-S** – nesta língua o preenchimento de FLEX só é feito por Subida do Verbo, movimento que, segundo Lobeck, só opera em Forma Fonética em Francês. Assim, as configurações relevantes infringem o Princípio da Categoria Vazia – Flex não preenchida até Estrutura-S não pode reger estritamente o SV nulo:

(53) b.



(cf. LOBECK 1987, (104), cap.3, p. 98)

Esta versão do Parâmetro do SV Nulo é problemática. Com efeito, os trabalhos de EMONDS 1978 e POLLOCK 1989 mostraram que a **Subida do Verbo em Francês**, nas frases finitas, opera, tanto para verbos auxiliares, como para verbos principais, na Sintaxe e não em Forma Fonética. Ilustra nomeadamente esta propriedade a diferente colocação das partículas de negação (pas, point, rien) nas frases finitas e infinitivas (cf. (54)):

- (54) a. Pierre n'a [rien [ev v mangé ...]
 (cf. POLLOCK 1989, (8b), p. 369)
- b. Pierre ne **mange** [pas [ev v]
 (cf. POLLOCK 1989, (65), p. 393)
- c. * Pierre ne pas [ev **mange**]
 (cf. POLLOCK 1989, (62), p. 393)
- (55) a. Ne pas [ev **avoir** eu d'enfance heureuse] est une condition
 pour écrire des romans
 (cf. POLLOCK 1989, (15), p. 373)
- b. Ne pas [ev **posséder** de voiture en banlieue] rend la vie
 difficile
 (cf. POLLOCK 1989, (16), p. 374)
- c. * Ne **posséder** pas [ev v de voiture en banlieue] rend la
 vie difficile
 (cf. POLLOCK 1989, (16d), p. 394)

Os exemplos em (54) e (55) mostram que, em Francês, só não há movimento do verbo para FLEX em Estrutura-S quando as frases são infinitivas. Quando as frases são finitas esse movimento é obrigatório (cf. a agramaticalidade de (54c)).

Assim sendo, em Francês, nas frases finitas, FLEX está preenchida, e, de acordo com Lobeck, apta a reger estritamente um SV Nulo. Deste modo a formulação do Parâmetro do SV Nulo em LOBECK 1987 é insatisfatória.

Em suma, o tratamento de LOBECK 1987 apresenta vários problemas: (i) contradiz a hipótese, usualmente aceite na Teoria da Regência e da Ligação, de que os constituintes frásicos em

línguas funcionais são projecções de um núcleo funcional FLEX⁽¹⁷⁾; (ii) só estipulativamente dá conta da ordem relativa da negação e dos auxiliares em frases finitas e infinitivas; (iii) apresenta uma explicação insatisfatória da inexistência de Elipse do SV em Francês.

2.1.2.3. Regência- θ e Regência por Tempo Gramatical

Nos trabalhos de ZAGONA 1988a e 1988b, a Regência Estrita de do SV Nulo é caracterizada como um forma de Regência- θ por parte de FLEX – com efeito, Zagona admite que a frase é uma projecção de FLEX, e que este constituinte subcategoriza e θ -rege o SV (cf. CHOMSKY 1986), atribuindo-lhe uma **relação temática temporal**⁽²⁰⁾. Porém, tendo em vista a ocorrência de SV Nulo nas frases infinitivas em Inglês, Zagona faz notar que essa Regência- θ temporal (em ZAGONA 1988b, Regência Temporal) não é suficiente para actuar como Regência Estrita no caso da construção de SV Nulo:

- (56) a. John persuaded Mary to leave, and Fred persuaded Mary to
[_{sv}-]
b. * John runs to stay fit, and Mary Bill swims to [_{sv} -]
(ZAGONA 1988b, (6a) e (6b), cap.4, p.94).

O contraste de gramaticalidade entre as frases (56a) e (56b) explica-se se se admitir que "to" infinitivo, embora seja um elemento de nível-zero que atribui uma relação temporal ao SV Nulo, não o identifica porque não é finito. É um regente defectivo: não atribui referência temporal independente ao seu

complemento, e conseqüentemente, só rege estritamente um SV Nulo se herdar um índice referencial de um SCOMP θ -marcado em Estrutura-S. Esta propriedade explica a exclusão do SV Nulo de orações infinitivas adjunto.

Assim, segundo ZAGONA 1988b, para que FLEX seja estritamente o SV Nulo é preciso que haja **Regência por Tempo Gramatical**, ou seja, é preciso que FLEX se encontre preenchida por uma categoria de nível-zero e não por um afixo (cf. os exemplos (57)) e que a frase seja finita, i.e., que comporte o traço [\pm passado]:

(57) a. Bill may study and John [may] [_{SV} -] too

(cf. ZAGONA 1988b, (5), cap.4, p.94).

b. * Bill left and [John FLEX [_{SV} -]]

(cf. ZAGONA 1988b, (10b), cap.4, p.95).

Assim, para a construção de SV Nulo, o conceito de Regência Estrita é definido nos seguintes termos:

(58) Regência por Tempo Gramatical (ing. Tense-Government)

α rege por Tempo-Gramatical β sse:

(i) α rege-Temporalmente β , e

(ii) α identifica-por-Tempo Gramatical β

(ZAGONA 1988b, (8), cap.4, p.95)

(59) Regência-Temporal (ing. Temporal Government)

α rege-Temporalmente β sse α for uma categoria de **nível zero** que marca-Temporalmente β e α e β forem irmãs.

(ZAGONA 1988b, (4), cap.4, p.94)

(60) Identificação por Tempo-Gramatical

α identifica por Tempo-Gramatical β (ing. Tense-Identify) sse
 α atribui [\pm PASSADO] a β .

(ZAGONA 1988b, (7), cap.4, p.95).

Vejamos como actua este sistema de legitimação nos casos de
SV Nulo em sequências verbais:

Para ZAGONA 1988b, como para CHOMSKY 1986b, numa sequência
de auxiliares, à excepção dos modais e "do-suporte", que são
basicamente gerados em FLEX, cada auxiliar é núcleo de uma
projecção máxima SV, como ilustrado em (61):

(61) John [FLEX could] [_{sv} have [_{sv} been [_{sv} studying Spanish]]]

O verbo em FLEX^o é tipicamente o elemento que atribui a
Regência por Tempo Gramatical ao SV Nulo. Nas sequências verbais,
essa relação temática é transmitida por **Concordância
Núcleo-a-Núcleo** entre auxiliares, segundo Zagona, os únicos
verbos susceptíveis de funcionar como transmissores de Regência
por Tempo Gramatical. Exemplificando:

(62) John might be reading that chapter and [_{sfLEX} Bill
[_{FLEX^o} might₁] [_{sv₁} be₁ [_{sv₂}—] too]]]

^-----^
Concordância Núcleo-a-Núcleo

Essa transmissão não pode atravessar mais de uma projecção
máxima SV e não é retransmissível. Assim, o contraste de
gramaticalidade dos exemplos em (63) é explicada por Zagona nos
seguintes termos:

(63) a. [_{EFLEX} Martha [_{FLEX} was₁ [_{sv1} v₁ [_{sv2}—]]]]

(Concordância Núcleo—a-Núcleo)

b. *[[_{EFLEX} Martha [_{FLEX} was₁ [_{sv1} v₁ [_{sv2} being [_{sv3}—]]]]]]

(Concordância Núcleo—a-Núcleo)

(cf. ZAGONA 1988b, (29), p. 103)

Embora em (63a), como em (63b), o SV2 seja Regido por Tempo Gramatical, uma vez que a Concordância Núcleo a Núcleo não é retransmissível, o SV3, em (63b), não é legitimado — "being" no SV2 não recebe propriedades de regente por Tempo Gramatical.

A possibilidade de exemplos como (64) deve-se, segundo Zagona, ao facto de "have"—perfectivo ser um regente por tempo gramatical — assim, em (64), tanto FLEX como "have" regem estritamente os SVs que subcategorizam:

(64) John could have been studying Spanish [_{EFLEX} Bill

[_{FLEX} might] [_{sv1} have [_{sv2} been [_{sv3}—]]]]

Em (64) "been", por Concordância Núcleo a Núcleo com "have", legitima e identifica o SV Nulo(21).

Consideremos, por fim, a formulação do **Parâmetro do SV Nulo** proposta em ZAGONA 1988b:

Para Zagona a inexistência de SV Nulo numa língua como o **Espanhol**, decorre da forma como a **Regência Temporal** se processa:

(i) em Inglês, FLEX atribui directamente uma **relação temática temporal** ao SV irmão; (ii) em Espanhol, a atribuição de relação

temporal ao SV é feita indirectamente – FLEX atribui uma **relação temporal** a um **núcleo verbal que se elevou para a posição de ACORDO**, e essa relação temporal é absorvida dentro da própria FLEX pelo referido núcleo (cf. ZAGONA 1988b, pp.172–175).

Assim sendo, em Espanhol, o SV não é Temporalmente Regido e a Regência por Tempo Gramatical do SV não se verifica. Consequentemente, a ocorrência de um SV Nulo é impossível:

(66) a. * Juan ha leído ese capítulo y Marta [_{sv1} ha [_{sv2}–]] también

(ZAGONA 1988a, (69), p. 121)

b. *Juan está leyendo y Marta [_{sv1} está [_{sv2}–]] también

(ZAGONA 1988a, (70), p. 121)

Zagona argumenta a favor do Parâmetro acima explicitado apresentando exemplos de Movimento de V em Espanhol em frases com o verbo perfectivo "haber", verbo que nesta língua determina obrigatoriamente a incorporação do verbo subsequente:

(67) a. * Há [_{sflex} Marta [_{flex} V [_{sv} V leído ese capítulo]]] ?

b. Ha leído [_{sflex} Marta [_{flex} V [_{sv} V ese capítulo]]] ?

(cf. ZAGONA 1988b, (35), cap.6, cap.176).

Se "haber" atribuisse uma relação temporal ao SV e não ao seu núcleo, (67a) seria gramatical, como o seu correspondente Inglês (cf. (68))⁽²²⁾.

(68) Has Marta read that chapter?

(ZAGONA 1988b, cap.6, p. 176)

A aplicação do tratamento de ZAGONA 1988b à construção de SV Nulo em Português suscita alguns problemas:

Independentemente da sua adequação ao Inglês, o princípio legitimador do SV Nulo, tal como está formulado, não é adequado ao Português.

Com efeito, em ZAGONA 1988b, a noção **Regência por Tempo Gramatical** está directamente associada à suposição de que apenas **verbos auxiliares** são capazes de legitimar a construção de SV Nulo em qualquer língua.

Segundo Zagona, só os verbos auxiliares estão envolvidos na Marcação Temporal do SV. Participam nessa marcação de duas formas diversas: ou porque são eles próprios atribuidores de relações temáticas temporais (é, segundo Zagona, o caso dos verbos perfectivos "have", em Inglês e "haber", em Espanhol); ou porque permitem que através deles a Marcação Temporal do SV se processe (é, por exemplo, o que acontece quando um modal preenche FLEX em Inglês (cf. CHOMSKY 1986b e ZAGONA 1988b).

O facto de numa língua como o Português a construção de SV Nulo poder ocorrer com verbos principais (cf. (69)), põe, pois, em questão que a Regência por Tempo Gramatical seja uma condição geral de legitimação do SV Nulo:

- (69) a. A Maria pôs os livros na mesa mas o Luís não pôs [av-]
b. A Maria tem posto os livros na estante, e o Luís também
tem posto [av-]

Estes dados parecem antes sugerir que há que encontrar um princípio legitimador do SV Nulo suficientemente lato para

abarcam as diversas estratégias de legitimação da categoria vazia nas diferentes línguas.

Consideremos, seguidamente, a **versão do Parâmetro do SV Nulo** que Zagona nos apresenta:

Como vimos, em ZAGONA 1988b a **existência de SV Nulo** é atribuída ao facto de a **Marcação Temporal** ser **directa**, ou seja se processar entre um X° com uma grelha temporal e a projecção V^m que funciona como seu nó irmão.

Repare-se, em primeiro lugar, que os exemplos (67), em Espanhol, têm ambos equivalentes gramaticais em Português:

- (70) a. Tem a Marta lido esse capítulo com atenção?
b. Tem lido a Marta esse capítulo com atenção?

Assim, seguindo a argumentação de Zagona, deveríamos concluir que o Português apresenta duas estratégias de Marcação Temporal do SV: uma **directa**, presente em (70a) e outra **indirecta**, ilustrada em (70b). Este facto explicaria a existência de SV Nulo em Português – SV Nulo ocorreria apenas em contextos de Marcação Temporal **directa**.

Porém, como vimos na secção 1.2.3. deste capítulo, a construção de SV Nulo coexiste com estruturas de incorporação. Assim, (69b) é tão bem-formado como (69a), apesar de, como (71) mostra, o verbo no participio passado se ter incorporado no auxiliar "ter":

- (71) a. A Maria tem posto os livros na estante, e o Luís também
tem posto [sv-] (= (69a))

- b. ?? * A Maria tem posto os livros na estante, e o Luís tem também posto [ev-]

Os dados do Português mostram, pois, que entre **Incorporação** e **Marcação Temporal indirecta** não existe qualquer relação.

Por outro lado, a existência em Português de **manifestações de SV Nulo legitimadas por verbos principais**, ao pôr em questão que a Regência por Tempo Gramatical seja a estratégia universal de legitimação do SV Nulo, **invalida a formulação do Parâmetro do SV Nulo** proposto por Zagana: de facto, independentemente de a Marcação Temporal se processar indirectamente, o Espanhol poderia exibir a construção de SV Nulo, utilizando uma estratégia alternativa à Regência por Tempo Gramatical.

Finalmente, a própria **noção de Marcação Temporal indirecta**, como atribuição de uma relação temporal a um núcleo, é problemática – com efeito, admite-se usualmente que as relações temáticas são unicamente atribuídas a projecções máximas e não aos seus núcleos (cf. CHOMSKY 1986b, BAKER 1988, RIZZI 1990, CINQUE 1991)

2.1.2.4. Regência por Núcleo

Em CHAO 1987 a **legitimação do SV Nulo**, ainda que atribuída à Regência Estrita do SV Nulo, é formulada em **termos menos restritivos**.

Considerando que o **SV Nulo é uma categoria vazia pronominal**, ainda que distinta de SN (cf. CHAO 1987, p. 158), Chao atribui a **legitimação do SV Nulo ao Princípio da Categoria Vazia Generalizado**, inspirado na condição inicial de legitimação formal

de "pro" proposta em RIZZI 1986a:

- (72) [ev -] é regido por uma FLEX lexical
(CHAO 1987 (89a), cap. 4, p. 158)

Segundo Chao, uma FLEX é lexical se "Tempo Gramatical e Acordo tiverem sido instanciados por um item lexical – um modal, um verbo auxiliar, ou "do"-supporte (CHAO 1987, cap.4, p.158).

Chao assume, com RIZZI 1986a, que o Núcleo legitimador das categorias vazias pronominais (nominais ou não nominais) pode variar de língua para língua. Assim, no caso do SV Nulo, FLEX preenchida funciona como um núcleo legitimador em Inglês mas não noutras línguas, como, por exemplo no Francês (cf. (66)):

- (73) a. John was criticized but Mary wasn't [-]
b. * John était critiqué, mais Mary n'était pas [-]
(cf. CHAO 1987, (11), cap. 5, p.183)

Assim, o **Parâmetro do SV Nulo** restringe-se à especificação, positiva ou negativa, de FLEX como núcleo legitimador de uma categoria vazia.

Repare-se que o tratamento proposto por CHAO 1987 parece pressupor que a legitimação do SV Nulo depende da presença de verbos auxiliares em FLEX. Esta formulação não permite assim, dar conta dos casos em que SV Nulo em Português é legitimado por verbos principais.

Procurarei, contudo, demonstrar na próxima secção (i.e., 2.2.), que, como sugerido em CHAO 1987, uma formulação do princípio legitimador do SV Nulo em termos de Regência por Núcleo

dá adequadamente conta dos dados do Inglês e do Português⁽²³⁾.

Recapitulando:

As diversas formulações do Princípio legitimador de SV Nulo até agora analisadas não são suficientemente adequadas para dar conta das manifestações de SV Nulo em Português e em Inglês, e, simultaneamente explicar a sua ausência de línguas como o Francês e o Espanhol.

Com efeito, se, com ZAGONA 1982, admitirmos que **FLEX, uma categoria funcional, só é um regente estrito do SV Nulo** quando tem as propriedades de uma **categoria lexical [+V]**, não conseguimos explicar porque é que o Inglês não legitima SV Nulo com verbos principais.

Se, com ZAGONA 1988b, aceitarmos que só **Regência por Tempo Gramatical** legitima o SV Nulo, não explicamos porque é que em Português o SV Nulo ocorre com verbos principais.

A mesma objecção é, aliás, válida para a proposta de CHAO 1987, que sugere que a legitimação do SV Nulo se manifesta por **regência de uma FLEX preenchida por verbos auxiliares**.

Finalmente, se, com LOBECK 1987, aceitarmos que para que a Regência Estrita do SV Nulo se verifique basta que a **FLEX se encontre preenchida em Estrutura-S por um elemento verbal**, não explicamos porque é que em Francês e em Espanhol, línguas em que há Movimento do Verbo na Sintaxe, não há SV Nulo.

2. 2. A legitimação do SV Nulo em Português e em Inglês⁽²⁴⁾

Nesta subsecção serão formuladas condições sintácticas de **legitimação e identificação do SV Nulo** que visam dar uniformemente conta desta construção em Inglês e em Português e captar a sua inexistência em línguas como o Francês e o Espanhol.

Partindo de uma caracterização dos elementos legitimadores do SV Nulo em Português e em Inglês (cf. secção 2.2.1) e das configurações em que ocorrem (secção 2.2.2.), procurar-se-á determinar o sistema legitimador do SV Nulo e o parâmetro responsável pelas particularidades desta construção em Português e em Inglês (cf. secção 2.2.3). Proceder-se-á, seguidamente, à análise de manifestações de SV Nulo em sequências verbais (cf. secção 2.2.4.). Essa análise permitir-nos-á avaliar a adequação das condições de legitimação e identificação propostas para casos complexos da construção de SV Nulo em Português. Finalmente, discutir-se-á qual o parâmetro a estabelecer para explicar a inexistência de SV Nulo em Francês e em Espanhol (cf. secção 2.2.5.).

2.2.1. Caracterização dos legitimadores do SV Nulo em Português e em Inglês

Embora demasiado restritivo para dar conta da construção de SV Nulo simultaneamente em Inglês e em Português, o princípio legitimador do SV Nulo proposto por ZAGONA 1988b parece captar adequadamente as propriedades cruciais desta construção em Inglês.

Como vimos na secção 2.1.2.3., em ZAGONA 1988b, o princípio

de Regência por Tempo Gramatical⁽²⁵⁾, define como legitimadora do SV Nulo a **categoria X°** (em que X° é uma unidade a nível da palavra) que, para além de atribuir uma relação temporal⁽²⁶⁾ ao SV, é capaz de **identificar temporalmente o SV Nulo**⁽²⁷⁾.

Assim, independentemente de, em última instância, atribuir a FLEX o papel de θ -**marcador** e de **identificador de Tempo Gramatical** do SV ⁽²⁸⁾, Zagana delimita uma **classe de elementos legitimadores do SV Nulo** – os verbos auxiliares e "to" infinitivo. Designarei genericamente os elementos desta classe como **operadores de tempo gramatical**.

A análise das diferentes ocorrências da **construção de SV Nulo no Inglês** mostra que, efectivamente, nesta língua, o SV Nulo é legitimado por **operadores de Tempo Gramatical**.

Um dos principais argumentos a favor desta hipótese reside no facto de um verbo como **"do"-suporte** figurar entre os legitimadores de SV Nulo em Inglês. Com efeito, é usual admitir-se que a função deste auxiliar é receber as informações temporais e as marcas de acordo de FLEX⁽²⁹⁾.

(74) John didn't hit a home run, but I know a woman who **did** [sv-]
(SAG 1980, (1.1.8), p.13)

Assim, se existir um outro auxiliar em FLEX, a presença de "do"-suporte não é requerida:

(75) a. * John **understands** the situation and surely Peter **should does** [sv-]
b.* Peter **saw** your parents last week, but he **does hasn't** [sv-]
since

Assim, há que concluir que a **propriedade mínima caracterizadora dos auxiliares** em Inglês é serem os portadores de informações de Tempo Gramatical e de Acordo. As informações de Acordo prendem-se com a identificação do sujeito frásico; as marcas de Tempo Gramatical, por seu turno, estão directamente associadas ao predicado verbal – projectam o estado de coisas denotado pelo predicado num universo temporal.

A hipótese de o SV Nulo em Inglês ser legitimado por operadores de tempo gramatical é corroborada pela **autonomia lexical e estrutural** que o legitimador do SV Nulo em Inglês exhibe face ao seu antecedente:

- (76) a. John **understands** the situation and surely Peter **should** [sv-] (SAG 1980, (1), (1.2.2.), p. 16)
- b. Peter **saw** your parents last week, but he **hasn't** [sv-] since (SAG 1980, (6), (1.2.2.), p. 17)

Estes exemplos demonstram que os auxiliares em Inglês têm força suficiente para apenas através do seu conteúdo, essencialmente constituído por informações temporais, permitirem a recuperação do predicado nulo.

Pelo contrário, em Português, as diversas ocorrências de SV Nulo evidenciam que os legitimadores da categoria elíptica não podem ser caracterizados como operadores temporais.

Em primeiro lugar, **SV Nulo em Português**, diferentemente do que acontece em Inglês, pode ser legitimado por **verbos principais**, ou seja por elementos que, embora sejam afectados por informações temporais, aspectuais e modais, têm um **conteúdo**

predicativo:

(77) O João pôs os livros na estante e a Maria também pôs [ev-]

Do mesmo modo, como vimos no capítulo 3 (cf. secção 2.2.2.1.), quando **os verbos auxiliares** em Português legitimam o SV Nulo requerem **identidade lexical e estrutural** relativamente à sequência verbal do SV antecedente:

(78) a.* O João não **compreendera** ainda a situação mas o Pedro já **tinha** [ev-] há muito tempo.

[ev-] = compreendido a situação

b. * O João, ontem, já **estava** a guardar os livros novos na estante, e a Maria, ainda agora, não **tinha** [ev-]

[ev-] = guardado os livros novos na estante

(79) a. O João não **tinha** compreendido ainda a situação mas o Pedro já **tinha** há muito tempo.

b. O João, ontem, já **tinha** guardado os livros novos na estante, e a Maria, ainda agora, não **tinha**

Finalmente, o facto de, em sequências verbais não idênticas às da frase antecedente, a presença do verbo principal poder legitimar o SV Nulo, evidencia a **relevância do predicador verbal** no processo de **recuperação do conteúdo** desta categoria vazia em Português:

(80) a. O João não **compreendera** ainda a situação mas o Pedro já **tinha compreendido** [ev-] há muito tempo.

b. O João, ontem, já **estava** a guardar os livros novos na estante, e a Maria, ainda agora, não **tinha guardado** [ev-]

Estes dados permitem-nos concluir que em Português os legitimadores do SV Nulo têm de veicular o conteúdo do núcleo predicativo do SV. Tendo em vista estas propriedades, designarei os legitimadores do SV Nulo em Português como **operadores de denotação predicativa**.

Em suma, a seguinte generalização parece captar adequadamente as diferentes estratégias de legitimação do SV Nulo em Inglês e em Português:

(81) O Inglês legitima o SV Nulo através de **operadores de tempo gramatical**; o Português, através de **operadores de denotação predicativa**.

O valor lexical, e não meramente funcional dos legitimadores do SV Nulo em Português foi várias vezes salientado na literatura – veja-se, por exemplo, AMBAR 1988⁽³⁰⁾ e ROUVERET 1989⁽³¹⁾.

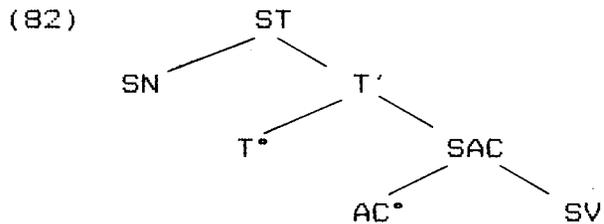
Gostaria, porém, de sugerir que, no âmbito da legitimação do SV Nulo, a noção de "valor lexical" deve ser interpretada como "valor denotativo do predicado verbal".

2.2.2. As configurações estruturais de legitimação do SV Nulo e o valor dos legitimadores do constituinte nulo

O constituinte Tempo Gramatical, diferentemente de Acordo, assume um papel preponderante nas construções de predicado nulo, nomeadamente, como vimos, em Inglês ⁽³²⁾.

A proposta de POLLOCK 1989 permite-nos estabelecer uma correlação entre a autonomia estrutural e a independência das informações veiculadas por Tempo Gramatical e Acordo.

Admitamos, pois, com POLLOCK 1989 que os constituintes Tempo e Acordo não integram um único constituinte (FLEX), mas, como ilustrado no diagrama (82), constituem núcleos de projecções sintagmáticas autónomas⁽³³⁾:



(cf. POLLOCK 1989, (77), p.397)

Tendo por ponto de partida esta representação de estrutura frásica, consideremos o problema das **configurações estruturais que estão associadas à legitimação do SV Nulo**.

Dada a irrelevância das informações de Acordo para a legitimação e identificação dos predicados nulos, assumirei que o **legitimador do SV Nulo** em ambas as línguas se encontra tipicamente em **T***. Deste modo, o legitimador do SV Nulo é sempre um verbo que foi basicamente gerado em T* ou um verbo que para aí se elevou.

Como os dados do Inglês explicitamente evidenciam, o **requisito estrutural básico para a legitimação do SV Nulo** parece ser o seguinte:

(83) Em Estrutura-S, o legitimador do SV Nulo tem de reger, eventualmente de reger estritamente, o SV Nulo.

Tendo em vista a representação (82), vejamos se **um elemento em T*** pode reger o SV Nulo. Recorde-se o conceito de Regência

apresentado no capítulo 1:

(84) Regência

α rege β sse α m-comanda β e não houver nenhum τ , τ uma barreira para β tal que τ exclua α .

(CHOMSKY 1986b, (18), p.9)

Como vimos, uma categoria funciona como barreira por ter **propriedades bloqueadoras** ou por não respeitar a **Minimalidade Relativizada**.

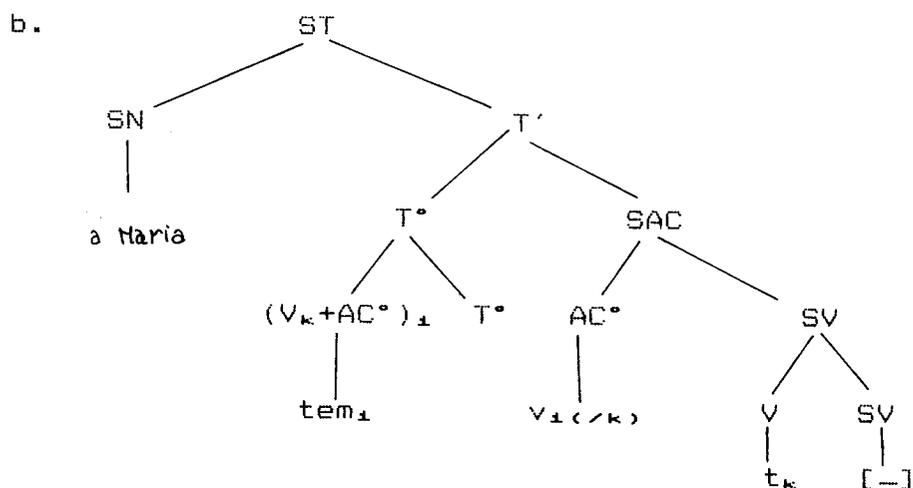
Para CHOMSKY 1986b, toda a projecção máxima não directamente θ -marcada por uma categoria lexical constitui uma **categoria bloqueadora**. Esta definição é dificilmente aplicável a uma análise que segmente FLEX° em dois constituintes autónomos, AC° e T°. De facto, ainda que possamos defender que T° atribui uma relação- θ temporal ao constituinte que subcategoriza, não é plausível pensar que AC° θ -marca o seu complemento. Deste modo, a projecção máxima subcategorizada por AC° constitui sempre uma barreira.

Admitamos, pois, com BAKER 1988, RIZZI 1990 e CINQUE 1991, que os núcleos funcionais T° e AC°, apesar de possivelmente não atribuírem qualquer relação temática às projecções máximas que subcategorizam, as "L-marcam", ou melhor, as seleccionam directamente (cf. cap.1 deste trabalho). Assim, **nem o SAC nem o SV constituem categorias bloqueadoras**.

Contudo, numa configuração como (82), SAC, apesar de não ser uma categoria bloqueadora, funciona como uma **barreira** para a regência de SV por T° – dada a interferência de um núcleo mais próximo, AC°, a **Minimalidade** opera.

Como o seguinte exemplo ilustra, nos casos de Subida de Verbo, este problema é ultrapassado:

(85) a. O João não tem lido esses livros mas a Maria tem [SV-]



Este esquema apresenta uma estrutura de Incorporação nos termos de BAKER 1988. Assim as noções de "distintividade" e de "Transparência" aplicam-se-lhe, permitindo dar conta da regência do SV nulo pelo verbo em T°:

(86) X é distinto de Y apenas se nenhuma parte de Y for um membro de uma cadeia (de movimento) contendo X.

(BAKER 1988, (64), cap.2, p.64)

(87) Corolário da transparência da Regência

Uma categoria lexical que tem um item incorporado rege tudo o que o item incorporado regia na sua posição estrutural original.

(BAKER 1988, (65), cap.2, p.64)

Na representação (85b), T°, porque incorpora "(V_k+AC)₁", rege SAC, tudo o que AC° rege, e tudo que o elemento incorporado

em AC°, por sua vez, rege, nomeadamente o SV Nulo.

Em Português, tanto verbos principais como auxiliares são basicamente gerados no SV. Assim, nesta língua, a **Construção de SV Nulo** exhibe sistematicamente **configurações de Subida do Verbo**. Deste modo, encontram-se sempre satisfeitas as **condições para T° reger o SV Nulo**.

Porém, **em Inglês**, os modais são basicamente gerados em T°. Para manter que nestes casos T° rege o SV Nulo (e não apenas o SAC que selecciona por complemento), torna-se necessário estabelecer entre T° e AC° uma relação que permita considerá-los como núcleos não-distintos, caso contrário, SAC, ainda que L-marcado por T°, funcionará como uma barreira por Minimalidade.

POLLOCK 1989, apresenta essa relação: de acordo com Pollock T° [+finito], na sua qualidade de operador, liga sempre uma categoria vazia na posição de AC° que funciona como variável (cf. POLLOCK 1989, p. 329)). É esta variável em AC° que rege o SV Nulo⁽³⁴⁾.

Assim, tanto em **Português** como em **Inglês**, podemos manter que **os elementos em T° regem o SV Nulo**.

Vejamos seguidamente se há condições estruturais para se verificar a **Regência Estrita do SV Nulo** por um elemento em T°.

Recorde-se (cf. secção 2.1.1.) que, em Português, diferentemente do que acontece em Inglês, não há argumentos que demonstrem a sujeição do SV Nulo na sua globalidade ao Princípio da Categoria Vazia. Porém, dado que na construção de SV Nulo em Português há sempre **Subida do Verbo**, a condição de Regência

Estrita manifesta-se necessariamente para o vestígio do verbo movido.

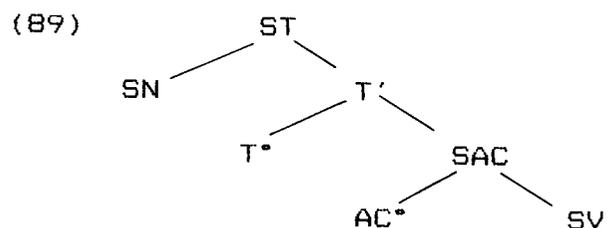
Admitamos com RIZZI 1990 que a Regência Estrita, independentemente de aparentemente se manifestar como Regência- θ ou como Regência por Antecedente, envolve sempre o conceito de Regência Estrita por Núcleo (cf. (88))⁽³⁵⁾:

(88) Regência Estrita por Núcleo

Um núcleo X° rege estritamente uma categoria α , se X° reger α no interior de X' .

(cf. RIZZI 1990, cap.2, p. 31)

Numa configuração estrutural como a apresentada em (89), um elemento em T° não rege estritamente por núcleo o SV. A Regência Estrita é uma relação local, e, assim sendo, apenas AC° pode reger estritamente o SV.



(cf. POLLOCK 1989, (77), p.397)

Para mantermos que a legitimação do SV Nulo implica Regência Estrita, devemos antes admitir que: em Estrutura-S, **o legitimador do SV Nulo em T° participa numa cadeia que rege estritamente o SV Nulo.**

Tendo analisado a configuração estrutural presente na construção de SV Nulo, vejamos de que forma ela é **parcialmente**

responsável pelo valor temporal ou predicativo dos legitimadores do SV Nulo em Português e em Inglês.

Consideremos os verbos que podem ocupar T° em cada uma das línguas em questão: em Inglês só verbos sem grelha temática, ou seja, auxiliares ou copulativos, podem encontrar-se nesta posição. Pelo contrário, em Português, como noutras línguas românicas, tanto verbos auxiliares, como verbos principais, podem elevar-se para T°.

Independentemente da explicação que se proponha para esta assimetria entre o Inglês e o Português relativamente aos verbos que podem encontrar-se em T° (34), ela parece ser um dos factores determinantes do conteúdo intrínseco dos legitimadores do SV Nulo nestas línguas. Assim, levanto a seguinte hipótese:

- (90) a. Numa língua que admita Subida dos verbos com grelha temática para T°, a extensão do sintagma predicativo alarga-se a T' (i.e., deixa de ser apenas o SV).
- b. Em línguas que não admitem Subida do Verbo com grelha temática para T°, a extensão do sintagma predicativo restringe-se ao SV que comporta o verbo com grelha temática (37).

A formulação (90a) tem por consequência que, independentemente de o elemento em T° ser um verbo auxiliar, numa língua como o Português, ele é sempre interpretado como um elemento de uma cadeia predicativa. Captarei esta propriedade através da seguinte generalização:

- (91) Numa língua em que o sintagma predicativo se alarga a T',

qualquer Núcleo verbal em T° é interpretado como um membro de uma cadeia predicativa.

2.2.3. O Sistema Legitimador do SV Nulo

Embora, como vimos na secção anterior, seja plausível admitir que o SV Nulo é uma categoria Estritamente Regida por Núcleo, **não é possível reduzir a sua legitimação** à Regência Estrita. Assim, as formulações do Princípio Legitimador do SV Nulo, incorporam frequentemente especificações que ultrapassam o âmbito desse conceito.

Deste modo, em ZAGONA 1988b, a definição de **Regência por Tempo Gramatical**, repetida em (92) por conveniência de exposição, inclui, a par do requisito de Regência- θ , qualificada como Regência Temporal (cf. (92.i)), um princípio de identificação do conteúdo da categoria elíptica (cf. (92.ii)):

(92) Regência por Tempo Gramatical (ing. Tense-Government)

α rege por Tempo-Gramatical β sse:

(i) α rege Temporalmente β , e

(ii) α identifica-por-Tempo Gramatical β

(ZAGONA 1988b, (8), cap.4, p.95).

Admitamos, pois, que, nos termos de RIZZI 1986a, o **Sistema Legitimador do SV Nulo** comporta duas componentes: um princípio de **legitimação formal** (que caracteriza o seu contexto de ocorrência) e uma condição de **identificação** do seu conteúdo.

Tendo em vista as propriedades da construção de SV Nulo, assumo que o **princípio geral** identificador desta categoria

elíptica deve ser concebido em termos análogos aos da condição de **Ligação por Núcleo**, (ing. head binding)⁽³⁸⁾ proposta em RIZZI 1986a para pro⁽³⁹⁾.

Assim, o sistema legitimador do SV Nulo pode ser formulado nos seguintes termos:

(93) Regência Estrita por X°_{\vee} (legitimação formal)⁽⁴⁰⁾

X°_{\vee} é o núcleo de uma cadeia que rege estritamente o SV Nulo⁽⁴¹⁾.

Em (93.i), "y" significa uma classe específica de núcleos legitimadores que pode diferir de língua para língua.

(cf. RIZZI 1986a, (40), p. 519)

(94) Ligação-por-Núcleo (identificação)

O SV Nulo tem as especificações gramaticais dos traços de do X°_{\vee} que o legitima formalmente (cf. RIZZI 1986a, (41), p. 520).

Consideremos o princípio de legitimação formal explicitado em (93). Repare-se que este princípio não é mais do que uma particularização do conceito de Regência Estrita por Núcleo, a que, segundo RIZZI 1990, se reduz o Princípio da Categoria Vazia. O que há de específico nesta formulação é a especificação da classe dos núcleos regentes.

Apesar da sua máxima generalidade, o princípio em (93), associado à condição de Ligação por Núcleo em (94) permite-nos facilmente dar conta das propriedades de SV Nulo em Português e em Inglês. Assim, retomando a definição de ZAGONA 1988b de Regência por Tempo Gramatical (cf. (92)), cotejemo-la com a

definição de Ligação por Núcleo Alargada, acima proposta.

Em ambas as línguas, o SV nulo é estritamente regido por uma cadeia que tem por núcleo um X° de uma classe específica – um "operador temporal" em Inglês (cf. (92.i)), um "operador de denotação predicativa" em Português.

Em ambas as línguas, X° identifica o SV por Ligação–por–Núcleo – identificação por Tempo Gramatical em Inglês (cf. (92.ii), identificação por denotação predicativa em Português.

Vejamos, seguidamente, como é que a condição de identificação especificada em (94) opera:

RIZZI 1986a propõe que, no caso da identificação de "pro", a Ligação por Núcleo em línguas como o Italiano se realize de duas formas diferentes: (i) por uma partilha de traços- ϕ , i.e., traços de pessoa, género e número; (ii) ou por uma coindexação entre uma posição da grelha temática de um verbo e a posição sintáctica dela decorrente por aplicação do Princípio de Projecção. Neste último caso, uma vez que "uma posição numa grelha temática não tem conteúdo intrínseco (não tem nomeadamente traços- ϕ)" (RIZZI 1986a, p. 521), uma regra aplica-se na Sintaxe, "a regra de arb", atribuindo conteúdo a essa posição (em Italiano, os traços de [+humano, + genérico, +plural]).

No caso do SV Nulo, as mesmas **estratégias de identificação** parecem existir: o Inglês utiliza a primeira, ou seja, a **identificação pelos traços- ϕ de T°**; e o Português, a segunda, i.e., a **identificação através da "ligação" entre as posições da grelha argumental do V° em T° e as posições sintácticas correspondentes.**

De facto, de acordo com ZAGONA 1988b, a identificação do SV Nulo em Inglês repousa na presença dos traços [\pm Passado]⁽⁴²⁾, traços estes que podemos conceber como os traços- ϕ de T°, equivalentes aos traços de género, pessoa e número para AC°.

Assim, nos seus aspectos relevantes, a representação de Estrutura-S a atribuir aos exemplos (95) é a explicitada em (96):

(95) a. John understands the situation and surely Peter should
(cf. SAG 1980, (1.2.2.1), p. 16)

b. The hyenas were chasing the zebras and the lions were too

(cf. LOBECK 1987, (37), cap. 1, p. 33)

(96) a. Peter [τ ·[τ° should [[τ° -passado]]]_k [_{SAC} v [_{SVk-}]]]

b. the lions [τ ·[τ° be [τ° +passado]]]_k [_{SAC}v [_{SVk} v [_{SVk-}]]]]

Em (96) a estrutura de subcategorização dos auxiliares "should" e "be-progressivo" exige que um SV seja projectado na Sintaxe. O SV Nulo é estritamente regido pela cadeia encabeçada pelo verbo em T° (legitimação formal). A Ligação por Núcleo, assinalada com o índice "k", atribui ao SV seleccionado como complemento de AC°, os traços [\pm passado] (identificação).

Ilustremos, seguidamente a estratégia de identificação do SV Nulo característica do Português, ou seja, a **identificação através da "ligação" entre as posições da grelha argumental do V° em T° e as posições sintácticas correspondentes.**

O caso representativo é o da legitimação do SV Nulo por verbos com grelha temática, como em (97):

- (97) a. O João não pôs o livro na estante mas a Maria pôs [-]
 b. a Maria [_T· [_T^o pôs_c - sNObjecto_j , sPlocativo_k]
 [sAC V [sV V [sN -]_j [sP -]_k]]]]

Em (97), a estrutura de subcategorização do verbo principal requer que o SV Nulo comporte, como complementos de V*, um SN e um SP. O verbo principal elevou-se para T* deixando ficar um vestígio. A cadeia encabeçada pelo verbo em T* rege estritamente o SV Nulo (e o vestígio) e identifica por Ligação de Núcleo os seus complementos, emparelhando cada posição da grelha temática com a posição sintáctica correspondente.

A mesma explicação é válida para exemplos como (98a), em que o verbo principal se incorporou no auxiliar. O complexo verbal assim formado encontra-se em T* legitimando e identificando o SV Nulo (cf. (98b)):

- (98) a. O João não arrumara os livros na pasta, mas a Maria tinha
 arrumado
 b. Maria [_T· [_T^o [tinha] + [arrumado_c (sNObj)_j , (sPLOC)_k]
 [sAC V [sV V [sV V [sN -]_j [sP -]_k]]]]]]

Em (98), a presença do verbo com grelha temática torna a sequência V_{aux} + V_e uma unidade caracterizável como um operador de denotação predicativa – é essa cadeia que legitima formalmente o SV Nulo e é a grelha temática associada ao verbo principal que identifica as posições sintácticas dos complementos do verbo.

Repare-se que, diferentemente do que acontece na identificação de "pro", esta estratégia de identificação do SV Nulo prescinde de qualquer regra adicional. De facto, na sua

qualidade de expressão nominal, "pro" tem de ver o seu conteúdo referencial mínimo gramaticalmente fixado — daí a necessidade da regra de "arb"; pelo contrário, no caso do SV Nulo basta que o seu conteúdo denotativo seja captado pela grelha temática do predicador verbal. O conteúdo efectivo do constituinte nulo será estabelecido em FL, pela Reconstrução.

Ao formularmos o princípio legitimador do SV Nulo (cf. (93)), restringimos a **classe de núcleos legitimadores do SV Nulo em Português** aos operadores de denotação predicativa.

Esta formulação apresenta um carácter intuitivo quando os verbos em T° são os verbos principais. Porém, poderemos apelar para o mesmo princípio legitimador quando **os verbos que ocupam T° são exclusivamente auxiliares?**

Consideremos a estratégia de **legitimação do SV Nulo por auxiliares em Português:**

Apesar de os auxiliares em línguas como o Português não se distinguirem radicalmente pelo seu comportamento dos verbos principais, eles não podem ser caracterizados como operadores de denotação predicativa, dado que são verbos sem grelha temática.

Deste modo, como esperado, em Português, **os auxiliares não são intrinsecamente os legitimadores do SV Nulo.** Ilustremos esta propriedade com o auxiliar dos tempos compostos, o verbo que menos controversamente representa a classe dos verbos auxiliares em Português:

- (99) a. * O João, ontem, já estava a guardar os livros novos na estante, e a Maria ainda agora não **tinha** [sv—]
- b. * O João não arrumou os livros na estante porque a

Maria também ainda não **tinha** [ev-]

No entanto, como vimos (cf. 2.2.1.), em contextos de identidade lexical e estrutural entre os elementos verbais da frase antecedente e da frase elíptica, o SV Nulo em Português pode ser legitimado unicamente por auxiliares (cf. (100)):

(100) a. O João, ontem, já **tinha** guardado os livros novos na estante, e a Maria ainda agora não **tinha** [ev-]

b. O João não **tinha** arrumado os livros na estante porque a Maria também ainda não **tinha** [ev-]

A gramaticalidade de (100) só pode ser captada se assumirmos que os auxiliares em Português, partilham alguma propriedade com os operadores de denotação predicativa – com efeito, se caracterizássemos os auxiliares em Português como operadores temporais, não explicaríamos a agramaticalidade das frases em (99)⁽⁴³⁾. Assumo que essa propriedade é captada pela generalização (91), aqui repetida:

(101) Numa língua em que o sintagma predicativo se alarga a T', qualquer Núcleo verbal em T* é interpretado como um membro de uma cadeia predicativa.

Assim, porque funciona como o núcleo de uma cadeia predicativa, um auxiliar pode legitimar formalmente o SV Nulo. Porém, dado que não possui uma grelha temática, não o pode identificar por Ligação-por-Núcleo – Veja-se, com efeito a representação de Estrutura-S que atribuiríamos à frase elíptica em (100a):

(102) a Maria[τ ·[τ^0 [tinha $_{\tau}$ - sv]] [sac v [sv v [sv-]]]]]]

Contudo, para que a Reconstrução possa operar, a seguinte **condição de identidade** deve ser satisfeita:

(103) Numa língua em que o Sintagma Predicativo se alarga a T', um auxiliar em T° só legitima SV Nulo em contextos de identidade lexical e estrutural com a sequência verbal da frase antecedente.

Em síntese, nesta secção defendi que a ocorrência de SV Nulo em Português e em Inglês é regulada pelo **mesmo princípio legitimador**, a Regência Estrita por Núcleos X° ν . Este princípio, como vimos, não é mais do que uma particularização do Princípio da Categoria Vazia que especifica a classe de núcleos regentes relevantes para cada uma das línguas em questão.

A identificação gramatical do SV Nulo foi atribuída a duas condições diversas: a **Ligação por Núcleo**, e a **Condição de Identidade das Sequências Verbais**.

A primeira condição, permite dar conta da identificação gramatical do SV Nulo em Inglês e em Português, nos contextos em que ocorrem representantes típicos da classe de núcleos legitimadores em cada uma das línguas (respectivamente, verbos auxiliares e verbos principais).

A segunda condição caracteriza a estratégia de identificação do SV Nulo em Português quando o seu legitimador não é intrinsecamente um operador de denotação predicativa, i.e., um verbo auxiliar.

Paralelamente a esta última estratégia sintáctica de identificação do SV Nulo em Português, caberá eventualmente juntar, para o Inglês, a condição que restringe a ocorrência de SV Nulo em infinitivas a domínios subcategorizados e θ -marcados (cf. LOBECK 1987, ZAGONA 1988a).

Repare-se que estas duas estratégias de identificação alternativas actuam quando os identificadores do SV Nulo são representantes fracos da classe de legitimadores definidos por cada uma das línguas em questão. Ou seja, em Inglês, com "to" infinitivo, um elemento tipicamente excluído da classe dos operadores temporais; em Português, com os verbos auxiliares, elementos verbais desprovidos de grelha temática e, conseqüentemente, não intrinsecamente caracterizáveis como operadores de denotação predicativa.

2.2.4. Legitimação e identificação do SV Nulo em sequências verbais

Nesta secção veremos que as condições de legitimação e de identificação do SV Nulo, em interacção com as propriedades específicas dos verbos presentes, dão adequadamente conta da distribuição do SV Nulo em sequências verbais no Português. Esta análise confirma, pois, a validade do tratamento proposto na secção anterior.

2.2.4.1. Os contrastes de gramaticalidade

Como vimos no capítulo 3 deste trabalho (cf. secção 2.2.2.3.), em Português, como em Inglês, **a construção de SV Nulo pode ser legitimada por sequências verbais**. Recorde-se alguns dos exemplos então apresentados:

(104) a. A: A Ana tem lido esses livros às crianças?

B: – Sim, **tem lido** [eV–]

[eV–] = [vV] esses livros às crianças

(em que: [vV] = vestígio do verbo movido)

b. A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também **deve ter estado** [eV–]

[eV–] = [vV] a ler esses livros às crianças

c. Estes livros podiam ter sido requisitados pelos alunos e aquelas revistas também **podiam ter sido** [eV–]

[eV–] = [vV] requisitadas [eNV] pelos alunos

(em que: [eNV] = vestígio do argumento interno do participio passivo)

Contudo, **nem todas as sequências verbais são possíveis**, (cf.

(105)):

- (105) a. ?? * A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também **deve ter estado a ler** [sv-]
[sv-] = ?? * [v-] a ler esses livros às crianças
- b. ?? * Estes livros podiam ter estado a ser requisitados e estas revistas também **podiam estar a ser** [sv-]
[sv-] = ?? * [v-] requisitadã[s] [svv]
- c. ?? * A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também **deve ter** [sv-]
[sv-] = ??* [v-] estado a ler esses livros às crianças

Em (105a), diferentemente do que acontece em (104a), a **explicitação do verbo principal** acarreta um decréscimo de gramaticalidade da frase – com efeito, na leitura preferencial, o SV da frase antecedente não é recuperado e o verbo "ler" no segundo membro coordenado é interpretado como desprovido de qualquer complemento.

Em (105b), por oposição a (104c), "ser" passivo não é capaz de legitimar o SV Nulo. Aparentemente, essa impossibilidade decorre da presença do aspectual "estar".

O exemplo (105c) indica que o auxiliar "ter" dos tempos compostos, quando precedido de um modal, não pode identificar eficazmente o SV Nulo.

O confronto entre os exemplos (106) e (107) revela não haver frequentemente coincidência entre as sequências verbais permitidas pelo Inglês e pelo Português:

(106) Pavarotti might have been touring Europe and Domingo

a. * might [e_v-] too
[e_v-] = have been touring Europe

b. might have [e_v-] too
[e_v-] = been touring Europe

c. might have been [e_v-] too
[e_v-] = touring Europe

(cf. LOBECK 1987 (78), p. 89)

(107) a. A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e
a Maria também **deve** [e_v-]

[e_v-] = [v-] ter estado a ler esses livros às crianças

b. ?? * A Ana deve ter estado a ler esses livros às
crianças e a Maria também **deve ter** [e_v-]

[e_v-] = ?? [v-] estado a ler esses livros às crianças

c. A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e
a Maria também **deve ter estado** [e_v-]

[e_v-] = [v-] a ler esses livros às crianças

A agramaticalidade de (106a) opõem-se à gramaticalidade de (107a); inversamente, a boa-formação de (106b) contrasta com a agramaticalidade de (107b). As frases (106c) e (107c) são igualmente gramaticais. Porém, tendo em vista os contrastes de gramaticalidade dos exemplos anteriores, nada garante que a sua boa-formação decorra dos mesmos factores.

Com efeito, embora o sistema geral de legitimação e de identificação do SV Nulo seja o mesmo nas duas línguas (cf. 2.2.3.), as suas estratégias de aplicação são diversas: enquanto o Português requer como legitimadores formais do SV Nulo

operadores de denotação predicativa, o Inglês exige operadores temporais.

Por outro lado, como se salientou na secção 2.1.2.1 deste capítulo, os verbos que figuram nas sequências verbais em Inglês não têm geralmente em Português correspondentes com as mesmas propriedades de selecção, categorial ou temática. Assim, por exemplo, enquanto os modais em Inglês são verbos auxiliares, que subcategorizam sem θ -marcar constituintes SV, em Português, "dever" ou "poder" devem ser analisados como verbos principais de elevação, que seleccionam complementos frásicos, i.e., STs (cf. a secção 1.2.1.2. deste capítulo).

Os **contrastes de gramaticalidade** nos casos de SV Nulo legitimado por sequências verbais em Português e Inglês sugerem, pois, que devem ser procuradas **soluções parcialmente diversas** para os casos mal-formados em **cada uma destas línguas**. Assim, embora se possa admitir que, com as alterações propostas na secção anterior, o tratamento de ZAGONA 1988b é, nos seus traços gerais, adequado ao Inglês⁽⁴⁴⁾, é preciso analisar separadamente os casos do Português.

2.2.4.2. O sistema legitimador do SV Nulo e a distribuição do SV Nulo em sequências verbais em Português

O sistema apresentado na secção 2.2.3. deste capítulo prevê a legitimação e identificação sintáctica do SV Nulo por um elemento verbal em T°. São contemplados casos como os seguintes:

- (108) a. O Jožo trazia os livros na pasta e a Maria também **trazia**
b. O Jožo tem trazido os livros na pasta e a Maria também

tem

- c. O João **tem** trazido os livros na pasta e a Maria também **tem** trazido.

Repare-se que em (108c) estamos perante uma sequência verbal. Porém, como vimos (cf. secção 1.2.1 deste capítulo), essa sequência verbal funciona como uma unidade verbal complexa – efectivamente, na construção de SV Nulo, "ter", auxiliar dos tempos compostos, requer a incorporação do verbo foneticamente realizado que o segue.

Deste modo, em todos os exemplos de (108), a legitimação do SV Nulo processa-se uniformemente – o elemento verbal em T°, núcleo da cadeia que rege o SV Nulo, legitima-o. Os exemplos em (108) ilustram igualmente os processos de identificação do SV Nulo considerados em 2.2.3: a Ligação por Núcleo (cf. (108a) e (108c)) e a Condição de Identidade entre as sequências verbais da frase antecedente e da frase elíptica (cf. (108b)).

Tendo por ponto de partida este sistema, debruçemo-nos sobre os casos gramaticais exibindo SV Nulo legitimado por sequências verbais.

Consideremos frases como (104a), repetida em (109a):

(109) a. A: A Ana tem lido esses livros às crianças? (= (104a))

B: – Sim, **tem lido** [ev–]

[ev–] = [v–] esses livros às crianças

- b. A Ana tem estado a pôr os livros na estante mas a Maria não **tem estado** [ev–]

[_{av-}] = [_{v-}] a pôr os livros na estante

c. A: Esse bolo tem sido cozinhado em lume brando?

B: a. Sim, **tem sido** [_{av-}]

[_{av-}] = [_{v-}] cozinhado em lume brando

Os exemplos em (109) obedecem trivialmente ao **sistema geral de legitimação e de identificação do SV Nulo**: nas frases elípticas, a sequência verbal é constituída pelo **auxiliar dos tempos compostos** seguido de um **verbo no participio passado**. Um único elemento verbal em T°, constituído pelo auxiliar e pelo verbo incorporado, legitima o SV Nulo, como ilustrado em (110) para (109b):

(110) [_{ST} SN [_{T°} tem_estado_k], [_{av} v_j [_{av} v_k [_{ST-}]]]]]

Consideremos seguidamente os exemplos (111), em que a **sequência verbal** é encabeçada por um **modal**:

(111) a. A Ana pode estar a ler esses livros às crianças e a Maria também **pode estar** [_{av-}]

[_{av-}] = [_{v v}] a ler esses livros às crianças

b. A Ana podia ter lido esses livros às crianças e a Maria também **podia ter lido** [_{av-}]

c. A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também **deve ter estado** [_{av-}] (= (104b))

[_{av-}] = [_{vv}] a ler esses livros às crianças

d. Estes livros podiam ter sido requisitados pelos alunos e aquelas revistas também **podiam ter sido** [_{av-}] (= (104c))

[_{av-}] = [_{vv}] requisitadas [_{ENV}] pelos alunos

Dissemos que os verbos modais em Português se comportam como verbos principais de elevação que seleccionam STs por complemento. Assim, uma hipótese de representação de Estrutura-S para as frases em (111), será a ilustrada em (112) para as frases (111a) e (111c):

(112) a. A Ana deve estar a ler esses livros às crianças e
 [**ST**₁ a Maria também [_T^o **deve**₁] [_{ev} v₁ [**ST**₂ [_T^o **estar**₂]
 [_{ev} v₂ [_{SP} -]]]]]]

b. A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e
 [**ST**₁ a Maria também [_T^o **pode**₁] [_{ev} v₁ [**ST**₂ [_T^o **ter_estado**_k]
 [_{ev} v₂ [_{ev} v_k [_{SP} -]]]]]]]]

Em (112) a cadeia que rege o SV Nulo inicia-se no T^o da frase encaixada, i.e., em ST₂. Assim, o elemento verbal legitimador do SV Nulo nestas frases, não são as sequências verbais "deve estar" ou "deve ter estado", mas apenas "estar" ou o complexo verbal "ter_estado". Esta representação é conforme com o sistema geral de legitimação do SV Nulo: um único elemento verbal em T^o encabeça a cadeia que rege o SV Nulo.

Esta análise é adequada a exemplos como (113), em que a presença da negação e do adverbial "também" indica que a cadeia que legitima o SV Nulo se inicia no núcleo verbal do complemento seleccionado pelo verbo modal:

(113) a. A Ana pode estar a estudar mas a Maria pode **não** estar
 b. A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a
 Maria deve **também** ter_estado

Porém, **não pode ser mantida para os exemplos (111)**. Com efeito, **os verbos modais em Português**, embora subcategorizem, e θ -marquem, domínios oracionais ST, são **verbos de reestruturação**. Ou seja, são verbos que podem formar uma unidade verbal complexa com o núcleo verbal foneticamente realizado do ST que seleccionam, determinando a reestruturação dos respectivos domínios predicativos num único domínio predicativo complexo.

As sequências verbais encabeçadas por modais em que a negação frásica e "também" precedem o modal são contextos de reestruturação. Dois fenómenos atestam esta propriedade: a **Subida de Clítico** e a **Inversão Sujeito-Verbo em frases contendo SV Nulo**.

Consideremos a **Subida de Clítico** em sequências verbais encabeçadas por **verbos modais**:

Tem sido assumido na literatura (cf. RIZZI 1986b e KAYNE 1991) que o fenómeno de Subida de Clítico opera exclusivamente quando, por um processo de Reestruturação, ou Incorporação⁽⁴⁹⁾, os elementos presentes numa sequência verbal se comportam como uma unidade lexical compósita.

Observemos os seguintes exemplos:

- (114) a. A Ana não os deve/pode ter lido
b. ?? * A Ana não deve/pode tê-los lido
c. A Ana deve/pode não os ter lido

- (115) a. Essas histórias também lhes devem/podem ser lidas
b. ??* Essas histórias também devem/podem ser-lhes lidas

A marginalidade de (114b) e (115b) mostra que em Estrutura-S, quando afectados pela **negação frásica** ou por um

adverbial como **também** os modais e o núcleo verbal subsequente formam uma unidade. O exemplo (114c) mostra que essa unidade não se constitui quando a negação frásica segue o modal.

Repare-se que o facto de a Reestruturação não se verificar obrigatoriamente em (116) não é um contra-argumento ao que se acabou de afirmar:

- (116) a. A Ana não os deve/pode estar a ler às crianças
b. A Ana não deve/pode estar a lê-los às crianças

Com efeito, os exemplos seguintes provam que o responsável pela opcionalidade da incorporação é o auxiliar "estar":

- (117) a. Ela está a ler-lhes os livros
b. Eles não lhes estão a ler os livros
c. (?) Eles não estão a ler-lhes os livros

O confronto entre (117) e (118) permite determinar a causa desta opcionalidade:

- (118) a. Eles estão lendo-lhes os livros
b. Eles não lhes estão lendo os livros
c. * Eles não estão lendo-lhes os livros

De facto, estes exemplos mostram que, com o aspectual "estar", a Incorporação só é facultativa quando este verbo subcategoriza um **Complemento Infinitivo Preposicionado**. Quando selecciona uma construção gerundiva, a Incorporação é obrigatória (cf. (117c) vs (118c)).

O contraste de gramaticalidade entre as frases em (118) e

(119) permite-nos eliminar a hipótese de a agramaticalidade de (118c) decorrer da impossibilidade de as orações gerundivas albergarem clíticos verbais:

- (119) a. Lendo-os às crianças, a Maria fica mais contente
 b. Não os lendo às crianças, a Maria fica triste

Consequentemente, a opcionalidade de reestruturação em (117) deve ser atribuída à **intervenção do núcleo preposicional** entre "estar" e o núcleo do complemento infinitivo.

Estes dados sugerem que, na fase actual de evolução do Português, nas construções "estar-a-infinitivo", a preposição "a" ora funciona como o núcleo de uma projecção máxima própria (cf. (117c)), ora é reanalisada com o verbo que selecciona a sua projecção máxima (cf. (117b))⁽⁴⁶⁾. É só neste último caso que a Subida de Clítico em Complementos Infinitivos Preposicionados de "estar" se verifica⁽⁴⁷⁾.

Retomemos o problema das representações de Estrutura-S a atribuir à construção de SV Nulo em exemplos como (111): a presença de **negação frásica** e do adverbial **também** precedendo o modal cria um factor de aproximação entre as configurações de Subida de Clítico e de SV Nulo, que nos leva a admitir que em ambos os casos estamos perante uma estrutura de reestruturação. Assim, (120), ilustra para (111c), a representação de Estrutura-S adequada a exemplos como (111):

(120) A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e

[_{ET} a Maria também [_T^o [deve [ter_ [estado]_k],]₁]

[_{EV} V₁ [_{ET} [_T^o V₂] [_{EV} V₃ [_{EV} V_k [_{EP} -]]]]]]

Consideremos, seguidamente, os casos de **SV Nulo e Inversão Sujeito-Verbo**:

- (121) Quem podia ter estado a ler esses livros às crianças?
- a. – **Podia** a Maria
 - b. – ??* **Podia** a Maria **ter_estado** [sv-]
 - c. – **Podia ter_estado** a Maria [sv-]

O contraste de gramaticalidade entre (121b) e (121c) é facilmente explicado se assumirmos que, por Reestruturação, o modal forma uma unidade verbal complexa com o núcleo do seu complemento. A gramaticalidade de (121a) mostra, por sua vez, que a Reestruturação só se dá se o núcleo verbal do constituinte subcategorizado se encontrar foneticamente realizado.

Recapitulando: em sequências verbais encabeçadas por modais, tanto em estruturas coordenadas em que o modal é precedido de advérbios de denotação predicativa, como em respostas exibindo Inversão Sujeito Verbo, a legitimação do SV Nulo é feita, por uma unidade verbal complexa, decorrente de um processo de Reestruturação.

Analisando a **Reestruturação** como uma manifestação de **Incorporação** (cf. BAKER 1988 e STOWELL 1987), exemplos como (111c) e (121c), repetidos nos aspectos relevantes em (122), terão simplificada a representação de Estrutura-S explicitada em (123):

- (122) a. ... a Maria também **deve ter estado** [sv-] (= (104b))
b. (...) **Podia ter_estado** a Maria [sv-]

(123) [_{ST1}...[_{T°} [deve [ter [estado]_k]]_j]]_i...[_{SV1} [v+[v+ vk]_j]]_i
 [_{ST2}...[_{T°} [v+ vk]_j]...[_{SV2} [v+ vk]_j [_{SV3} vk[_{EP-}]]]] ('46)

Como vimos na secção 2.2.2. deste capítulo, numa cadeia de incorporação, o elemento incorporante e elemento incorporado são não-distintos. Assim, numa configuração como (123), a legitimação do SV Nulo é feita pelo complexo verbal encabeçado pelo modal em T° da frase matriz (i.e., ST1).

Consequentemente, o sistema de legitimação e de identificação do SV Nulo esboçado na secção 2.2.3. pode, mais uma vez ser mantido – um único elemento em T°, o complexo verbal reestruturado, legitima (e identifica) o SV Nulo.

Em suma:

Os exemplos gramaticais de SV Nulo legitimados por sequências verbais em Português obedecem ao esquema geral de legitimação e de identificação do SV Nulo – um único elemento verbal ocupa a posição de T° da cadeia que rege o SV Nulo.

Consideremos seguidamente os casos marginais.

Analisemos primeiramente exemplos como (105a), em que a má-formação das frases parece residir na presença do verbo principal:

- (124) a. ?? * A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também deve ter estado a ler [_{SV-}]
 [_{SV-}] = ?? * [v v] esses livros às crianças (= (105a))
- b. ?? * A Ana está a ler os livros aos miúdos e Maria também está a ler [_{SV-}]
 [_{SV-}] = ?? * [v v] os livros aos miúdos

c. ?? * O carro foi atribuído à Maria, mas os outros prémios não foram atribuídos [sv-]

[sv-] = ?? * [v v] [ENV] à Maria

d. A: Esse livro tem estado a ser lido aos miúdos?

B: ?? * Não, não tem estado a ser lido [sv-]

[sv-] = ?? * [v v] aos miúdos

A marginalidade destes exemplos parece problemática. Com efeito, como vimos na secção 2.2.2.1. deste capítulo, em Português, a **legitimação do SV Nulo**, em certos casos, não só pode, como deve, ser efectuada por uma cadeia verbal que comporte o **verbo principal**:

(125) a. O João não **guardou** ainda o carro na garagem e o Pedro só agora **está a guardar**

b. * O João não **guardou** ainda o carro na garagem e o Pedro só agora **está**

c. O João já **guardara** o carro na garagem e o Pedro ainda não **tinha guardado**

d. * O João já **guardara** o carro na garagem e o Pedro ainda não **tinha**

Deixando de momento de lado os exemplos que contêm "ser-passivo", concentremo-nos nas frases com o aspectual "estar":

Repare-se que, nos aspectos relevantes, as representações estruturais a atribuir às frases elípticas em ^(124a)(124b) e em (125) são idênticas – em ambas "estar" selecciona um Complemento Preposicional Infinitivo e ocupa a posição T° da frase finita (ST1):

(126) [_{ET1} SN ... [_T^o está₁] [_{EV} v₁ [_{EP} SN a [_{ET2} SN ler]]]]

A boa-formação de (125a) mostra que **esta sequência verbal é capaz de legitimar formalmente e de identificar adequadamente o SV Nulo.**

O contraste de gramaticalidade entre (124b) e (125a) sugere, assim, que a **má-formação de (124a) e de (124b)** deve ser atribuída a uma **inadequação entre as condições de legitimação e identificação do SV Nulo requeridas e as efectivamente aplicadas.**

Recorde-se que, em Português, a **presença do verbo principal nas sequências verbais legitimadoras do SV Nulo** só é necessária quando as sequências verbais na frase antecedente e na frase elíptica não são lexical e estruturalmente idênticas. Estas circunstâncias verificam-se em (125a), mas não em (124b) ou em (124a).

De facto, a agramaticalidade dos exemplos (124a) e (124b) desaparece se as sequências verbais da frase antecedente e da frase elíptica forem diferentes:

(127) a. A Ana não leu esses livros às crianças mas a Maria **deve ter estado a ler** [_{EV-}] (cf. (124a))

[_{EV-}] = [_V v] esses livros às crianças

b. A Ana já tinha lido esses livros aos miúdos ontem, mas a Maria só **está a ler** [_{EV-}] hoje (cf. (124b))

[_{EV-}] = [_V v] os livros aos miúdos

Estes exemplos sugerem que quando o verbo principal ocorre nas sequências verbais, ele é o único elemento relevante para a

legitimação e identificação do SV Nulo.

Levanto, pois, a hipótese de a marginalidade de (124a) e de (124b) decorrer do facto de a identidade entre as sequências verbais indicar, como elemento legitimador e identificador do SV Nulo, toda a sequência verbal que se inicia em T° da frase finita, mas o único elemento relevante para essa legitimação e identificação ser, efectivamente, o verbo principal.

Quando essa expectativa não é criada, os exemplos são bem formados. É o que acontece em (125a) em que a ausência de paralelismo entre as sequências verbais, fixa o verbo principal como o único elemento legitimador e identificador do SV Nulo.

Por outras palavras, frases como (124a) e (124b) são marginais porque infringem um princípio de economia das representações, possivelmente, o Princípio da Interpretação Plena proposto em CHOMSKY 1986a: indiciam como relevantes para a interpretação do SV Nulo elementos que efectivamente são desprezados⁽⁴⁷⁾.

Nestas circunstâncias o SV Nulo não é identificado – como vimos, o verbo principal em (124a) e (124b) é interpretado como desprovido de complementos.

A questão que agora se coloca é saber porque é que as sequências verbais em (124a) e em (124b) não podem funcionar como legitimadoras e identificadoras do SV Nulo. É sobre este problema que me debruçarei seguidamente.

Note-se, em primeiro lugar, que a existência de identidade entre as sequências verbais que comportam o verbo principal não chega por si só para explicar a marginalidade de (124a) e (124b). Como os exemplos seguintes mostram, se o auxiliar que precede o

verbo principal for o **auxiliar dos tempos compostos** ou um **modal** essa identidade é possível:

(128) a. A: A Ana tem lido esses livros às crianças?

B: - Sim, **tem lido** [ev-]

[ev-] = [vv] esses livros às crianças (= (104a))

b. O João **deve trazer** um amigo para jantar hoje connosco e a Ana também **deve trazer** [ev-]

[ev-] = [vv] um amigo para jantar hoje connosco

Existe, pois, uma **propriedade distintiva** entre as sequências verbais "**estar-a-Vprincipal**", por um lado, e "**ter-Vprincipal**" ou "**Modal-Vprincipal**", por outro. Admito que essa propriedade é a **opcionalidade vs obrigatoriedade de Incorporação** do verbo lexicalmente realizado subsequente em contextos de SV Nulo.

Os casos de **Subida de Clítico**, analisados nesta secção, mostravam o carácter facultativo da Incorporação quando "estar" selecciona a Construção de Infinitivo Preposicionado.

Os seguintes exemplos, paralelos aos apresentados na secção 1.2.3. deste capítulo, mostram que na **construção de SV Nulo**, "estar", diferentemente do auxiliar dos tempos compostos, não determina a incorporação do verbo que o segue. Veja-se o contraste de gramaticalidade entre os exemplos em (129a) e (129b):

(129) a. ?? * O João não faz isso antes de tu teres **também** feito
(cf. O João não faz isso antes de tu **também** teres feito)

b. O João só faz isso, quando tu estiveres **também** a fazer

(cf. O João só faz isso, quando tu **também** estiveres a fazer)

A ausência de incorporação explica a agramaticalidade dos exemplos (124a) e (124b). Comparem-se as representações de Estrutura-S dos exemplos (128a) e (124b):

(130) a. [ET ... [T° tem_lido_k]_j [sv v_j [sv v_k ...]]]]

(cf. 128a)

b. [ET ... [T° está]_j [EP [P·[PA] [ET [T° ler]_k][sv-]]]]

(cf. 124b)

Em (130a), devido à incorporação do verbo principal no auxiliar "ter", existe uma unidade verbal complexa que legitima e identifica o SV Nulo; em (130b), a incorporação não se verifica. Consequentemente, de acordo com a Condição de Minimalidade, o SV Nulo é formalmente legitimado e identificado pelo elemento verbal mais próximo, o seu regente, ou seja, o verbo principal.

Esta mesma análise explica a marginalidade do exemplo (105b), em que a sequência verbal comporta "ser-passivo":

(131) ?? * Estes livros podiam ter estado a ser requisitados
e estas revistas também podiam estar a ser [sv-]

[sv-] = ?? * [v-] requisitadas [ENV] (= (105b))

A identidade das sequências verbais entre a frase antecedente e a frase elíptica indica, como legitimador e identificador do SV Nulo, toda a sequência verbal. A ausência de incorporação de "ser" em "estar" fixa como legitimador e

identificador do constituinte elíptico apenas "ser". Dado este conflito (uma infracção de um princípio de economia das representações), a identificação do SV Nulo não é possível.

Consideremos seguidamente o exemplo marginal em (124c) em que "ser" co-ocorre com o verbo principal no participio passivo:

(132) ?? * O carro foi atribuído à Maria, mas os outros prémios
 não foram atribuídos [ev-]

[ev-] = ?? * [v v] [eNV] à Maria (= (124c))

A má formação de (132) não pode ser atribuída a um desfazamento entre o início da sequência verbal e o elemento legitimador e identificador do SV Nulo. Os seguintes exemplos, ilustrativos de Subida de Clítico, mostram que o verbo "ser" forma com o participio passivo um complexo verbal:

- (133) a. O carro foi_lhe atribuído
 b. O carro não_lhe foi atribuído

Assim, a representação de Estrutura_S a atribuir à cadeia verbal da frase que contém o SV Nulo em (132) seria simplifadamente a seguinte:

(134) mas [s_T SN não [T° foram_[atribuídos]]_j]_i [sac [ev [v v_i]
 [sac SN [ac° v_j] [svpart_pas [vpart_pas v_j] ...]]]]

Em (134) estamos perante uma cadeia de incorporação que rege o SV Nulo. Atendendo a esta propriedade, esperaríamos que a sequência "ser - Vparticipio passivo" se comportasse como a sequência "ter - Vparticipio passado", que admite exemplos bem-

formados, paralelos a (132):

(135) O público tinha atribuído o primeiro prémio à Maria, mas o júri, infelizmente, **não tinha atribuído** [sv-]

[sv-] = [v v] o primeiro prémio à Maria

O contraste de gramaticalidade entre (132) e (135) permite centrar a marginalidade de (132) nas propriedades do complemento seleccionado por "ser-passivo". A comparação entre (132) e os seguintes exemplos, evidencia que o elemento responsável por essa marginalidade é o próprio participio passivo:

(136) a.?? * Os bolos são postos no forno quando as bolachas também são postas [sv-]

[sv-] = ?? * [v v] [sNV] no forno

b. ?? * Os livros foram lidos aos miúdos mas as revistas não foram lidas [sv-]

[sv-] = ?? * [v v] [sNV] aos miúdos

c. ?? * Estes livros foram requisitados pelos alunos e aquelas revistas também **foram requisitadas** [sv-]

[sv-] = [v] requisitadas [sNV] pelos alunos

Este exemplos mostram que o participio passivo, diferentemente do participio passado, não é capaz de identificar por Ligação-por-Núcleo nem os seus adjuntos (veja-se o caso do sintagma agente da passiva em (136c)), nem os seus complementos, à excepção do seu argumento interno que, nos exemplos dados, se encontra lexicalmente realizado na posição de sujeito frásico.

Esta propriedade aproxima, pois, os participios passivos dos elementos nominais, nomeadamente adjectivais:

(137) a. ??* O Luís está desejoso de partir para férias e a Maria também está desejosa [-]

b. ??* O Luís está receoso de que a Maria não aceite a proposta mas a Ana não está receosa [-]

Tem sido frequentemente assumido na literatura que os participios passivos não são formas verbais caracterizáveis pelos traços [+V,-N]. São apenas elementos [+V], apresentando, por isso propriedades que os separam das formas verbais "plenas" (cf. DUARTE 1986).

Assim sendo, temos uma explicação para a marginalidade dos exemplos em que o SV Nulo co-ocorre com o participio passivo lexicalmente realizado – o participio passivo, não sendo um elemento [+V,-N] não é capaz de identificar por Ligação-por-Núcleo os seus complementos (e adjuntos).

Em suma:

A marginalidade das frases em sequências verbais que integram o verbo principal deve ser atribuída a diversos factores:

(i) A presença do verbo principal fixa como estratégia de identificação do SV Nulo a Ligação por Núcleo;

(ii) Quando há identidade entre as sequências verbais da frase antecedente e da frase elíptica, essa identidade sugere que o elemento legitimador e identificador do SV Nulo é toda a sequência verbal.

(iii) Para que uma sequência verbal possa funcionar como o legitimador e identificador do SV Nulo, é preciso que, por um

processo de Incorporação, a sequência verbal possa ser analisada como unidade verbal complexa;

(iv) Finalmente, na construção de SV Nulo, a identificação por Ligação por Núcleo só pode ser levada a cabo por um elemento [+V, -N] (deste modo, um particípio passivo não pode identificar um SV Nulo).

Consideremos, por último, a **má-formação** de um exemplo como (105c), em que o SV Nulo é antecedido por uma sequência verbal constituída por um **modal e pelo auxiliar dos tempos compostos**:

(138) ??* A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também **deve ter** [ev-] (= (105c))
[ev-] = ??* [vV] estado a ler esses livros às crianças

Compare-se (138) com os seguintes exemplos:

(139) A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e a Maria também **deve ter estado** [ev-]
[ev-] = [vV] a ler esses livros às crianças

(140) A Ana tem estado a ler esses livros às crianças e a Maria também **tem** [ev-]
[ev-] = [vV] estado a ler esses livros às crianças

Como o contraste de gramaticalidade entre (138) e (139) mostra, quando precedido por um modal, o auxiliar "ter" não é capaz, por si só, de legitimar um SV Nulo (cf. (138)). Neste contexto, o auxiliar "ter" requer obrigatoriamente a incorporação do elemento verbal subsequente (cf. (139)). Porém, se "ter" não se incorporar em nenhum elemento verbal, como acontece em (140),

as frases obtidas são bem-formadas.

Este dados sugerem que a agramaticalidade de (138) é uma consequência do **processo de Reestruturação**, ilustrado em (141) (90):

- (141) A Ana deve ter estado a ler esses livros às crianças e
[_{ST1} a Maria também [_{T°} [deve [_{ter}]₁] [_{sv1} [v+v]₁]
[_{ST2} [_{T°} v₁] [_{sv2} v₁ [-]]]]] (cf. (138))

Em (141) o vestígio "ter" em T° de ST2 (v₁) não legitima nem identifica adequadamente o SV Nulo (SV2).

Compare-se, seguidamente, a marginalidade de (138) com a gramaticalidade de (142):

- (142) a. A Ana deve estar a ler esses livros às crianças e a
Maria também **deve estar** [_{sv-}]
[_{sv-}] = [v-] a ler esses livros às crianças
b. Este livro pode ser lido às crianças mas aquele não
pode ser [_{sv-}]
[_{sv-}] = [v-] lido [_{snv}] às crianças

Este contraste mostra que a má-formação de (138) não deve ser atribuída apenas à Reestruturação. Como vimos nesta secção, os modais reestruturam-se igualmente com "estar" e com "ser-passivo", e, todavia, as frases em (142) são bem formadas. Devemos, portanto, inferir que, diferentemente do vestígio do auxiliar "ter", os vestígios de "estar" e de "ser" são capazes de, por si sós, **permitirem a ocorrência do SV Nulo**.

Está, pois, excluída a hipótese de a configuração estrutural resultante da incorporação no modal ser incapaz de legitimar o SV

Nulo. Consequentemente, a **agramaticalidade de (138)** deve ser atribuída às **propriedades intrínsecas do auxiliar "ter"**.

Se assumirmos que todos estes verbos são auxiliares, ou seja, verbos totalmente desprovidos de grelha temática, esta divergência de comportamento não é explicável. Na verdade, vimos na secção 2.2.3. deste capítulo, que, quando o SV Nulo é legitimado por auxiliares, a estratégia de identificação sintáctica do SV Nulo é a Identidade das sequências verbais da frase antecedente e da frase elíptica, e não a Ligação por Núcleo. Ora essa identidade das sequências verbais está assegurada tanto no exemplo (138), agramatical, como nos exemplos (142), gramaticais.

Estes dados parecem, pois, sugerir que o aspectual "estar" e "ser-passivo", diferentemente do verbo "ter" presente na formação dos tempos compostos, não são auxiliares "puros", mas verbos de estrutura temática extremamente reduzida. Nestas circunstâncias podem identificar sintacticamente o SV Nulo por Ligação-por-Núcleo.

Uma hipótese a considerar é a inclusão dos "auxiliares" "estar" e "ser" na classe dos verbos copulativos. Com efeito, como tem sido ultimamente salientado, estes verbos são verbos de elevação que seleccionam domínios predicativos não frásicos por complemento (orações pequenas) (cf. RAPOSO 1989, GONÇALVES e COLAÇO 1990⁽⁹¹⁾). É, pois, plausível sustentar, que, em Português os referidos verbos θ -marcam esse complemento, reduzindo-se a essa relação temática toda a sua estrutura argumental⁽⁹²⁾.

Tem sido defendido (cf., STOWELL 1987) que os verbos

copulativos se reestruturam com os núcleos das orações pequenas que seleccionam. Nessas estruturas predicativas, é a oração pequena que detém o conteúdo predicativo central do domínio oracional complexo⁽¹⁴³⁾ (cf. (143)):

(143) a. O João está [_{SAC} [_{SA} cansado]]

b. O João já foi [_{SAC} [_{SA} despreocupado]]

Observam-se estas mesmas propriedades nas sequências verbais com "estar" e "ser": participam em configurações de reestruturação (facultativamente, no caso de "estar") e seleccionam orações pequenas que determinam conteúdo predicativo do domínio oracional complexo (cf. (144)):

(144) a. O João está [_{SA} a [_{ET} trabalhar]]

b. O João foi [_{SAC} [_{SVpart_pass} acusado de não trabalhar]]

Em suma, nas sequências verbais legitimadoras de SV Nulo apenas o verbo "ter" presente na formação dos tempos compostos deve ser indiscutivelmente caracterizado como um auxiliar, i.e., como um elemento verbal desprovido de grelha temática. Tanto os modais como os verbos "estar" e "ser", são verbos de elevação, de grelha temática extremamente reduzida, que participam, opcional ou obrigatoriamente, em estruturas de reestruturação, constituindo assim unidades predicativas complexas.

Se aceitarmos esta análise, é fácil explicar o contraste de gramaticalidade entre os exemplos (138) vs (139)–(142): em (139) e (141), o vestígio do verbo incorporado no modal identifica o SV Nulo por Ligação–por–Núcleo. O mesmo não acontece em (138), uma vez que, na qualidade de auxiliar, "ter" não tem grelha

temática⁽⁵³⁾.

Contudo, o sistema de legitimação e identificação do SV Nulo desenvolvido na secção 2.2.3. deste capítulo, prevê, nos casos de legitimação por auxiliar, a identificação sintáctica do SV Nulo se processe através da Condição de Identidade entre as sequências verbais da frase antecedente e da frase elíptica. Em (138) esse requisito encontra-se preenchido. Como explicar então a sua marginalidade?

Considere-se o exemplo (140), cuja representação de Estrutura-S é simplificada a seguinte:

(145) A Ana tem estado a ler esses livros às crianças e a Maria também [e_T [T° **tem**₁] [e_V v₁ [e_V-]]]

O confronto entre (145) e (141) evidencia que (140) difere de (138) apenas pelo facto de o auxiliar "ter" se encontrar foneticamente realizado em T°.

A gramaticalidade de (138) sugere, assim, que, quando um auxiliar "puro" ocorre na construção de SV Nulo, para que a **Condição de Identidade** possa identificar sintacticamente o constituinte elíptico, uma **condição adicional** é requerida — o auxiliar tem de se encontrar foneticamente realizado no T° da cadeia local que rege o SV Nulo. Formularei, tentativamente, essa condição nos seguintes termos:

(145) Numa língua em que SV Nulo é legitimado por operadores de denotação predicativa, um auxiliar só pode **legitimar** um SV Nulo se estiver **foneticamente realizado** na posição de T°

da cadeia local que rege o SV Nulo.

A justificação para esta condição pode, possivelmente, encontrar-se no Princípio da Interpretação Plena, que regula a relevância dos elementos presentes nas representações de Forma Fonética e de Forma Lógica.

De facto, em FL, o vestígio do auxiliar "ter" em (141) é **aparentemente ininterpretável**: (i) não pode ser interpretado como a variável de um operador temporal porque ocupa a posição de T° de uma frase infinitiva – como tem sido abundantemente referido na literatura, T° só conta como um operador temporal nas frases finitas; (ii) não pode ser interpretado como a variável de um operador de denotação predicativa, uma vez que "ter" não tem grelha temática; (iii) não pode ser interpretado como uma anáfora, porque o seu antecedente não tem conteúdo argumental. Assim, de acordo com LASNIK e SAITO 1984, CHOMSKY 1986b e CHOMSKY 1989, **o referido vestígio deve ser suprimido em FL** (cf. CHOMSKY 1989, p. 63). Porém, **sendo suprimido, a legitimação do SV Nulo e a sua identificação em FL deixam de ser possíveis**. Como previsto, (138) é uma frase mal-formada. A presença do auxiliar em T° garante assim simultaneamente a legitimação e a identificação do SV Nulo. Deste modo, (140) é gramatical.

Sintetizando:

A distribuição de SV Nulo em sequências verbais decorre da interacção das propriedades de selecção dos verbos presentes com as condições de legitimação e de identificação do SV Nulo esboçadas em 2.2.3..

Nos exemplos gramaticais, a existência de Incorporação

garante a aplicação do esquema geral de legitimação e de identificação do SV Nulo – um único elemento verbal (complexo) ocupa a posição de T* da cadeia que rege o SV Nulo.

A impossibilidade de co-ocorrência de SV Nulo com certas sequências verbais é motivada pelas propriedades idiossincráticas dos verbos que integram essas cadeias e por princípios gerais da Gramática. Sumariemos as sequências ilegítimas e os factores que determinam a sua má-formação:

(i) A sequência "estar-a-V" não pode co-ocorrer com SV Nulo quando há identidade entre as sequências verbais da frase antecedente e da frase elíptica.

Este comportamento deve-se ao facto de "estar", quando selecciona a Construção de Infinitivo Preposicionado em frases exibindo SV Nulo, não incorporar o verbo do ST do seu complemento. Consequentemente, a Minimalidade Relativizada actua, fixando como legitimador e identificador do SV Nulo o núcleo verbal desse ST. Porém, o paralelismo entre as sequências verbais indica como legitimadora e identificadora do SV Nulo toda a sequência verbal (e não apenas o seu legitimador efectivo). As frases são, assim, excluídas por um princípio de economia e relevância das representações, eventualmente o Princípio da Interpretação Plena.

(ii) As sequências verbais que comportam um participio passivo não podem introduzir um SV Nulo.

A identificação do SV Nulo em Português só pode ser efectuada por elementos [+V,-N] mas os participios passivos em

Português só podem ser caracterizados como elementos [+V].

(iii) SV Nulo não pode ser legitimado por sequências constituídas por um Modal + ter(auxiliar dos tempos compostos).

Quando se reestrutura com o modal o vestígio de "ter" é ininterpretável – não é nem uma variável, nem uma anáfora. Consequentemente, de acordo com o Princípio da Interpretação Plena, deve ser suprimido. A sua supressão acarreta a impossibilidade de o SV Nulo ser legitimado e identificado em FL.

Em Português a legitimação e identificação do SV Nulo em sequências verbais faz crucialmente apelo à Incorporação; em Inglês, de acordo com ZAGONA 1988b, à Concordância Núcleo-a-Núcleo. É tentador aproximar esta divergência de mecanismos utilizados com as particularidades que o sistema legitimador do SV Nulo assume em cada uma destas línguas:

Uma vez que em Português, o SV Nulo é legitimado por operadores de denotação predicativa, a Incorporação é a operação que converte os diferentes núcleos predicativos numa unidade predicativa complexa.

Por seu turno, dado que em Inglês o SV Nulo é legitimado por operadores temporais, a transmissão dos traços temporais na cadeia legitimadora assume uma função crucial. É o mecanismo de Concordância Núcleo-a-Núcleo que garante essa transmissão.

2.2.5. A Legitimação do SV Nulo e o Parâmetro do SV Nulo

Os seguintes exemplos mostram que, contrariamente ao que acontece em Inglês e em Português, o Francês e o Espanhol não possuem a construção de SV Nulo⁽⁹⁴⁾:

(146) a. * On a demandé s'ils ont déjà mangé et ils ont

(LOBECK 1987, (114), p.52)

b. * Claudine est une bonne étudiante et Marie est aussi

(LOBECK 1987, (113), p.52)

(147) a. * Juan ha leído ese capítulo, y Marta ha también

(ZAGONA 1988b, (69), p.121)

b. * Juan está leyendo y Marta está también

(ZAGONA 1988b, (69), p.121)

Este facto sugere que o Português e o Inglês partilham alguma propriedade de que as restantes línguas acima citadas carecem. O **Parâmetro do SV Nulo** consistiria pois na especificação positiva ou negativa dessa propriedade.

O contraste de gramaticalidade entre os exemplos (148)–(149), em Francês, e (150)–(151), em Português, pode sugerir que a propriedade que explica a inexistência de SV Nulo em Francês é a mesma que dá conta da marginalidade da Construção de Objecto Nulo nesta língua:

(148) a. Claudine est une bonne étudiante et Marie l'est aussi

b. * Claudine est une bonne étudiante et Marie est [SV-]

aussi (LOBECK 1987, (113), cap.1, p. 52)

(149) A: A qui as-tu lu ce livre?

B: 1. *?? J'ai lu [sv-] aux enfants

2. Je l'ai lu aux enfants

(150) A Ana é uma boa aluna e a Maria também é

(151) A: A quem leste esse livro?

B: Li [-] às crianças

Assim, estes exemplos recolocam o problema das fronteiras entre a Construção de SV Nulo e a Construção de Objecto Nulo, estabelecendo entre elas uma correlação que, levaria à sua identificação, ou, pelo menos, à determinação de uma propriedade subjacente a ambas as construções.

Se partirmos de uma noção vaga de Objecto Nulo, a aproximação entre estas duas construções pode, efectivamente estabelecer-se. Com efeito, tanto em Objecto Nulo como em SV Nulo o constituinte nulo é o complemento directamente subcategorizado pelo núcleo, respectivamente, V° ou T°/AC°.

Porém, se ao termo "Objecto Nulo" atribuirmos um conteúdo preciso, o paralelismo entre as duas construções deixa de se fazer sentir.

Na literatura, o termo Objecto Nulo aplica-se a constituintes nominais (SNs) omitidos, com a função sintáctica de objecto directo. Esta designação recobre dois casos distintos, respectivamente ilustrados pelo Português e pelo Italiano:

(152) a. A Joana viu [-] na TV ontem

(RAPOSO 1986, (1), p. 373)

b. Questo conduce [-] alla seguente conclusione
(RIZZI 1986a), (8b), p. 503)

No Português, a categoria vazia nominal tem uma interpretação específica e, sintacticamente pode ser caracterizada como uma variável (cf. RAPOSO 1986). No Italiano, a categoria vazia nominal tem uma interpretação não-específica e denota uma entidade com o traço [+humano]. Essa categoria vazia é sintacticamente caracterizável como um "pro".

Tendo em vista esta caracterização, não é possível identificar a Construção de SV Nulo com a de Objecto Nulo:

Assim, como vimos no capítulo 3 deste trabalho, Objecto Nulo em Português distingue-se de SV Nulo por um conjunto de propriedades (cf. RAPOSO 1986) – nomeadamente o SV Nulo, diferentemente do Objecto Nulo não apresenta efeitos de ilha.

(153) a. ??* O João tem posto os livros na mesa e a Ana tem uma
amigo que tem posto [-] na pasta

(cf. O João tem posto os livros na mesa e a Ana tem
posto [-] na pasta)

b. O João não tem assistido às aulas com assiduidade mas
tem um amigo que tem (SV Nulo)

Na construção de Objecto Nulo em Português, a sensibilidade a contextos de ilha foi atribuída ao movimento do constituinte nulo para a posição-A' caracteristicamente ocupada pelos operadores na construção de Topicalização. Efectivamente, a construção de Objecto Nulo em Português tem sido analisada como um subcaso da construção de Topicalização – aquele em que o

constituente na posição de tópico é nulo, e pode ter o seu conteúdo pragmaticamente fixado – sobre este assunto veja-se RAPOSO 1986, pp. 384–385 e DUARTE 1987, pp. 390–393.

Assim, devemos concluir que a categoria elíptica na construção de SV Nulo não pode ser caracterizada como uma variável de um operador nulo numa configuração de topicalização. Ou seja, assumindo a representação das estruturas de topicalização proposta em DUARTE 1987 e 1989, o segundo membro coodenado de uma frase como (154.a) não pode ser representado como em (154.b):

- (154) a. O João não tem lido histórias às crianças mas a Maria tem
- b. ...* mas [ET Op₁ [ET a Maria [SV V₁]

Esta representação só seria adequada para os casos de Topicalização do SV que, como vimos no capítulo 3, apresentam, efectivamente, efeitos de ilha.

- (155) a. **Visitado os amigos ultimamente**, a Maria tem [sv–]
(estudado é que não)
- b. * Visitado os amigos ultimamente, a Maria conhece [um rapaz que tem [–]]

Do mesmo modo, não é possível identificar o SV Nulo em Português com o Objecto Nulo em Italiano. Embora a estratégia de identificação da categoria elíptica possa ser a mesma – a Ligação por Núcleo – entre as duas construções há diferenças importantes:

Em primeiro lugar, em SV Nulo, o constituinte nulo inclui

todos os complementos e adjuntos do verbo; em Objecto Nulo, a categoria vazia corresponde apenas ao objecto directo do verbo. Em segundo lugar, ainda que possa partilhar com as categorias vazias pronominais a propriedade de poder ter antecedentes não locais e de não apresentar sensibilidade a contextos de ilha, o SV Nulo não pode ser caracterizado como uma categoria vazia nominal – pelo princípio de Projecção, um SV só pode ser uma projecção de um núcleo V°.

Assim, o princípio de legitimação formal do SV Nulo não pode ser o princípio de legitimação formal de "pro" – com efeito, a marcação de caso não é uma propriedade relevante para um SV:

(156) "pro" é casualmente marcado por X°_v

(RIZZI 1986a, (49), p. 524)

Repare-se ainda que, como vimos na secção anterior, nem sempre a estratégia de identificação sintáctica do SV Nulo é a Ligação por Núcleo. Quando o SV nulo é exclusivamente legitimado por auxiliares, a identificação sintáctica é levada a cabo pela Condição de Identidade entre as sequências verbais da frase antecedente e da frase elíptica.

Finalmente, a hipótese de identificação das construções de SV Nulo e de Objecto Nulo (qualquer que seja o conceito de Objecto Nulo subjacente) faz previsões empíricas incorrectas: de facto, esperar-se-ia que, em cada língua específica, se verificasse ou a existência de ambas as construções, ou a sua inexistência.

Porém, esta correlação de interdependência entre as duas

construções é infundamentada.

Assim, o Inglês, embora possua a construção de SV Nulo, não exhibe a construção de Objecto Nulo (cf. (157)):

(157) A: Did John see Bill yesterday?

B: * Yes, he saw [-]

(cf. HUANG 1984, p. 532)

Pelo contrário, o Italiano, que possui uma construção de Objecto Nulo, não admite aparentemente a construção de SV Nulo. Do mesmo modo, o Francês, que não manifesta SV Nulo, apresenta, ainda que em contextos restritos, casos de Objecto Nulo:

(158) a. J'ai attrapé la boîte, j'ai ouvert [-], et j'ai vu le trésor

(ZRIBI-HERTZ 1986, (2a), cap. XII, p. 529)

b. Trempez les chaussettes dans l'eau salée, rincez [-] trois fois, essorez [-], elles sont propres

(ZRIBI-HERTZ 1986, (2a), cap. XII, p. 529)

Do mesmo modo, a semelhança entre as construções de SV Nulo e de Objecto Nulo numa língua como o Francês, não se verifica sistematicamente: de facto, diferentemente do que acontece com a construção de Objecto Nulo, nem todos os casos (mal-formados) de SV Nulo em Francês têm contrapartidas pronominais bem formadas. Como os exemplos seguintes mostram, essas contrapartidas pronominais só existem quando o verbo envolvido é o verbo de cópula (cf. (159)):

(159) a. * Claudine est une bonne étudiante et Marie est [sv-]

aussi

b. Claudine est une bonne étudiante et Marie l'est aussi

(160) a. * Jean est sorti et Marie est aussi

b. * Jean est sorti et Marie l'est aussi

(161) a. * Jean a lu ce livre et Marie n'a pas

b. * Jean a lu ce livre et Marie ne l'a pas

Assim, a hipótese de identificação das construções de SV Nulo e de Objecto Nulo deve ser rejeitada: não é possível reduzir a construção de SV Nulo a uma subcaso da construção de Objecto Nulo.

Do mesmo modo, uma hipótese mais fraca que aproxime as duas construções postulando a existência de uma propriedade subjacente comum parece insustentável:

Com efeito, poderíamos admitir que embora a construção de SV Nulo não seja redutível a um caso de Objecto Nulo, uma mesma propriedade subjaz às duas construções, que explica a sua ocorrência em Português e a sua inexistência numa língua como o Francês.

Uma vez que tanto o Português como o Inglês possuem a construção de SV Nulo, e que a construção de Objecto Nulo pode ser caracterizada como um subcaso da Topicalização, uma construção atestada no Inglês, admitamos que a propriedade que legitima SV Nulo em ambas as línguas é a possibilidade de legitimarem variáveis na posição de complemento.

De acordo com esta hipótese, o SV Nulo na sua globalidade deveria, pois, ser interpretado como uma variável. O problema que

se coloca agora é o de saber que operador poderá ligar esta variável.

Como vimos acima, pelo facto de a construção de SV Nulo não manifestar efeitos de ilha, está excluída a hipótese de essa presumível variável ser ligada por operador numa posição de tópico.

Deste modo o único candidato a funcionar como operador que liga o SV Nulo é o seu próprio legitimador local. Seguindo este raciocínio, defenderíamos, pois, que, na medida em que ocupa a posição de T°, um verbo funciona como um operador.

Esta hipótese apresenta certa plausibilidade: Tempo Gramatical tem sido caracterizado na literatura como um operador, em especial nas frases finitas (cf., por exemplo, STOWELL 1981, POLLOCK 1989).

Porém, é uma hipótese inadequada. De facto, para explicarmos a inexistência de SV Nulo em Francês, e em Espanhol, teríamos de aceitar, contrariamente aos factos, que nestas línguas T°, mesmo nas frases finitas, não apresenta o estatuto de um operador.

Assim, uma análise que aproxime as construções de SV Nulo e de Objecto Nulo parece inconsistente.

Procurarei, pois apresentar uma formulação do Parâmetro do SV Nulo que assente em critérios diversos.

Uma formulação adequada do Parâmetro do SV Nulo deve não só ser capaz de explicar a ausência de SV Nulo em línguas como o Francês e o Espanhol, como também de dar conta das particularidades que esta construção apresenta em Português e em

Inglês.

Repare-se, porém, que, tal como está formulado, o princípio de legitimação formal do SV Nulo já integra uma formulação do **Parâmetro do SV Nulo**, susceptível de dar conta das divergências entre as diferentes línguas. Recorde-se o referido princípio:

(162) Regência Estrita por X°_y (legitimação formal)

X°_y é o núcleo de uma cadeia que rege estritamente o SV Nulo.

Em que "y" significa uma classe específica de núcleos legitimadores que pode diferir de língua para língua.

Com efeito, de acordo com o Princípio de Regência Estrita por X°_y , este **parâmetro** consiste na **especificação dos valores que os núcleos "y" podem assumir nas diferentes línguas**. Exemplificando:

(163) (i) **Português**: X°_y = operadores de denotação predicativa;

(ii) **Inglês**: X°_y = operadores temporais;

(iii) **Francês, Espanhol**: X°_y = \emptyset ,

por outras palavras, em Francês e em Espanhol, X°_y não qualifica como legitimador do SV Nulo⁽²²⁾.

Esta abordagem, de extrema simplicidade, parece dar adequadamente conta das propriedades que distinguem as línguas entre si. É, pois, esta a formulação do **Parâmetro do SV Nulo** que adoptarei neste trabalho.

Recapitulando:

Neste capítulo propus um tratamento tanto quanto possível

uniforme para a construção de SV Nulo em Português e em Inglês.

Na **secção 1** (O âmbito do SV Nulo) tentei determinar qual a extensão do constituinte elíptico. Concluí que, apesar de poder co-ocorrer com adjuntos do SV ou incluir sequências verbais, a categoria elíptica, em Estrutura-S, deve ser caracterizada como um SV, tanto em Inglês como em Português:

Com efeito, nas configurações de adjunção, cada categoria comporta dois segmentos da mesma natureza categorial e nível de hierarquia X-barra. Nada impede, pois que um adjunto co-ocorra com um SV Nulo (cf. 1.1.).

Por outro lado, mesmo que inclua sequências verbais, o constituinte elíptico na construção de SV nulo tem por extensão um SV. Na verdade, ou os verbos que se encontram em FLEX° subcategorizam SVs (cf. Inglês), ou por elevação do verbo para FLEX°, em estrutura-S, o constituinte elíptico é um SV, constituído pelo vestígio do verbo movido e pelo seu complemento (cf. Português) (cf. (1.2.)).

Na **secção 2** (Legitimação e Identificação do SV Nulo em Inglês e em Português), procurei encontrar princípios gerais de legitimação e identificação do SV Nulo em Português e em Inglês, e estabelecer parâmetros de variação entre estas duas línguas, por um lado, e o Espanhol e o Francês, por outro.

Em 2.1. analisei os tratamentos propostos para o Inglês, no âmbito da Teoria da Regência e da Ligação. Estes tratamentos, concebem o princípio de legitimação do SV Nulo como uma particularização do Princípio da Categoria Vazia. Porém, nenhuma das formulações desse princípio legitimador é suficientemente

flexível para dar uniformemente conta de SV Nulo em Português e em Inglês, e explicar a inexistência desta construção em Francês e em Espanhol. Em particular, o conceito de Regência por Tempo Gramatical, de ZAGONA 1988b, embora explicita condições relevantes para a legitimação e identificação sintáticas do SV Nulo em Inglês, não é adequado para o Português, pois não contempla a possibilidade de o SV Nulo ser legitimado por verbos principais.

Em 2.2. propus um princípio geral de legitimação do SV Nulo, a Regência Estrita por Núcleos $X^* \vee$. Este princípio, é uma particularização do Princípio da Categoria Vazia e inclui na sua formulação um parâmetro de variação – a especificação da classe de núcleos regentes relevante para cada uma das línguas em questão. Atribuí a identificação gramatical do SV Nulo essencialmente à Condição de Ligação por Núcleo, assumindo que esta condição opera diversamente em Inglês e em Português: identificação por partilha de traços- Φ (temporais), em Inglês; emparelhamento de relações temáticas de um predicador verbal com as posições sintáticas correspondentes, em Português. Destaquei, como estratégia de identificação alternativa em Português, a Condição de Identidade entre sequências verbais, que opera quando o legitimador é um verbo auxiliar, i.e., sem qualquer grelha temática (cf. 2.2.3.).

Este sistema de legitimação e identificação do SV Nulo mostrou-se adequado para dar conta dos diferentes casos de SV Nulo, inclusive, os legitimados por sequências verbais (cf. 2.2.4.), e distinguir as línguas que possuem das que não possuem a construção de SV Nulo (cf. 2.2.5.).

1. Para uma breve referência à abordagem das questões (iii) e (iv) no âmbito da Teoria Padrão Alargada veja-se o capítulo 2 deste trabalho. Para uma descrição dos contextos de ocorrência do SV Nulo em Português e em Inglês, veja-se a secção 2 do capítulo 3. Sobre o âmbito do SV Nulo veja-se a secção 1 deste capítulo.

2. Neste capítulo centrar-me-ei sobre as condições de recuperação local do SV Nulo abstraíndo-me da relação que este constituinte estabelece com o seu antecedente. Sobre a Não-Circularidade, uma condição geral que regula a possibilidade de recuperação das categorias elípticas relativamente aos seus antecedentes, veja-se o capítulo 2 desta Dissertação.

3. Vejam-se as regras de base propostas em JACKENDOFF 1972 para F, AUX e SV:

(i) $F \rightarrow SN - AUX - SV$

(ii) $AUX \rightarrow \text{Tempo Gramatical (Modal)}$

(iii) $SV \rightarrow (\text{have-en}) (\text{be-ing}) - V (SN)$

(JACKENDOFF 1972, (3.122-124), p.76)

4. Cf. CHOMSKY 1986b:secção 11, pp.72-73; ZAGONA 1988b: cap. 2, secção 3 e cap. 4, secção 3; POLLOCK 1989: secções 5.5.2, 5.5.3 e 5.5.4..

5. A distribuição dos advérbios de SV parece não ser tão clara. Os seguintes exemplos mostram que em frases finitas, os auxiliares "have" e "be" se elevam para FLEX.

(i) a. John is completely losing his mind

(POLLOCK 1989, (76a), p. 396)

b. * John completely is losing his mind

(POLLOCK 1989, (76a), p. 396)

Porém, a aceitabilidade dos exemplos (ii), no infinitivo, mostra que o movimento destes auxiliares continua a ser possível:

(ii) a. I believe John to often be sarcastic

b. (?) I believe John to be often sarcastic

Com efeito, a gramaticalidade de (iib) contrasta com a agramaticalidade de (iib), em que o movimento do verbo não operou – de facto, em Inglês só verbos auxiliares ou copulativos se podem mover para FLEX:

(iii) a. To completely lose one's head over pretty students is dangerous!

(POLLOCK 1989, (37c), p. 381)

b. * To lose completely one's head over pretty students is dangerous!

(POLLOCK 1989, (38cc), p. 382)

Pollock interpreta estes factos como uma confirmação de que o movimento do verbo para flexão se processa a dois tempos: primeiro para AC° e depois para T°. Nos exemplos em (i) ambos os movimentos se verificaram. Nos exemplos em (ii) só se deu movimento para AC°.

6. Veremos, contudo, que em Português, a legitimação de SV Nulo

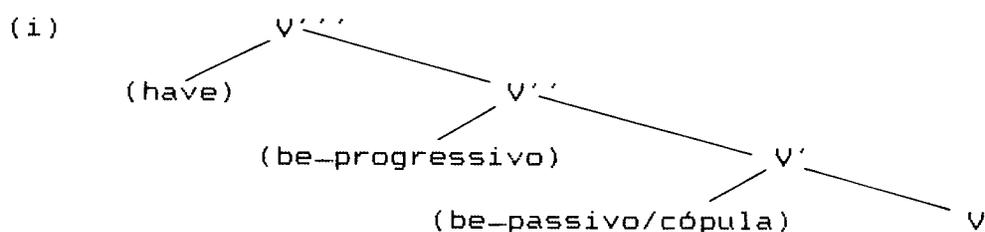
por sequências verbais implica a formação de unidades verbais complexas que ocupam a posição de FLEX da frase finita (cf. secção 2.2.4. deste capítulo).

7. Em ROSS 1987b, porém, os verbos auxiliares subcategorizam constituintes frásicos.

8. Esta análise dos auxiliares como núcleos de uma projecção máxima, tem sido confrontada com uma outra, de acordo com a qual, num complexo verbal todos os verbos partilham uma única projecção máxima em que o verbo principal é o núcleo e os verbos auxiliares os especificadores.

Uma das versões desta hipótese que melhor se adequa à análise do SV Nulo em frases com sequências verbais é apresentada em AKMAJIAN, STEELE E WASOW 1979.

Estes autores analisam, em termos da Teoria X-barra, o constituinte SV em camadas estratificadas, cada uma delas podendo ser alvo de Elipse do SV. Cada verbo auxiliar subcategoriza um estrato específico. Exemplificando para o Inglês:



(AKMAIJAN, STEELE e WASOW 1979, (61),21)

Como ZAGONA 1988b salienta, a hipótese da AKMAJIAN, STEELE e WASOW 1979 não permite, contudo, dar conta de um exemplo como (19) em que a ambiguidade resulta de o adjunto temporal modificar

a projecção máxima do verbo principal ou do verbo auxiliar.

9. Note-se, porém, que em tratamentos recentes, "ser-passivo" tem sido aproximado e identificado com o verbo ser copulativo não-identificacional – sobre este assunto veja-se DUARTE 1986 e GONÇALVES e COLAÇO 1990. Na secção 2.2.4. deste capítulo, proporei também a assimilação do aspectual "estar" ao verbo copulativo homónimo, tendo em vista a sua diversidade de comportamento face ao auxiliar "ter" dos tempos compostos, na construção de SV Nulo,

10. Sobre a oposição entre a forma de participio passado activo e a forma de participio passado passivo em Português veja-se DUARTE 1986.

11. Caracterizar o complemento de "Ser-passivo" como uma projecção SAC, implica desmembrar FLEX* em núcleos funcionais distintos, como em POLLOCK 1989.

Deixo em aberto a possibilidade de outras projecções flexionais serem necessárias para caracterizar a estrutura do participio passado passivo.

12. Repare-se que os advérbios de modo, aparentemente modificadores de V', apresentam uma distribuição diversa:

- (i) * O João **apressadamente** tem estado a ler o livro
- (ii) * O João tem **apressadamente** estado a ler o livro
- (iii) ? O João tem estado **apressadamente** a ler o livro
- (iv) O João tem estado a ler **apressadamente** o livro
- (v) O João tem estado a ler o livro **apressadamente**

13. Veja-se que, na construção de SV Nulo, "também" apresenta a mesma distribuição em frases com passivas com o auxiliar perfectivo:

(i) Este livro tem sido consultado e aquelas revistas

- a. **também** têm sido
- b. * têm **também** sido
- c. ?? têm sido **também**

14. Os seguintes exemplos mostram que a incorporação de um elemento verbal em "ter-perfectivo" pode também opcionalmente verificar-se em frases interrogativas:

(i) Que livros **tem** a Maria estado a pôr na estante?

(ii) Que livros **tem estado** a Maria a pôr na estante?

15. CHOMSKY 1986b parte do conceito de PCV presente em SAITO e LASNIK 1984. Tentando precisar este conceito, sugere que o referido Princípio se aplica fundamentalmente a cadeias; por este motivo que não se aplica a PRO e a pro (cf. op. cit. pp. 79-80 e 88-89).

16. Os casos de Anteposição de SV, como (i), estão previsivelmente sujeitos a PCV, mesmo que este princípio se aplique apenas a vestígios, no caso de serem analisados como Topicalizações:

(i) a. Fix the car₁ , I wonder whether he will v₁

(CHOMSKY 1986b, (38), p.20)

b. Lido livros à Maria, o João não tem (mas passeado com ela,

tem)

17. ZAGONA 1988b admite que os clíticos, diferentemente das formas plenas dos auxiliares, são afixos e que, por isso, o núcleo de FLEX pode ser considerado vazio. (cf. op. cit., cap.4, pp. 109-110). O seu estatuto de "não-núcleos" explica a impossibilidade de co-ocorrerem com a forma clítica da negação "n't", como ilustrado em (ib):

(i) a. She hasn't spoken yet

(ZAGONA 1988b, (53b), cap.4, p. 110)

b. * She'sn't spoken yet

(ZAGONA 1988b, (54a), cap.4, p. 110).

18. Com efeito, segundo Lobeck, só nestas circunstâncias é possível formar-se uma cadeia que tenha por núcleo o verbo que subcategoriza e θ -marca a oração infinitiva:

(i) [Núcleo lexical \downarrow] – COMP – FLEX – SV

Assim, LOBECK 1987 sugere que o que obsta à infracção do PCV nas construções de SV nulo em frases infinitivas é a Regência Lexical e não a Regência por Especificador (cf. LOBECK 1987, 4.4.3.2 e 4.4.3.3.).

19. Assim este tratamento parece predizer que, por exemplo, no Inglês e no Japonês o constituinte frase apresenta as mesmas propriedades, uma vez que é sempre concebido como uma projecção do núcleo lexical V*.

Para uma distinção entre as propriedades das línguas funcionais e lexicais, veja-se, por exemplo, FUKUI e SPEAS 1987.

20. ZAGONA 1988b admite que, de acordo com o Princípio da Interpretação Plena, numa frase, todo e qualquer constituinte tem de ser legitimado. O SV tem um estatuto duplo – é um predicado, e um argumento de FLEX. Na sua qualidade de argumento, o SV é legitimado por θ -marcação – segundo Zagona, FLEX atribui uma relação- θ temporal ao SV (Marcação-temporal):

(i) Marcação-Temporal (ing. Temporal-marking)

α marca temporalmente β se α atribuir uma relação temporal a β como uma propriedade lexical.

(cf. ZAGONA 1988b, (3), cap.4, p.94).

Zagona infere a natureza argumental do SV do facto de ele só poder ocorrer em contextos de subcategorização de FLEX, estando assim excluído de domínios de adjunção e de predicacões secundárias – veja-se o contraste de gramaticalidade entre (ii.a) e (ii.b):

(ii) a. They bought [the cars_i [~~be~~ old]_i]

(ZAGONA 1988b, (8a), cap.3, p. 60).

b.* They bought [the car_i [~~be~~ run(s)]_i]

(ibidem (8c)).

21. ZAGONA 1988b explica a impossibilidade de exemplos como (i) apresentarem uma leitura perfectiva, em termos de um conflito de relações temáticas, como ilustrado em (ii):

(i) John might have read read that chapter and Bill could [-] too

[-] = * have read ... that chapter

(ii) [BFLEX .[FLEX could] [sv₁ [v-] [sv₂ - ...]]

^-----^

(cf. ZAGONA 1988b, (32b), cap.4, p.104)

Em (ii) o SV₁ é nulo. Por Concordância Núcleo-a-Núcleo, o núcleo de SV₁ encontra-se coindexado com o modal em FLEX. Deste modo, não pode legitimar e identificar autonomamente o SV Nulo que subcategoriza (cf. ZAGONA 1988b, cap.4, p.104).

22. Como Zagona salienta, se FLEX em Espanhol não atribui uma relação temática temporal ao SV, então também não o L-marca. O SV deve, pois, constituir uma barreira para movimento do verbo. Tendo em vista que movimento do verbo para FLEX se verifica em Espanhol, ZAGONA 1988b levanta a hipótese de ser ACORDO o elemento de FLEX a L-marcado o SV nesta língua (cf. op. cit., cap.6, p.170).

23. Em CHAO 1987 é questionada a pertinência de uma estratégia de identificação sintáctica do SV Nulo como a Ligação por Núcleo, proposta em RIZZI 1986:

(i) Seja X o núcleo legitimador de uma ocorrência de pro: então pro tem as especificações gramaticais dos traços de X com ele coindexado.

Chao argumenta que esta estratégia de identificação não é extensível a outros casos de categorias pronominais nulas. Nomeadamente, na construção de SV Nulo, a categoria vazia "não participa em relações de concordância ou de atribuição- θ com o seu núcleo regente (legitimador)" (cf. CHAO 1987, cap. 4, p.

160).

Chao propõe, alternativamente, a seguinte condição geral de recuperabilidade:

(ii) O "conteúdo descritivo" do material omitido deve ser recuperável de uma forma explícita.

(CHAO 1987, (94), cap.4, p. 161)

Segundo Chao, esta condição de recuperabilidade pode ser satisfeita de vários modos: (i) por reconstrução sintáctica; (ii) por coindexação ou ligação; (iii) por processos de interpretação de discurso.

O tratamento do SV Nulo a ser proposto nas próximas secções, afasta-se, assim, de CHAO 1987, ao admitir que uma estratégia de identificação sintáctica como a Ligação de Núcleo, ainda que não coincidente com a formulação proposta em (i), é fundamental para a recuperação do conteúdo do SV Nulo em línguas como o Inglês e o Português.

24. Esta secção tem como ponto de partida trabalhos meus prévios: MATOS 1989a e MATOS 1989b.

25. Recorde-se o conceito de Regência por Tempo Gramatical de ZAGONA 1988b:

(i) Regência por Tempo Gramatical (ing. Tense-Government)

α rege por Tempo-Gramatical β sse:

(a) α rege Temporalmente β , e

(b) α identifica-por-Tempo Gramatical β

(ZAGONA 1988b, (8), cap.4, p.95).

26. Zagona distingue afixos e itens de nível zero, e sustenta que "apenas uma FLEX de nível zero pode identificar-por-Tempo Gramatical o SV seu irmão" (ZAGONA 1988b, cap.4, p. 95). A identificação-por-Tempo Gramatical efectuada pelos afixos é feita por concordância com o núcleo seguinte. Repare-se que a noção de núcleo de nível zero está explícita na definição de Regência Temporal:

(i) Regência-Temporal (ing. Temporal Government)

α rege-Temporalmente β sse α for uma categoria de **nível zero** que marca-Temporalmente β e α e β forem irmãos.

(idem, (4)).

27. Recorde-se a identificação por Tempo Gramatical:

(i) Identificação por Tempo-Gramatical

α identifica por Tempo-Gramatical β sse α atribui [+,- PASSADO] a β .

(ZAGONA 1988b, (7), cap.4, p.95).

28. Como vimos no capítulo 4, segundo Zagona, os verbos auxiliares para além de não possuírem grelha temática argumental são, à excepção de "have-perfectivo", desprovidos de grelha temática temporal. Quando se encontram em FLEX, assumem como sua a relação temporal que FLEX atribui ao SV.

29. Para uma hipótese de explicação da inserção de "do"-suporte em Inglês veja-se, por exemplo, CHOMSKY 1989.

30. Assim, AMBAR 1988, retomando trabalho seu de 1987, sugere que

a existência de SV Nulo em Português em Inglês se deve ao facto de os **auxiliares** nestas línguas exibirem **propriedades lexicais**, ou seja, propriedades que os aproximam dos verbos principais (cf. op. cit. cap.8, p.664).

Esta propriedade distinguiria o Português e o Inglês de línguas como o Espanhol, o Francês e o Italiano:

- (i)(a) O João tem visto os seus amigos ultimamente e o Pedro também tem
- (b) John has seen his friends lately and Peter has too
- (c) *Jean a vu ses amis et Pierre a aussi
- (d) *Juan ha visto a suyos amigos y Pedro ha también
- (e) *Gianni ha visto i suoi amici e Piero ha anche
- (AMBAR 1988, (34a), p.663)

A hipótese de Ambar 1988, embora capte uma propriedade essencial das construções de Elipse do SV em Português, é problemática, uma vez que sugere uma uniformização do tratamento da construção de SV nulo em Português e Inglês:

De facto, se alargada ao Inglês, esta hipótese, na sua versão mais radical, faz predições incorrectas: ela admite **ou** a boa formação de frases como (ii.a), em que um verbo "lexical puro", i. e., um verbo principal, ocorre numa "estrutura de SV nulo" **ou** a exclusão, como mal-formadas de frases como (ii.b):

- (ii) a. * John loves Mary and Peter loves too.
- b. John loves Mary and Peter does too.

Na verdade, a interpretação mais plausível de "auxiliar

lexical", no sentido de "auxiliar com propriedades de verbo principal" é a de auxiliar detentor de uma grelha temática. Parece, com efeito, ser esta a propriedade que traça a diferença específica entre estas duas classes de verbos.

Deste modo, o Inglês deveria ou permitir instâncias de SV Nulo com verbos principais como (ii.a), ou, a verificar-se uma Condição sobre Subida do Verbo excluindo verbos detentores de grelha temática, a impossibilidade de existência de frases como (iib).

Numa versão menos radical, a proposta de AMBAR 1988, atribui a existência de SV Nulo à presença de elementos verbais que, embora com propriedades lexicais, pertencem exclusivamente à classe dos auxiliares. Deste modo, exemplos do Português como o seguinte são incorrectamente excluídos como agramaticais:

(iii) O João ama a Maria e o Pedro também ama.

31. ROUVERET 1988 propõe-se dar conta do contraste entre o Português e as outras línguas românicas em que a construção de SV nulo é inexistente.

Como tem sido admitido para o Inglês (cf. CHOMSKY 1986b, ZAGONA 1988a), Rouveret atribui a legitimidade das estruturas de SV nulo em Português à regência- θ de FLEX. Porém, assume que é a natureza específica de T em Português que está na base dessa legitimidade - T em Português tem um estatuto "mais lexical do que funcional". Assim, SV nulo é legitimado em Português pelas propriedades lexicais da cadeia temporal formada pelo operador-T e o verbo, e não pela facto de o V subir para FLEX.

32. Note-se que as construções que envolvem elipse do predicado verbal não são sensíveis à identidade de marcas de Acordo que afectam real ou virtualmente o verbo flexionado na frase elíptica e na frase antecedente. Veja-se assim, o caso de Despojamento em Português (cf. (i)) e de Elipse Lacunar em Português e em Inglês (cf. (ii)):

(i) **Os meninos leram esse livro e a Maria também** [-]

[-] = leu esse livro

(ii) a. **Os meninos leram esse livro e a Maria** [-] essa revista

[-] = leu

b. My brothers have gone to the circus, and my sister

[-] to the carnival

[-] = has gone

(cf. SAG 1980 (3.5.33), p. 289)

33. Várias propostas alternativas de ordenação das projecções ST e SAC foram apresentadas na literatura (cf., por exemplo, CHOMSKY 1989, DUHALLA 1990). Não discutirei o assunto aqui porque me parece irrelevante para o desenvolvimento da argumentação.

34. Esta explicação não é, todavia, extensível aos casos com "to" infinitivo, dado que T* [-finito] não é frequentemente tratado como um operador (cf. POLLOCK 1989, p. 394).

Na literatura sobre elipse do SV é comum assumir-se que "to" infinitivo, uma vez que legitima SV Nulo se encontra em estrutura-S em FLEX (cf. (15)):

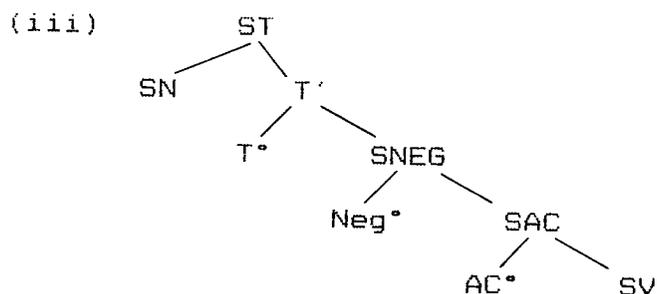
(i) John persuaded Mary to leave, and Fred persuaded Mary to [sv-]

(ZAGONA 1988b, (6a), cap.4, p.94).

Porém, o posicionamento de "to" infinitivo relativamente à negação frásica, sugere que este elemento não se elevou para T° (cf. (ii)):

(ii) Not to be arrested under such circumstances is a miracle
(POLLOCK 1989, (21e), p. 376)

Em POLLOCK 1989, a negação frásica é colocada entre ST e SNEG, como ilustrado em (iii):



(POLLOCK 1989, (77), p. 397)

Assim, POLLOCK 1989, considera que "to" infinitivo se encontra normalmente em AC°, e que a sua colocação em T° é excepcional (cf. (iv)).

(iv) ? To be not arrested under such circumstances is a miracle
(POLLOCK 1989 (21f), p. 376)

ZAGONA 1988b defende igualmente que "to" infinitivo é um marcador de AC. Repare-se que nestas circunstâncias, "to" infinitivo em AC° pode reger o SV Nulo que é seu nó irmão.

A distribuição de SV Nulo em infinitivas em Inglês mostra o seu carácter de excepção – a sua ocorrência restringe-se a

domínios θ -regidos. Deste modo, não a tomarei como o paradigma de SV Nulo em Inglês.

35. Admitamos a hipótese de que o SV Nulo na sua globalidade tem de ser estritamente regido: sendo o SV Nulo uma categoria basicamente gerada, a sua obediência ao PCV deve ser satisfeita por Regência Estrita do seu **Núcleo legitimador**.

Todavia, aceitando que os núcleos funcionais T° e AC° não atribuem relações temáticas ao SV, a única forma de manter que o SV Nulo é estritamente regido é aceitar, como em RIZZI 1991, que a **subcategorização por um núcleo conta como Regência Estrita**.

Considere-se seguidamente a regência estrita do vestígio da Subida do Verbo na construção de SV Nulo: o vestígio do verbo movido tem de ser Estritamente Regido por Núcleo, e identificado por Regência por Antecedente, como ilustrado em (i):

- (i) O João não tem lido esses livros mas a Maria
[T° [T° tem] [$_{CAC}$ [$_{AC^\circ}$ v] [$_{SV}$ v [$_{SV}$ -]]]]

Em (i), é AC° o núcleo que rege estritamente o vestígio do verbo no SV. A regência por antecedente desse vestígio é satisfeita pelo vestígio em AC° do verbo movido para em T° .

36. Aceitando a explicação de Pollock 1989, podemos dar conta das restrições lexicais em contextos de Subida de Verbo, em termos das propriedades de AC. Para POLLOCK 1989, AC pode ser [\pm forte]. Esta propriedade, interagindo com o Critério-Teta explica, segundo Pollock, a seleção lexical (verbos auxiliares vs verbos principais) em construções de Subida de V: AC forte é transparente à transmissão de relações temáticas do Verbo que

nele se "incorpora", pelo que Subida de V principal para AC é permitida sem que haja violação do Critério Teta. AC fraco é opaco à transmissão temática. Se um verbo principal Subir para com ele se amalgamar há infracção do Critério-Teta – o pé da cadeia fica desprovido de grelha temática para atribuir aos argumentos. Consequentemente, apenas um verbo auxiliar, i. e. sem grelha temática pode subir.

37. Repare-se que estas propriedades não são redutíveis à distinção de POLLOCK 1989 entre AC [\pm forte].

Pollock procura associar AC fraco à ausência de uma Flexão finita, e AC forte à presença de uma flexão nominal rica. Pressupõe ainda que a Subida de verbos principais é exclusivamente determinada por AC [+forte].

Esta generalização é posta em questão pelos dados do Português. Com efeito, como vimos, SV Nulo em Português ocorre sistematicamente em configurações de subida do Verbo.

SV Nulo em Português pode ocorrer com verbos no infinitivo – concluímos, assim, que mesmo com uma flexão não finita, os verbos em Português podem subir para flexão:

(i) Eu queria pôr as velas no bolo mas os meninos não.
queriam pôr

Curiosamente, os exemplos mais aceitáveis são os que apresentam verbos no infinitivo invariável (ou seja, AC fraco, nos termos de Pollock) e não os que apresentam infinitivo flexionado (i.e., AC forte):

- (ii) a. O João disse não estar cansado mas as crianças disseram estar
- b. * O João disse não estar cansado mas as crianças disseram estarem

Conseqüentemente, em Português parece nem sempre haver correlação directa entre AC forte e Subida do Verbo principal para T°/AC°.

38. Veremos na secção 2.2.4. que em Português esta condição de identificação não pode operar em casos em que SV Nulo é legitimado unicamente por verbos auxiliares.

39. Em RIZZI 1986, Ligação por Núcleo é definida nos seguintes termos:

(i) Ligação-por-Núcleo (ing. Head Binding):

Seja X o núcleo legitimador de uma ocorrência de pro: então pro tem as especificações gramaticais dos traços do X com ele coindexado.

(RIZZI 1986, (41), p.520).

40. Como vimos na secção 2.1.2.4., CHAD 1987 propôs uma formulação do princípio legitimador do SV Nulo igualmente inspirado no trabalho de RIZZI 1986. Designa-o por Princípio da Categoria Vazia Generalizado, retomando assim a ideia, várias vezes defendida, na literatura de que a legitimação das categorias vazias faz sempre apelo, afirmativa ou negativamente, à regência (cf. RIZZI 1986, pp. 518-519).

(i) [_{sv} -] é regido por uma FLEX lexical

(CHAUD 1987 (89a), cap. 4, p. 158)

Em (i) FLEX lexical = FLEX instanciada por um item lexical – um modal, um verbo auxiliar, ou o do das estruturas de "do"-supporte.

(cf. CHAUD 1987, cap.4, p.158).

Esta formulação do princípio legitimador do SV Nulo poderia aplicar-se ao Português, se não se especificasse a natureza dos elementos que podem instanciar FLEX.

A possibilidade de verbos com grelha temática, a par de operadores temporais, ocorrerem em FLEX seria atribuída a uma propriedade independente, como por exemplo, AC [+forte] em POLLOCK 1989. De facto a presença de verbos principais em FLEX não é uma carecterística exclusiva da construção de SV Nulo em Português.

Porém, uma formulação do princípio legitimador do SV Nulo nestes termos não capta a natureza predicativa vs temporal presente na legitimação do SV Nulo, respectivamente em Português e em Inglês. Deste modo não dá conta dos contrastes de gramaticalidade notados em Português e em Inglês quando os verbos auxiliares legitimam SV Nulo.

41. Na formulação do princípio legitimador que proponho, não se especifica que os elementos X° têm de se encontrar em T° . Porém, a necessidade dos referidos elementos ocuparem essa posição pode ser deduzida do facto de eles serem "o núcleo da cadeia que rege estritamente o SV Nulo".

42. A cláusula de identificação por tempo gramatical presente na

definição de Regência por Tempo Gramatical é, com efeito, definida nos seguintes termos:

(i) Identificação por Tempo-Gramatical

α identifica por Tempo-Gramatical β (ing. Tense-Identify) sse α atribui [+,- PASSADO] a β .

(ZAGONA 1988b, (7), cap.4, p.95).

Como vimos na secção 2.1.2.3., esta cláusula permite dar conta de "to" infinitivo não ser um legitimador autónomo do SV Nulo.

43. Recorde-se a gramaticalidade dos exemplos ingleses, em que os auxiliares podem legitimar SV Nulo sem que haja identidade lexical e estrutural entre as cadeias verbais da frase antecedente e da frase elíptica:

(i) Peter **saw** your parents last week, but he **hasn't** [-] since
(SAG 1980, (6), (1.2.2.), p. 17)

(ii) John **hasn't** met my brother yet, but (he) **will** [-] soon
(SAG 1980, (4), (1.2.2.), p. 17)

44. Recorde-se, em traços gerais, esse tratamento: a legitimação e identificação do SV Nulo é feita por um operador de tempo gramatical (em ZAGONA 1988b, por Regência-por-Tempo Gramatical) e os traços temporais relevantes são transmitidos na cadeia verbal pelo mecanismo de Concordância-Núcleo-a-Núcleo entre dois elementos da cadeia V°. A retransmissão desses traços é impossível (cf. a secção 2.1.2.3. deste capítulo).

45. Desde o estudo de Baker sobre Incorporação (cf. BAKER 1988)

tem sido defendido que a Reestruturação é uma manifestação de Incorporação. As configurações de reestruturação apresentam domínios predicativos que partilham o mesmo sujeito ou têm sujeitos co-referentes. Face a determinados fenómenos estes domínios comportam-se como um complexo sintáctico-semântico; A incorporação é a operação que permite a formação do predicado complexo, núcleo desse domínio. Essa operação é caracterizada em BAKER 1988 como Movimento de X°. (cf. BAKER 1988, STOWELL 1987, RAPOSO e URIAGUERKA 1990.

46. Tendo em vista a caracterização das preposições em termos dos traços distintivos [-N,-V], quando essa Incorporação opera, o traço [-V] parece deixar de ser especificado, ou seja, os itens em questão deixam de ser distintos dos verbos.

47. Note-se que esse processo de Reanálise (ou Incorporação) entre um verbo auxiliar e a preposição do complemento que subcategoriza se encontra num estágio visivelmente mais avançado com o auxiliar "haver" – em algumas formas verbais, a grafia já consagra mesmo essa incorporação, como, por exemplo, em "hei-de" e "hás-de", e os falantes menos escolarizados enunciam inclusivamente esta última forma como "hades" em vez de "hás-de".

48. Em (123) assumi que o verbo modal na frase matriz se encontra em T°. Esta posição é, contudo, controversa. Assim, AMBAR 1988 debruçando-se sobre frases raiz, considera que, em Português, nas respostas em que SV Nulo co-ocorre com a Inversão do Sujeito, o Verbo se encontra em COMP°.

Repare-se, contudo, que os mesmos contrastes de

gramaticalidade se verificam em frases subordinadas em que a posição de COMP° se encontra já preenchida pelo complementador:

- (i) Quem podia ter estado a ler esses livros às crianças?
- a. – Acho que **podia** a Maria
 - b. – ?? Acho que **podia** a Maria **ter_estado** [sv-]
 - c. – Acho que **podia ter_estado** a Maria [sv-]

Este facto mostra que nestas estruturas, manifestando simultaneamente Inversão do Sujeito e SV Nulo, existe a possibilidade de o verbo (ou o complexo verbal) se encontrar em T°. Veja-se, com efeito o tratamento que AMBAR 1990 propõe para estruturas de inversão em frases encaixadas.

49. Em CHOMSKY 1989, o Princípio da Interpretação Plena é o dispositivo que regula a economia das representações – estas não devem conter elementos supérfluos, redundantes (cf. op.cit., secção 6.). Segundo o autor, aplica-se "aos níveis que constituem a interface do sistema computacional da linguagem com os outros sistemas: portanto, nos níveis de estrutura-P, FF e FL" (cf. op.cit., p.61). Assim, no texto, estou a sugerir que a legitimação formal e a identificação sintáctica do SV Nulo não são só requeridas em Estrutura-S, mas também em FL. Elas serão o garante de a Reconstrução se aplicar adequadamente neste nível de representação.

50. Os mesmos contrastes de gramaticalidade podem ser detectados em sequências verbais encabeçadas por um verbo de reestruturação como "querer" (cf. (i)), ou um verbo que determina a subida de V_infinitivo para COMP°, como "dizer" (cf. (ii)):

- (i) O João **queria ter estado a descansar**
- a. e a Maria também **queria**
 - b. ??* e a Maria também **queria ter**
 - c. e a Maria também **queria ter estado**

- (ii) O João **disse ter estado a descansar**
- a. e a Maria também **disse**
 - b. ??* e a Maria também **disse ter**
 - c. e a Maria também **disse ter estado**

Estes dados confirmam que o vestígio do auxiliar "ter" não permite legitimar o SV Nulo.

51. Nos últimos anos houve, para o Português, propostas de tratamento uniforme do verbo "ser" em estruturas predicativas e passivas — veja-se DUARTE 1986 e COLAÇO e GONÇALVES 1990.

RAPOSO 1989, embora destaque que o aspectual "estar" na Construção de Infinitivo Preposicionado, subcategoriza uma oração pequena, caracteriza este verbo como um auxiliar, um verbo sem qualquer grelha temática.

52. Admito que a relação temática atribuída à oração pequena será o mais "neutra" possível, por exemplo, "tema".

53. Tanto no capítulo 3 deste trabalho, como neste mesmo capítulo, apresentei exemplos com o aspectual "estar" assumindo, como tradicionalmente, que o referido verbo era um auxiliar. Recorde-se um desses exemplos:

- (i) O João não **estava a compreender** a situação mas o Pedro **estava**

desde o começo (cap.3: (125b))

Salientei então que a legitimação de SV Nulo exclusivamente por um auxiliar obedecia a uma condição que estipulava a identidade entre esse auxiliar e o seu antecedente.

Embora, o paralelismo estrutural e lexical entre "estar" e o seu antecedente se verifique, a justificação acima apresentada não pode ser mantida, uma vez que, no presente capítulo, excluí este verbo dos auxiliares:

(ii) * O João não **tinha** compreendido ainda a situação mas o Pedro já **estava** [av-] há muito tempo.

[av-] = a compreender a situação (cap.3: (127a))

Repare-se, porém, que no capítulo 3 se destacou que quando a construção de SV Nulo em Português era legitimada por verbos principais era exigida a identidade entre o verbo legitimador e o seu antecedente (cf. (iii)):

(iii) * O João **colocou** os livros na estante e a Maria não **pôs**
(cap.3: (133a))

Deste modo a agramaticalidade de (ii), pode ser facilmente explicada, ainda que se assuma que "estar" não é um auxiliar.

54. ZRIBI-HERTZ 1986 sugere que o Francês e o Espanhol apresentam casos de SV Nulo, legitimados pelos verbos "modalizadores" e aspectuais. Exemplificando:

(i) a. Jean n'a pas accordé le piano, mais il aurait pû /dû

b. Jean n'a pas été malade , mais il a bien failli

(cf. ZRIBI-HERTZ 1986, (2), p. 555)

Alguns exemplos com os "modalizadores" cabem definitivamente no âmbito da construção de Anáfora do Complemento Nulo. é o caso dos seguintes exemplos extraídos de EMONDS 1978, em que o complemento nulo, apresenta a distribuição típica dos complementos frásicos, podendo comutar com os pronominais "le" e "ça":

(ii) a. Marie a voulu visiter le musée, mais moi, je n'ai pas voulu

b. Pierre doit renverser ces tables, mais il ne peut pas

(cf. EMONDS 1978, (10), p. 162)

Os exemplos em (i), não apresentam, porém, esta distribuição.

55. Se Zribi-Hertz estiver certa, ou seja, se o Francês e o Espanhol apresentarem SV Nulo com verbos modalizadores, então, nos Parâmetros associados ao princípio legitimador do SV Nulo, os valores de X^o, terão de ser especificados em conformidade (cf. ZRIBI-HERTZ 1986, cap.XIII).

Capítulo 5

**A CONSTRUÇÃO DE DESPOJAMENTO
EM PORTUGUÊS
E INGLÊS**

A CONSTRUÇÃO DE DESPOJAMENTO EM PORTUGUÊS E EM INGLÊS

A caracterização da construção de Despojamento em Português é o objectivo central deste capítulo. Na secção 1, as diferentes propostas de tratamento desta construção em Inglês serão avaliadas tendo em vista a sua adequação aos dados do Português. Na secção 2, argumentar-se-á a favor de uma representação estrutural para Despojamento. Finalmente, na secção 3, procurar-se-á formular as condições gerais que regulam a distribuição de Despojamento, e determinam a legitimação e identificação sintáctica do constituinte elíptico.

1. Os tratamentos propostos para o Inglês

As caracterizações iniciais de Despojamento em Inglês, em HANKAMER 1971 e em HANKAMER e SAG 1976, concebem este fenómeno como uma construção de elipse frásica. As análises recentes, porém, dividem-se considerando-o ora como uma construção de elipse (cf. CHAO 1987), ora como uma construção de constituintes sintagmáticos descontínuos (cf. (McCawley 1987 e Reinhart 1990).

1.1. Despojamento como uma construção de constituintes sintagmáticos descontínuos

O contraste de gramaticalidade entre o exemplo (1a) e os exemplos (1b), (1c) e (1d) mostra que, em Inglês, contrariamente ao que acontece em Português, Francês e Espanhol, Despojamento está excluído de domínios de subordinação:

- (1) a. * John likes movies and [everyone knows that [not [-] concerts] (CHAD 1987, (22b), cap. 1, p. 19)
- b. O João gosta de cinema mas todos sabemos que [de concertos não [-]]
- c. Jean aime le cinéma et tout le monde sait que [le théâtre aussi [-]]
- d. Marta no sabe bailar el "rock" y Luis dice [que tampoco [-]] (BRUCART 1987, (156a), 2.2.1., p. 135)

Esta disparidade de comportamento evidencia que no Inglês não há argumentos sintáticos para atribuir uma estrutura oracional frásica a Despojamento, e que, pelo contrário, em Português, Espanhol e Francês, Despojamento deve ser analisado como uma construção de elipse frásica.

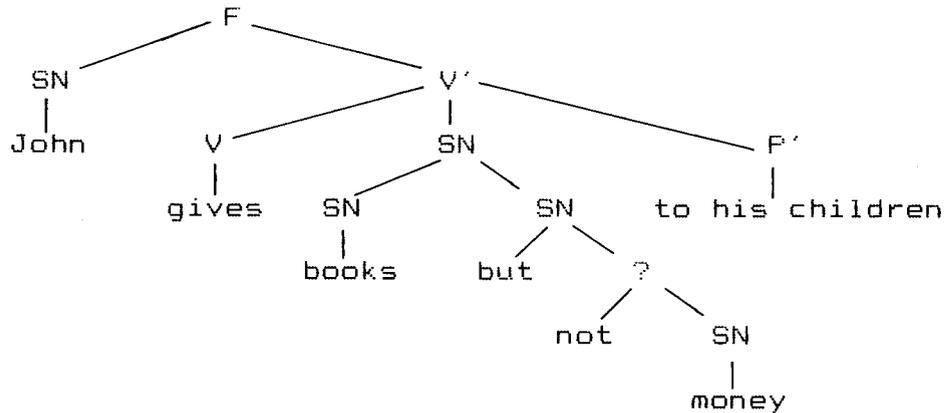
1.1.1. Extraposição ou geração básica de constituintes descontínuos

As análises de McCawley 1987 e Reinhart 1990 permitem captar a natureza sintagmática de Despojamento em Inglês – segundo estes autores, Despojamento é uma construção de constituintes sintagmáticos descontínuos.

Para McCawley essa descontinuidade resulta da aplicação de Extraposição⁽¹⁾ (cf. op. cit. p. 197) a uma estrutura subjacente em que os dois constituintes sintagmáticos se encontram em contiguidade⁽²⁾. Assim, uma frase como (2), com a estrutura subjacente (3a), apresentará a estrutura derivada representada em (3b):

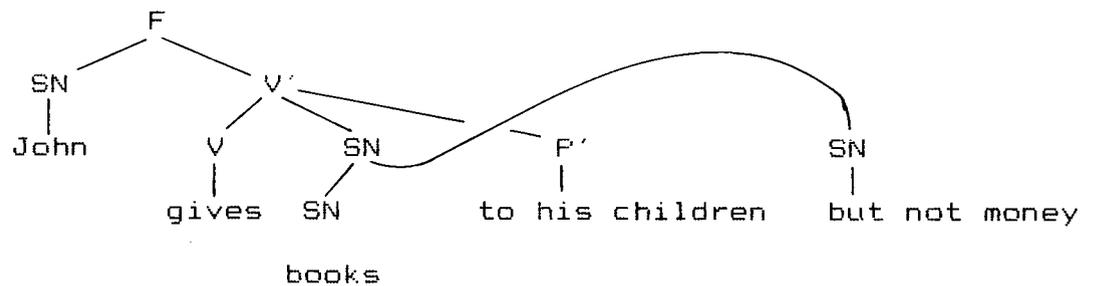
(2) John gives books to his children, but not money
 (McCawley 1987, (23), p. 196)

(3) a.



(McCawley 1987, (25), p. 197)

b.

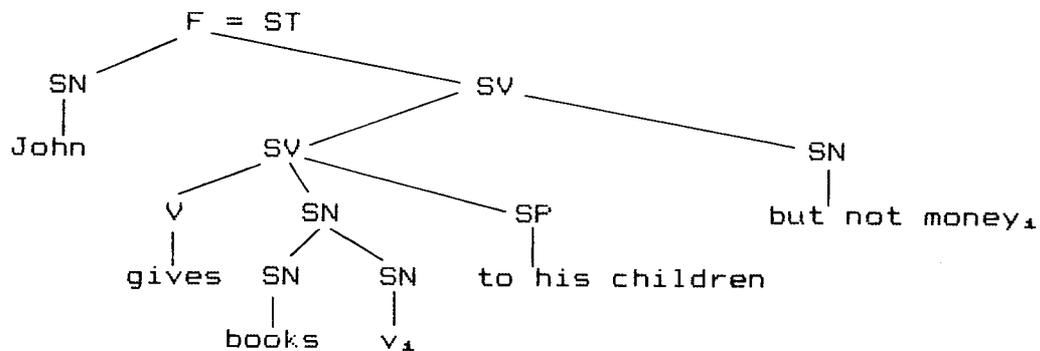


(McCawley 1987, (25), p. 197)

Repare-se que McCawley tem uma concepção particular de Extraposição. O tratamento que sugere para esta construção não difere crucialmente do que propõe para as construções parentéticas (cf. McCawley 1982).

De acordo com a **análise clássica**, a **Extraposição** é uma instância de **Mover α** que desloca para a direita constituintes (frásicos ou preposicionais) e os coloca em adjunção a SV ou a ST⁽³⁾. Assim, admitindo que em (2) o segundo membro coordenado é Deslocado, por Extraposição, para adjunção a SV⁽⁴⁾, a representação de Estrutura-S desta frase seria a seguinte:

(4)

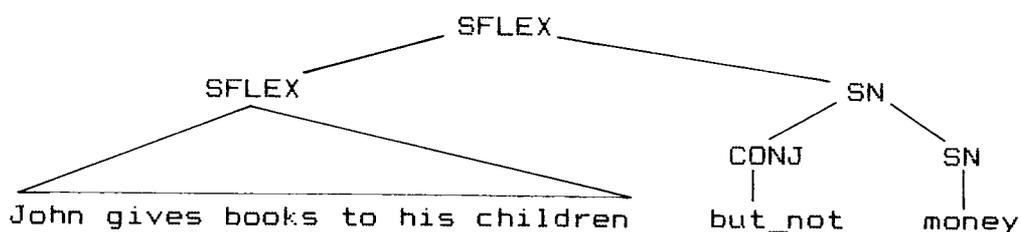


Pelo contrário, **McCawley**, embora caracterize a **Extraposição** como uma operação de movimento, considera que ela não altera a estrutura de constituintes da frase, mas apenas a ordem linear dos elementos. De acordo com esta análise, os constituintes extrapostos apresentam, pois, exactamente as mesmas propriedades que teriam nas suas posições básicas.

Consideremos seguidamente o tratamento que **REINHART 1990** propõe para Despojamento em Inglês.

Para Reinhart, a **descontinuidade de constituintes** manifestada por esta construção ocorre logo em Estrutura-P^(S): o constituinte introduzido pela conjunção é basicamente gerado em adjunção a SFLEX (cf. (5)):

(5)

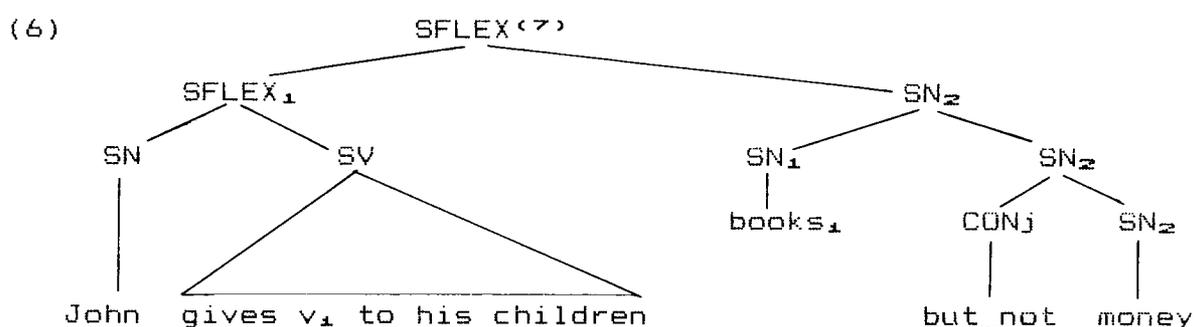


(cf. REINHART 1990, (26), p. 16)

Como Reinhart salienta, antes de FL a estrutura é ininterpretável – o constituinte introduzido pela conjunção não

pode ser um modificador frásico, e as coordenações requerem tipicamente a identidade categorial dos constituintes coordenados.

Todavia, em FL, a anomalia estrutural desaparece: através da regra de Elevação do Quantificador⁽⁶⁾, o membro coordenado em posição argumental é movido e colocado em adjunção ao constituinte coordenado adjunto (cf. (6)):



(cf. REINHART 1990, (23a), p. 12)

Em FL, uma vez estabelecido o constituinte coordenado na sua globalidade, SFLEX₁ é interpretado como um predicado que toma esse novo constituinte por argumento.

1.1.2. Despojamento em Inglês e Contraste Sintagmático em Português

As análises apresentadas na secção anterior são inaplicáveis à construção de Despojamento em Português, que deve ser caracterizada como uma construção de elipse frásica. Porém, fornecem **sugestões importantes** para o tratamento de **Contraste Sintagmático**.

Como vimos no capítulo 3 deste trabalho (cf. secção 1.3), Contraste Sintagmático é uma construção de focos contrastivos

marcados, formada por constituintes sintagmáticos descontínuos (cf. (7)):

- (7) a. O João leu **esse livro** ao filho, **mas não essa revista**
b. O João leu **esse livro** ao filho, **e também essa revista**

Exemplos como (8) mostram que as expressões contrastadas também podem ocorrer em contiguidade, encontrando-se o sintagma afectado pelo marcador de foco em adjunção ao constituinte focalizado em posição argumental:

- (8) a. O João leu **esse livro** , **mas não essa revista**, ao filho
b. O João leu **esse livro**, **e também essa revista**, ao filho

Tendo em vista os pontos de contacto entre (7) e (8), um tratamento de **Contraste Sintagmático** em termos de **Extraposição** parece adequado. De acordo com este tratamento, tanto (7) como (8) teriam uma estrutura subjacente comum, em que os elementos contrastados formariam um único constituinte (cf. (3a)). Contudo, enquanto a representação de Estrutura-S das frases em (8) apresentaria a mesma ordem de constituintes, em (7), o **constituinte coordenado que contém o marcador de foco** seria deslocado para a direita por Extraposição (cf. (3b) ou, alternativamente, (4)).

Para além de estabelecer uma relação entre as frases em (7) e (8), este tratamento dá conta do facto de o **constituinte em posição periférica** partilhar a **natureza categorial**, as **marcas de caso** e a **relação temática** do constituinte focalizado em **posição argumental** (cf. (9) e (10)).

- (9) a. Faltaste [_{SN}Nom tu] à aula, [_{SN} e não [_{SN}Nom eu]]
 a'. * Faltaste tu à aula, e não mim
 b. O João dá [_{SN}Acus livros] aos filhos, [_{SN} mas não
 [_{SN}Acus dinheiro]]

- (10) O João pôs o livro [_{SP}locativo na mesa] quando chegou a
 casa [_{SP} e não [_{SP}locativo na estante]]

Pelo contrário, a análise de REINHART 1990 não capta facilmente estas propriedades, pois assume que os sintagmas contrastados são gerados basicamente como constituintes descontínuos, autónomos até FL (cf. (5) e (6)). Em particular, o tratamento de Reinhart não permite explicar a **marcação casual** do constituinte periférico: canonicamente, a marcação casual processa-se em Estrutura-S; porém, em exemplos como (9), na posição-A' que ocupa, o referido constituinte não pode receber caso de FLEX (cf. (9a), nem do predicador verbal (cf. (9b)). Assim, a partilha de caso entre as expressões contrastadas é, nesta abordagem, meramente acidental.

Todavia, o tratamento de **Contraste Sintagmático** em termos de **Extraposição** encontra problemas de difícil resolução, que põem em questão a sua exequibilidade: por um lado, não existe um consenso sobre os **mecanismos envolvidos na Extraposição**; por outro lado, **não é óbvio que o Português exiba Extraposição**, pelo menos com as propriedades que esta construção manifesta no Inglês.

Com efeito, na literatura actual sobre o Inglês, a **Extraposição** é caracterizada ora como uma **construção de movimento** (vide as **análises clássicas** do fenómeno, e o tratamento de

MCCAWLEY 1982, 1987 (cf. secção 1.1.1.)), ora como uma construção de **constituintes descontínuos basicamente gerados** (cf. ROCHEMONT e CULICOVER 1990).

Quaisquer destes tratamentos, inclusive os de movimento, são inconciliáveis entre si. Porém, os dados empíricos parecem pontualmente favorecê-los:

Na verdade, como dissemos (cf. secção 1.1.1.), para as **análises clássicas**, a Extraposição decorre da aplicação de Mover α . Os constituintes extrapostos são deslocados à direita e colocados em adjunção a SV ou a ST, deixando ficar um vestígio na posição que inicialmente ocupavam. A presença desse vestígio permite captar a relação entre o elemento deslocado e o constituinte de onde foi extraído. Movido para uma posição-A', o **constituinte extraposto apresenta propriedades estruturais parcialmente diversas das que exibia na sua posição original**. Assim, por exemplo, BALTIN 1984 mostra que a Extraposição pode alterar as potencialidades de extracção de um constituinte (cf. (11)):

(11) a. Who_i did you show a picture of v_i to Martha?

(BALTIN 1984, (15), p. 160)

b. * Who_i did you [_{SV} [_{SV} show [a picture v_j] to Martha] [_{of v_i}]]? (BALTIN 1984, (17), p. 160)

Baltin atribui a agramaticalidade de (11b) ao estatuto de ilha do constituinte extraposto. Uma vez em adjunção a SV, o referido elemento não é θ -marcado e funciona como uma barreira para a extracção de constituintes. Deste modo, o vestígio do SN interrogado não é estritamente regido pelo seu antecedente.

Para McCawley 1982, 1987, pelo contrário, a Extraposição decorre de uma operação de movimento diversa de Mover α , que cria **constituintes descontínuos directamente associados à sua posição básica, e exibindo as mesmas propriedades que manifestariam nessa posição.** Este tratamento aproxima, assim, a Extraposição das construções parentéticas (cf. McCawley 1982).

Argumentando a favor da sua análise, McCawley apresenta exemplos como os seguintes, em que a Extraposição não altera as potencialidades de Ligação dos constituintes:

- (12) a. * **His₁ recantation of Chomsky₁'s theory** has just appeared
b. * **His₁ recantation** has just appeared **of Chomsky₁'s theory** (McCawley 1987, (8), p. 189)

Segundo McCawley, a agramaticalidade dos exemplos em (12) decorre da infracção do mesmo princípio: o nome é ligado (c-comandado e coindexado) pelo pronome⁽⁸⁾.

Por sua vez, recusando uma análise por movimento da Extraposição, Culicover e Rochemont (cf. Culicover e Rochemont 1990 e Rochemont e Culicover 1990) propõem que **os constituintes extrapostos e os sintagmas em posição argumental que lhes estão associados sejam basicamente gerados em descontinuidade.** Em Estrutura-S uma condição associa-os atribuindo ao constituinte extraposto o estatuto de "complemento" do constituinte em posição-A. Esta regra permitirá a interpretação em FL da construção⁽⁹⁾.

Culicover e Rochemont procuram demonstrar que a Extraposição não manifesta as propriedades características de Mover α . Assim,

por exemplo, a Extraposição em Inglês, contrariamente ao Movimento-Q, pode afectar constituintes inseridos em SNs sujeito (cf. (13a) e (13b))⁽¹⁰⁾:

(13) a. *Which actors would beautiful pictures of cost too much?

(ROCHEMONT e CULICOVER 1990, (1), cap. 2, p. 33)

b. A man came into the room that no one knew

(ROCHEMONT e CULICOVER 1990, (2), cap. 2, p. 33)

Uma análise de Contraste Sintagmático em termos de Extraposição tem, pois, antes de mais, de estabelecer qual o conceito de Extraposição em que se fundamenta, discutindo a sua adequação aos dados empíricos em análise.

Assim, por exemplo, um tratamento de Contraste Sintagmático conforme com a análise da Extraposição proposta por Culicover e Rochemont parece ser inadequado. Com efeito, esse tratamento não nos permitiria dar conta do facto de em Contraste Sintagmático, o constituinte periférico partilhar a natureza categorial, a marcação casual e a relação temática do constituinte focalizado em posição argumental.

Finalmente, a inclusão de Constraste Sintagmático em Extraposição coloca o problema da existência desta construção em Português⁽¹¹⁾.

Exemplos como (14b) sugerem que o Português admite marginalmente manifestações de Extraposição:

(14) a. **Várias críticas sobre esse livro** foram publicadas nas revistas da especialidade

b. ? **Várias críticas** foram publicadas nas revistas da

especialidade **sobre esse livro**

Porém, a comparação entre (15a) e (15b), mostra que o Português não possui casos de Extraposição como o Inglês:

(15) a. **A man appeared with green eyes**

(GUÉRON 1980 (1b), p. 637)

b. * **Um homem apareceu com olhos verdes**

(cf. Um homem com olhos verdes apareceu)

Note-se que frases como (16b) são possíveis em Português:

(16) a. **Um homem com cabelo escuro** entrou na sala

b. **Um homem** entrou na sala **com cabelo escuro**

Contudo, (16b) não é um caso de Extraposição, uma vez que não tem o mesmo significado de (16a) – "com cabelo escuro", em (16b), diferentemente do que acontece em (16a), é interpretado como uma propriedade transitória, não inerente, à entidade designada pelo SN sujeito.

Do ponto de vista semântico, em (16b), o SP "com cabelos escuros" é interpretado como uma predicação secundária que afecta o SN sujeito; porém, do ponto de vista sintáctico, como os seguintes exemplos mostram, o referido SP é um constituinte que integra obrigatoriamente o SV – veja-se a agramaticalidade de (17b):

(17) a. Um homem tinha **entrado na sala com cabelo escuro** e uma mulher também tinha [sv–]

[sv–] = **entrado na sala com cabelo escuro**

- b. * Um homem tinha **entrado na sala** com cabelo escuro e uma mulher também tinha [sv-] com cabelo louro
[sv-] = entrado na sala

Estes dados sugerem, pois, que o Português não possui Extraposição a partir de constituintes lexicalmente realizados (cf. nota 1 deste capítulo). Consequentemente, não é plausível reduzir Contraste Sintagmático a um subcaso da referida construção.

Deste modo, uma análise de Contraste Sintagmático como uma construção parentética parece impor-se. Não explorarei, contudo, este tópico.

Em suma:

Os tratamentos de McCawley e de Reinhart permitem caracterizar adequadamente **Despojamento em Inglês** e **Contraste Sintagmático em Português** como construções de constituintes **sintagmáticos descontínuos**. Deparam-se, porém, com o problema da caracterização dos mecanismos que determinam essa descontinuidade.

A complexidade deste problema, acima sugerida, implica um estudo aprofundado da construção de Extraposição e das estruturas parentéticas, que está fora do âmbito desta Dissertação.

1.2. Despojamento como uma construção de elipse frásica

1.2.1. Despojamento como uma construção de constituintes em posição-A'

Para CHAO 1987, Despojamento é uma construção de elipse

frásica. Por este motivo, a sua análise é inadequada para o Inglês (cf. secção 1.1.). Vejamos, porém, se dá satisfatoriamente conta de Despojamento em línguas como o Português.

Em CHAO 1987, distinguem-se **duas classes de estruturas elípticas**: as elipses com Núcleo sintáctico realizado (elipses-N+), como, por exemplo SV Nulo; e as elipses sem Núcleo (elipses-N~), ilustradas por Despojamento e Elipse Lacunar (ing. gapping).

Segundo Chao, cada uma destas estruturas elípticas é gerada por um esquema X-barra distinto – o esquema X-barra canónico, designado por **esquema-N+**, gera as estruturas sintácticas com núcleo, elípticas ou não (cf. (18)), e o **esquema-N~** gera as estruturas elípticas sem núcleo (cf.(19)).

(18) Esquema-N+:

$$X^{m+n} \rightarrow (\text{ESPEC}) X' Y^*$$
$$X' \rightarrow X Y^*$$

(CHAO 1987, (1), cap.2, p.28)

(19) Esquema-N~:

$$X^{n\sim} \rightarrow (\text{ESPEC}) (X'\sim) Y^*$$
$$X' \rightarrow Y^*$$

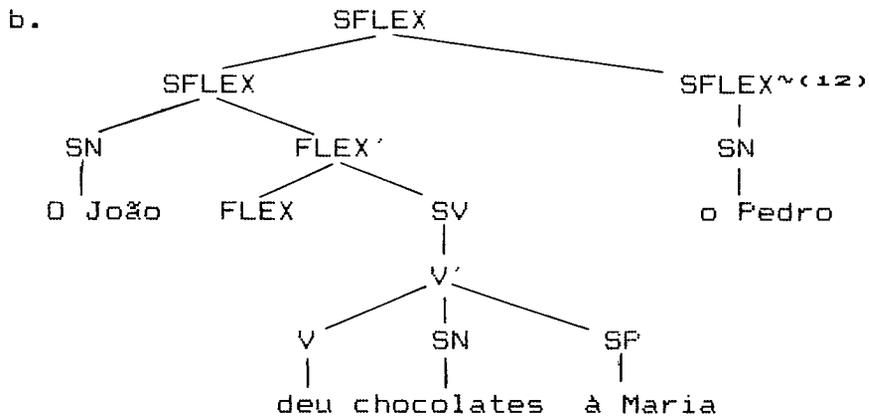
(CHAO 1987, (3), cap.2, p. 33)

Contrariamente ao esquema-N+, **o esquema-N~ é defectivo**: não só não apresenta um constituinte núcleo (veja-se a reescrita de X' em (19)), como nenhum constituinte expandindo uma projecção máxima é obrigatório.

De acordo com CHAO 1987, dada a frase em (20a), a aplicação

destes dois esquemas produziria a representação de Estrutura-F em (20b):

(20) a. O João deu chocolates à Maria, e o Pedro também



(cf. CHAO 1987, (6), cap.2, p.34)

Segundo Chao, em FL, as estruturas elípticas geradas pelo esquema X-barra deficitário, N[~], são sintacticamente interpretadas pelo seguinte mecanismo geral de Reconstrução:

(21) Reconstrução-E(líptica)

Proceda à Reconstrução-E dos constituintes principais⁽¹³⁾ de uma projecção-N+ sob o nó correspondente de uma projecção-N[~] de uma oração-E(líptica) correspondente.

(CHAO 1987, (10), cap. 3, p. 64)

Informalmente, dois nós são correspondentes⁽¹⁴⁾ se pertencerem à mesma categoria sintáctica.

Duas orações são correspondentes⁽¹⁵⁾ se apresentarem as seguintes propriedades: (i) são dominadas pelo mesmo nó, uma não domina a outra, uma precede a outra; (ii) as respectivas projecções-N(úcleo) correspondem-se - i.e., os seus nós cimeiros

dominam os respectivos domínios oracionais e todos os nós encontram um equivalente da mesma categoria sintáctica.

O seguinte esquema visualiza o processo de Reconstrução-E para a frase (20a) (14):

```
(22) SFLEX  -----SFLEX~
      FLEX'  -----FLEX~
      FLEX  SV -----SV~
           V'-----V'~
           V
```

(cf. CHAO 1987, (29a), cap.3, p. 63)

Uma análise das manifestações de Despojamento em Português, Francês e Espanhol, mostra que o tratamento de CHAO 1987 não é adequado.

De facto, como mostrámos (cf. cap.3, secção 3.1.2.), a colocação dos advérbios de denotação predicativa indica que, em Despojamento, os sintagmas foneticamente realizados não se encontram na sua posição básica:

(23) a. O João deu chocolates à Maria e ao Pedro também [-]
 b. O João deu chocolates à Maria mas flores não [-]

(24) a. Jean est allé au cinéma mais au théâtre, non [-]
 b. Jean est allé au cinéma et au théâtre, aussi [-]

(25) a. Juan trabaja hoy y mañana también [-]
 (ZAGONA 1988b, nota 1, (iii), cap.6, p.195)
 b. Marta vio a Pedro, pero a Franco no [-]
 (ZAGONA 1988b, nota 1, (iv), cap.6, p.196)

No Português, como ilustrado em (26a) e (26b), a posição básica desses constituintes é à direita dos advérbios de denotação predicativa. O mesmo acontece em Espanhol e em Francês, quando os advérbios envolvidos são os marcadores de negação frásica (cf. (26c) e (26d)):

- (26) a. O João deu chocolates à Maria e **também** deu chocolates **ao Pedro**
b. O João deu chocolates à Maria mas **não** deu **flores** à Maria
c. Jean est allé au cinéma mais il n'est **pas** allé **au théâtre**
d. Marta viu a Pedro, pero **no** viu **a Franco**

Além disso, os **advérbios de denotação predicativa** que ocorrem em Despojamento **nem sempre podem aparecer no interior do domínio oracional, afectando o predicado frásico**. É, por exemplo, o caso do advérbio de polaridade afirmativa "sim", em Português (cf. (27)), ou do marcador de negação "non" em Francês (cf. (28)):

- (27) a. O João não deu chocolates à Maria, mas ao Pedro **sim**
(Despojamento)
b. * O João não deu chocolates à Maria mas **sim** deu chocolates ao Pedro
(28) a. Jean est allé au cinéma mais il n'est pas allé **au théâtre**
b. * Jean est allé au cinéma et il **non** est (**pas**) allé au théâtre

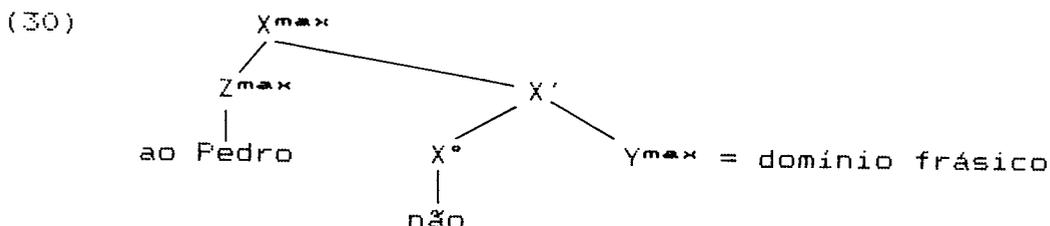
CHAO 1987 ignora que em Despojamento os elementos lexicalmente realizados se encontram em posições exteriores ao

domínio oracional. Além disso, o seu tratamento dificilmente pode ser ampliado para dar conta do facto de os constituintes que precedem os advérbios de denotação predicativa ocuparem posições-A'.

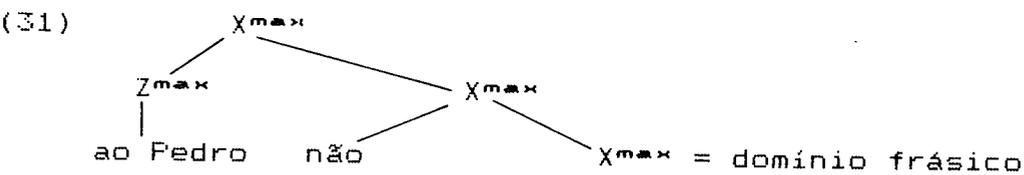
Considerem-se, com efeito, as possibilidades de geração dessas posições periféricas, tendo por base uma frase como (29):

(29) O João deu chocolates à Maria mas ao Pedro não

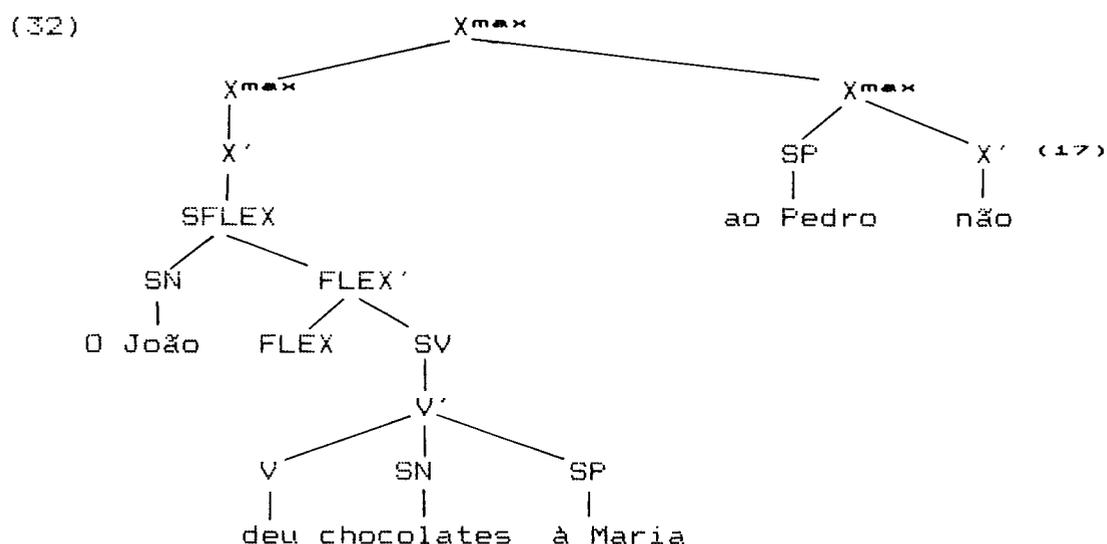
Se assumirmos que os advérbios de denotação predicativa contam como núcleos que se projectam em conformidade com o esquema X-barra canónico (posição que discutirei na secção 2.1. deste capítulo), a posição-A' ocupada pelo sintagma foneticamente realizado pode ser concebida como uma posição de especificador análoga à existente nas projecções SCOMP:



Se considerarmos que os advérbios de denotação predicativa não são núcleos de projecções independentes, essas posições periféricas podem ser geradas por adjunção (cf. (31)), como proposto em DUARTE 1987 e BARSS 1988 para as construções de Topicalização, respectivamente, em Português e em Inglês:



Admitamos que as posições-A' em Despojamento são geradas pelo esquema-N+. A representação a atribuir ao exemplo (29), será, pois, a seguinte:

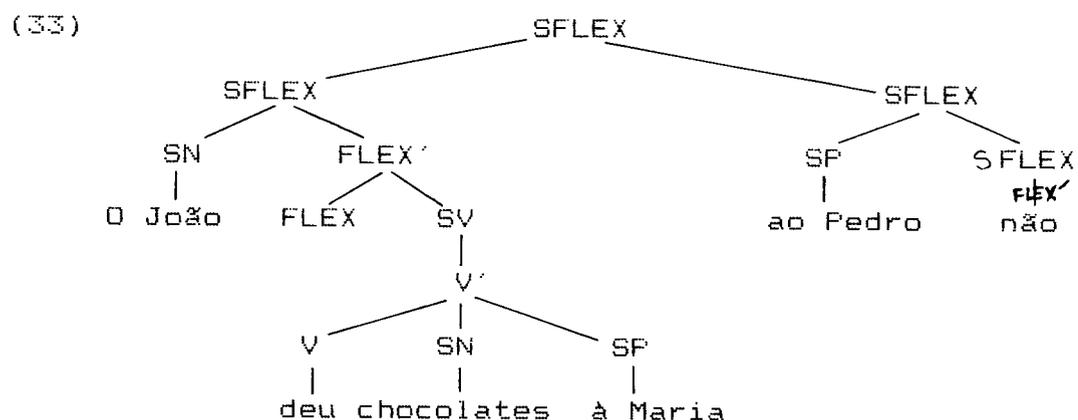


Se as posições periféricas forem geradas pelo esquema X-barra canónico em (30), a análise de CHAD 1987 falha, pois o mecanismo de Reconstrução não se pode aplicar.

Na verdade, a Reconstrução-E só opera em orações correspondentes. Porém, a oração elíptica apresenta constituintes periféricos expandidos. Assim sendo, embora os nós cimeiros de ambas as orações dominem os respectivos domínios oracionais, nem todos os nós da oração elíptica encontram um equivalente da mesma categoria sintáctica na oração antecedente: na representação sintáctica (32), o SP dominado pelo nó Xmax, não encontra um equivalente na projecção-N (projecção de Núcleos) da frase antecedente.

Consideremos, alternativamente, que as posições periféricas em Despojamento são geradas em posição de adjunção (cf. (31)). O

tratamento de CHAO 1987 é igualmente inadequado, pois não consegue captar a natureza periférica dos constituintes.



Dado que o esquema-N[~] (cf. (19)) não contempla configurações de adjunção⁽¹⁸⁾, a frase elíptica nunca poderá ser interpretada como uma estrutura de adjunção, pois essa estrutura não pode ser inferida a partir da frase antecedente (por Reconstrução-E).

Em suma, o tratamento de Despojamento proposto em CHAO 1987 não é adequado para o Português, o Francês e o Espanhol pois não é capaz de captar a natureza periférica dos constituintes lexicalmente realizados na frase elíptica.

1.2.2. Despojamento e Topicalização

ZAGONA 1988b sugere que Despojamento em Espanhol deve ser analisado como uma construção de Topicalização, ou seja, como uma estrutura comportando uma SFLEX ou um SCOMP nulos precedidos por um constituinte lexicalizado em posição de tópico (ZAGONA 1988b, nota 1, (i), cap.6, p.195).

Partindo do Português, vejamos se Despojamento pode ser caracterizado como uma construção elíptica exibindo uma

configuração de Topicalização.

De acordo com DUARTE 1987 e 1989, o Português apresenta quatro construções de tópicos marcados:

A **Construção de Tópico Pendente**, ilustrada em (22), em que a relação Tópico-Comentário é apenas estabelecida pelo requisito de relevância.

(34) Bom ... praias, adoro a Arrábida

(DUARTE 1987, (4b), cap. 2, p.73)

A **Construção de Deslocação à Esquerda com Tópico Pendente** em que uma expressão nominal na expressão Comentário é referencialmente dependente da expressão em Tópico. Este, porém, não preenche qualquer relação temática do predicador verbal e exhibe obrigatoriamente o caso não marcado – no Português o Nominativo (cf. (23)).

(35) a. A Maria, encontrei aquele amigo dela que faz cinema

(DUARTE 1987, (5b), cap. 2, p.73)

b. * Da Maria, encontrei ontem aquele amigo dela que faz cinema (DUARTE 1987, (10b), cap. 2, p.78)

A construção de **Deslocação à Esquerda Clítica**, em que a expressão em Tópico e o clítico na expressão Comentário apresentam conformidade de traços sintácticos em pessoa, número, género e caso, e a expressão em Tópico parece partilhar a relação temática atribuída ao clítico (cf. (36)):

(36) Ao teu amigo, ainda não lhe pagaram os direitos de autor, pois não? (DUARTE 1987, (6b), cap. 2, p.73)

E, finalmente, a **Topicalização**, em que a expressão Comentário comporta uma categoria vazia correspondente ao constituinte em Tópico. A referência dessa categoria, bem como os seus traços gramaticais em pessoa, género e número, são determinados pelo elemento em Tópico. Este apresenta a relação- θ e o caso que o predicador lhe atribuiria na posição argumental:

- (37) Qualquer prospecto que lhe apareça, ele lê [-] [PF, G 1320]
(DUARTE 1987, (7b), cap. 2, p.74)

Esta caracterização permite-nos excluir Despojamento das duas primeiras construções de Tópicos Marcados, e aproximá-lo das construções de Deslocação à Esquerda Clítica e de Topicalização.

Uma vez que em Despojamento a expressão predicado não é foneticamente realizada, não é possível decidir qual das duas construções acima referidas exhibe, tanto mais que, de acordo com DUARTE 1987, a Topicalização e a Deslocação à Esquerda Clítica apresentam essencialmente as mesmas propriedades em Português. Contudo, por conveniência de exposição, referir-me-ei apenas à Topicalização na apresentação subsequente.

Como na construção de Topicalização, em **Despojamento**, os constituintes sintagmáticos em posição periférica apresentam as **informações de caso e de relação temática** que teriam na posição argumental que lhes está associada:

- (38) O João comprou um livro à Maria
- a. e **t_{NOM}**, Agente não
 - b. e **um casaco_{AC}**, objecto também
 - c. e **a** **t_{DAT}**, Recipiente também

Do mesmo modo, em Despojamento, como em Topicalização, os constituintes em posição periférica podem ser alvo de **movimento ilimitado**:

- (39) a. Muitos professores foram a essa reunião e **alguns alunos₁**, julgo [que [v₁] também].
- b. Nunca sabemos o que oferecer ao João e **à Maria₁**, penso que [v₁] também não.

Finalmente, a distribuição do constituinte periférico em Despojamento como em Topicalização é sensível a **efeitos de ilha**, (cf. (40) e (41))⁽¹⁹⁾:

- (40) a. * O João pagou os direitos de autor ao Pedro, mas **à Maria** admito [**SN** a hipótese de [**sCOMP** [v₁] não]]
(Condição do SN Complexo – Completiva de N)
- b. * O João pagou os direitos de autor ao teu amigo mas **à Maria₁**, o Pedro tem [**SN** um amigo [**sCOMP** que diz [**sCOMP** que [v₁] não]] (Condição do SN Complexo – Relativa)
- (41) * Esse editor pagou os direitos de autor ao teu amigo mas **à Maria**, [[**sCOMP** que [v₁] não] é possível]
(Condição do Sujeito Frásico)

Porém, **um conjunto de propriedades mostra que Despojamento não é redutível a Topicalização**:

Em primeiro lugar, nas frases coordenadas exibindo Despojamento, **nem todos os constituintes são topicalizáveis** – é o

caso dos adverbiais de denotação predicativa "não" e "também".

Como os seguintes exemplos mostram, diferentemente dos argumentos e adjuntos do verbo, estes adverbiais não podem sofrer movimento ilimitado, e têm de se encontrar em adjacência estrita ao constituinte elíptico sobre que têm escopo:

- (42) a. O João não pode comprar esse livro e o Luís pensa que a Maria **também não** [-]
- b. * O João não pode comprar esse livro e **também não** o Luís pensa que a Maria [-]

Por outro lado, em Despojamento, diferentemente do que acontece na Topicalização, **não pode haver mais de um constituinte temático em posição-A'**. Veja-se o contraste de gramaticalidade entre os exemplos (43) e (44):

- (43) a. * O João já pagou os direitos de autor ao Pedro, e **esse editor, à Maria** também⁽²⁰⁾
- b. * O João já pagou os direitos de autor ao Pedro, mas **à Maria, esse editor** não
- (cf. O João já pagou os direitos de autor ao Pedro, mas **esse editor** não)

- (44) a. Essa história, aos meus colegas, ainda não contei
(DUARTE 1989, (13))
- b. Ao Pedro, sobre esse assunto, o João nunca falou

Do mesmo modo, diferentemente do que acontece na construção de Topicalização (cf. (45)), em Despojamento, **constituintes negativos podem ocorrer livremente** (cf. (46)):

- (45) a. * Ninguém, o João não quer ver [—]
 (DUARTE 1987, (32a), cap.1, p.49)
- b. * A Ninguém, o João divulgou essa história
 (DUARTE 1987, (32b), cap.1, p. 49)
- (46) a. O João não cumpre escrupulosamente o código da estrada,
 nem **ninguém** (também).
- b. O João não divulgou essa história aos amigos ontem nem a
ninguém (também)
- c. A Maria não viu ninguém na sala, nem **nada** também.

Despojamento distingue-se ainda de Topicalização em Português por **não poder co-ocorrer com sintagmas interrogativos no mesmo domínio oracional**. Veja-se o contraste de gramaticalidade dos exemplos (47) e (48):

(47) * A que teatro foi a Maria hoje e **a que teatro a Teresa não?**

(48) Ao João, **que história maluca** contou a Maria?

(cf. DUARTE 1987, (49), cap. 6, p. 246)

No entanto, em Despojamento, os constituintes com relação temática atribuída podem ser interrogados, como mostram os seguintes exemplos:

(49) a. Que rapaz foi ao cinema hoje e **que rapariga não?**

b. Que livros leu a Maria e **que livros não?**

Estes dados sugerem, pois, que Despojamento apresenta uma configuração estrutural parcialmente distinta da exibida pela construção de Topicalização.

2. A estrutura de Despojamento em Português

2.1. A construção de Despojamento e a Projecção SΣ

Dissemos que Despojamento e Topicalização apresentam configurações parcialmente distintas. Partindo das representações estruturais propostas em DUARTE 1987 para a construção de Topicalização em Português, procuremos, por contraste, determinar a estrutura de constituintes subjacente à construção de Despojamento.

A construção de Topicalização em Português deve ser caracterizada como uma estrutura de adjunção a ST ou a SCOMP (cf. (50)):



Com efeito, as representações em (50) dão conta da possibilidade de os constituintes topicalizados co-ocorrerem com SCOMPs preenchidos (cf. (51) e (52)):

(51) O Manuel afirmou-nos **que [essa história]₁**, a Maria nunca contou v_1 ao Pedro.

(52) **[Ao João]₁**, **que história maluca**, contou a Maria v_1 v_1 ?

(cf. DUARTE 1987, (49), cap. 6, p. 246)

Além disso, dado que não há um limite ao número de adjunções a um constituinte, estas representações captam o facto de, em Português, mais de um constituinte poder ser topicalizado (cf. (53)):

(53) a. **Ao Pedro₁, essa história₁,** a Maria nunca contou v₁ v₁
(cf. DUARTE 1987, (62a), cap.6, p. 251)

b. O João disse que, **ao Pedro₁, essa história₁,** a Maria nunca contou v₁ v₁

Pelo contrário, **não há motivação empírica** para atribuir a **Despojamento uma configuração de adjunção.**

De facto, Despojamento não admite que mais de um constituinte preceda o advérbio de denotação predicativa (cf. (54)):

(54) a. * O João já pagou os direitos de autor ao Pedro, e **esse editor, à Maria** também

b. * O João já pagou os direitos de autor ao Pedro, mas **à Maria, esse editor** não

Do mesmo modo, no interior de um mesmo membro coordenado, Despojamento não permite a co-ocorrência de um constituinte interrogado em especificador de SCOMP e de um sintagma foneticamente realizado (cf. (55)):

(55) * A que teatro foi o João mas [**a que teatro**] [**a Maria**] não?

Procuremos deduzir a partir das **propriedades de Despojamento a configuração estrutural** subjacente a esta construção:

O facto de Despojamento poder ocorrer com um COMP^o preenchido (cf. (56)), mostra que **o sintagma foneticamente realizado** ocupa uma **posição posterior a SCOMP.**

(56) O João vai ao cinema hoje e a Maria disse que [**o Pedro**]

também

Porém, como vimos (cf. cap.3: 3.1.2. e cap.5: 1.2.), em Despojamento, tanto o **sintagma foneticamente realizado** como os **advérbios de denotação predicativa** ocorrem em **posições externas a ST** — não só os complementos do verbo e os adjuntos precedem os referidos advérbios (cf. (57a)), como estes nem sempre podem afectar o predicado frásico (cf. (57b)):

(57) a. O João vai ao cinema hoje e a Maria disse **que [ao teatro não [et—]]**

(cf.* O João vai ao cinema hoje e a Maria disse **que [et não ao teatro]**)

b. * O João não deu chocolates à Maria mas **[et sim deu chocolates ao Pedro]**

(cf. O João não deu chocolates à Maria, mas ao Pedro **sim [et—]**)

Devemos, pois, concluir que, em Despojamento, o **constituente lexicalizado ocupa uma posição intermédia entre SCOMP e ST.**

Dado que em Despojamento não é possível a co-ocorrência de mais de um sintagma lexicalizado (cf. (54)), a estrutura a atribuir a esta construção deve comportar **uma única posição para a projecção máxima** que precede o advérbio de denotação predicativa.

Em Despojamento os sintagmas foneticamente realizados podem ser interrogados e encontrar-se na posição de especificador de SCOMP (cf. (58)):

(58) a. Que rapaz foi ao cinema hoje e **que rapariga não?**

b. A que cinema foi a Maria e a **que teatro** também?

Contudo, como vimos, os sintagmas lexicalizados não podem co-ocorrer no mesmo domínio oracional com os constituintes interrogados:

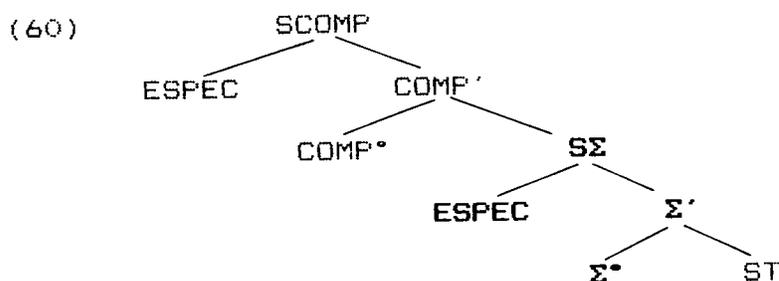
(59) * A que teatro foi o João mas [_{SCOMP} a que teatro_i] [a Maria] não [ST—]

Este facto sugere que a **posição ocupada pelo constituinte realizado é um elo da cadeia-A'** encabeçada pelo sintagma **interrogado** em especificador de S_{COMP}.

Em suma:

O constituinte focalizado parece ocupar a **posição-A'** de especificador de um constituinte intermédio entre o especificador de ST e o especificador de S_{COMP}.

Um **esquema** com estas características é proposto em LAKA 1991 para dar conta de **construções de foco** em Espanhol⁽²¹⁾ (cf. (60)):



Neste esquema, a **posição de especificador** da projecção SΣ comporta os **constituintes focalizados**; a **posição de Σ°** é tipicamente preenchida por **operadores de valor de verdade**, como a **negação e a afirmação**, lexicalmente realizados ou nulos (cf. LAKA 1991, pp., 3, 16 e 25), embora possa igualmente ser ocupada, em

Estrutura-S, por núcleos verbais; finalmente, ST é o **complemento de Σ^*** .

De acordo com este esquema, em **Despojamento**, o **constituente sintagmático** que precede os operadores de denotação predicativa ocupa a posição de **especificador de S Σ** .

Relativamente aos **advérbios de denotação predicativa**, são candidatos a ocuparem a **posição Σ^*** os advérbios de polaridade afirmativa e negativa.

As propriedades manifestadas por "não", quando ocorre no interior do ST, como marcador de negação frásica, permitem caracterizá-lo como um núcleo – veja-se a sua posição em frases interrogativas com Subida do Verbo (cf. (61)):

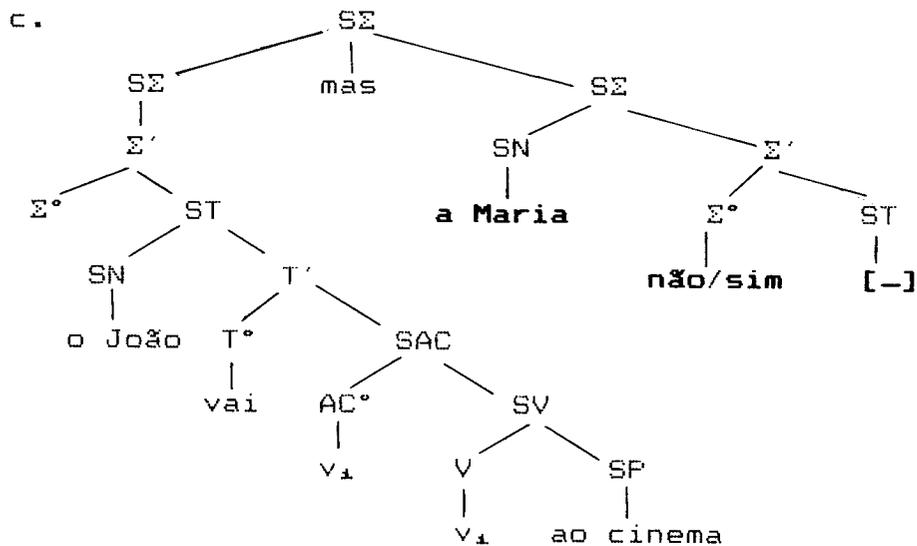
(61) a. Que livros tem o João lido aos filhos e [_SCOMP que livros [_{COMP^o} não lhes tem] [_{ET} a Maria lido]]] ?

b. * [_SCOMP Que livros tem o João lido aos filhos e [_SCOMP que livros [_{COMP^o} lhes tem] [_{ET} a Maria não lido]]] ?

Os exemplos (61) mostram que o marcador de negação frásica se incorpora no verbo flexionado, movendo-se com ele para COMP^o. O marcador de negação frásica em Português apresenta, pois, propriedades de núcleo – pode incorporar-se num núcleo (o verbo flexionado) e está sujeito a Movimento Núcleo a Núcleo⁽²²⁾. É portanto plausível que, no esquema (60), o advérbio negativo (bem como o seu correlato afirmativo) ocupe a posição de núcleo da projecção S Σ . Exemplificado:

(62) a. O João vai ao cinema mas a Maria [_{Σ^*} não] [_{ET}—]

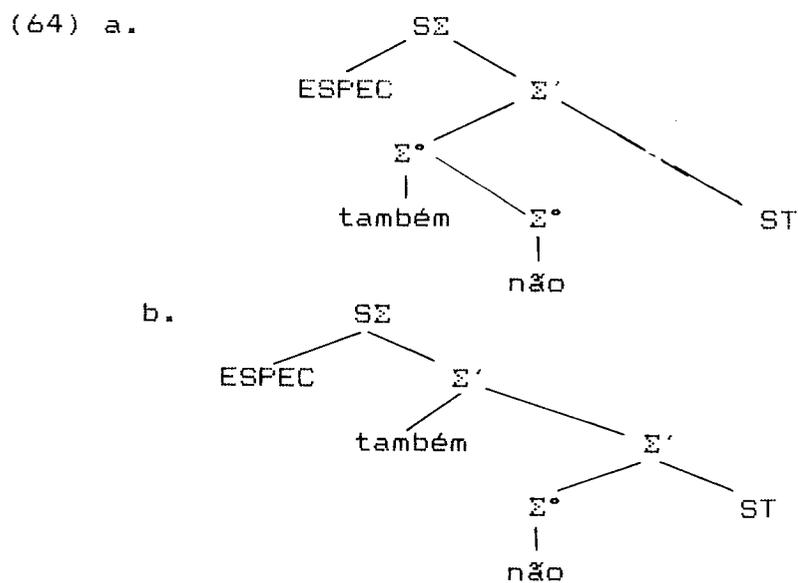
b. O João não vai ao cinema mas a Maria [_{Σ^*} sim] [_{ET}—]



Porém, o mesmo não acontece com "também", que pode co-ocorrer com "não", como no exemplo seguinte:

(63) O João não vai ao cinema, e a Maria **também não**

As duas representações estruturais seguintes são compatíveis com a ordenação linear destes elementos:



Em (64a), "também" é colocado em adjunção a Σ° . São-lhe,

pois, atribuídas propriedades de núcleo. Pelo contrário, em (64b), "também" encontra-se em adjunção a Σ' , tendo escopo sobre Σ' , mas não formando com ele uma unidade.

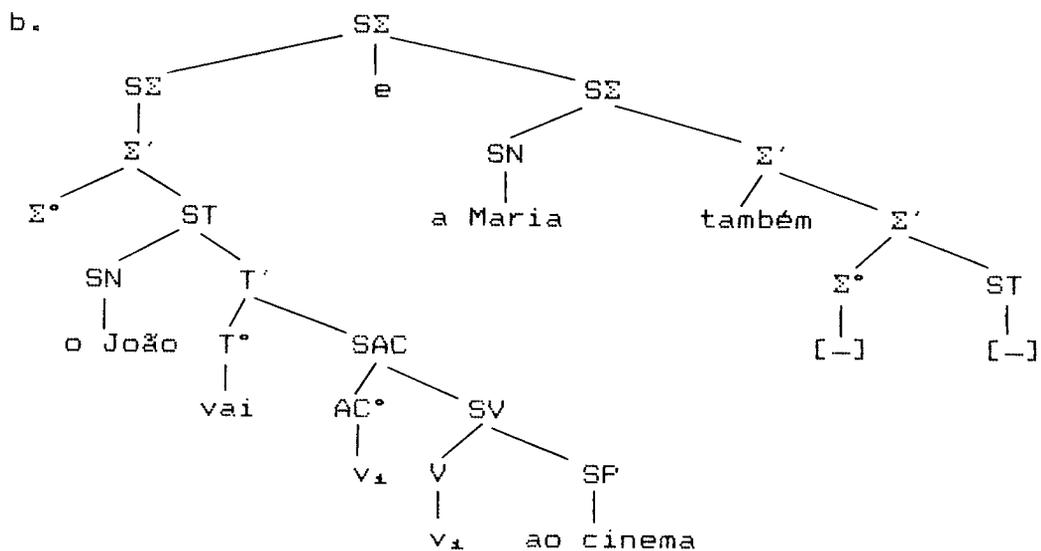
As propriedades manifestadas por "também", quando ocorre no interior do domínio frásico como modificador do sintagma predicativo, sugerem que este elemento não tem o estatuto de núcleo — compare-se a posição deste advérbio em frases interrogativas com Subida do Verbo com a posição ocupada pelo marcador de negação frásica nos mesmos contextos:

- (65) a. ?? Que livros não tem o João lido aos filhos e [_{COMP}que revistas [_{COMP}^o **também não** lhes tem][_{ET} a Maria lido]]?
b. Que livros não tem o João lido aos filhos e [_{COMP}que revistas [_{COMP}^o **não** lhes tem][_{ET} a Maria lido **também**]]?

Os exemplos (65) mostram que "também" dificilmente co-ocorre com o verbo flexionado quando se verifica Subida do Verbo para COMP^o. Assim, (64b) parece ser a configuração adequada para os casos de Despojamento com "também".

Exemplificando, uma frase como (66a), será representada como em (66b):

- (66) a. O João vai ao cinema e a Maria **também**



Dado o esquema (60), numa **construção de focalização em que o ST seja nulo**, de acordo com LAKA 1991, o mecanismo de **Reconstrução**, em FL, copia o ST da frase antecedente, para o local do ST Nulo da frase elíptica.

Repare-se, porém, que no caso de Despojamento, para que a estratégia de Reconstrução produza resultados interpretáveis é preciso assegurar que ela não copia indiscriminadamente todos os elementos lexicalmente realizados presentes no ST da frase antecedente – veja-se a inadequação de (67b) para dar conta da representação de FL de (67a):

(67) a. O João vai ao cinema e a Maria também

b. * [_{SΣ} [_{ST} O João vai ao cinema]] e [_{SΣ} [a Maria]
 [_{SΣ} [_S·também [_S· [_{S°} -] [_{ST} O João vai ao cinema]]]

É, com efeito, necessário captar que, na frase elíptica, o constituinte na posição-A' de especificador de SΣ funciona como um operador que prende uma posição vazia (interpretada como uma variável) no interior do ST reconstruído. Veja-se (68):

(68) [$S\Sigma$ [S_T O João vai ao cinema]] e [$S\Sigma$ [**a Maria**]₁ [S ·também
[S · [S^0 -] [S_T [-]]₁ vai ao cinema]]

Assim, o mecanismo de Reconstrução deve ser formulado de forma a que só sejam copiados os elementos do ST cujos valores não se encontrem explicitamente fixados na frase elíptica, ou seja, todos os elementos excepto os lexicalmente realizados na Projecção $S\Sigma$ '(23).

Em suma, o tratamento proposto em LAKA 1991 para certas estruturas de focalização em Espanhol parece dar adequadamente conta de Despojamento em Português.

2.2. A posição de especificador de $S\Sigma$ e Despojamento em Contextos de Extracção Simultânea e de Extracção Paralela

Vimos na secção anterior que, em Despojamento, o sintagma focalizado ocupava a **posição de especificador de $S\Sigma$** .

Com base em exemplos como (69) e (70), inferimos que essa posição contava como um **elo potencial de uma cadeia-A'** encabeçada por um sintagma interrogado em especificador de $S\text{COMP}$ – veja-se a impossibilidade de o constituinte interrogado co-ocorrer com um sintagma focalizado distinto:

(69) a. Que rapaz foi ao cinema hoje e **que rapariga** não? (= (58a))
b. A que cinema foi a Maria e a **que teatro** também? (= (58b))

(70) a. * Que livro deu a Maria ao Pedro @ [**que livro**] [ao
António] também?
b. * A que teatro foi o João mas [**a que teatro**] [**a Maria**]
não ? (= (55))

A aproximação entre (69) e (70) sugere que a agramaticalidade dos exemplos (70) se deve a uma infracção do Princípio da Categoria Vazia motivada pela **Minimalidade Relativizada**. Por outras palavras, o sintagma lexicalmente realizado é um antecedente potencial para o vestígio do sintagma interrogado em especificador de SCOMP, que o impede de reger por antecedente o seu vestígio⁽²⁴⁾.

Essa infracção ocorre em FL uma vez estabelecido o conteúdo do ST Nulo por Reconstrução.

Confrontemos, com efeito, as representações de Estrutura-S e de FL do membro coordenado elíptico em (69b) e (70b):

- (71) a. A que cinema foi a Maria e a **que teatro** também? (= (69b))
 b. ... e [sCOMP₂ a que teatro₁ [COMP· [COMP⁰-] [s_Σ v₁ [x·também [x⁰-] [sT-]]]]]] (Estrutura-S)
 c.e [sCOMP₂ a que teatro₁ [COMP⁰-] [s_Σ v₁ [x·também [x⁰-] [sT₂ Maria [T·cT⁰ v] [sAC [AC⁰ v] [sV [V⁰ v] v₁]]]]]]]] (FL)⁽²⁵⁾
- (72) a. * A que teatro foi o João mas [a que teatro] [a Maria] não? (= (70b))
 b. * ... mas [sCOMP₂ a que teatro [COMP· [COMP⁰-] [s_Σ a Maria [x·[x⁰não] [sT-]]]]]] (Estrutura-S)
 c. * ... mas [sCOMP₂ a que teatro₁ [COMP⁰-] [s_Σ a Maria_J [x·[x⁰não] [sT [-]]_J [T·[T⁰ v] [sAC [AC⁰ v] [sV [V⁰ v] v₁]]]]]]]] (FL)

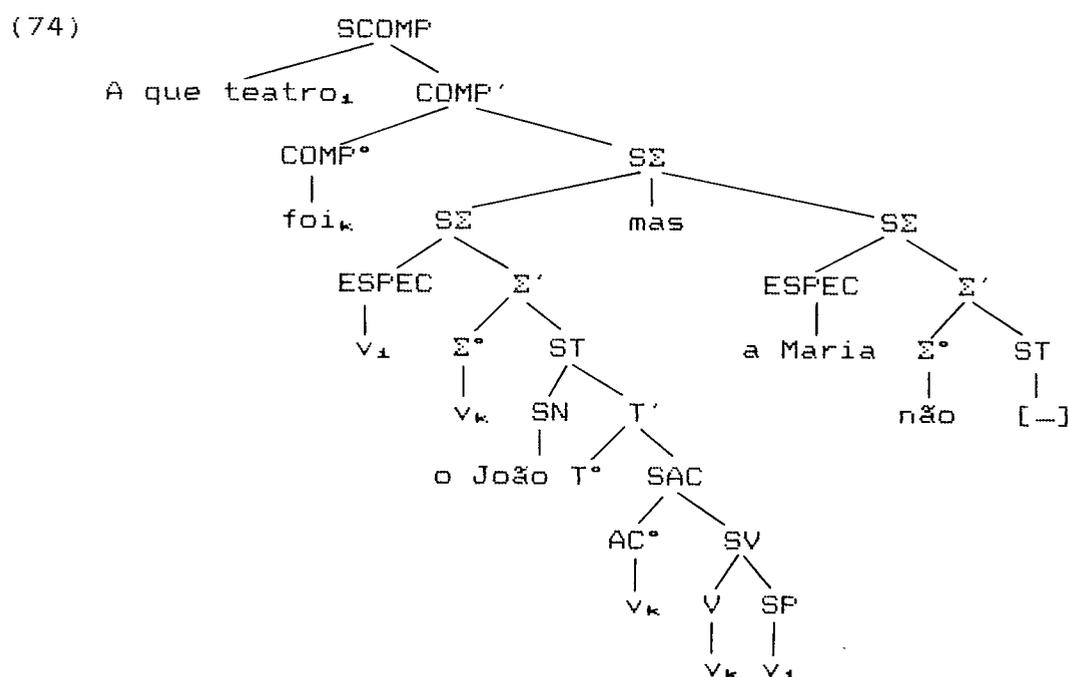
As representações estruturais em (71) e (72) diferem apenas pelo facto de, em (71), mas não em (72), o sintagma interrogado

poder ocupar a posição de especificador de S Σ no seu "trajecto" para especificador de SCOMP. Com efeito, em (72), essa posição encontra-se ocupada pelo sintagma focalizado⁽²⁶⁾.

Todavia, frases como (73) parecem pôr em causa esta explicação – na verdade, em (73) o sintagma interrogado co-ocorre com um sintagma focalizado distinto:

- (73) a. **Que livro** deu a Maria ao Pedro e **ao António** também?
 b. **A que teatro** foi a Maria mas **a Teresa** não?

As frases (73), exibem **Extracção Simultânea** (ing. Across the Board), ou seja, em ambos os membros coordenados o mesmo sintagma é interrogado e extraído em simultâneo para uma única projecção SCOMP. Assim, uma frase como (73b) terá a seguinte representação de Estrutura-S:



Omitindo o primeiro membro coordenado, a representação de FL

de (73b) será a seguinte:

(75) [_{SCOMP} A que teatro₁ [_{COMP'} [_{COMP°} foi] [_{SΣ} [_{SΣ1}...]] mas
 [_{SΣ2} a Maria₁ [_{S'} [_{S°} não] [_{ET} [-]]₁ [_{T-C}T° V] [_{SAC} [_{AC°} V]
 [_{SV} [_{V°} V] v₁]]]]]]]]]

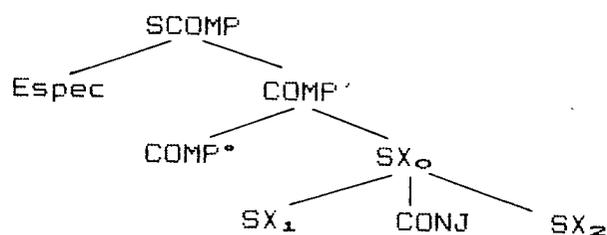
Esta representação mostra que, nos casos de **Extracção Simultânea**, a posição de **especificador de SΣ**, ainda que preenchida por um sintagma lexicalmente realizado, não conta para efeitos de **Minimalidade Relativizada**.

Encontramo-nos, pois, perante um **impasse**: a agramaticalidade de (70) parece indicar que a posição de especificador de SΣ conta para Minimalidade Relativizada; a gramaticalidade de (71) sugere o contrário.

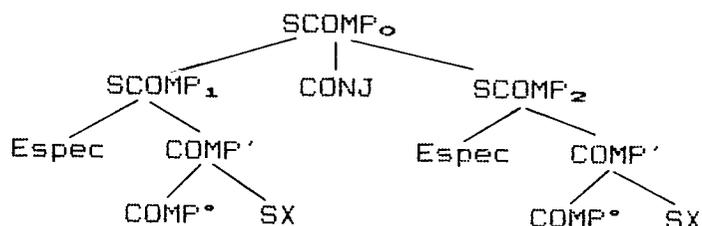
Uma **hipótese de solução** desta contradição pode ser encontrada na própria estrutura dos constituintes coordenados.

Como vimos, as frases (73) apresentam Extracção Simultânea. Pelo contrário, os exemplos (69) e (70) manifestam o que designarei por "**Extracção Paralela**", i.e., em cada um dos membros coordenados, uma instância do mesmo constituinte interrogado é movida para um SCOMP autónomo. Os seguintes esquemas põem em confronto estas configurações:

(76) a. Extracção Simultânea



b. Extracção Paralela

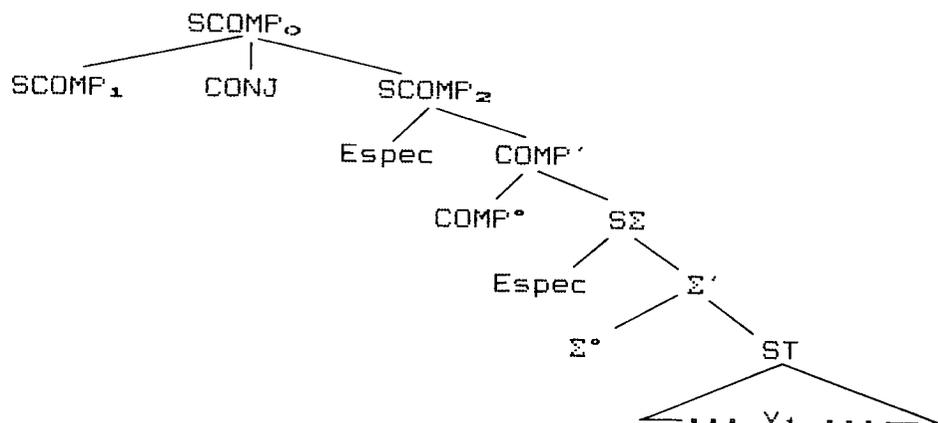


Retomemos a análise dos exemplos (69b) e (70b), aqui repetidos por conveniência de exposição:

- (77) a. A que cinema foi a Maria e a **que teatro** também? (= (69b))
 b. * A que teatro foi o João mas [a **que teatro**][a Maria] não? (= (70))

Nestes exemplos, representativos de Extracção Paralela, cada cadeia-A' encabeçada por um constituinte interrogado ocorre num único domínio frásico, i.e., numa frase simples, como ilustrado em (77c), para o membro coordenado elíptico:

(77) c.

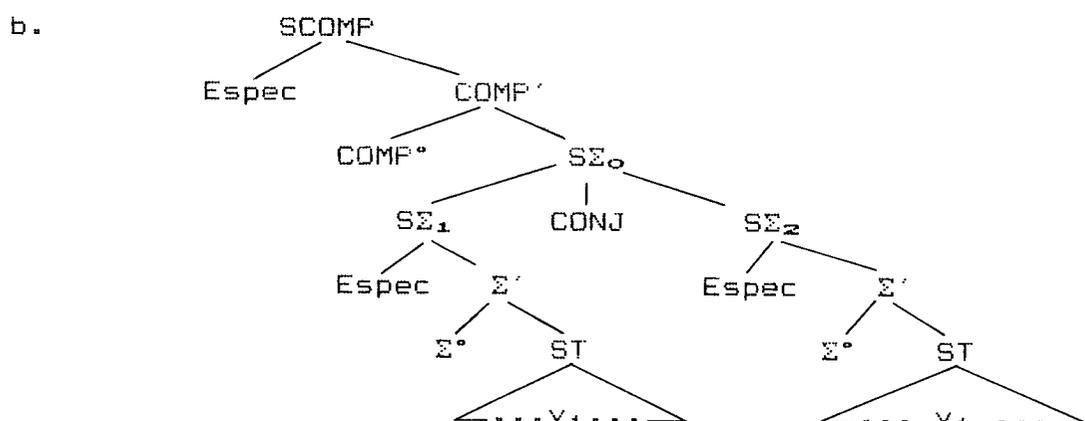


Ora é usual admitir-se que, no interior de uma frase simples o Movimento dos sintagmas interrogados é sempre local, i.e., na cadeia formada pelo sintagma interrogado em especificador de SCOMP, cada elo tem de reger por antecedente o seu vestígio. Assim sendo, como esperado, a Minimalidade Relativizada

actua(27).

Pelo contrário, nos casos de Extracção Simultânea, a Projecção SCOMP é externa aos domínios frásicos que a partilham – estamos perante **frases complexas** (cf. (78)):

(78) a. **Que livro** deu a Maria ao Pedro e **ao António** também?
 (= (73a))



Deste modo é plausível admitir que em frases como (73), ilustrativas de Extracção Simultânea, **Movimento-Q longo** operou, i.e., o constituinte interrogado é extraído para uma posição de especificador de SCOMP que domina não só o seu domínio frásico local, mas também toda a frase complexa. Por outras palavras, estou a assumir, como é, aliás, usual, que o Movimento-Q longo se processa apenas em casos em que mais de um domínio frásico se encontra presente.

Os exemplos (73) apresentam condições para que Movimento-Q longo se possa verificar produzindo frases gramaticais: dado que o sintagma interrogado é interpretado como o complemento do verbo principal, o seu vestígio é formalmente legitimado por regência estrita do núcleo verbal; por sua vez, o conteúdo deste vestígio é fixado por ligação – recorde-se que o Princípio C da Teoria da

Ligação (cf. capítulo 1 deste trabalho) apenas requer que a variável seja livre no domínio do seu operador. Este requisito é satisfeito dado que o sintagma em especificador de S Σ não liga a variável.

Assim esta análise faz a seguinte previsão: quando em contextos de Extracção Simultânea, Movimento-Q longo se verifica, o sintagma em especificador de S Σ , não pode coincidir com o sintagma interrogado, pois, se assim acontecesse, produzir-se-ia uma infracção do Princípio C da Teoria da Ligação.

O contraste de gramaticalidade entre os exemplos (79), manifestando Extracção Paralela, e os exemplos (80)–(81), exibindo Extracção Simultânea, confirmam esta previsão:

(79) a. Quem leu esse livro e quem não?

b. Que livros leu o Pedro e que livros não?

(80) a.* Quem leu esse livro e não?

b.*[$\text{scOMP}[\text{Quem}_i]$ leu esse livro e [$\text{sx}[-]_i$ não [$\text{st}\dots v_1\dots$]]
(representação de FL de (80a))

(81) a. * Que livros leu o Pedro e não?

b'.*[$\text{scOMP}[\text{Que livros}]$ leu o Pedro e [$\text{sx}[-]_i$ não [$\text{st}\dots v_1\dots$]]
(representação de FL de (81a))

Do mesmo modo, a análise acima apresentada prevê ainda que, quando Despojamento ocorre em configurações de **Extracção Simultânea em que Movimento-Q longo não opera**, a **Minimalidade Relativizada se faz sentir**. Como (82) ilustra, esta previsão parece igualmente verificar-se:

(82) * Como leu a Maria esse livro e o João também?

Com efeito, de acordo com KOOPMAN e SPORITICHE 1988 e RIZZI 1990, não podem ser alvo de Movimento-Q constituintes que não possuam uma relação temática referencial (é, por exemplo, o caso dos adjuntos de modo)⁽²⁸⁾. Dado o seu estatuto não-referencial, esses constituintes não poderiam identificar por Ligação os seus vestígios.

Recapitulando: a possibilidade de Despojamento, em contextos de Extracção Simultânea, poder exibir um sintagma interrogado distinto do sintagma focalizado decorre do facto de Movimento-Q longo se aplicar. Para que Movimento-Q longo se verifique é necessário que o constituinte movido receba uma relação temática referencial e que mais de um domínio frásico se encontre presente.

Tendo em vista estes requisitos, uma última questão se coloca: porque é que frases como (83) são mal-formadas?

(83) * **Que livro** leu a Maria e [**que livro** a Ana acha [**que a Teresa não**]]?

Em (83) estamos perante um caso de Extracção Paralela em que o segundo membro coordenado comporta mais de um domínio frásico. A agramaticalidade de (83) mostra, contudo, que Movimento-Q longo não pode operar. Uma análise da representação de FL a atribuir a esta frase permite-nos, contudo, dar conta desta impossibilidade:

(84) * ... e [_{COMP1} [que livro]₁ a Ana acha [_{COMP2} [] [_{COMP} [_{COMP⁰} que][S_S a Teresa não [ST ...v₁...]]]]]

Como (84) mostra, o sintagma interrogado não pode ser alvo de Movimento-Q longo, porque no seu domínio frásico local existe uma posição de especificador de SCOMP disponível (a posição de especificador de SCOMP2).

Assim sendo, em (84), o sintagma interrogado está sujeito a Movimento local. Porém, a presença do especificador de S Σ , impede que o sintagma interrogado reja por antecedente o seu vestígio e, consequentemente o identifique.

Em suma:

O contraste de gramaticalidade entre os exemplos (69)-(70) e (71) pode ser explicado no âmbito da análise de Despojamento proposta na secção anterior. De acordo com esta análise, a posição de especificador de S Σ conta como uma posição-A' para a Minimalidade Relativizada.

Em contextos de Extracção Simultânea esses efeitos não se fazem sentir sempre que Movimento-Q longo pode operar – ou seja, quando o constituinte interrogado está associado a uma posição temática referencial.

Em contextos de Extracção Paralela a Minimalidade Relativizada actua, pois o Movimento-Q é sempre local: (i) ou o membro coordenado exibindo Despojamento corresponde a uma frase simples; (ii) ou, integra uma oração completiva que apresenta disponível a posição de especificador do SCOMP que domina imediatamente a projecção S Σ .

2.3. Despojamento e Respostas Fragmentárias como construções de foco estruturalmente diversas

A análise a que procedemos na secção 2.1. levou-nos a incluir **Despojamento entre as construções de Focalização.**

Entre as **construções de Foco** que Laka se propõe analisar em termos da Projecção SZ, encontram-se as **Respostas Fragmentárias**, ilustradas, para o Português, por exemplos como (85):

(85) A: Onde vai o Pedro hoje?

B: **Ao cinema**

Recorde-se que, no capítulo 3 (cf. secção 3.1.2.), procurámos distinguir esta construção de Despojamento. Se a análise de LAKA 1991 se aplicar ao Português, a motivação para distinguir as Respostas Fragmentárias de Despojamento é seriamente posta em causa. Tentarei, contudo, mostrar que o tratamento de Laka é inadequado aos dados do Português.

Laka propõe para uma frase como (85B) a seguinte **representação de Estrutura-S:**

(86) [~~ex~~ ao cinema [~~x~~ af [~~er~~ -]]]

(cf. LAKA 1991, (32), p. 25)

Segundo Laka, em FL, o mecanismo de **Reconstrução**, copia a estrutura do **ST da frase interrogativa** correspondente para a posição do **ST Nulo da frase elíptica.**

Se atribuirmos a (85.A) a representação sintáctica em (87.A), (85.B) terá a representação de FL explicitada em (87.B), em que o constituinte copiado se encontra a negrito:

(87) A: [_{COMP} Onde₁ [_{COMP} vai₂ [_{ST} O Pedro v₃ [_{SAC} v₃ [_{SV} v₃ v₁ hoje]]]]]

B: [_{SZ} ao cinema₁ [_Z af [_{ST} O Pedro v₃ [_{SAC} v₃ [_{SV} v₃ v₁ hoje]]]]]]]

Como Laka salienta, em (87.B), o **vestígio do constituinte interrogado** (cf. v₁, em (87)) é ligado em FL pelo constituinte focalizado. Assim sendo, a categoria vazia é adequadamente identificada.

Se aceitarmos que o constituinte copiado em FL é o ST, encontramos-nos perante o **problema da identificação do vestígio do verbo** (em (87), v₃). Todavia, a gramaticalidade de (85.B) mostra que essa identificação se verifica. A solução deste problema pode ser facilmente encontrada se assumirmos que em FL, T°, na sua qualidade de operador frásico tem de ter escopo sobre todo o seu domínio oracional (cf. PESESTKY 1982, STOWELL 1981) e, conseqüentemente, se desloca para a posição de Núcleo mais cimeira deste domínio. Assim, em (87b), formar-se-ia a seguinte cadeia-X° (<29>):

(88) [_Z° T°]₁ – [_T° v]₂ – [_{AC}° v]₃ – [_V° v]₄

Contudo, **apesar de viável**, a análise de LAKA 1991 **não dá satisfatoriamente conta das Respostas Fragmentárias em Português**.

Com efeito, se o **esquema estrutural** proposto em LAKA 1991 é particularmente adequado a **Despojamento** é porque, embora inclua esta construção nas **construções de Foco marcado**, permite, simultaneamente, atribuir-lhe a **configuração de uma estrutura predicativa**.

2. Acho que é ao cinema
- c. 1. * Acho que ao cinema (,) vai
2. * Acho que ao cinema (,) é

Como salientado em AMBAR 1988 (cap.7), a possibilidade de paráfrases como (90b), sugere que nas Respostas Fragmentárias um verbo elíptico antecede o constituinte focalizado. Contudo, o **esquema de estrutura frásica** proposto em LAKA 1991 é incapaz de captar a presença de um verbo antecedendo o constituinte focalizado:

- (92) a. [_{ST} [_{ESP} O João] [_Σ [_{Σ°} [v°-]]] [_{ST} -]]
- b. [_{ST} [_{ESP} Ao cinema] [_Σ [_{Σ°} [v°-]]] [_{ST} -]]

Na verdade, como ilustrado em (92), na posição de Σ° , o verbo (elíptico) segue o constituinte focalizado. Podemos, pois, concluir que a análise de LAKA 1991 é inadequada para dar conta das Respostas Fragmentárias. Consequentemente, podemos manter que **Despojamento e Respostas Fragmentárias são construções estruturalmente distintas.**

Várias soluções podem ser consideradas para resolver a questão das Respostas Fragmentárias. Sugerirei, sucintamente, duas hipóteses de representação destes enunciados. Qualquer destas hipóteses admite que os constituintes focalizados são focos sintacticamente legitimados⁽³⁰⁾, que se encontram em posições internas ao ST.

Segundo a primeira hipótese, sugerida em AMBAR 1988, as representações de Estrutura-S das Respostas Fragmentárias em (93) e (94), seriam, respectivamente, as explicitadas em (95a) e

(95b):

(93) – Quem vai ao cinema?

– O João

(94) – Onde vai o João?

– ao cinema

(95) a. [_{ST} OP_i [_{EN} PRO] [_T·[_T⁰ [_V⁰–]_K...O João [_{SV} V_K [_{SP} V_i]]

b. [_{ST} OP_i [_{EN} V_i] [_T·[_T⁰ [_V⁰–]_K...[_{SV} V_K [_{SP}ao cinema]]]

Nas representações (95), o verbo elíptico é uma réplica do verbo principal da pergunta. Em (95a), o sujeito lexicalmente realizado, interpretado como um foco estrutural, é sintacticamente legitimado por regência canónica do verbo. Ocupa, pois, uma posição pós-verbal. A posição do complemento do verbo é preenchida por uma variável ligada por um operador nulo em posição de tópico marcado. Note-se que esta última propriedade pode eventualmente explicar os efeitos de ilha manifestados por esta construção (cf. capítulo 3, secção 3.1.2.).

Em (95b), o constituinte focalizado permanece na sua posição básica, onde é canonicamente regido pelo verbo. O constituinte nulo topicalizado, corresponde agora ao sujeito frásico.

Assim, Respostas Fragmentárias em (95) poderiam ser parafraseadas pelas seguintes frases não elípticas:

(96) a. Ao cinema, vai o João

b. O João, vai ao cinema

Contudo, tendo em vista as paráfrases em (97.B.2) e (98.B.2), é possível uma análise alternativa das Respostas

Fragmentárias:

(97) A: Quem vai ao cinema?

B: 1. Os rapazes

2. **São** (* é) os rapazes

(98) A: Onde vão os rapazes?

B: 1. Ao cinema

2. **É** ao cinema

De acordo com esta alternativa, como salientado por Inês Duarte (comunicação pessoal), as Respostas Fragmentárias devem ser analisadas como estruturas identificacionais ou predicativas.

Nos exemplos (97.B.2) e (98.B.2), a **concordância verbal** é determinada ou pelo **sintagma explicitado**, quando este pode ser interpretado como o sujeito (cf. (97.B.2)), ou por um **SN nulo da terceira pessoa do singular** (cf. (98.B.2)).

Assim, (99) é uma primeira aproximação das representações de Estrutura-S a atribuir às Respostas Fragmentárias em (97) e (98):

(99) a. [_{ET} [_{EN} pro] [_T· [_T^o [_V^o-]₁]₁]...os rapazes]_J [_{EV} v₁ [_{SAC} v_J [_{EN} pro]]]]]] (cf. (97))

b. [_{ET} [_{ET} [_{EN} pro]₁] [_T· [_T^o [_V^o-]_J]_J]...[_{EV} v_J [_{SAC} v₁ ao Cínema]]]]] (cf. (98))

Em (99) [_V^o-] deve ser interpretado como uma forma de "ser", um verbo que subcategoriza uma oração pequena (veja-se em (99) SAC). Nesta oração pequena, apenas um constituinte aparece lexicalmente realizado: ou o SN sujeito (cf. (99.a)) ou o sintagma predicado (cf. (99.b)). O constituinte nulo da oração

pequena é interpretado como um *pro*, i.e., um elemento pronominal regido, e tem por referente a frase interrogativa antecedente.

Em Estrutura-S, quando o sujeito coincide com o constituinte foneticamente realizado, permanece em posição pós-verbal (cf. "os rapazes" em (99.a)). Porém, quando o elemento focalizado não é o sujeito, este pode encontrar-se na posição pré-verbal de sujeito frásico, (cf. *pro* em (99.b))⁽³¹⁾.

Sumariando:

Em Português, as Respostas Fragmentárias não são adequadamente analisadas em termos da Projecção S Σ , como proposto em LAKA 1991, para o Espanhol. Com efeito, em Português, esta construção não apresenta uma configuração estrutural Especificador-Predicado.

Assim, Despojamento e Respostas Fragmentárias devem ser consideradas como duas construções de focalização diferentes.

3. A Distribuição de Despojamento e as suas Condições de Legitimação e de Identificação

Nesta secção procurar-se-á estabelecer as condições de legitimação formal e de identificação do conteúdo da categoria elíptica em Despojamento (cf. secção 3.2.). Como uma etapa prévia ao estabelecimento das referidas condições, proceder-se-á, na secção 3.1., à determinação do factor responsável pela distribuição desta construção.

3.1. Distribuição de Despojamento e Movimento de Operador

3.1.1. T° como o operador movido

Como vimos no capítulo 3 (cf. secções 2.1. e 3.1.1.), a construção de Despojamento exhibe efeitos de ilha. Recordem-se os exemplos ilustrativos:

(100) a. Ilha do Sujeito Frásico:

* A Maria sabe Inglês, mas [**SCOMP** que o Pedro não [**ST-**]]
é possível

b. Ilha do SN Complexo em orações relativas:

* O João fala Japonês e eu tenho [**SN** um aluno [**SCOMP** que
também [**ST-**]]]

c. Ilha do SN Complexo em orações completivas de nome:

* O João está doente mas a Maria não admite [**SN** a
hipótese de [**SCOMP** (que) ela também [**ST-**]]]

d. Ilha-Q:

* O João não vai ao cinema hoje e a Maria perguntou
[**SCOMP** quem sim [**ST-**]]

e. **Ilha da Frase Adjunto**⁽³²⁾:

- * O João tem posto os livros na estante [**secomp** sempre
que a Maria não [**et-**]]

Estas propriedades sugerem que em Despojamento se verifica **movimento de operador**.

Consideremos os elementos que na construção de **Despojamento** podem ser caracterizados como **operadores**.

Em primeiro lugar, porque ocupa a posição-A' de especificador do S Σ , é analisável como operador, o **constituente focalizado** alvo de predicação por parte da expressão elíptica comentário. Com efeito, como (101b) mostra, este constituinte pode sofrer movimento:

- (101) a. O João disse que ia ao cinema hoje e a Maria replicou
imediatamente que **a Teresa** também [**et-**]
b. O João vai ao cinema hoje e **a Teresa**₁, a Maria acha que
v₁ também

Forém, não podemos imputar os efeitos de ilha presentes na construção de Despojamento ao constituinte focalizado, porque, nos exemplos ilustrativos (cf. (100)), **não é o seu afastamento relativamente à frase elíptica que está em questão**. Na verdade, o que parece afectar a gramaticalidade das frases é **a distância entre frase antecedente e frase elíptica**.

Do mesmo modo, não é possível atribuir os efeitos de ilha aos **operadores de denotação predicativa** "não", "também", "sim", pois ocorrem sempre em adjacência estrita relativamente à categoria elíptica (cf. (102)):

(102) O João não vai ao cinema hoje, e a Ana declarou que **também não** [ST-]

A exclusão de Despojamento dos contextos de ilha não pode igualmente decorrer do **movimento em FL da expressão predicado nula**.

As expressões predicado, nulas ou lexicalmente realizadas, têm sido analisadas em FL como estando sob o escopo do **operador lambda**, que converte o predicado e os seus argumento internos num predicado mais amplo a ser saturado pelo argumento externo⁽³³⁾.

Porém, a hipótese de o operador lambda ser responsável pelos efeitos de movimento de operador na construção de Despojamento deve ser rejeitada. Com efeito, como os exemplos em (103) mostram, a construção de **SV Nulo**, tipicamente analisada em termos de cálculo lambda pelos diversos linguistas que sobre ela se debruçaram (cf., por exemplo, SAG 1976, WILLIAMS 1977, BACH e PARTEE 1984), **não é sensível a contextos de Ilha**:

- (103) a. O João **foi ao cinema hoje** e a Maria admitiu [SN a hipótese de [SCOMP (ela) também ir[sv-]]]
(SN Complexo em frases completivas)
- b. O João **tem ido ao cinema ultimamente** e a Maria tem [SN um irmão [SCOMP que também tem [sv-]]]
(SN Complexo em frases relativas)
- c. O João **foi ao cinema hoje** e a Maria pergunta-se [SCOMP que outro rapaz também foi [sv-]]
(Ilha-Qu)
- d. O João não **tem ido ao cinema** [SP sem [SCOMP que a Maria

também **tenha** [ev-]]] (Frase Adjunto)

Uma hipótese plausível é atribuir esses efeitos de ilha à **extracção** do T°, o núcleo do ST Nulo⁽³⁴⁾. De facto, tem sido frequentemente sugerido na literatura que **Tempo Gramatical**, enquanto operador frásico, **tem de se elevar em FL para COMP°** a fim de ter escopo sobre todo o domínio oracional (cf. STOWELL 1981, 1982, e PESETSKY 1982).

Dois **argumentos** favorecem a hipótese de a **distribuição de Despojamento** se prender directamente com os contextos de legitimação de T° Nulo.

Em **primeiro lugar**, T° Nulo em Despojamento tem de ser interpretado como **idêntico ao T° da frase não elíptica**, antecedente do ST Nulo:

- (104) a. O João **vai** ao cinema hoje, mas [a Maria não
[et...T°...], porque não pode]
- b. * O João **vai** ao cinema hoje, mas [a Maria não
[et...T°...], porque não podia]
- c. * O João **foi** ao cinema, mas [a Maria não
[et...T°...], porque não pode]
- (105) a. O João disse que **ia** ao cinema e a Ana declarou [que ela
também [et...T°...], se pudesse]
- b. * [O João disse que **ia** ao cinema e a Ana declarou [que
ela também [et...T°...], se puder]
- (106) a. O João **vai** ao cinema hoje e [**amanhã** também [et...T°...]]
- b. * O João **foi** ao cinema hoje e [**amanhã** também
[et...T°...]]

Nos exemplos (104a), (105a) e (106a), os adjuntos modificadores do ST Nulo (cf. (104a) e (105a)) ou o constituinte focalizado (cf. (106a)) comportam informações temporais que são conciliáveis com a reconstrução do T° Nulo a partir do T° da frase antecedente – i.e., estes núcleos podem ser interpretados como idênticos. O mesmo não se passa, porém, nos restantes exemplos, que, em consequência disso, são mal-formados.

Em segundo lugar, o movimento de T° é obrigatório sempre que o ST Nulo apresenta **antecedentes remotos**, ou seja, sempre que a frase antecedente não é um nó irmão da frase elíptica. Exemplificando:

- (107) a. [O João tem comprado sempre presentes ao filho no Natal] e [a Maria afirma [que ela também [ST-]]]
b. [O João disse [que não ia ao cinema hoje]] e [a Maria replicou imediatamente [que ela também não [ST-]]]

As frases em (107) são casos de Despojamento com **antecedente remoto**. Com efeito, em (107), entre a oração antecedente, assinalada a negrito, e o ST Nulo, interpõem-se outros constituintes frásicos: em (107a), a construção de Despojamento está incluída numa frase completiva; em (107b), em cada um dos membros coordenados, uma frase completiva se interpõe entre a oração antecedente e a oração elíptica.

O contraste de gramaticalidade entre as frases seguintes mostra que, quando **Despojamento** tem um **antecedente remoto**, só são possíveis frases finitas:

- (108) a. * O João parece não **ir** ao cinema hoje mas a Maria parece **sim** [_{ST-}]
 b. *O João disse **ir** ao teatro hoje e a Maria disse **não** [_{ST-}]
- (109) a. O João parece que não **vai** ao cinema hoje mas a Maria parece que **sim** [_{ST-}]
 b. O João disse que **ia** ao teatro hoje e a Maria disse que (ela) **não** [_{ST-}]

Contudo, quando o ST Nulo tem um **antecedente local**, i.e., quando a frase antecedente e a frase elíptica são nós irmãos, **Despojamento pode ocorrer em frases infinitivas :**

- (110) a. O Pedro [_{ev} pensa [[**falar** nesse filme] e [nessa peça também [_{ST-}]]]]
 b. O João disse [[**ter comprado** muitos livros hoje e [muitas revistas também [_{ST-}]]]]

Esta diferença de comportamento é facilmente explicável se, aceitarmos, como é usual, que **T° só funciona como um operador nas frases finitas**, e que, portanto, só estas exibem movimento de operador⁽³⁵⁾.

Em suma, a hipótese de que, em Despojamento, o movimento de operador deve ser interpretado como Movimento de T° em FL parece ser empiricamente confirmada.

3.1.2. Movimento de T° na frase antecedente

O Movimento de T° não se verifica apenas no membro coordenado que comporta o ST Nulo. **Quando a frase antecedente é uma oração subordinada, a frase complexa que a contém apresenta**

movimento de operador.

Assim, o membro coordenado que comporta a frase antecedente não pode apresentar contextos de ilha:

(111) a. **Ilha do Sujeito Frásico:**

* **[Que a Maria sabe Inglês é óbvio],** mas o Pedro diz que a Maria não [ET-]

b. **Ilha do SN Complexo em SNs com orações relativas:**

* Há muitos alunos que sabem Japonês e a Maria diz que o João também [ET-]

c. **Ilha do SN Complexo em orações completivas de nome:**

* O João espalhou a **notícia de que a Maria está doente** mas a Ana afirma que ela não [ET-]

d. **Ilha-Q**

* O João ignora **que filmes viu a Ana** mas a Maria acha que "Roger Rabbit" [ET-]

A impossibilidade de a frase antecedente se encontrar no infinitivo, permite identificar esse operador como T°:

(112) a. * O João pensou **ir ao teatro hoje** e imaginou imediatamente que ao cinema também [ET-]

b. * O João pensou **ir ao teatro hoje** e imaginou imediatamente ao cinema também [ET-]

(cf. O João pensou **que ia ao teatro hoje** e imaginou imediatamente **que ao cinema também** [ET-])

Em suma, quando Despojamento ocorre em domínios de subordinação, as **frases complexas que incluem a frase antecedente**

e a frase elíptica exibem Movimento de T°.

3.1.3. O local de poiso de T°

Admitindo, de acordo com STOWELL 1981 e PESETSKY 1982, que o lugar de poiso de T° em FL é COMP°, cabe decidir para que COMP° esse movimento se dá.

O facto de **Despojamento com antecedentes remotos** apresentar efeitos de ilha (cf. (100) e (112)), indica que o movimento de T° nesses casos ultrapassa os limites do domínio oracional da frase elíptica e da frase antecedente. Recordem-se dois exemplos:

(114) Ilha do Sujeito Frásico:

- a. * A Maria sabe Inglês, mas [que o Pedro não [ET-]] é possível
- b. * [[Que a Maria sabe Inglês] é óbvio], mas o Pedro diz que a Maria não [ET-]

Por outro lado, o exemplo seguinte mostra que, em Despojamento, a frase antecedente ^{não domina e,} pode não comandar a frase elíptica:

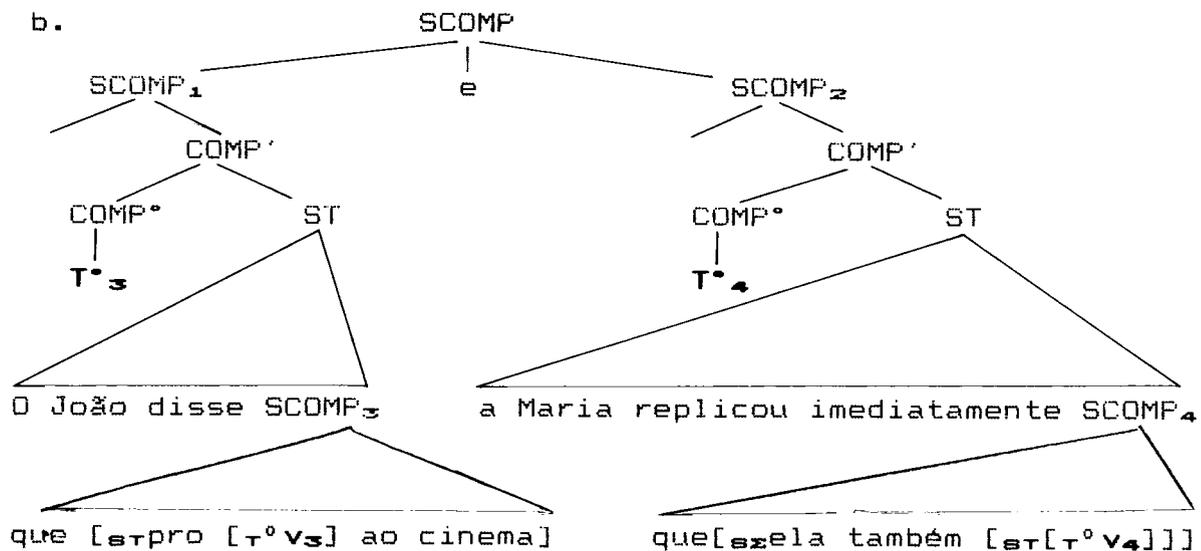
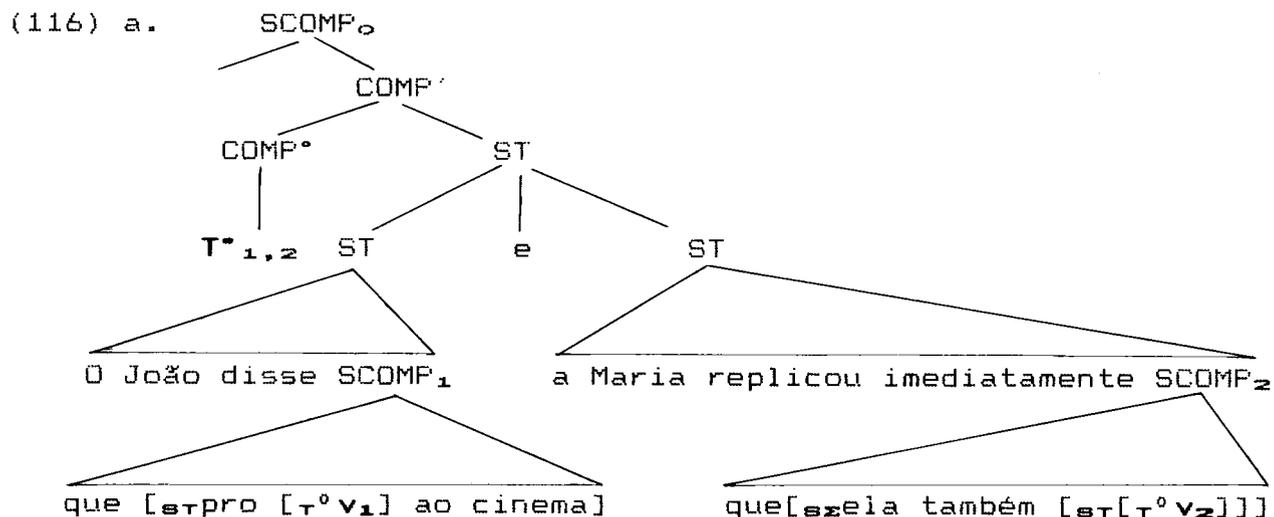
- (115) O João disse [que ia ao cinema hoje] e a Maria replicou imediatamente [que ela também [ET-]]

Este facto exclui a possibilidade de T° Nulo se mover para a frase antecedente do ST Nulo.

Finalmente, dado que o movimento de T° se verifica tanto no membro coordenado que contém a frase antecedente, como no membro coordenado que inclui a frase elíptica devemos concluir que na construção de **Despojamento com antecedentes remotos**, T° em FL se

move para os nós COMP° mais cimeiros das estruturas coordenadas.

Dada uma frase como (115), qualquer das representações em (116) é compatível com esta análise:



Em (116a) T°, alvo de Extracção Simultânea, é colocado na única posição de COMP° disponível. Em (116b), cada instância de T° é movida para uma posição de COMP° autónoma.

Com efeito em (115) estamos perante uma estrutura coordenada. Ora, como vimos na secção 2.2. deste capítulo, nas

estruturas coordenadas, o movimento de operadores pode processar-se por Extracção Simultânea, ou por Extracção Paralela. Na sua qualidade de operador, T° deve, pois, apresentar as mesmas possibilidades de extracção - veja-se, ilustrativamente, casos como (117), em que a presença de T° em COMP° está assinalada pelos elementos a negrito:

- (117) a. [**sCOMP**A que cinema [**COMP**°foi] a Maria] e [**sCOMP** a que teatro[**COMP**° T°] também]? (Extracção Paralela)
- b. [**sCOMP**A que teatro [**COMP**°foi] [**ET** a Maria hoje e a Teresa não]]? (Extracção Simultânea)

Em suma, na construção de Despojamento com antecedentes remotos, o movimento de T° em FL, processa-se, por Extracção Simultânea ou por Extracção Paralela, para o(s) COMP°(s) mais cimeiro(s) da estrutura coordenada.

3.1.4. O Movimento de T° como movimento cíclico sucessivo

Na literatura actual, distinguem-se dois tipos de Ilhas tendo em vista o tipo de Movimento de operador que a elas está sujeito: (i) as **Ilhas Fortes**, representadas pela Ilha do Sujeito Frásico, pela Ilha do SN Complexo e pela Ilha da Frase Adjunto; (ii) e as **Ilhas Fracas**, ilustradas, entre outras, pelas configurações de Ilha-Q e da Ilha Factiva.

Como salientado em CINQUE 1991, enquanto **Movimento-Q longo** apenas está sujeito às Condições de Ilhas Fortes; **Movimento-Q cíclico sucessivo**, cai sob a alçada das Ilhas Fortes e Fracas (cf. CINQUE 1991, cap.1).

Vimos que **Despojamento** é sensível a **Ilhas Fortes**. Os

seguintes exemplos mostram que é igualmente sensível a **Ilhas Fracas**:

(118) **Restrição da Ilha-Q:**

- a. * O João não vai ao cinema hoje e [a Maria **perguntou** [**escomp** quem **sim** [**st-**]]]
- b. * O João viu a Maria no cinema ontem e [a Ana **ignora** /**não sabe**/interroga-se [**escomp** se ela não / também [**st-**]]]

(119) **Restrição da Ilha Factiva**

- a. ??/* O João viu a Maria no cinema ontem e [a Ana **lamenta** /**recorda** [**escomp** que ela não / também [**st-**]]]
- b. ??/* O João não viu a Maria no cinema ontem e [a Ana **lamenta** /**recorda** [**escomp** que no teatro sim / também não [**st-**]]]

Essa sensibilidade manifesta-se tanto no membro coordenado que comporta a frase elíptica (cf. (118) e (119)), como no membro coordenado que contém a frase antecedente (cf. (120) e (121)):

(120) **Restrição da Ilha-Q**

- * [O João **ignora** [**escomp** que filmes viu a Ana]] mas a Maria acha que "Roger Rabbit" não [**st-**]

(121) **Ilha Factiva**

- * [O João **lamenta** [**escomp** que a Maria não tenha comprado esse livro ao Pedro]] e a Ana julga que Luís também não [**st-**]

Devemos, pois, concluir que quando o ST Nulo em Despojamento apresenta antecedentes remotos, o operador T° se desloca por movimento cíclico sucessivo a partir da frase antecedente e da

adicional a favor de o operador movido ser T°. De facto, como salientámos na secção 2.2. deste capítulo, o Movimento Longo apenas é permitido a constituintes que tenham uma relação temática referencial. Ora, dado o seu estatuto de núcleo, T° não é afectado por qualquer relação temática – com efeito, assume-se usualmente na literatura que apenas projecções máximas são θ -marcadas (cf. BAKER 1988, e CHOMSKY 1986a). Assim sendo, **Movimento de T° apenas pode operar de modo cíclico sucessivo, ou seja, de núcleo para núcleo.**

3.1.5. Cadeias-Temporais e Distribuição de Despojamento

No capítulo 3 deste trabalho (cf. secção 3.1), dissemos que Despojamento ocorria sempre em estruturas de **coordenação frásica**, mesmo quando a frase antecedente e a frase elíptica se encontravam inseridas em orações subordinadas.

Atribuímos esta **distribuição** essencialmente ao facto de a oração antecedente e a oração elíptica serem **sensíveis a contextos de ilha**⁽³⁶⁾. De facto, como os exemplos seguintes mostram, quando Despojamento não surge em estruturas coordenadas, a frase antecedente (cf. (124a), (124b) e (124c)) ou a frase elíptica (cf. (124d)) encontram-se inseridas em configurações de ilha.

- (124) a. * [**SN** O facto de [**scOMP** eles terem ido ao cinema ontem]]
 indica que [ao teatro não [**st-**]]
 (**Ilha do SN Complexo** – Completiva de N)
- b. * [**scOMP** Que a Maria tenha trabalhado muito] não prova

que [os seus alunos também [e_r-]]

(Ilha do Sujeito Frásico)

- c. * [e_{comp} Se a Maria tivesse visto esse programa, eu também [e_r-]

(Ilha da Frase Adjunto)

- d. * A Maria tem visto esse programa [e_{comp} sempre que o João não [e_r-]]

(Ilha da Frase Adjunto)

A análise levada a efeito nas últimas secções permite-nos explicar a impossibilidade de Despojamento ocorrer em contextos de Ilha.

Ao deslocar-se de modo cíclico sucessivo, T°, estabelece **cadeias Temporais (cadeias-T)**, que partem da frase antecedente e da frase elíptica e vão até aos nós mais cimeiros da estrutura coordenada. Cada elo de uma **cadeia-T** é um par antecedente-vestigio, que não pode ser separado por uma barreira.

Com efeito, as **cadeias-T** são constituídas por elementos X°, ou seja por elementos que, não possuindo qualquer relação temática, não podem ser legitimados por Regência-θ, nem identificados por Ligação. Assim, nestas cadeias, a **legitimação dos vestígios** do constituinte movido é feita por **Regência Estrita por Núcleo** e a sua identificação, por **Regência por Antecedente**.

Admitindo, como é corrente desde CHOMSKY 1986b, que constituem barreiras à Regência tanto as categorias bloqueadoras, como os regentes mais próximos, o conceito de barreira proposto em CINQUE 1991 (cf. (125)), e o conceito de Minimalidade Relativizada de RIZZI 1990 (cf. (126)), permitem-nos explicar a

exclusão de Despojamento dos diferentes contextos de ilha.

(125) Definição de Barreira para Regência:

Toda a projecção máxima que não seja directamente seleccionada por uma categoria não-distinta de [+V] é uma barreira para a Regência

(CINQUE 1991, (113), cap.1, p.42)

(126) Minimalidade Relativizada

X α -rege Y se não houver nenhum Z tal que

(i) Z é um α -regente potencial para Y e

(ii) Z c-comanda Y e não c-comanda X.

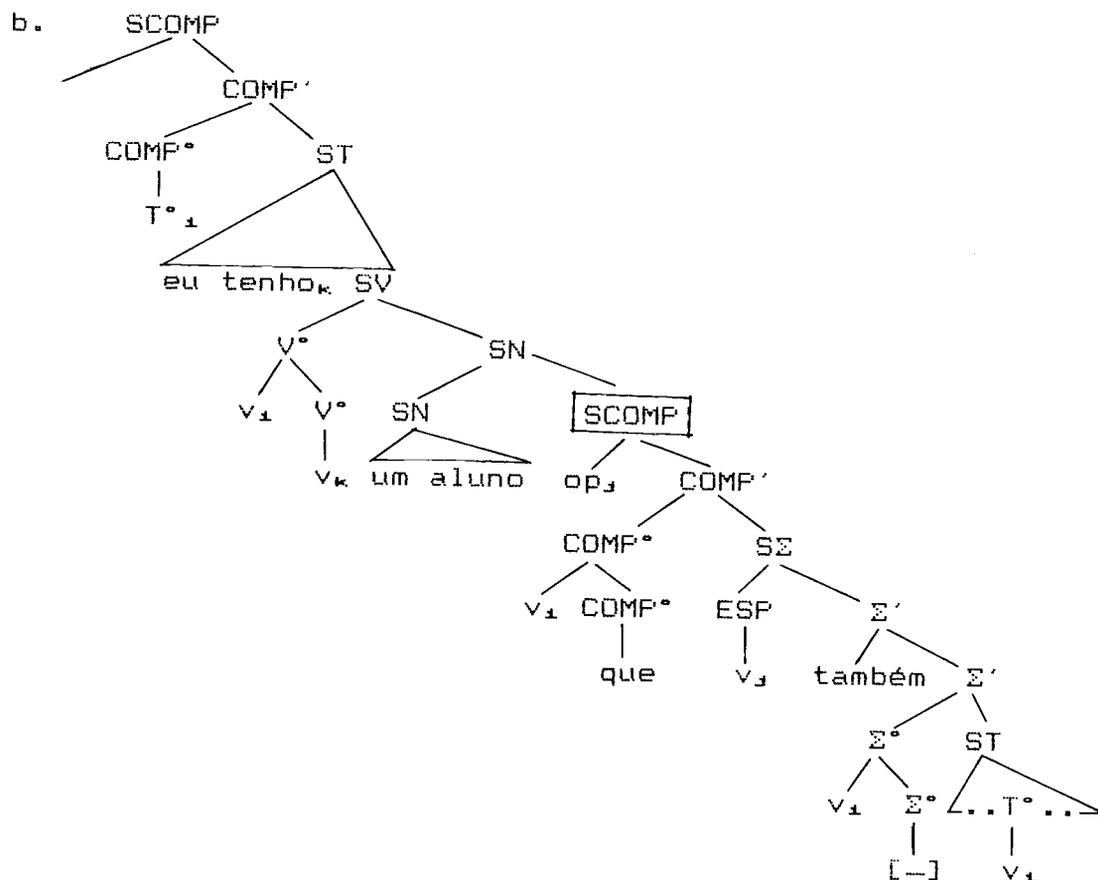
em que α =núcleo/antecedente.

(cf. RIZZI 1990, (15), cap.1, p.7)

Partindo destes conceitos, procederei, ilustrativamente, à análise dos efeitos de ilha presentes na construção de Despojamento.

Consideremos, as manifestações de **Despojamento** em configurações de **SN Complexo em frases relativas**⁽³⁷⁾:

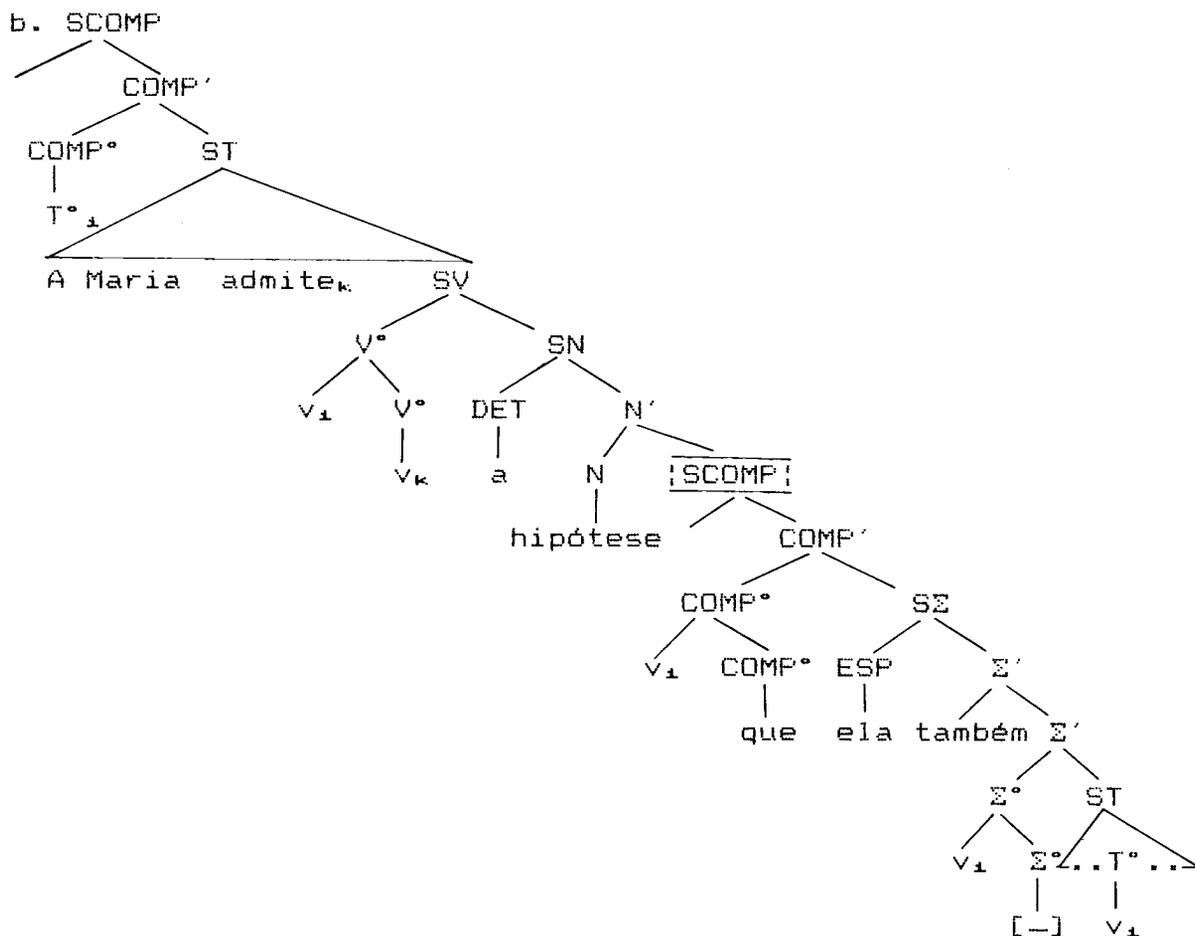
(127) a.* O João fala Japonês e eu tenho [em um aluno que também]



Como a representação (simplificada) em (127) mostra, Despojamento está excluído de estruturas de SN Complexo em frases relativas porque a cadeia-T não se pode formar. De facto, o Movimento Núcleo a Núcleo de T° é interrompido pela barreira SCOMP da frase relativa que não é L-marcada – as orações relativas não são seleccionadas como complementos de um núcleo.

Vejamos, seguidamente, os casos de Despojamento em estruturas de SN Complexo em frases completivas de nome:

(128) a. * O João está doente e a Maria admite [em a hipótese que ela também]



Nos casos de SN Complexo com completivas de nome, a cadeia-T é igualmente quebrada: a frase completiva é subcategorizada e directamente θ -marcada por N°; porém, este núcleo não pode ser caracterizado pelo traço [+V]. Assim, o seu complemento constitui uma barreira (cf. o conceito de barreira em (125)).

Debrucemo-nos sobre as ocorrências de **Despojamento** em contextos de **Ilha-Q**.

Nos exemplos que envolvem movimento de sintagmas interrogados, como (128), os efeitos de ilha-Q são atribuídos a

infracções da Minimalidade Relativizada provocados pelo sintagma em especificador de SCOMP da oração subordinada.

(129) * **Como** perguntou o João **quem** se portou **v** no Festival?

Obviamente, esta explicação não se aplica aos casos de Movimento-T° em Despojamento. De facto, "quem", sendo uma projecção máxima, não interfere na cadeia-X° do operador T°.

Consideremos uma frase como (130):

(130) * O João não vai ao cinema hoje e a Maria perguntou
[**scomp quem sim**]

Dado que o SCOMP da frase interrogativa não é uma barreira, pois é directamente θ -regido pelo verbo que o subcategoriza, a agramaticalidade de (130) deve ser atribuída às propriedades de COMP°.

Consideremos, como é usual, que, nas frases interrogativas, COMP° está preenchido com os traços [+Q]. Admitamos que um COMP° com esses traços não pode albergar um vestígio de T°. Nestas circunstâncias, a Minimalidade Relativizada actua e a cadeia-T não pode ser estabelecida.

O contraste de gramaticalidade dos seguintes exemplos confirma esta hipótese:

- (131) a. O João vai ao cinema hoje mas a Maria disse [**scomp que** a Ana não [**et-**]]
b. * O João vai ao cinema hoje e a Maria perguntou [**scompse** a Ana não [**et-**]]

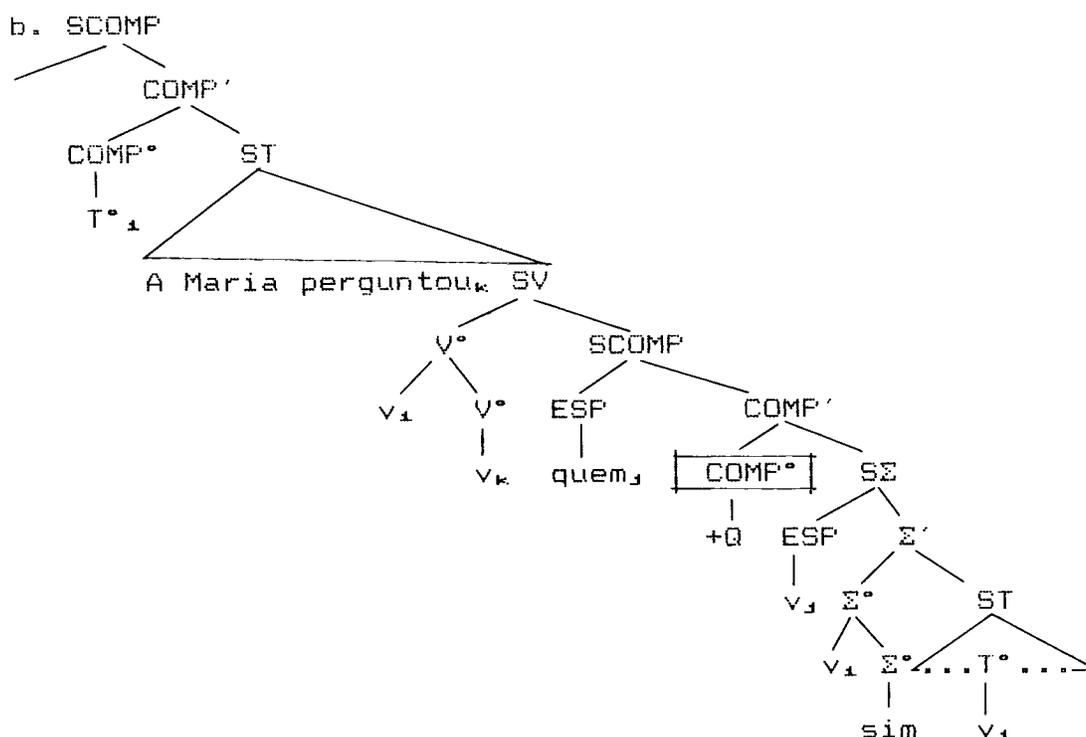
As frases em (131) exibem Despojamento. Diferem quanto ao

complementador seleccionado. Como (131b) mostra, a escolha do complementador interrogativo induz agramaticalidade.

Assim, a agramaticalidade de (130) deve ser atribuída a um efeito de Minimalidade Relativizada, como ilustrado na seguinte representação:

(132) a. * O João não vai ao cinema hoje e a Maria perguntou

[*escomp quem sim*]

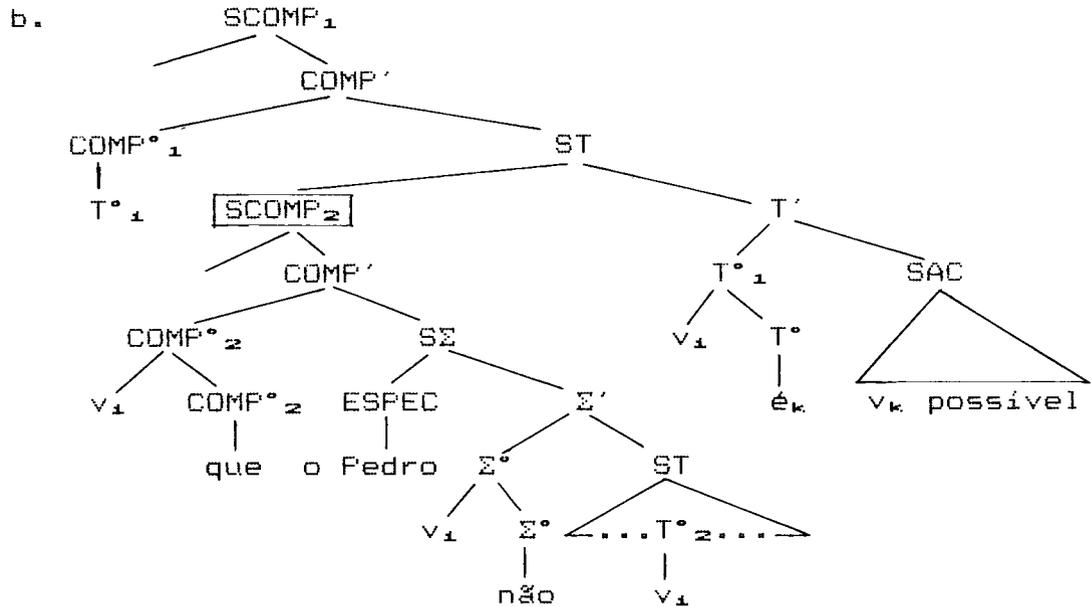


Em (132) a cadeia-T é quebrada. A intervenção do COMP° interrogativo impede que o vestígio de T° em Σ° seja regido por Antecedente por um elemento em V°.

Consideremos, seguidamente, os casos de Despojamento que exibem efeitos de Ilha do Sujeito Frásico:

(133) a. * A Maria sabe Inglêss, mas [[que o Pedro não [*esr-*]] é

possível



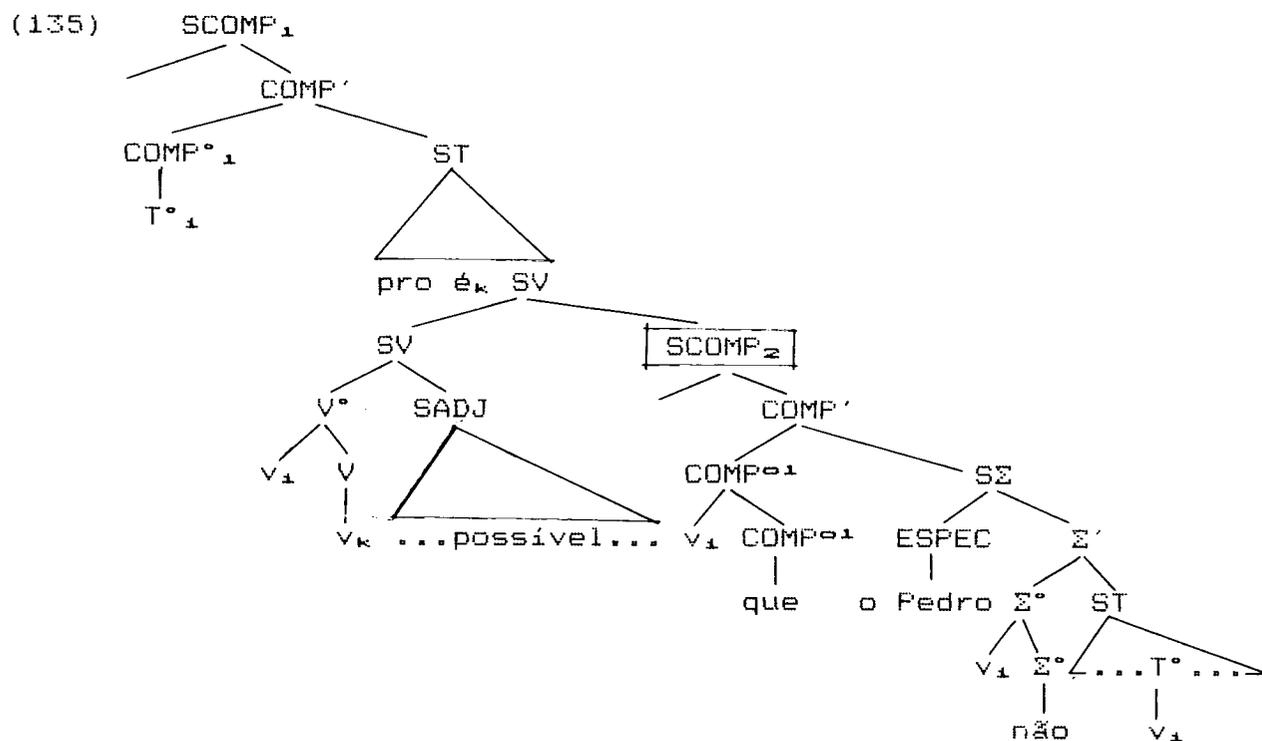
Como indicado em (133b), T°_1 move-se de modo cíclico sucessivo desde o ST Nulo. Para que a cadeia-T se pudesse formar, T° deveria ser sucessivamente colocado em adjunção, a Σ° , a $COMP^{\circ}_2$, T°_1 e a $COMP^{\circ}_1$. Na passagem de $COMP^{\circ}_2$ para T°_1 , contudo, uma barreira é atravessada – a do $SCOMP_2$, que não é estritamente regido pelo núcleo T° . Assim, o vestígio v_1 em $COMP^{\circ}_2$ não é regido e a cadeia é quebrada.

A representação em (133) apresenta a configuração característica da Ilha do Sujeito Frásico – o constituinte oracional ocupa uma posição pré-verbal. Porém, quando Despojamento ocorre inserido em Sujeitos Frásicos em posição pós-verbal, os efeitos de ilha podem não se fazer sentir. Veja-se, assim, o contraste de gramaticalidade entre (133a) e (134):

- (134) a. A Maria sabe Inglêss, mas é possível [que o Pedro não [ST-]]

b. A Maria sabe Inglês e é possível [que o Pedro também [_{ST}—]]

Consideremos a representação estrutural que classicamente atribuiríamos a uma frase como (134a), caracterizável como um caso de Extraposição do Sujeito Frásico:



Em (135), o T° da frase elíptica, move-se por movimento cíclico sucessivo, sendo colocado em adjunção a todos os núcleos que medeiam entre o T° da frase elíptica e o $COMP^\circ$ da frase raiz. Colocada em adjunção a SV, a posição de SCOMP do sujeito frásico pós-verbal é estritamente regida por AC° , o núcleo que subcategoriza o SV. Porém, se assumirmos que o SCOMP funciona como argumento externo do SV (ou, melhor, do predicado complexo formado pelo verbo e pelo núcleo adjectival "possível" (30)), esse SCOMP não é directamente seleccionado por AC° , nem pelo V° que o

θ -marca (indirectamente). Como tal é uma barreira para a Regência (cf. RIZZI 1990 e CINQUE 1991). No entanto, contrariamente ao esperado, a extracção de T° não produz frases mal-formadas.

Confronte-se, contudo, a gramaticalidade dos exemplos em (134) com a agramaticalidade os exemplos em (136):

- (136) a. * A Maria sabe Inglês, e é mau [que o Pedro não [ϵ_T -]]
b. * A Maria sabe Inglês, e é necessário [que o Pedro também [ϵ_T -]]

Nas frases em (136) o complexo verbal comporta os adjectivos "mau" e "necessário". As frases obtidas são agramaticais. Podemos, pois, imputar os contrastes de gramaticalidade dos exemplos (134) e (136) às classes dos adjectivos que neles ocorrem. Usando a tipologia de CINQUE 1990, em (134), a oração completiva é seleccionada por um adjectivo "ergativo", em (136), por adjectivos "inergativos".

Repare-se que, efectivamente, o sufixo "vel", presente na formação de sufixos deverbais, apresenta propriedades de "intransitivização" análogas às do morfema do participio passivo. Veja-se o paralelismo dos exemplos (137b) e (137c):

- (137) a. O João leu esse livro
b. Esse livro é legível
c. Esse livro foi lido

Assim, em (134), a oração completiva é basicamente gerada como um argumento interno de "possível", posição de onde, eventualmente, nunca se desloca uma vez que as orações

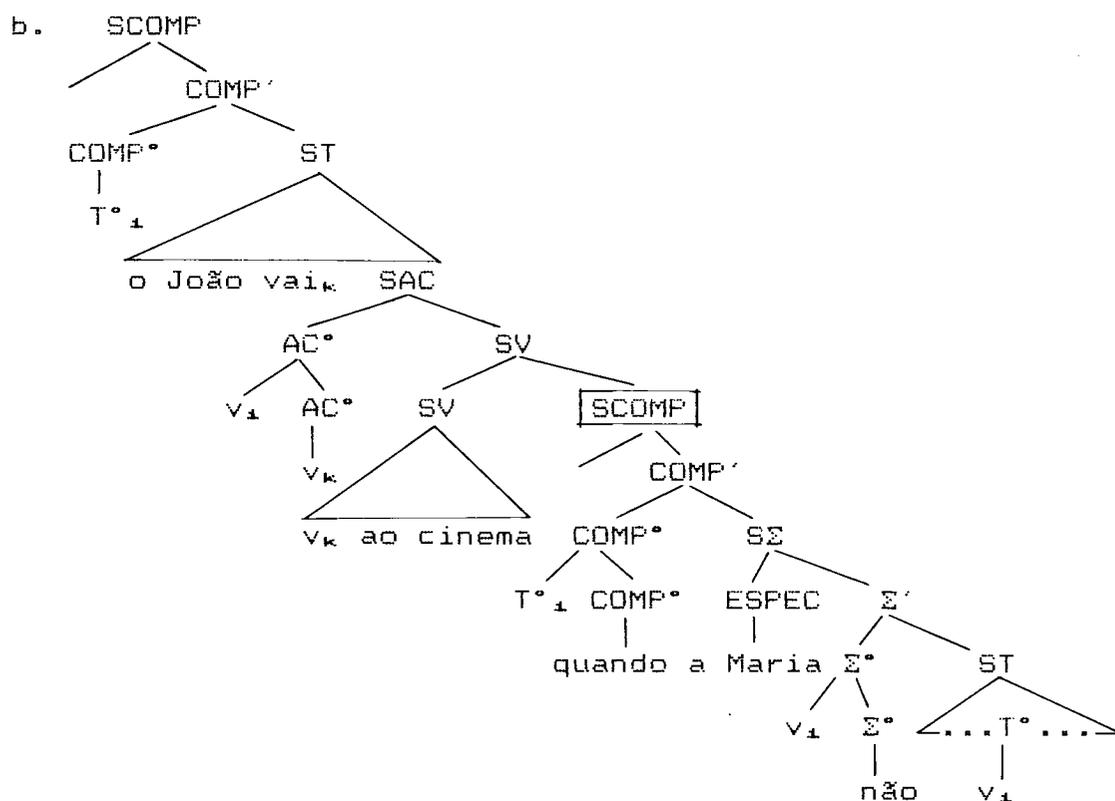
núcleo [+V]. Consequentemente constitui uma barreira⁽³⁹⁾.

Consideremos finalmente os contextos de **Ilha Adjunta**, ilustrados por frases como (139):

- (139) a. * O João vai ao cinema [**SCOMP**SE a Maria também [**ST**-]]⁽⁴⁰⁾
 b. * O João vai ao cinema [**SCOMP** quando a Maria não [**ST**-]]

Dado o estatuto de **barreira** do constituinte adjunto, a **exclusão de Despojamento** das estruturas de **adjunção** pode ser trivialmente explicada pela **impossibilidade de se formar uma cadeia-T compósita** entre a oração principal e a oração subordinada. Consideremos, com efeito, a representação estrutural a atribuir em FL a um exemplo como (139b):

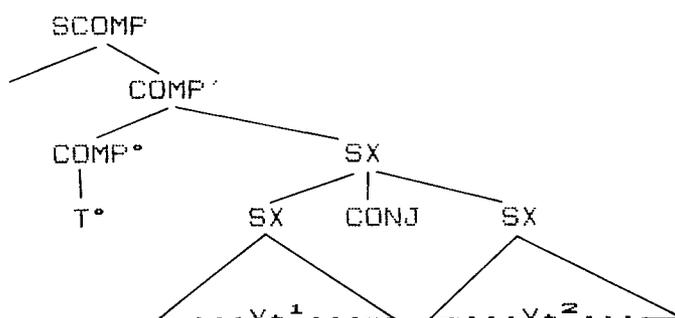
- (140) a. O João vai ao cinema quando a Maria não⁽⁴¹⁾



Em (140) o SCOMP adjunto, porque não é seleccionado como complemento de um núcleo, funciona como uma barreira para o movimento cíclico sucessivo de T°, impedindo a formação de uma cadeia-T compósita entre a frase principal e a frase adjunto.

Repare-se, que nos casos de **Extracção Simultânea** Despojamento exhibe **uma única cadeia-T compósita** que vai desde a frase antecedente até ao ST Nulo, passando pela única posição de COMP° existente:

(141)



Porém, nestes casos, os membros frásicos não funcionam como barreira, pois são (simultaneamente) seleccionados como complementos de COMP°, uma categoria plausivelmente caracterizável como não-distinta de [+V]. Assim sendo, a cadeia-T é bem formada.

A exclusão de Despojamento das orações adjuntas constitui um argumento importante a favor da análise proposta, nomeadamente a favor da hipótese de que os efeitos de ilha exibidos por esta construção decorrem de **movimento de T° em FL**.

Com efeito, a exclusão de Despojamento das orações adjuntas não pode ser atribuída à impossibilidade de a oração principal e a oração adjunta participarem em cadeias compósitas. Na verdade, é nestes contextos que ocorrem tipicamente as cadeias de vazios

parasitas (cf. (142)):

(142) Que livros_i guardaste v_i sem ler [-]_i

Contudo, as **cadeias de vazios parasitas** têm **propriedades diferentes** das **cadeias-T**, que estão na origem da sua diferente distribuição.

Na literatura têm sido propostos vários tratamentos para a construção de vazios parasitas. Porém, qualquer que seja o tratamento adoptado, é possível explicar o diferente comportamento das cadeias-T relativamente às cadeias de vazios parasitas.

Com efeito, se assumirmos, que **os vazios parasitas** devem ser caracterizados como **variáveis provenientes do movimento de um sintagma interrogado** (cf. FRAMPTON 1990), a presença da barreira da oração adjunto não é um impedimento para que uma cadeia se forme - **os vazios parasitas são projecções máximas** com conteúdo referencial, e, conseqüentemente, podem estar integrados em cadeias de movimento-Q longo, onde são legitimados por Regência- θ e identificados por Ligação. Assim, na construção de vazios parasitas, a barreira da Frase Adjunto não conta para efeitos do Princípio da Categoria Vazia mas apenas para a Condição de Subjacência (cf. RIZZI 1990). Contudo, na sua versão clássica, a condição de Subjacência permite, que entre cada elo de uma cadeia de Subjacência se interponha uma barreira. Deste modo, a aceitabilidade de (142) pode ser explicada (cf. FRAMPTON 1990).

Note-se este tratamento é posto em causa, em CINQUE 1991 (cf. cap.1, 1.6.2)), que admite que basta uma barreira para que a

Condição de Subjacência seja infringida.

Porém, em CINQUE 1991, é proposta uma **análise alternativa dos vazios parasitas** segundo a qual estes não são variáveis, mas **instâncias de "pro" A'-ligado**. Conseqüentemente, a presença da barreira da Frase Adjunto é inoperante, e a gramaticalidade de (142) é previsível.

Pelo contrário, as cadeias-T são constituídas por elementos X°, obrigatoriamente sujeitos a movimento cíclico sucessivo. **A barreira da Frase Adjunto impede tanto a Regência por Núcleo como a Regência por Antecedente de um vestígio de T° em COMP° do SCOMP adjunto**. Assim sendo, o Princípio da Categoria Vazia é infringido, e a legitimação formal do vestígio de T°, bem como a sua identificação não se verificam. O contraste de gramaticalidade entre os exemplos (139) e (142) é, pois, esperado.

Em suma:

A distribuição de Despojamento é determinada pelas condições de legitimação das cadeias-T. Constituídas por elementos X°, sujeitos a movimento cíclico sucessivo, as cadeias-T são formadas por pares antecedente-vestígio que não podem ser separados por nenhuma barreira.

3.2. Condições de Legitimação e identificação do ST Nulo em Despojamento

Na secção 3.1., vimos **onde, de onde, para onde e como** se movia T° na construção de Despojamento. A análise destes factores permitiu-nos encontrar uma explicação para a **distribuição de Despojamento**. Nesta secção, procurarei determinar **quando e por que motivo** se dá esse movimento, com vista a estabelecer as condições de identificação de T° Nulo nesta construção (cf. 3.2.3).

3.2.1. Antecedentes remotos e locais e movimento de T°

Como os exemplos seguintes mostram, a exclusão do infinitivo da construção de Despojamento limita-se aos casos em que o ST Nulo tem um antecedente remoto (cf. (143)). Quando o ST Nulo tem um **antecedente local**, i.e., quando a oração antecedente é um nó irmão da oração elíptica, **o infinitivo ocorre livremente** (cf. (144)):

(143) * [O João pediu **[para eles saírem da sala]**] e a Maria pediu **[para do edifício também [er-]]**

(144) O João pediu **[para eles saírem da sala]** mas **[do edifício não [er-]]**

Do mesmo modo, quando apresenta **antecedentes locais**, **Despojamento pode aparecer em contextos de ilha**, quer estes incluam frases finitas (cf. (145)) ou infinitivas (cf. (146)):

- (145) a. **Ilha do SN Complexo** em frases completivas de N:
 [EN A possibilidade^(de) que [[a Luisa **falte** às aulas] e [o Pedro não [ET-]]]] é remota
- b. **Ilha da Frase Adjunto:**
 O João foi para casa depois que [[visitou a Ana] e [a Maria também [ET-]]]
- c. **Ilha Factiva:**
 O João lamentou que [[a Maria não **lesse** livros aos filhos] e [que o Pedro também não [ET-]]]

- (146) a. **Ilha do SN Complexo** em frases completivas de N:
 [EN A possibilidade de [[a Luisa **faltar** às aulas] e [o Pedro não [ET-]]]] é remota
- b. **Ilha da Frase Adjunto:**
 O João foi para casa [[[depois de visitar a Ana] e [a Maria também [ET-]]]]
- c. **Ilha Factiva:**
 O João lamentou [[a Maria não **ler** livros aos filhos] e [o Pedro também não [ET-]]]

Estes dados mostram que, em Despojamento, quando o ST Nulo possui um antecedente local não há extracção de T° para fora do domínio oracional onde é basicamente gerado.

3.2. Movimento de T° e identificação do ST Nulo

O facto de Despojamento só apresentar **extracção de T°** quando há antecedentes remotos, parece indicar que esse movimento tem a ver com a **identificação do T° Nulo** por parte do T° da frase

antecedente.

A obrigatoriedade de essa extracção se verificar tanto na frase antecedente como na frase elíptica sugere que a **identificação** de T° Nulo tem de ser **local**.

Procuremos precisar a noção de **localidade** presente em Despojamento, partindo do princípio de que as mesmas condições de localidade se encontram implicadas nos casos em que Despojamento apresenta antecedentes remotos, e nos casos em que tem antecedentes locais.

Os exemplos de Despojamento em **frases finitas**, com antecedentes remotos e locais, parecem sugerir que a noção de **localidade** deve ser definida em termos do **local de poiso de T° em FL**. Nestas frases em FL, o T° antecedente e o T° Nulo devem encontrar-se no COMP° mais cimeiro da estrutura coordenada.

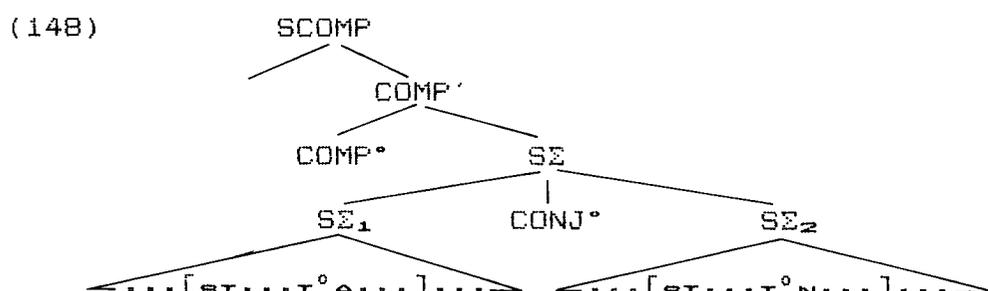
Porém, Despojamento com antecedentes locais pode ocorrer em **frases infinitivas**. Admitindo que T° infinitivo não é um operador, a sua deslocação para COMP° em FL não parece motivada. Embora, nas frases infinitivas, T° possa ocupar COMP° em FL, a sua presença nesta posição decorre plausivelmente das estruturas de subordinação em que se encontra integrado desde a Sintaxe — é o caso das estruturas com Subida do Verbo (cf. (147))⁽⁴²⁾.

(147) (?) O Luís disse terem os rapazes aceitado a proposta,
mas as raparigas não [ET—]

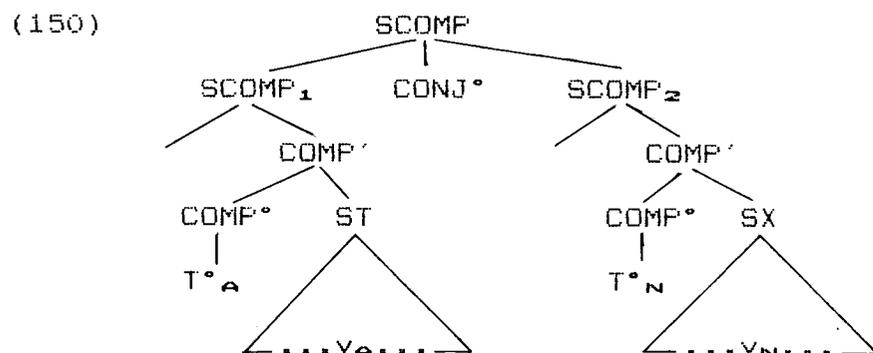
O facto de em frases infinitivas, T° Nulo poder ser identificado sugere que o que conta para a **noção de localidade em Despojamento** não são os locais de poiso de T°, mas os **domínios em que o T° Nulo e o T° antecedente se encontram**.

Recapitulemos, pois, as configurações estruturais de identificação de T° Nulo em Despojamento:

Em **frases infinitivas**, T° Nulo (=T°_N) e o seu antecedente (=T°_A) podem ocupar a sua posição básica em FL. Porém, como (148) ilustra, essas posições básicas encontram-se em projecções máximas irmãs, ou, por outras palavras, em domínios de c-comando simétrico:



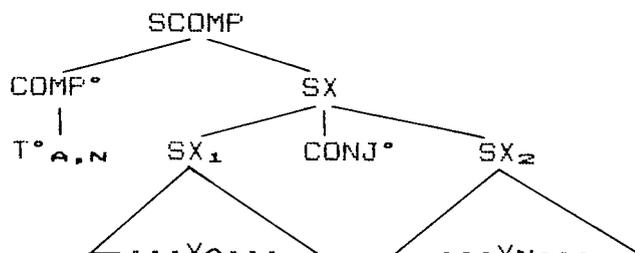
Nas **frases finitas**, em FL, T° nulo e o seu antecedente encontram-se em COMP°. Nos casos de **Extracção Paralela**, apenas são relevantes para a identificação do T° Nulo as posições de COMP° que ocorrem em projecções máximas irmãs (cf. (149)). Esta propriedade é válida tanto para Despojamento com antecedentes locais, como com antecedentes remotos.



Finalmente, nas configurações de **Extracção Simultânea**, T°

Nulo e o seu antecedente encontram-se na única posição de COMP° existente, exterior à estrutura coordenada:

(150)



Os vestígios de T° Nulo e do seu antecedente, ou melhor as cadeias-T que esses elementos encabeçam, encontram-se, no entanto, em nós irmãos. De novo o facto de Despojamento apresentar antecedentes locais ou remotos não é relevante.

Assim, se procurarmos encontrar o denominador comum a estas diferentes instâncias de Despojamento, a identificação de T° Nulo nesta construção parece obedecer à seguinte condição de localidade:

(151) Identificação de T° Nulo

T° Nulo (= T°_N) é interpretado como idêntico ao T° da frase antecedente do ST Nulo (= T°_A) se T°_N e T°_A ou as cadeias-T que encabeçam se encontrarem em **projecções máximas que se c-comandam simetricamente.**

3.3. Condições de legitimação e de identificação da categoria elíptica em Despojamento

Consideremos finalmente as condições de legitimação formal e de identificação do conteúdo da categoria elíptica em Despojamento.

O contraste de gramaticalidade entre os exemplos (152) e

(153) mostra que a **legitimação de Despojamento** depende da presença dos **advérbios de denotação predicativa**:

- (152) a. O João não leu um livro à Ana ontem mas a Maria **sim**
b. O João não leu um livro à Ana ontem e a Maria **também não**
c. O João leu um livro à Ana ontem e à Maria **também**

- (153) a. * O João não leu um livro à Ana ontem e/mas a Maria
b. * O João leu um livro à Ana ontem e à Maria

A configuração estrutural presente nesta construção permite-nos explicar este facto. Observem-se as representações simplificadas das frases elípticas dos exemplos (152):

- (154) a. [$S\Sigma$ a Maria Σ° sim] [$ST\dots[T^{\circ}-]\dots$]]
b. [$S\Sigma$ a Maria [Σ° também Σ° não] [$ST\dots[T^{\circ}-]\dots$]]
c. [$S\Sigma$ à Maria [Σ° também Σ°] [$ST\dots[T^{\circ}-]\dots$]]

Na projecção $S\Sigma$, Σ° é o núcleo que rege o ST Nulo. Esse núcleo é preenchido pelos advérbios "não", ou "sim", na qualidade de operadores de denotação predicativa.

Repare-se que "sim" pode encontrar-se foneticamente realizado (cf. (154a)), ou não (cf. (154c)), consoante ocorra isoladamente, ou seja tornado visível pela presença de um advérbio como "também". Porém, em qualquer dos casos, é sempre o **operador de denotação predicativa em Σ° que Rege por Núcleo o ST Nulo**.

Admito, pois, que em Despojamento o **princípio de legitimação formal** do ST Nulo é a **Regência por Núcleo** (cf. (155)):

(155) ST Nulo tem de ser Regido por Núcleo por um operador de denotação predicativa.

Repare-se que o princípio legitimador do ST Nulo em Despojamento não difere substancialmente do proposto para o SV Nulo, tendo em vista a sua parametrização em Português⁽⁴³⁾.

Contudo, **o princípio de identificação do conteúdo do ST Nulo** não pode ser a Ligação por Núcleo⁽⁴⁴⁾, uma vez que os advérbios de denotação predicativa não possuem grelha argumental.

Dado que a identificação do T° Nulo é um requisito necessário para a boa-formação da construção de Despojamento, levanto a hipótese de a identificação do ST Nulo depender da identificação do T° Nulo que é o seu núcleo. Assim, a **identificação gramatical do ST Nulo em Despojamento** pode ser captada pela seguinte **generalização**:

(156) ST Nulo é identificado se o seu núcleo também o for

Repare-se que esta condição de identificação não faz mais do que explicitar um requisito trivialmente pressuposto pelo Princípio de Projecção, de acordo com o qual as representações dos diferentes níveis de representação sintáctica são uma projecção das propriedades (categoriais e semânticas) dos itens (lexicais e funcionais) presentes no Léxico.

Na verdade, o requisito categorial mínimo a exigir a uma projecção máxima nula para que possa ser reconhecida como existente, é que ela comporte o núcleo a partir do qual se projecta.

Como vimos em (151), aqui repetido por conveniência de

exposição, T° Nulo é identificado nas seguintes circunstâncias:

(157) Identificação de T° Nulo

T° Nulo (= T°_N) é interpretado como idêntico ao T° da frase antecedente do ST Nulo (= T°_A) se T°_N e T°_A ou as cadeias-T que encabeçam se encontrarem em **projecções máximas que se c-comandam simetricamente**.

Dadas as condições em (156) e (157), a Reconstrução pode operar: copia um ST foneticamente realizado, para a posição ocupada por um ST Nulo, desde que seja possível estabelecer uma cadeia-T compósita, ou duas cadeias-T paralelas, desde esses ST até ao topo de duas projecções máximas irmãs⁽⁴⁵⁾.

Recapitulando:

Neste capítulo propus um tratamento para a construção de Despojamento em Português que difere substancialmente das análises vigentes, que têm por base o Inglês.

A análise incidiu sobre as seguintes questões: (i) a caracterização da configuração estrutural de Despojamento; (ii) a determinação dos factores responsáveis pela sua distribuição; (iii) o estabelecimento das condições de legitimação formal e de recuperação do conteúdo da categoria elíptica nesta construção.

Na **secção 1** foi avaliada a adequação dos tratamentos propostos na literatura aos dados do Português:

Vimos que os tratamentos de **MCCAWLEY 1987** e **REINHART 1990** (cf. secção 1.1.) são inadequados ao Português, pois caracterizam Despojamento como uma construção não-elíptica exibindo constituintes sintagmáticos descontínuos. Captam, no entanto,

satisfatoriamente as características fundamentais de Despojamento em Inglês e de Contraste Sintagmático em Português. Um tratamento uniforme destas duas construções não parece, contudo, poder ser levado a bom termo sem um estudo aprofundado da Extraposição e das construções parentéticas .

O tratamento de **CHAO 1987** (cf. secção 1.2.1.), embora caracterize Despojamento como uma construção de elipse frásica, é igualmente incapaz de dar conta das propriedades de Despojamento em línguas como o Português, o Francês e o Espanhol uma vez que não capta a natureza periférica dos constituintes lexicalmente realizados na frase elíptica.

Finalmente, a sugestão de **ZAGONA 1988b**, de que Despojamento é uma construção de elipse frásica exibindo uma configuração de Topicalização, não parece também satisfatória. Na verdade, um conjunto de propriedades sugere que, diferentemente da construção de Topicalização, Despojamento não pode ser caracterizado como uma estrutura de adjunção a SCOMP ou a ST (cf. 1.2.2.).

Dadas as insuficiências dos tratamentos propostos na literatura, na **secção 2**, procurei estabelecer a estrutura de Despojamento a partir das propriedades exibidas por esta construção em Português.

O esquema de estrutura frásica de **LAKA 1991**, comportando a projecção $S\Sigma$, mostrou-se particularmente adequado à análise estrutural desta construção. De acordo com este esquema, Despojamento é caracterizado como uma construção de focalização, que exhibe a configuração Especificador-Predicado, característica das estruturas predicativas.

Na **secção 3**, propus uma explicação para a distribuição de

Despojamento: tendo isolado o Movimento de T° em FL como o principal responsável pelos efeitos de Ilha manifestados por esta construção, a distribuição de Despojamento foi atribuída às condições de legitimação das cadeias-T – nenhuma barreira se pode interpor entre os elos da cadeia.

Finalmente, procurei determinar as condições de legitimação formal e de identificação do conteúdo da categoria elíptica em Despojamento:

A boa-formação de Despojamento decorre de dois factores – a presença de operadores de denotação predicativa e a possibilidade de T° Nulo ser identificado.

O princípio de legitimação formal do ST Nulo em Despojamento é, pois, a Regência por Núcleo, levada a efeito por operadores de denotação predicativa, em Σ° .

A identificação do ST Nulo, por seu turno, depende da identificação do seu núcleo. T° Nulo é interpretado como idêntico ao T° da frase antecedente do ST Nulo, se ambos, ou as cadeias-T que eles encabeçam, se encontrarem em projecções máximas que se c-comandam simetricamente, ou seja, em nós irmãos.

1. Na tradição da Gramática Generativa Transformacional são geralmente distinguidos dois tipos de Extraposição: Extraposição de uma frase a partir de um constituinte que não contém mais nenhum material linguístico - fenómeno por vezes conhecido como "it-Extrapolation" (cf. o exemplo (i)); Extraposição a partir de um SN lexicalmente realizado, como na Extraposição de Relativa (cf. (ii)), e na Extraposição de SP (cf. (iii)):

(i) It is obvious that Mary is competent

(KROCH e JOSHI 1987, (38), p. 126)

(ii) A man came into the room that no one knew

(ROCHEMONT e CULICOVER 1990 (1b), cap.2, p. 32)

(iii) A man came into the room with blond hair

(ROCHEMONT e CULICOVER 1990 (2b), cap.2, p. 32)

É com estes dois últimos casos de Extraposição que Despojamento em Inglês é confrontado.

2. McCawley sugere que essa estrutura subjacente é derivada de uma Estrutura-P em que figuram duas frases coordenadas autónomas por Redução de Coordenação (ing. Conjunction Reduction). Parece, assim, assumir a posição de que, em última instância, todas as estruturas coordenadas provêm de uma coordenação frásica. Fornece, contudo, argumentos para que, no nível relevante, Despojamento seja caracterizado como uma construção de coordenação sintagmática e não frásica (cf. McCAWLEY 1987, pp.198-199).

3. Sobre este assunto veja-se, por exemplo, ROSS 1967a, BALTIN 1984, GUÉRON 1980, GUÉRON e MAY 1984. Neste último trabalho, os autores propõem que a Extraposição das orações consecutivas seja feita para adjunção a F' (= SCOMP).

4. É frequentemente aceite que a Extraposição de constituintes inseridos em complementos do verbo se efectua para adjunção a SV e que a Extraposição a partir da posição de Sujeito se efectua para adjunção a F (=ST). Veja-se, por exemplo, BALTIN 1984, GUÉRON 1980, GUÉRON e MAY 1984, CULICOVER e ROCHEMONT 1990, ROCHEMONT e CULICOVER 1990.

5. Segundo Reinhart estas construções não apresentam as propriedades típicas das frases provenientes de Extraposição, nomeadamente o constituinte "periférico" não tem de se encontrar na mesma oração que o seu correlato (cf. a agramaticalidade de (i)). Porém, exemplifica esta propriedade com a "construção de Exclusão" e não com Despojamento (cf. (ii)):

(i) * The editor agreed to publish many reviews [e]₁, when we pressed him, [about this book]₁

(REINHART 1990, (15), p. 8)

(ii) The editor did not agree to publish anything, when we pressed him, except one short review.

(REINHART 1990, (16), p. 8)

Para Reinhart qualquer destas construções está sujeita ao mesmo tratamento em termos de constituintes sintagmáticos descontínuos.

6. Reinhart argumenta que Elevação de Quantificador se aplica ao constituinte correlato do constituinte em posição periférica mesmo nos casos em que ele é um SN não quantificado. Segundo Reinhart, a Elevação do Quantificador é uma instância sintáctica de Mover α , e, conseqüentemente, insensível às propriedades semânticas dos constituintes movidos.

7. Em (6), o SN "books" não liga o seu vestígio. Porém, segundo Reinhart, o desfazamento entre o índice do vestígio v_1 e o do constituinte SN_2 que o liga é irrelevante. A ligação do vestígio é feita como em WILLIAMS 1986 para o Movimento-Q sintáctico, por coindexação com o SFLEX dominante (op. cit. p. 13).

8. Como McCawley salienta, a análise clássica da Extraposição prediz a gramaticalidade de (ib), uma vez que o constituinte Extraposto a partir da posição de sujeito frásico é deslocado para adjunção a F (=ST). Nesta posição, o pronome não c-comanda o nome (cf. (ii)):

(ii) [ST [ST [EN his₁ recantation [EP v_1]] has just appeared]
[EP of Chomsky's 1973 theory]₁]

9. Reelaborando uma proposta inicial de GUÉRON 1980 e de GUÉRON e MAY 1984, Culicover e Rochemont admitem que, na Extraposição, o sintagma em posição argumental, i.e., o núcleo da construção, tem de reger o constituinte extraposto em Estrutura-S e em FL. Designam esta condição por Princípio do Complemento.

(i) β é um complemento de α ($\alpha, \beta = X^{m \times n}$) só se α e β se encontrarem

numa relação de regência

(ROCHEMONT e CULICOVER 1990, (9), cap.2, p. 35)

Segundo os autores, esta condição é fundamental para que o constituinte extraposto possa ser legitimado em FL, pelo Princípio da Interpretação Plena, uma vez que não pode ser considerado como um argumento, como um predicado ou como um operador do constituinte em posição-A.

10. Rochemont e Culicover salientam ainda que enquanto as manifestações típicas de $Mover \alpha$ exibem Movimento ilimitado, ou seja, os constituintes movidos podem ocorrer indefinidamente longe das suas posições de base desde que respeitem a Subjacência (cf. (i)), na Extraposição, o constituinte extraposto e o sintagma que lhe está associado têm de se encontrar no mesmo domínio oracional (cf. (ii)).

(i) Who did Mary say that John saw a picture of in the newspaper?

(ROCHEMONT e CULICOVER 1990, (3b), cap. 2, p. 33)

(ii) * It was believed that John saw a picture in the newspaper
by everyone of his brother

(ROCHEMONT e CULICOVER 1990, (3a), cap. 2, p. 33)

Esta condição, inicialmente formulada em ROSS 1967, é designada como "Right Roof Constraint", foi, a partir de CHOMSKY 1973 considerada como uma consequência da Subjacência – o movimento à direita não poderia dispôr da posição de COMP, pelo que movimento longo seria obrigatório, infringindo a Subjacência. Porém, assumindo que o movimento-A' pode operar por adjunções sucessivas, nada impediria a boa formação de (ii).

Culicover e Rochemont atribuem o carácter limitado da Extraposição ao Princípio do Complemento (ver nota anterior).

Veja-se GUÉRON e MAY 1984 para uma explicação alternativa da agramaticalidade de (ii) no âmbito da análise clássica da Extraposição.

11. O tratamento de Despojamento em Inglês e de Contraste Sintagmático em Português coloca ainda outros problemas relativos às propriedades das estruturas coordenadas.

Em primeiro lugar, coloca o problema da estrutura a atribuir aos membros coordenados. Em Contraste Sintagmático, com constituintes contínuos e descontínuos, a natureza periférica (parentética (?)) do segundo membro coordenado, privilegia uma análise das estruturas coordenadas como em (i) e não como em (ii), a representação mais frequentemente adoptada:



Em segundo lugar se concebermos Contraste Sintagmático como Extraposição encontramos-nos perante uma infracção da Restrição da Estrutura Coordenada de ROSS 1967:

(iii) A Restrição da Estrutura Coordenada

Numa estrutura coordenada, nenhum membro coordenado pode ser movido, nem qualquer elemento contido num membro coordenado pode ser extraído desse membro coordenado.

(ROSS 1967, (4.84), p. 89)

Podemos talvez atribuir esta infracção à natureza parentética dos constituintes envolvidos. Repare-se que, com efeito, constituintes coordenados não parentéticos não podem ser extrapostos:

- (iv) a. O João comprou esse livro e essa revista na livraria hoje
- b. * O João comprou esse livro na livraria hoje, e essa revista

12. As representações propostas em CHAO 1987 ignoram a presença de "too". Deste modo é-me impossível localizar "também" neste diagrama.

13. Em HANKAMER 1979 a caracterização de constituinte principal é a seguinte:

- (i) Constituinte Principal (ing. major constituent):

Um constituinte principal é qualquer nó diferente de SV que é imediatamente dominado por F ou SV e que ele próprio domina um nó lexical.

HANKAMER 1979, (90), cap. 3, p.79)

14. Chao define Correspondência de nós nos seguintes termos:

- (i) **Correspondência de nós**

Um nó F_1 em A corresponde a um nó S_1 em B, se F_1 e S_1 pertencem à mesma categoria sintáctica.

(CHAO 1987, (7), cap. 3, p. 61)

15. Chao propõe a seguinte definição de correspondência de orações:

(i) Correspondência de orações

Uma oração α corresponde a uma oração β sse:

- a. A projecção-N de A corresponde à projecção-N de B,
- b. para todo o nó T, T domina β sse também dominar α ,
- c. α não domina β , e
- d. α precede imediatamente B (em Inglês)

(CHAO 1987, (9), cap. 3, p. 62)

Repare-se que as cláusulas (i.b) e (i.c) caracterizam a configuração estrutural de c-comando, e que a cláusula (i.d) adiciona um requisito de precedência.

O conceito de Correspondência de projecções é definido do seguinte modo:

(ii) Correspondência de projecções

Uma projecção-N em A corresponde a uma projecção-N em B, sse:

- a. P_1 e S_1 forem nós oracionais de α e β respectivamente, e
- b. para todos os pares de nós (P_i, S_i) isn, P_i corresponde a S_i .

(CHAO 1987, (8), cap. 3, p. 61)

16. Como CHAO 1987 salienta, o esquema X-barra para as categorias sintácticas sem núcleo é inconciliável com a versão clássica do Princípio de Projecção, que requer que as propriedades temáticas estejam categorialmente representadas em cada nível de representação sintáctica, de Estrutura-P a FL.

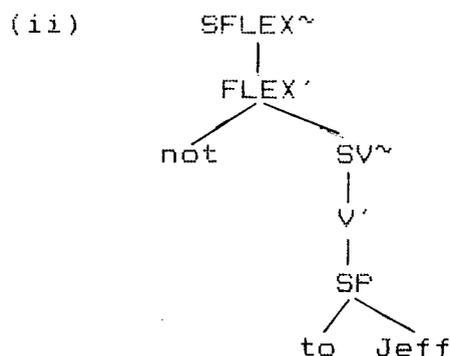
Porém, na representação em (20b), não é possível atribuir qualquer relação temática ao SN da frase elíptica. Assim, surge o

problema de o Princípio de Projecção excluir os argumentos antes do nível de Reconstrução-E, que reconstrói os núcleos que os θ -marcam.

Assim, Chao admite que em Estrutura-P e em Estrutura-S o Princípio de Projecção seja vacuamente satisfeito nas orações-E(lípticas), visto que o Critério- θ não se aplica aos correspondentes-E(lípticos) nestes níveis. Só em FL, depois da Reconstrução-E os elementos em questão serão concebidos como argumentos, verificando-se assim neste nível o Critério- θ (cf. p. 74).

17. Estou assumir que "não" pode ocorrer como núcleo de X' na oração elíptica. Esta posição será discutida na próxima subsecção. Note-se, porém, que em CHAO 1987 nunca é colocada a possibilidade de os constituintes em Despojamento não ocuparem as suas posições básicas. Veja-se, por exemplo a representação que Chao propõe para frases como (i):

(i) John gave chocolates to Mary, but [not – to Jeff]



(CHAO 1987, (8b), cap. 2, p. 35)

Como é evidente em (ii), Chao considera que o marcador de

negação presente nesta construção em Inglês é a negação frásica.

Contudo, exemplos como (iii.a) contrariam esta hipótese. Com efeito, como (iii.b) e (iii.c) ilustram, o marcador de negação em (iii.a) não pode ser interpretado como a negação frásica:

(iii) a. John is coming to the party, but **not** Fred

b. * John is coming to the party, but **not** Fred is coming to
the party

(cf. John is coming to the party, but Fred is **not** coming
to the party)

c. * John is coming to the party, but **not** Fred is

(cf. John is coming to the party but Fred is **not**)

18. Aliás a mesma característica se pode apontar ao esquema X-barra canónico, embora frequentemente se reconheça que nem todas as estruturas de adjunção devem ser concebidas como o resultado de operações de movimento.

19. DUARTE 1987 ilustra esta propriedade para a Deslocação à Esquerda Clítica (cf.(i)) e para a Topicalização (cf. (ii)) com os seguintes exemplos:

(i) * Ao teu amigo, conheço [um editor [que ainda não lhe pagou os direitos de autor]]

(DUARTE 1987, (32a), cap. 2, p.83)

(ii) * Ao teu amigo, conheço [um editor [que ainda não pagou os direitos de autor [-]]]

(DUARTE 1987, (40a), cap. 2, p.88)

20. Alguns falantes aceitam marginalmente estes exemplos com uma

acentuação marcada sobre ambos os elementos:

- (i) ? O João já pagou os direitos de autor ao Pedro, e esse editor, à Maria, não.

A entoação atribuída à frase parece corresponder à presente nas manifestações de Topicalização. Repare-se, porém, que a aceitabilidade de (i) não põe em causa a distinção entre Despojamento e Topicalização, mas antes a confirma. Com efeito, sendo distintas, e apresentando propriedades estruturais diversas, nada impede que estas duas construções co-ocorram.

21. LAKA 1991 analisa as seguintes construções de foco: (i) frases negativas com itens de polaridade negativa em posição pré-verbal; (ii) em frases com "constituintes enfáticos" em posição pré-verbal; (iii) Respostas Fragmentárias. Os seguintes exemplos ilustram cada uma destas construções:

- (i) a. **Nada** pido y nada debo

b. **Nunca** aprendemos del passado

c. **A nadie** (le) pedirán perdón

(LAKA 1991, (12), pp. 11-12)

- (ii) a. **MAÑANA** viene Pedro

(LAKA 1991, (25), p. 21)

b. **ESTE VESTIDO** compraría yo si tuviera dinero

(LAKA 1991, (26), p. 21)

- (iii) A: Qué comprarías tú con este dinero?

B: **Vestidos**

(LAKA 1991, (31), p. 25)

22. De acordo com as condições sobre Movimento apresentadas em CHOMSKY 1986b, tal como as projecções máximas se movem para posições de projecções máximas (por substituição ou por adjunção), também os núcleos apenas se deslocam para posições de núcleo. Do mesmo modo, apenas núcleos e não projecções máximas se incorporam noutros núcleos para dar origem a unidades lexicais complexas.

23. Sobre este assunto veja-se, por exemplo, KEMPSON 1990. Para esta autora, o falante reconstitui a estrutura da frase elíptica a partir da frase antecedente, mas, dado que nenhum constituinte realizado pode ter uma contribuição vácuca, uma expressão adequada do ST antecedente "copiado" é substituída por um vazio, que é ligado pelo sintagma foneticamente realizado.

24. Recorde-se a noção de Minimalidade Relativizada apresentada no capítulo 1 deste trabalho:

(i) Minimalidade Relativizada

X α -rege Y se não houver nenhum Z tal que

(i) Z é um α -regente potencial para Y e

(ii) Z c -comanda Y e não c -comanda X .

em que α =núcleo/antecedente.

(cf. RIZZI 1990, (15), cap.1, p.7)

25. Repare-se que em Estrutura-S (cf. (71b)), nenhum elemento verbal ocupa a posição de COMP° da frase coordenada elíptica. Porém, depois da Reconstrução em FL (cf. (71c)), a posição de COMP° é o núcleo da cadeia-X° que comporta o vestígio do verbo

movido:

(i) [COMP° -] - [Σ° -] - [τ° v] - [AC° v] - [V° v]

A boa formação de exemplos como (71a) mostra, contudo, que o vestígio do verbo é correctamente identificado. Admito que essa identificação tem a ver com o Movimento de T° em FL. Como veremos na secção 3 deste capítulo, esse movimento é fulcral para a boa-formação da construção de Despojamento.

26. A boa-formação dos exemplos (69), mostra que nem a **cadeia-A'** encabeçada pelo sintagma interrogativo, nem a **cadeia-X°**, que, em FL, vai de COMP° até V°, atravessam qualquer barreira (cf. (71c). Devemos pois concluir **as projecções funcionais ΣΣ e ST não são barreiras**. O conceito de **barreira para Regência** proposto em **CINQUE 1991** parece captar adequadamente estes dados:

(i) Toda a projecção máxima que não seja directamente seleccionada por uma categoria não-distinta de [+V] é uma barreira para a regência
(CINQUE 1991, (113), cap.1, p.42).

Esta definição de barreira assenta na ideia, generalizada em muitos trabalhos actuais (cf. BAKER 1988, RIZZI 1990 e CINQUE 1991), de que as projecções máximas seleccionadas como complemento pelos núcleos funcionais COMP°, T°, e AC° ainda que não θ-marcadas, **não funcionam como categorias bloqueadoras**. Exemplos como (70) sugerem que a projecção máxima seleccionada por Σ° se comporta identicamente. Com efeito, é possível defender, com CINQUE 1991, que qualquer dos referidos núcleos,

pelo facto de poder albergar núcleos verbais, é não-distinto de [+V].

27. Os motivos que levam a que no interior de uma frase simples, a identificação dos vestígios dos sintagmas interrogados tenha de ser feita por Regência por Antecedente e não por Ligação não são claros. No entanto, o mesmo fenómeno é atestado noutras línguas. Assim, por exemplo, GOODALL 1991 explica a impossibilidade de em Espanhol um sujeito pré-verbal co-ocorrer com um sintagma interrogado (cf. (i)), assumindo que nesta língua, antes de atingir a posição de especificador de SCOMP, o sintagma interrogado e o SN sujeito se disputam a mesma posição de especificador, segundo Goodall, a posição de especificador de ST, caracterizada como uma posição-A' em Espanhol.

(i) a. * Qué puesto Josefina tiene en la empresa?

b. Qué puesto tiene Josefina en la empresa?

(cf. GOODALL (1991), (2))

28. RIZZI 1990 sugere que os argumentos dos verbos recebem usualmente relações temáticas referenciais. Alguns SPs adverbiais (locativos, instrumentais e, por vezes, temporais) ainda que não seleccionados pelo verbo parecem igualmente poder incluir-se na classe dos constituintes com relações temáticas referenciais. Com efeito, estes constituintes podem ser alvo de Movimento-Q longo (cf. op. cit. pp. 90-91).

29. Para um problema idêntico envolvendo Despojamento em estruturas interrogativas, veja-se a nota 25 deste capítulo.

30. Tem sido frequentemente proposto na literatura que os focos sintacticamente legitimados requerem regência canónica por parte do verbo (cf. AMBAR 1988, ROCHEMONT e CULICOVER 1990).

31. As representações em (99) podem ainda não ser as adequadas para dar conta das propriedades das Respostas Fragmentárias. Como vimos, o facto de estes enunciados apresentarem efeitos de ilha, pode indicar que o sintagma nulo é uma variável ligada por um tópico nulo. Nesse caso, a representação de Estrutura-S a atribuir às respostas fragmentárias em (97) e (98), seria a explicitada, simplificada, em (i) e (ii):

(i) [_{ET} OP_i [_{ET} [_{EN} PRO] [_T·[_T⁰ [_V⁰-]_j]...os rapazes_k [_{EV} V_j [_{SAC} V_k [_{EN} V_i]]]]]]

(ii) [_{ET} OP_i [_{ET} [_{EN} V_i] [_T·[_T⁰ [_V⁰-]_j]...[_{EV} V_j [_{SAC} V_i [_{AO} cinema]]]]]]

32. Sobre a exclusão de Despojamento dos diferentes tipos de orações adverbiais adjunto veja-se a nota 19 do capítulo 3 deste trabalho.

33. Assim, dada uma frase como (i), a sua representação em FL, depois da Reconstrução, poderia ser simplificada, a explicitada em (ii), inspirada nas representações em termos de cálculo lambda de SAG 1976/1980 e na análise de Despojamento proposta por KEMPSON 1990, cap.5, secção 2.1:

(i) O João comprou esse livro e o Pedro também

(ii) (\ x (comprou (x, esse livro))(o João)) & ((o Pedro)_i (\ x (comprou (x, esse livro)))(v_i))

34. Como os seguintes exemplos mostram, as informações de acordo em género, pessoa e número são irrelevantes para o estabelecimento da identidade entre frase antecedente e frase elíptica em Despojamento:

(i) O João **leu** esse livro e **nós** também [ET-]

35. Deste modo, independentemente de nas frases infinitivas haver ou não movimento do verbo para COMP°, esse movimento não é relevante em FL para a formação de cadeias operador variável.

36. No capítulo 3, a inclusão de Despojamento em estruturas de coordenação foi ainda atribuída a um outro factor: a condição de Não-Circularidade. Assim, embora não ocorra em contextos de ilha o seguinte exemplo é mal-formado:

(i) * O João disse que a Maria não [ET -]
[ET-]= a Maria não disse

37. Para uma análise das frases relativas em Português, veja-se BRITO 1988 e 1991.

38. Estou a admitir que, em construções que envolvem orações pequenas subcategorizadas pelo verbo (neste caso, um verbo copulativo), o verbo e o núcleo predicativo se podem reanalisar, formando um predicado complexo. Sobre este assunto veja-se: para o Italiano, RIZZI 1986b; para o Inglês, STOWELL 1987; para o Português, RAPOSO e URIAGUERKA 1990.

39. Repare-se que nem todos os efeitos de ilha em frases completivas seleccionadas por adjectivos podem ser tão facilmente

atribuíveis à dicotomia adjectivos ergativos/adjectivos inergativos.

- (i) O João vai ao cinema hoje e a Maria está convencida (de) que ao teatro também
- (ii) ?/* O João não tem esse livro e está receoso (de) que nós também não
- (iii) ?/* O João arrumou o quarto hoje e a Maria está desejosa que nós também

Repare-se que em todas estas frases é possível a extracção de elementos interrogados, nomeadamente de elementos que, como os adjuntos, estão sujeitos a movimento cíclico sucessivo:

- (iv) a. A Maria está convencida de que o João arrumou o quarto à pressa
b. Como está a Maria convencida de que o João arrumou o quarto?
- (v) a. A Maria está receosa que o João tenha arrumado o quarto à pressa
b. Como está a Maria receosa que o João tenha arrumado o quarto?
- (vi) a. A Maria está desejosa que o João arrume o quarto cuidadosamente
b. Como está a Maria desejosa que o João arrume o quarto?

O contraste de gramaticalidade entre os exemplos de movimento-Q e de movimento-T° sugere que as barreiras presentes

nestes dois tipos de movimento podem não coincidir. De facto, movimento-Q aplica-se primordialmente a projecções máximas; pelo contrário movimento-T° opera sobre núcleos.

Admitamos que sendo um elemento de natureza verbal, T° só pode ocupar os núcleos em que os elementos verbais podem ocorrer, ou seja, V°, T°, AC°, Σ° e COMP°.

Deste modo, os efeitos da Ilha em SADJs e SNs exibindo Frases Completivas podem ser explicados em termos da impossibilidade de T° ser colocado em adjunção a ADJ° e a N°, categorias que não podem receber marcas flexionais temporais. Assim, a cadeia-T é quebrada por ADJ° e por N°, que funcionam como barreiras por Minimalidade Relativizada.

De acordo com esta análise, a boa-formação de exemplos como (i) deve, pois, ser justificada em termos de Reanálise: nestes casos o ADJ° ter-se-ia incorporado no Verbo deixando de funcionar como um núcleo autónomo, por onde, em FL, T° tivesse de passar.

40. Em (139a), o T° Nulo da frase elíptica não pode ser recuperado por identidade com o T° realizado da frase antecedente – com efeito, o valor condicional da oração adjunto impõe que T° Nulo seja interpretado como futuro. O mesmo não acontece, porém, em (139b). Assim, a impossibilidade de Despojamento ocorrer em orações adjunto deve ser globalmente explicada em termos de outro factor – o estatuto de barreira da Frase Adjunto.

41. Os dados fornecidos pela Anteposição do SV mostram que as orações adverbiais temporais são adjuntos do SV (cf. (i)), e que as condicionais são adjuntos de ST (cf. (ii)):

- (i) a. O João tem ido ao cinema quando a Maria fica em casa
 b. ??/*Ido ao cinema₁, o João não tem v₁ quando a Maria fica em casa
 c. ? [Ido ao cinema quando a Maria fica em casa], o João não tem
- (ii) a. O João só teria ido ao cinema, se a Maria tivesse ficado em casa
 b. ?Ido ao cinema, o João teria se a Maria tivesse ficado em casa
 c. * Ido ao cinema se a Maria tivesse ficado em casa, o João teria

42. Sobre este assunto veja-se RAPOSO 1987.

43. Recorde-se o princípio de legitimação formal do SV Nulo:

(i) Regência Estrita por X°_v (legitimação formal)

X°_v é o núcleo de uma cadeia que rege estritamente o SV Nulo.

em que "y", em Português, é instanciado por operadores de denotação predicativa.

44. De acordo com a formulação apresentada no capítulo 4, a Ligação por Núcleo estipula o seguinte:

(i) Ligação-por-Núcleo (identificação)

O SV Nulo tem as especificações gramaticais dos traços de do X°_v que o legitima formalmente.

45. Adicionalmente, um outro requisito tem de ser satisfeito – a polaridade da frase antecedente tem de ser compatível com a

polaridade do operador de denotação predicativa. Veja-se o contraste de gramaticalidade entre as frases:

(i) * O João disse que **não** ia ao cinema e que a Maria **também**

(ii) O João disse que **não** ia ao cinema e que a Maria **também não**

No entanto, como o seguinte exemplo mostra, essa compatibilidade não tem directamente a ver com a identificação do ST Nulo:

(iii) O João tem ido ao cinema mas a Ana não o tem feito

(iv) * O João tem ido ao cinema mas a Ana tem-no feito

Nos exemplos (iii) e (iv) não existe nenhum ST Nulo. Porém, o (iv) é agramatical. Com efeito, a polaridade dos membros coordenados não permite o seu confronto.

Capítulo 6

CONCLUSÕES

O objecto de estudo desta Dissertação foram as construções de SV Nulo e Despojamento, representativas da elipse do predicado em Português.

Estudar estas construções no âmbito da Teoria da Regência e da Ligação implica admitir que as suas propriedades decorrem não da existência de regras particulares, mas antes da interacção de princípios gerais, sujeitos a parametrização (cf. **capítulo 1**).

Um estudo assim orientado pressupõe uma relação de tensão constante entre a particularização requerida para uma descrição adequada dos dados empíricos e a generalidade (idealmente, a universalidade) exigida pelo sistema da Gramática.

Assim, as questões centrais deste trabalho, foram, por um lado, o estabelecimento das propriedades estruturais e distribucionais destas construções, por outro, a determinação das condições gerais de legitimação e de identificação do predicado elíptico.

Tendo em vista a inclusão de SV Nulo e de Despojamento nas construções de elipse do predicado, a tarefa que prioritariamente se colocou foi a da **caracterização da noção de categoria elíptica**. Da discussão levada a efeito no **capítulo 2**, foi possível estabelecer o seguinte conceito de elipse:

(1) **Elipse**

- (i) Categoria sem realização fonética e com estrutura interna;
- (ii) projectada a partir de um núcleo lexical ou funcional

nulo;

- (iii) apresentando em Estrutura-S, em conformidade com o Princípio de Projecção, a estrutura categorial mínima exigida pela c-selecção do seu núcleo;
- (iv) com conteúdo fixado em FL por Reconstrução (lexical e categorial) do seu antecedente linguístico, estabelecido em conformidade com a condição de Não-Circularidade.

O problema que seguidamente se colocou foi o da **caracterização das construções de SV Nulo e de Despojamento**. No **capítulo 3**, procedi à descrição das propriedades estruturais e distribucionais destas construções. Distingui estas construções entre si e de outras, com as quais em certos contextos se confundem. Assim, SV Nulo foi distinguido de Objecto Nulo e Despojamento foi diferenciado de Contraste Sintagmático e das Respostas Fragmentárias.

O confronto entre estas construções permitiu-me isolar as seguintes propriedades estruturais e distribucionais de SV Nulo e de Despojamento em Português:

(2) SV Nulo e Despojamento - propriedades estruturais e distribucionais

(i) Natureza categorial da categoria elíptica

SV Nulo: SV

Despojamento: ST

(ii) Legitimador da categoria elíptica

SV Nulo: verbo principal ou auxiliar

Despojamento: advérbio de denotação predicativa

(iii) **Modo de fixação do conteúdo da categoria elíptica**

SV Nulo e Despojamento requerem antecedentes linguísticos;

(iv) **Configuração estrutural da frase elíptica**

O predicado elíptico estabelece uma **relação de predicção** com o sintagma lexicalmente realizado:

em SV Nulo, o **sujeito frásico**;

em Despojamento, uma **projecção máxima** em posição-A'.

(v) **Distribuição**

SV Nulo pode ocorrer em contextos de ilha;

Despojamento é sensível a contextos de ilha.

Uma vez caracterizadas as construções a ser analisadas, procedi à **comparação dos contextos de ocorrência de SV Nulo e de Despojamento em Português e em Inglês**. Esse confronto permitiu-me estabelecer as seguintes propriedades distintivas:

(3) **SV Nulo – Português vs Inglês**

(i) SV Nulo em Português, diferentemente do que acontece em Inglês, pode ser legitimado por **verbos principais**;

(ii) SV Nulo em Português, diferentemente do que acontece em Inglês, só pode ser legitimado por um auxiliar se o mesmo auxiliar ocorrer na frase antecedente.

(4) **Despojamento – Português vs Inglês**

Despojamento em Português (como em Francês e em Espanhol) é uma construção de **elipse frásica**; em Inglês, é uma construção de constituintes sintagmáticos descontínuos.

Partindo deste conjunto de propriedades descritivas, propus nos capítulos 4 e 5 tratamentos para cada uma destas construções.

O problema central do **capítulo 4**, foi o da **formulação de princípios de legitimação e identificação do SV Nulo** suficientemente gerais para dar conta da sua existência em Português e em Inglês, e suficientemente flexíveis para, por parametrização, captarem as particularidades desta construção em cada uma das referidas línguas, e a sua inexistência noutras.

Propus como princípio de legitimação formal do SV Nulo, a **Regência Estrita por Núcleo** levada a efeito por **elementos de classes específicas**, e como princípio geral de identificação gramatical do SV Nulo, a **Ligação por Núcleo**.

Tendo em vista as propriedades descritivas enunciadas em (3), bem como a análise de ZAGONA 1988b, caracterizei os **núcleos regentes** como operadores temporais em Inglês, e como operadores de denotação predicativa em Português. Assim, o princípio de legitimação do SV Nulo integra os seus parâmetros de variação por fixação das classes dos núcleos regentes em cada língua.

Procurei demonstrar que a **Ligação por Núcleo**, em consequência das propriedades dos núcleos identificadores, opera diversamente em Inglês e em Português: identificação por partilha de traços- ϕ (temporais), em Inglês; emparelhamento de relações temáticas de um predicador verbal com as posições sintácticas correspondentes, em Português.

Salientei ainda que, em Português, como em Inglês, a identificação do SV Nulo pode ser efectuada por estratégias alternativas. Como esperado, essas estratégias ocorrem quando os legitimadores do SV Nulo são representantes fracos da classe de

identificadores da categoria elíptica. É o caso de "to" infinitivo em Inglês, usualmente excluído da classe dos operadores temporais, e dos verbos auxiliares em Português, que, uma vez que não possuem grelha temática, não podem ser intrinsecamente caracterizados como operadores de denotação predicativa.

Deste modo, propus como estratégia alternativa de identificação do SV Nulo em Português, nos casos em que a categoria elíptica é legitimada por um auxiliar, a **Condição de Identidade** entre a sequência verbal da frase antecedente e da frase elíptica.

No **capítulo 5**, partindo da propriedade enunciada em (4), assumi a necessidade de tratamentos diferentes para Despojamento em Inglês e Português.

Dada a incapacidade de as análises avançadas na literatura captarem adequadamente as propriedades estruturais de Despojamento em Português (cf. (3)), procurei estabelecer a sua **configuração estrutural**. Caracterizei Despojamento em Português como uma construção de focalização com estrutura Especificador–Predicado analisável em termos da Projecção SΣ, proposta em LAKA 1991.

Debruçando-me sobre a **distribuição de Despojamento**, isolei o Movimento de T° em FL como o principal responsável pelos efeitos de Ilha manifestados por esta construção – a presença de uma barreira entre T° e o seu vestígio impede a identificação deste por Regência por Antecedente.

Finalmente, procurei determinar as **condições de legitimação**

formal e de identificação do ST Nulo em Despojamento. Propus como princípio de legitimação formal a **Regência por Núcleo**, levada a efeito por advérbios de denotação predicativa, em Σ° .

Procurei demonstrar que a formação de cadeias-T em Despojamento deve ser interpretada como uma das estratégias de identificação de T° Nulo, e que a identificação do ST Nulo depende da identificação do seu núcleo. Tendo em vista os contextos de ocorrência de Despojamento, formulei tentativamente uma condição de identificação do T° Nulo.

Da análise efectuada nos capítulos 4 e 5 é possível destacar três **propriedades fundamentais que aproximam as construções de SV Nulo e de Despojamento em Português** e que estão possivelmente na base de, em determinados contextos, os falantes as considerarem como **estratégias de elipse alternativas**:

(5) SV Nulo e Despojamento - estratégias de elipse do predicado

- (i) apresentam uma estrutura Especificador-Predicado;
- (ii) o constituinte elíptico corresponde ao sintagma que funciona como predicado;
- (iii) a categoria elíptica é legitimada por Regência (Estrita) por Núcleo efectivada por operadores de denotação predicativa.

A aproximação do mecanismo de legitimação formal da categoria elíptica em SV Nulo e em Despojamento pode parecer abusiva, uma vez que a Regência Estrita por Núcleo (SV Nulo) e a Regência por Núcleo (Despojamento) são conceitos distintos.

Note-se, porém, que dada a definição de Regência Estrita

proposta em RIZZI 1990, não é fácil decidir se o princípio de legitimação formal do ST Nulo é apenas a Regência por Núcleo ou a Regência Estrita por Núcleo, uma vez que, em Despojamento, a configuração estrutural em que se encontram o núcleo legitimador e o ST Nulo satisfaz qualquer das duas relações — o ST Nulo é regido pelos operadores de denotação predicativa em Σ^* , no domínio de c-comando mínimo deste núcleo, i.e., em Σ' (cf. o conceito de Regência Estrita por Núcleo em RIZZI 1990).

Embora não desenvolva mais esta questão, ela permite evidenciar a pertinência da aproximação dos processos de legitimação das categorias elípticas em SV Nulo e Despojamento.

Finalmente, gostaria de salientar que **as condições estruturais de legitimação e identificação das categorias elípticas** que propus, correspondem, na sua maioria, a **mecanismos gerais** independentemente requeridos pela Gramática.

Consideremos, primeiramente a construção de SV Nulo:

A formulação do princípio legitimador do SV Nulo como Regência Estrita por Núcleos de classes específicas reduz este princípio a uma particularização do **Princípio da Categoria Vazia** (PCV).

Do mesmo modo, a identificação do SV Nulo apela tipicamente para a **Ligação por Núcleo**, uma condição que está presente na identificação de "pro", uma categoria vazia nominal. O que possibilita a actuação desta condição, independentemente da construção em que ocorre, é a existência de traços- ϕ ou temáticos no legitimador do constituinte nulo. As particularidades que manifesta em cada uma destas construções, ou seja, o elenco de

traços— Φ ou temáticos que é activado (pessoa, número vs tempo gramatical; relação temática de um argumento vs relações temáticas de todos os complementos) dependem do núcleo identificador envolvido.

Consideremos seguidamente a construção de Despojamento.

Ainda que assumamos que a legitimação formal do ST Nulo é levada a efeito pela Regência por Núcleo (e não pela Regência Estrita por Núcleo) a estratégia de legitimação proposta assume uma generalidade que ultrapassa o âmbito desta construção. De facto, a Regência por Núcleo é um mecanismo geral da Gramática, presente na legitimação de outros constituintes nulos — veja-se, por exemplo, a condição de legitimação formal de "pro" proposta em RIZZI 1986a. A sua especificidade na construção de Despojamento limita-se à classe de núcleos regentes — os advérbios de denotação predicativa.

Finalmente, a condição de identificação do ST Nulo (o ST Nulo é identificado se o seu núcleo também o for), integra-se no espírito das condições gerais de boa—formação das representações gramaticais. Nomeadamente, ele pode ser considerado como um requisito mínimo para a satisfação do Princípio de Projecção no nível de Forma Lógica.

Em suma, as condições de legitimação e de identificação das categorias elípticas nas construções de SV Nulo e de Despojamento evidenciam as possibilidades descritivas e explicativas do sistema gramatical presente na Teoria da Regência e da Ligação — um conjunto de Regras e Princípios muito gerais, sujeitos a parametrização, actuando sobre um Léxico, constituído por unidades lexicais e funcionais específicas, permitem caracterizar

adequadamente as representações estruturais presentes nas diferentes construções das línguas naturais.

BIBLIOGRAFIA

- ABNEY, (1987) **The English Noun Phrase in its Sentential Aspect**.
Dissertação de PhD. MIT, Cambridge, Massachusetts.
- AKMAIJIAN, A., S. STEELE E T. WASOW (1979) "The Category AUX in
Universal Grammar". **Linguistic Inquiry**, 10:1, pp. 1-64.
- ALLWOOD, J., L.-G. ANDERSSON e O. DAHL (1971) **Logik for
Lingvister**. Studentlitteratur AB, Lund. (Trad. Ing. (1977)
Logic in linguistics. CUP, Cambridge.)
- AMBAR 1987 "Auxiliary Inversion and the Barrierhood of IP".
Manuscrito apresentado em Going Romance 2, Universidade de
Utrecht, Utrecht, 1987.
- AMBAR (1988) **Para uma Syntaxe da Inversão Sujeito Verbo em
Português**. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras
de Lisboa, Lisboa.
- AMBAR (1990) "Sobre a Posição do Sujeito, Movimento do Verbo e
Estrutura da Frase". **Actas do V Encontro da Associação
Portuguesa de Linguística (1989)**. Reprografia da Associação
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- BACH e PARTEE (1984) "Quantification, Pronouns, and VP Anaphora".
Em GROENENDIJK, JANSSEN E STOKHOF (eds.) **Truth,
Interpretation and Information**. Foris Publications,
Dordrecht/Cinnaminson.
- ADUN, J., N. HORNSTEIN, D. LIGHTFOOT e A. WEINBERG (1987) "Two
Types of Locality". **Linguistic Inquiry**, 18:4, pp. 537-577.
- BAKER, M. (1985) "The Mirror Principle and Morphosyntactic
Explanation". **Linguistic Inquiry**, 16:3, pp. 373-415.
- BAKER, M. C. (1988), **Incorporation – a Theory of Grammatical**

Function Changing. UCP, Chicago.

BAKER, JOHNSON e ROBERTS (1989) "Passive Arguments Raised"
Linguistic Inquiry, 20:2, pp. 219-252.

BALTIN (1984) "Extraposition Rules and Discontinuous
Constituents", **Linguistic Inquiry**, 15:1, pp. 157-163.

BARSS (1988) "Paths, Connectivity, and the Featureless Empty
Categories", in CARDINALLETTI, CINQUE e GIUSTI (eds.)
Constituent Structure. Foris Publications, Dordrecht, pp. 9-
34.

BRESNAN, J. (1976) "On the Form and Functioning of
Transformations". **Linguistic Inquiry**, 7:4, pp. 3-40.

BRITO (1988) **A Sintaxe das Orações Relativas em Português -
Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a
distribuição dos morfemas relativos.** Dissertação de
Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
Porto.

BRITO (1991) **A Sintaxe das Orações Relativas em Português.**
Instituto Nacional de Investigação Científica, Porto.

BRUCART (1987) **La Elisión Sintáctica en Español.** Publicacions de
la Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra.

CASTELEIRO (1981) **Sintaxe transformacional do Adjectivo -
regência das construções completivas.** Instituto Nacional de
Investigação Científica, Lisboa.

CINQUE (1990) "Ergative Adjectives and the Lexicalist
Hypothesis". **Natural Language and Linguistic Theory**, 8,
pp. 1-39.

CINQUE (1991) **Types of A'-Dependencies.** The MIT Press, Cambridge,

Massachusetts.

- CHAD, W. (1987) **On Ellipsis**. Dissertação de PhD. University of Massachusetts at Amherst, Amherst.
- CHEVALIER, J.-C., C. BLANCHE-BENVENISTE, M. ARRIVÉ e J. FEYTARD (1964) **Grammaire Larousse du Français Contemporain**. Larousse, Paris.
- CHIERCHIA e McCONNELL-GINETT (1990) **Meaning and Grammar – An Introduction to Semantics**. MIT, Cambridge, Massachusetts.
- CHOMSKY, N. (1957) **Syntactic Structures**. Mouton, The Hague.
- CHOMSKY, N. (1965) **Aspects of the theory of Syntax**. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts. (trad. Port. (1975) **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Arménio Amado, Coimbra.)
- CHOMSKY, N. (1972) **Studies on Semantics in Generative Grammar**. Mouton, The Hague. (Trad. Franc. (1975) **Questions de Sémantique**. Seuil, Paris).
- CHOMSKY, N. (1973) "Conditions on Transformations". Em ANDERSON e KIPARSKY (eds.), **A Festschrift for Morris Halle**. Holt, Rinehart and Winston, Inc., New York. Reimpresso em CHOMSKY (1977b).
- CHOMSKY, N. (1977a) "On WH-Movement". Em CULICOVER, P., T. WASOW e A. AKMAJIAN (1977), **Formal Syntax**. Academic Press, New York.
- CHOMSKY, N. (1977b) **Essays on Form and Interpretation**. North-Holland/New York.
- CHOMSKY, N. (1981), "On Binding", **Linguistic Inquiry**, 11:1, pp. 1-46.
- CHOMSKY, N. (1981) **Lectures on Government and Binding**. Foris Publications, Dordrecht/Cinnaminson.

- CHOMSKY, N. (1982) **Some Concepts and Consequences of the Theory of Governement and Binding**. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- CHOMSKY, N. (1986a) **Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use**. Praeger, New York.
- CHOMSKY, N. (1986b) **Barriers**. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- CHOMSKY, N. (1989) "Some Notes on the Economy of Derivation and Representation". **MIT Working Papers in Linguistics**, vol. 10, pp. 43-74.
- CHOMSKY, N. e H. LASNIK (1977) "Filters and Control". **Linguistic Inquiry**, 8:3, pp. 425-504.
- COLE, HERMON e SUNG (1990) "Principles and Parameters of Long-Distance Reflexives" **Linguistic Inquiry**, 21:1, pp. 1-22.
- CONTRERAS (1984) "A Note on Parasitic Gaps". **Linguistic Inquiry**, 15:4, pp. 698-701.
- CONTRERAS, H. (1987) "Parasitic Chains and Binding". Em NEIDLE, C. e R. CEDEÑO (eds.) (1987), **Studies on Romance Languages**. Foris Publications, Dordrecht/Providence.
- CULICOVER e ROCHEMONT (1990) "Extrapolation and the Complement Principle". **Linguistic Inquiry**, 21:1, pp. 23-47.
- CUNHA, C. e L. CINTRA (1984) **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Ed. João Sá da Costa, Lisboa.
- DUARTE, I. (1987a) **A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento**. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras, Lisboa.
- DUARTE, I. (1989) "La Topicalisation en Portugais Européen",

Revue des Langues Romanes, XCIII, 2, número especial:
"Structure Interne de la Proposition dans les Langues
Romanes".

ELISEU (1984) **Verbos Ergativos do Português: Descrição e Análise**.
Trabalho de Síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e
Capacidade Científica. Faculdade de Letras da Universidade
de Lisboa, Lisboa.

EMONDS, J. (1976) **A Transformational Approach to English Syntax**.
ROOT, Structure-Preserving and Local Transformations. (Trad.
Franc. (1981) **Transformations Radicales, Conservatrices et
Locales**. Ed. Seuil: Paris.)

EMONDS, J. (1978) "The Verbal Complex V'-V in French". **Linguistic
Inquiry**, 9:2, pp. 151-175.

EMONDS, J. (1985) **A Unified Theory of Syntactic Categories**. Foris
Publication, Dordrecht/Cinnaminson.

ENÇ, M. (1987) "Anchoring Conditions for Tense". **Linguistic
Inquiry**, 18:4, pp. 633-657.

FIENGO, R. e R. MAY (1990) "Anaphora and Ellipsis". **GLOW
Newsletter**. Foris Publications, Dordrecht.

FRAMPTON, J. (1990) "Parasitic Gaps and the Theory of WH-Chains"
Linguistic Inquiry, 21:1, pp. 49-77.

FUKUI, N. e M. SPEAS (1986) "Specifiers and Projections". Em
FUKUI, N., T. RAPAPORT e E. SAGEY (eds.) (1986). **MIT Working
Papers in Linguistics**, vol. 8, Cambridge, Massachusetts.

GONÇALVES, A. (1989) "Verbos Auxiliares do Português – como os
analisar?". Manuscrito.

GONÇALVES, A. (1990) "Para uma definição dos critérios de
auxiliaridade em Português – breve estudo comparativo entre

- o Português Europeu, o Francês e o Inglês" . Manuscrito.
- GONÇALVES, A. e M. COLAÇO (1991) "Para um tratamento uniforme do(s) verbo(s) 'ser' no português europeu". **Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (1990)**. Reprografia da Associação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- GOODALL, G. (1991) "Spec of IP and SPEC of CP in Spanish WH-Questions". Manuscrito.
- GREVISSE, M. (1969) **Précis de Grammaire Française**, 28 ª edição revista. Ed. J. Duculot SA, Gembloux.
- GRINDER, J. e P. POSTAL (1971) "Missing Antecedents". **Linguistic Inquiry**, 2:3.
- GUÉRON, J. (1980) "On the Syntax and Semantics of PP Extraposition". **Linguistic Inquiry**, 11:4, pp. 637-678.
- GUÉRON, J. e R. MAY (1984) "Extraposition and Logical Form". **Linguistic Inquiry**, 15:1, pp. 1-31.
- GUÉRON, J. e T. HOEKSTRA (1988) "T-Chains and the Constituent Structure of Auxiliaries. Em CARDINALLETTI, CINQUE e GIUSTI (eds.) **Constituent Structure**. Foris Publications, Dordrecht, pp. 35-99.
- HAIK, I. (1987) "Bound VPs that Need to be". **Linguistics and Philosophy**, 10, pp. 503-530.
- HAIK (1989) " Pronoms liés et Forme Logique" **Langages**, 95, Larousse, Paris.
- HAIK (1990) "Anaphoric, Pronominal and Referential INFL". **Natural Language and Linguistic Theory**, 8, pp. 347-374.
- HANKAMER, J. (1971) (publicado em 1979) **Deletion in Coordinate**

- Structures.** Garland Publishing Inc., New York & London.
- HANKAMER, J. e I. SAG (1976) "Deep and Surface Anaphora".
Linguistic Inquiry, 7:3, pp. 391-426.
- HORNSTEIN (1977) "Towards a Theory of Tense". **Linguistic Inquiry**,
8, pp. 521-557.
- HUANG (1982) **Logical Relations in Chinese and the Theory of
Grammar.** Dissertação de PhD. MIT, Cambridge, Massachusetts.
- HUANG, J. (1984) "On The Distribution and Reference of Empty
Pronouns". **Linguistic Inquiry**, 15:4, pp. 531-574.
- JACKENDOFF, R. (1971) "Gapping and Related Rules". **Linguistic
Inquiry**, 2:1, pp. 21-35.
- JACKENDOFF, R. (1972) **Semantic Interpretation in Generative
Grammar.** The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- JACKENDOFF, R. (1977) **X-bar Syntax: A Study of Phrase Structure.**
The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- KAYNE, R. (1975) **French Syntax. The Transformational Cycle.** The
MIT Press, Cambridge, Massachusetts. (Trad. Franc. (1977)
Syntaxe du Français. Le Cycle Transformationnel. Editions du
Seuil, Paris.)
- KAYNE (1981) "ECP Extensins". **Linguistic Inquiry**, 12:1, pp. 93-
133.
- KAYNE (1983) "Connectedness". **Linguistic Inquiry** 14, pp. 223-249.
- KAYNE, R. (1984) **Connectedness and Binary Branching.** Foris
Publications. Dordrecht/Cinnaminson.
- KAYNE (1991) "Romance Clitics, Verb Movement, and PRO". **Linguistic
Inquiry**, 22:4, pp. 647-686.
- KEMPSON 1990 **Language and Cognition: a licensing Grammar.** SOAS,
Londres. Manuscrito.

- KOOPMAN e SPORTICHE (1988) "Subjects". Manuscrito.
- KROCH e JOSHI (1987) "Analysing Extraposition in a Tree Adjoining Grammar". **Syntax and Semantics**, vol. 20, pp. 107–149.
- LAKA, I. (1989) "Constraints on Sentence Negation". Em LAKA, I. & A. MAHAJAN (eds.) (1989). **MIT Working Papers in Linguistics**, vol.10. Cambridge, Massachusetts.
- LAKA, I. (1991) "Negative Fronting in Romance: Movement to Σ ". Manuscrito.
- LARSON, R. (1987) "Missing Prepositions and The analysis of English Free Relative Clauses". **Linguistic Inquiry**, 18:2, pp. 239–266.
- LARSON, R. (1988) "On The Double Object Construction". **Linguistic Inquiry**, 19:3, pp. 335–391.
- LARSON, R. e R. MAY (1989) "Antecedent Containment or Vacuous Movement". **Linguistic Inquiry** 21:1, pp. 103–122.
- LASNIK, H e M. SAITO (1984) "On The Nature of Proper Government". **Linguistic Inquiry**, 15, pp. 235–289.
- LASNIK e URIAGUERKA (1988) **A Course in GB Syntax – Lectures on Binding and Empty Categories**. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- LOBECK, A. (1986) **Syntactic Constraints on VP Ellipsis**. Dissertação de PhD. University of Washington. Publicado em LOBECK, A. (1987).
- LOBECK, A. (1987) **Syntactic Constraints on VP Ellipsis**. IULC, Indiana.
- LOBATO, L. (1975) "Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo. Critério de Auxiliaridade." **Análises**

- Linguísticas**, Editora Vozes, Petropolis.
- LONGOBARDI, G. (1985) "Connectedness and Island Constraints". Em GUÉRON, J., H.-G. OBENAUER e J.-Y. POLLOCK (eds.)(1985). **Grammatical Representations** Foris Publications. Dordrecht, pp. 169-185.
- LONGOBARDI 1985b "Connectedness, Scope and C-Command". **Linguistic Inquiry** 16:2, pp. 163-192.
- LOPES (1972) **Gramática Simbólica do Português (um esboço)**, 2ª edição (corrigida). Instituto Gulbenkian de Ciência. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- MATEUS, BRITO, DUARTE e FARIA (1989) **Gramática da Língua Portuguesa**, 2ª edição revista e aumentada. Editorial Caminho, Lisboa.
- MATOS, M. G. (1985) **Clítico Verbal Demonstrativo**. Trabalho de Síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- MATOS, G. (1989a) "Elipse do SV em Estruturas Predicativas com Ser e Estar", **Actas do 4º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (1988)**. Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa.
- MATOS, G. (1989b) "SV Nulo em Português e Inglês", **Caderno da APL** relativo ao Workshop em Gramática Generativa, realizado na Lagoa de Óbidos, de 28 a 30 de Julho de 1989.
- MAY, R. (1985) **Logical Form – Its Structure and Derivation**. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- MCCAWLEY, J.(1982) "Parentheticals and Discontinuous Constituent Structure" **Linguistic Inquiry**, 13:1, pp. 91-106.

- MCCAWLEY, J. (1987) "Some additional Evidence for Discontinuity",
Syntax and Semantics, vol. 20, Academic Press, San
 Diego, etc.
- NAFOLI, D. (1985) "Verb Phrase Deletion in English: a Base
 Generated Analysis". **Journal of Linguistics**, 21, pp. 281-319.
- NEIJT (1979) **Gapping. A Contribution to Sentence Grammar**. Foris
 Publications. Dordrecht/Cinnaminson.
- OIRSOUW, R. van (1987) **The Syntax of Coordination**. Croom Helm,
 London.
- OUHALA (1990) "Sentential negation, Relativised Minimality and
 the Aspectual Status of Auxiliaries". **The Linguistic Review**,
 7. Foris Publications. Dordrecht.
- OTANI e WHITMAN (1991) "V-Raising and VP-Ellipsis". **Linguistic
 Inquiry**, 22:2, pp. 345-358.
- PESETSKY, D. M. (1982) **Paths and Categories**. Dissertação de PH.D.
 MIT. Cambridge, Massachusetts.
- POLLOCK, J.-Y. (1989) "Verb Movement, Universal Grammar and the
 Structure of IP". **Linguistic Inquiry**, 20:3, pp. 365-424.
- QUIRK and GREENBAUM (1973) **A University Grammar of English**.
 Longman, London.
- RAPOSO, E. (1986) "On the Null Object in European Portuguese". Em
 JAEGGLI, D. e C. SILVA-CORVALAN (eds.) **Studies in Romance
 Linguistics**. Foris Publications, Dordrecht/Riverton.
- RAPOSO, E. (1987) "Case Theory and Infl-to-Comp: the Inflected
 Infinitive in European Portuguese". **Linguistic Inquiry**,
 18:1, pp. 85-110.
- RAPOSO, E. (1989) "Prepositional Infinitival Constructions in

- European Portuguese" **Natural Language and Linguistic Theory**, 15, pp. 277-305.
- RAPOSO, E. (1992) **Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem**. Caminho, Lisboa.
- RAPOSO, E. e J. URIAGUERKA (1990) "Long Distance Case Assignement". **Linguistic Inquiry**, 21:4, pp. 505-537.
- REINHART, T. (1990) "Non Quantificational LF". A publicar em A. KASHER ed., **The Chomskian Turn**. Blackwell.
- RIZZI (1982) **Issues in Italian Syntax**. Foris Publications. Dordrecht/Cinnaminson.
- RIZZI, L.(1986a) Null Objects in Italian and the Theory of 'pro'. **Linguistic Inquiry**, 17:3, pp. 501-557).
- RIZZI, L. (1986b) "On the Chain Formation". Em BORER, H. (ed.) **Syntax and Semantics**, vol. 19. Academic Press, New York.
- RIZZI, L. (1990) **Relativized Minimality**. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- ROCHEMONT e CULICOVER (1990) **English Focus Constructions and the Theory of Grammar**. CUP. Cambridge.
- ROSS, J. (1967a) **Constraints on Variables in Syntax**. PhD Dissertation. MIT. Cambridge, Massachusetts. IULC.Indiana, 1968.
- ROSS, J. (1967b) "Auxiliaries as Main Verbs", **Studies in Philpsophical Linguistics**, 8, 1969
- ROSS, J. (1969) "GUESS Who". Em BINNICK, DAVIDSON, GREEN e MORGAN (eds.) **Papers From the Fifth Regional Meeting of The Chicago Linguistic Society**. University of Chicago. Chicago.
- ROTHSTEIN, S. (1985) **The Syntactic Forms of Predication**. IULC, Indiana.

- ROUVERET, A. (1989) "Cliticization et Temps en Portugais Européen". Manuscrito.
- SAG (1976) (publicado em 1980) **Deletion and Logical Form**, Garland Publishing, Inc, New York & London.
- SPORTICHE (1988a) "A Theory of Floating Quantifiers and its Corolaries". **Linguistic Inquiry**, 19:3, pp. 425-449.
- SPORTICHE (1988b) "Conditions on Silent Categories". Manuscrito.
- SPORTICHE (1989) " Le Mouvement Syntaxique: contraintes et paramètres". **Langages**, 95. Larousse. Paris, pp. 35-80.
- STOWELL, T. (1981) **Origins of Phrase Structure**. Phd Dissertation. MIT. Cambridge, Massachusetts.
- STOWELL, T. (1982) "The Tense of Infinitives". **Linguistic Inquiry**, 13, pp. 561-570.
- STOWELL, T. (1987) "Small Clause Restructuring". Manuscrito.
- TAI (1969) **Coordination Reduction** Phd. Dissertation. Indiana University, Indiana.
- TRAVIS (1984) **Word Order and Parameters**. Dissertação de Phd. MIT, Cambridge, Massachusetts.
- WAGNER e PINCHON (1962) **Grammaire du français – classique et moderne**, Hachette.
- WASOW, T. (1972) (publicado em 1979) **Anaphora in Generative Grammar**. E. Story-Scientia P.V.B.A. Ghent/Antwerp/Brussels.
- WILLIAMS, E. (1977) "Discourse and Logical Form". **Linguistic Inquiry**, 8:1, pp. 101-139.
- WILLIAMS, E. (1986) "A Reassignment of Functions of FL". **Linguistic Inquiry**, 17:2, pp. 265-299.
- ZAGONA, K. (1982) **Government and Proper Government of Verbal**

- Projections.** PhD. Dissertation. University of Washington, Washington.
- ZAGONA, K. (1988a) "Proper Government of Antecedentless VP in English and Spanish". **Natural Language and Linguistic Theory**, 6, pp.95-128.
- ZAGONA, K. (1988b) **Verb Phrase Syntax – A Parametric Study of English and Spanish.** Kluwer Academic Publishers, Dordrecht/Boston/London.
- ZANUTTINI, R. (1989) "The Structure of Negative Clauses in Romance". Manuscript.
- ZRIBI-HERTZ, A. (1986) **Relations Anaphoriques en Français: Esquisse d'une grammaire Générative Raisonnée de la Réfléxivité et de l'Ellipse Structurale.** Thèse de Doctorat d'état.

